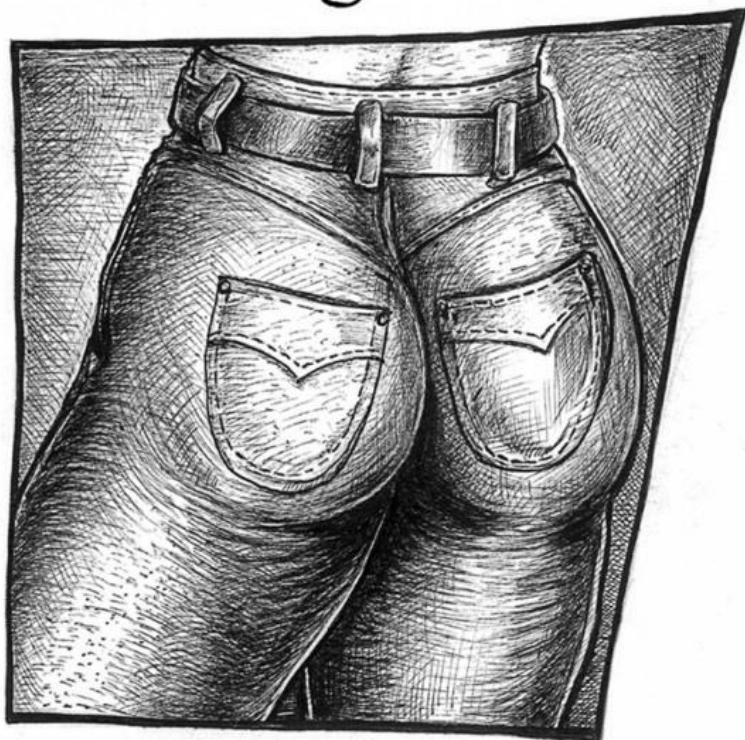




COISA DE FÃ

Brasília-DF, 2000–2018

Do Próprio Bolso



CONTRACULTURA & UTOPIA

Contato

www.dopropriobolso.com.br – Contato: pazcheco@gmail.com

Revisão do texto Luís Eduardo da Silva

Projeto gráfico e diagramação Tomaz André

© **Desenho da Capa** Jean Bovart

Arte Final Luiz Carlos Cichetto

Produtores associados Zanza Meneses & Virgílio Stefanin

Tradutores Aniviel Vicente, Révero Frank, Rodrigo Souves.

Consultoria Roberto Gicello Bastos, Dado Nunes, Luiz Carlos Calanca, Antônio Celso Barbieri, Sandro Alves, Michel Aleixo, Mário Alencar e Cinthia Araújo.

O passado tem me agraciado com nossos trabalhos individuais e em parcerias com amigos de tantas lutas artísticas, com vocês. Serena felicidade das realizações.

Tudo que passa por minha cabeça são nuvens.

Ainda que fatigante, uma jornada de trabalho pesa menos, cai como garoa, frustrada e angustiosa. Compensação atmosférica do ser.

Arquivos consultados dopropriobolso.com.br, Museu do Vinil, Luciano Reis, Mariana Camelo, Facebook.

SUMMÁRIO

2000

Amigos arcaicos: Rogério Duarte & Glauber Rocha.....	010
Tom Zé absurdamente genial.....	013
Tom escreve sobre Mil Zés, Joões e dimensões da canção.....	014
Regurgitando O Tropicalismo!	015
Cruzando oceanos – Máquina do Tempo.....	017
Sepultura vence ação na Justiça.....	020

2001

Jaguar(ibe): hora da onça beber	021
Um Elton Maníaco – Sylvio Edgard.....	022
Um abraço nos tornozelos de Glauco Mattoso.....	023
‘Melopecia’ – Sonetos musicados.....	024
George “Rock” Harrison livre do Mundo Material	025
Cássia Eller na ‘Casa dos Artistas’	026
Udiyana Bandha: vibração das esferas.....	027

2002

Cinco Perguntas para Carlo Little.....	028
Sérgio Dias: barato de fumo lembrado.....	029
‘Talebush’ (O nome Seria... ‘Tropicanalha’) – Vernon Walters.....	031

2003

Drop acid not bombs! Make love not war	033
A origem dopropriobolso.com.br.....	033
Marcas de Brazza: películas vencidas, personagens dublados e improvisações.....	034
Timm Martins: “Eu vou pro céu!”	035
Santa Seiva, Santa Fúria.....	036
Barbarella Psychedella.....	036
Toninho de Souza: 35 anos de Melantucanarismo	038

2004

Serguei, ‘A Leila Diniz do Rock’	039
Ah! Brasília! Lobão em Brasília!.....	043
Cássia Eller – Cidadã Honorária.....	045
O Blues de Lu nos tira de casa e da cadeira.....	045
‘Presença’ (Carlos Augusto Cacá)	046
‘Idiota’ (Carlos Goullart).....	046
‘Para Todas’ – Os Pedras.....	046

2005

Ode a meu fígado.....	049
Divagando por mudanças urgentes.....	049
Tom Zé na ‘Feira da Música Independente’	049
‘Campus sonoro’ – Ellen Oléria – Sonorossomática – CCE – Zé do Roque.....	049
Linhas falando de movimento (Hosana Bezerra).....	051

Cores em luta pelo social (Maria Eugênia Matriccardi).....	052
Let it Beatles... Livre como os pássaros.....	054
Beba a crônica de ontem: Prot(o).....	055
Curtimos muito no 'Garagem'.....	057
Alcateia 'Tudo é um' – Tuka Villa-Lobos – Máquina do Tempo – Jesse Samba – Jorge Efi	059
No eixo: a primeira e única 'Noite Do Próprio Bol\$ó'	061
Fellipe CDC entrevista Ricardo "Frango"	061
Para alguns, a graça não é o orgasmo, e sim, a masturbação.....	064
Fellipe CDC entrevista Ari de Barros.....	066
Alta qualidade – Narciza – CCE – Dillo D'Araújo e Crocodillo Gang	068
Festival 'Face do Chaos II'.....	070
Contracultura para quem precisa.....	070
Fellipe CDC entrevista Michelle do No Class Zine.....	070
Fellipe CDC entrevista Adriana Drikaos.....	072

2006

Sérgio Sampaio: uma quase inédita ode a Brasília.....	076
Do Próprio Bol\$ó no 'Informe DF Brasil' da Record.....	077
Alexandre Penna no 'Feitiço Mineiro'.....	077
Barrett is dead!.....	078
Show 'Contra os muros da fome' – Universo Paralelo.....	084
Patrulha do Espaço pela primeira vez em Brasília.....	084
Misty Mountain nas trilhas das cidades perdidas.....	090

2007

Contracultura: resistir sempre.....	091
'Do Próprio Bol\$ó 25 anos' – Projeto Syd Barrett – Fluídos no Tempo – Miro Ferraz – Renato Matos – KaphaGérson.....	091
Durante o ensaio da Rolando Rock, nós repetimos uma situação divertida.....	092
Da janela, eu via o palco amarelo brilhar ao Sol – Fluídos no Tempo – Barbarella – Rene Bonfim.....	093
Protofonia: Música livre.....	093
'Quando o assunto é dinheiro!' – Neuras Planetoides.....	093

2008

Um recente evento 'Do Próprio Bol\$ó' – Carlinhos Piauí – Paulo Avelino – Ummaghumma – Zezinho Blues – Zé Otávio.....	095
A força da Skaravelho.....	096
'Rock da kombi' – Zezinho Blues – Barbarella – Guariroba Blues.....	098
Terno Elétrico: mais elétrico ainda.....	099
Caetano, vá tomar no monossílabo!.....	100
Identificação: outra noite estranha para Tom Zé e seus dois fãs ainda mais estranhos.....	101
Celso Blues Boy, o blues em casa.....	103

2009

Maranhão – Alto-falantes do Reggae.....	105
Uma década de Terror Revolucionário.....	108
Hey, Tuti, dos vinis!	108
‘Do Próprio Bol\$ó’, 27 anos Hoje!.....	109
‘Bucho Discos’: 13 anos de Resistência.....	109
Ligação Direta: 30 anos de óleo e cerveja.....	110
‘Woodstosko’ – Valdez – Barbarella – Terror Revolucionário – Guariroba Blues – Zezinho Blues – Lu Blues.....	112
A Festa que é Rock’n’Roll – Barbarella – Guariroba Blues.....	116
Paulo Iolovitch: Azul, a cor do desapego.....	117

2010

Joel Macedo em Brasília.....	121
Nova Iorque: Billy Name Ante Art Superstars.....	122
‘Do Próprio Bol\$ó’: pássaro, avião e site.....	123
O produtor Ricardo “Retz” volta com sucesso.....	125
Viradas e levadas de Rolando Castello Júnior.....	126
Worsa: espanto inclassificável, banda fora dos moldes	127
A debulhar: Johnny Winter no ‘Ferrock’.....	128
A finesse de um escrete de mulas escoiceando ouvidos – Biônicos – Dínamo Z – Plástico Lunar.....	130
Stanley Jordan para estudantes da Cidade Estrutural.....	132
‘Cachorrada’: ‘Vale o que está escrito...’ – Dínamo Z – Barbarella.....	133
O resgate emocional de Serguei – Kábula – Elffus – Quinta Essência.....	136
La Revolución.....	136
Prestam atenção em nós, quando falamos de nós mesmos.....	137
Parafernália no forno.....	138
‘Ferrock’ Homenageia o rock brasiliense.....	139
Dino Black vai radicalizar o seu canto.....	141
Patrulha do Espaço – E a nave pousou em terras gamenses’	141

2011

Nós – e a poesia... – Perdemos Reynaldo Jardim.....	144
‘Tudo pronto para o Rock’ – Curse of Flames – Dínamo Z – Wendel Rocha – Miro Ferraz.....	145
‘Sétimo Céu’ – Valdez – Besouro do Rabo Branco – Zezinho Blues e a Cozinha – Superfolk – River Phoenix – KaphaGérson & Ronaldo “Gafanhoto”.....	147
Patrulha do Espaço no ‘Cult 22’	152
‘Pão, Circo & Rock’ – Barbarella – Curse of Flames – Zezinho Blues – Beirão Neves.....	154
Os Mutantes e nós em Pirenópolis.....	157
Rogério Duarte: conversa ao pé da Letra.....	158
‘Salão de Arte’ Mostra Paulo Iolovitch.....	159

2012

Escambo e permuta: 1 milhão de leitores.....	162
Quando os discos saem da garagem, o bom cabrito não berra.....	162

Rita Lee “Feriadeu-se”	163
Águas lamacentas para Celso Blues Boy.....	164
O Último Festival de Artes ‘Do Próprio Bol\$ó’ – Final Erosion – Diferencial Zero – Dög Savanna – Dino Black – Stoner Babe.....	165
‘Clube do Disco de vinil’, armazém de cultura a varejo.....	173
Uma nova ‘Aventura Sem Dublê’ em Alto Paraíso.....	174
“As guitarras em Brasília nunca desligaram”	177
‘Slamdancer Festival 2’ – Carajás – Antimácula – Lis Negra – Terror Revolucionário – A.R.D. (After Radioactive Destruction) – Stoner Babe – Durangos da América.....	180
‘Heavy Circus Festival’ – Byron – Deathwatch – Dark Insanity – Land of Lies.....	182
‘Deem uma chance à paz’ – Dög Savanna – Lincon Lacerda – Balaio de Pérolas – A Banda Mais Lama da Cidade.....	184

2013

Davi Kaus e os Irmãos Metralha caem no ‘Country Rock’	186
Patrulha do Espaço ‘Powerhouse’	186
Morre o violinista e cantor Carlinhos Piauí.....	189
Red Pub Rock, Ceilândia – Stoner Bábe – Rotá 66 – Red Zones.....	189
Violeta de Outono no ‘America Rock Club’	190
Paul McCartney ao vivo!.....	191
O céu vai ter que esperar um pouco mais pelo ‘Anjo Maldito’	192
Morre Ray Manzarek, tecladista e fundador dos Doors.....	193
‘31 anos Do Próprio Bol\$ó’ – Stoner Babe – Red Zones – Beer Head – Os Merah – Maverick’79 – Os CabeloDuro.....	193
Projeto ‘Prata da Casa’ homenageia mãe de Renato Russo.....	198
‘Dia Mundial do Rock’ – Yasmin Oliveira – Protofonia – Dínamo Z – The Barbiras – Davi Kaus e os Irmãos Metralha.....	200
Face do Caos encerra o ‘FICA’	201
Mutantes, 30 anos depois, em Brasília.....	202
‘Sabadabadoo Rock Fest’ – Tributo a Tim Maia – Cromus – Diferencial Zero – PlusUltra – Red Zones – Neuras Planetoides.....	202
Antimácula: o chão treme.....	205
Os Relex(achados).....	206
‘Sem rendição e inconformismo’ – Say Land Dance – Barbarella.....	207
Protofonia lança CD de estreia.....	207
‘Caravana da Música’ – Corte Seco – Concreto Brasilis – Delinquentes – Neuras Planetoides – Bartô Blues – Mad Dog – Torvax – Herdeiros na Graça.....	208
‘Rock do Pé’ – A Banda Mais Lama da Cidade.....	210
50 ou 40 anos de mergulho na obra da grande banda The Beatles.....	211
Os \$alvadores, a nova banda de rock da cidade, pinta e solta fumaça.....	211

2014

Primeiro ‘Sarau Psicodélico’ do ano – Barbarella – Antimácula – O Verde – Banda Rock Brasília.....	212
‘10.000 dias de rock’ – Rebel Shot Party – Kábula – Rock Brasília – Barbarella.....	214
A Legião Urbana gravou seu primeiro LP na máquina de som d’Os Beatles.....	218

32 anos de Reafirmação, insubordinação e resistência – Dínamo Z – Antimácula – Brazilian Blues Band – Paralello Sônico – Red Zones.....	219
Sapiens abraça os sons e os amigos.....	223
Dentro do ‘Sarau Psicodélico’ – Sapiens – Têssera – Dualib – Subinstante – Red Zones.....	223
Rodando ‘Quase Sósias’ no ‘Conic’.....	225
“Os Abusados sexualmente por Rita Cadillac” – Barbarella – Rota 66.....	226
Crônicas embriagadas de Alex“ Podrão”.....	229
‘Proclamação do Rock’ – Barbarella – Red Zones.....	229
Segundo ‘Rockriança’: sucesso, fraternidade e união – Os Gatunos – Bigornas Voadoras – Barbarella – Dínamo Z – Kábula.....	232
Terror Revolucionário, quantas vezes for necessário.....	234
Até Os Filhos de Mãe Joana têm de ir à luta.....	235
Banda Rock Brasília: Réquiem & revanche para o rock Brasília.....	236
‘Resistência do Rock’ – Banda Ser – Barbarella – Terno Elétrico – Bosco – Guariroba Blues.....	238
Mud Morganfield no Guará.....	241
Capas de plástico e canções de Primavera com Paul McCartney.....	242
Sapiens vence o ‘Brasília Independente’ da TV Globo.....	243

2015

‘Anti-Establishment Parties 2’	246
‘Primeiro Pré-Rock da Resistência’ – A Banda Mais Lama da Cidade – Say Land Dance – Dínamo Z – Red Zones.....	246
Obituários	
Renato Rocha, da Legião Urbana.....	247
Zeferino Alves Neto, bom com a bola nos pés e craque no campo das palavras.....	248
Manoel Brigadeiro, Mestre do Samba de Brasília.....	249
‘Segundo Pré-Ato do Rock’ – A Banda Mais Lama da Cidade – Bacharéis Do Rock.....	249
Noite mágica: ‘33 anos Do Próprio Bol\$’ – Say Land Dance – A Banda Mais Lama da Cidade – Dino Black – Guilherme Almeida – Nenhuma Ilha – Kbça di Praia – KaphaGérson – Banda Ser – Outubro HC.....	250
Watchatcha, punk rock sulista no DF.....	252
Vislumbre e deslumbre o desbunde – A Banda Mais Lama – Say Land Dance – Betto Tutu & Izabel Tutu – Kbça di Praia – Laura Beatryz.....	253
‘Nono Ato de Resistência’ – A-Marte – Zoozoo – Sapiens – Barbarella – Jam: Sapiens & Barbarella	
Protofonia na ‘Consciência do átomo’.....	255
‘Conspiração underground’ – Bruno Caetano – Dínamo Z – A Banda Mais Lama da Cidade – Antimácula – Dino Black – Sapiens – Kelton Banda.....	257
Geraldo Lessa embarca na ‘Aventura Sem Dublê’.....	257
‘Encontro Mágico das Guitarras’ – Malagoli – Barbarian – Banda Ser – Marcianita.....	258
Carlos Roberto do Nascimento, militante revolucionário.....	258

2016

Pixies Cover plays Júpiter Maçã – Betto Tutu & Izabel Tutu – “Blavis” – Dudu Pinto – Wálter Muganga – Jorge Dupan – Cleiber Mota.....	260
‘Acontece tudo na nossa vida, hoje também...’ – Dínamo Z – Acústika 15 – Cleiber Mota & A Sociedade dos Primatas Modernos – Banda Ser & Zezinho Blues – Betto Tutu & Izabel Tutu.....	260

Antimácula videoclipe de “Vícios do Rock”	261
Baile dos 34 anos ‘Do Próprio Bol\$ó’ – Betto Tutu & Izabel Tutu – César de Paula – Bartô Blues – Rapadura (jam).....	262
‘Festival SuperLua’ – Duodemo – Blavis – A Banda Mais Lama da Cidade – Wálter Muganga.....	265
‘Tempo arruaceiro’ – videoclipe do quinteto Maria Sabina e a Peia.....	267
Simpatia é seu nome... Murilo Lima – Durangos da América – Banda Rock Brasília.....	268
‘Distrito Cultural’ – foi legal, ainda não desci das nuvens, ou psychotic reaction.....	270

2017

É lei tombar ao chão: 35 anos de gestação de ideal – Enlatado Blues – Antimácula – Red Zones – A.R.D. – Sapiens – A Banda Mais Lama da Cidade – Weslei Lima (jam)	271
‘Grandes artistas pegam carona na rabeira do atalho’ – Edu K – KaphaGérson – Tiago Rabelo – A Banda Mais Lama da Cidade – Betto Tutu & Izabel Tutu.....	274
Rolezinho no Guará.....	275
‘Festa Rock’n’Roll’ – Sérgio Fonseca & Ayla Serena – Trio Mais Lama – Corte Seco – Duodemo – Hellen Aquino & Álcool 70 – Cleiber Mota & Álcool 70 – Beer Head.....	278
Irmão Victor em Brasília!.....	279
‘Resistência do rock’ – “Blavis” – Antimácula – Cromus – A Banda Mais Lama da Cidade – Banda Ser – Corte Seco – Terno Elétrico - Barbarella.....	279
Arnaldo Baptista – Mestre na hierarquia da loucura.....	280
‘Do Próprio Bol\$ó’, o último buraco da camisa de força – Luca Teixeira – A Banda Mais Lama – Durangos da América – Lud.....	282
‘Little Rock’ – Metrôpole Locomotiva – Felipe Zucco & Blues Band.....	284
‘Rock marginal floresce em setembro’ – Osmose – Cascabulho Blues – Indigentes & Indecisos.....	285
‘Música Brasileira autoral e alheia’ – Fernando Juka – Betto Tutu & Izabel Tutu – César de Paula – Cleiton “Roots” – Tiago Rabelo.....	286
‘Jam Session’ – LucyFê – Henrique Behr (Alemão) – Marcelo Marcelino – Banda Ser – Muskga – Sunburst – Lud Mim – Tributo a Raul Seixas.....	287
‘O Som da Lata’ – Miguel – Paulo Biko + Eduardo Leal – Renato Barbosa + Lucky + Tiago – Mariana Camelo – Lya And The Red Strings – Metrôpole Locomotiva - Betto Tutu & Izabel Tutu – Jam.....	289

2018

Do Próprio Bol\$ó’ chega ao 36º aniversário! – Jack Gôd – Lara Arar – Corte Seco – Banda Ser.....	291
‘Flash rock’ – Toco – “Blavis” – Tiago Rabelo – A Banda Mais Lama da Cidade – Kelton Alex.....	293
Coda: Aos desorientados ou vendidos.....	294



Para autografar os livros, Rogério Duarte ganhou uma caneta do seu filho Daniel, 12 dez. / 2011
 – Foto: ©Sandro Alves



De passagem pelo camarim, os tropicalistas serviam talhadas de melancia

2000
AMIGOS ARCAICOS:
ROGÉRIO DUARTE & GLAUBER ROCHA

Mestres das adversidades. Rogério Duarte (†) e Rogério Caos são a mesma pessoa, sendo o último um epíteto criado por Glauber Rocha. Um memorialista de primeira desordem, insistentemente acossado e incompreendido pela mídia, que sem pudores revela dados, nomes e situações auspiciosas conduzidas por Shiva.

Depoimento de Rogério Duarte

Não quero que a necrofilia atinja muito o Glauber, como fizeram com o Raul. Já se falou demais sobre o Glauber, para mim ele é um tema de reflexão muito profundo. Eu gostaria de escrever sobre o Glauber. Depois que eu li o livro do João Carlos Teixeira Gomes, que é tão bonzinho, mas tão medíocre, porque ele não acompanhou o pique, foi um cara que sempre ficou na província, sempre teve cargos públicos, jornalista, professor, da Academia Bahiana de Letras, então ele não compreende, ele vê com os olhos do amigo, mas do amigo-parente, aquele primo querido, muito afeto, mas nenhuma comunhão, ou seja, ele não comungava da loucura do Glauber, do tempero, ou seja, ele via aquilo como os meus primos, por exemplo, aquele primo que diz: “Puxa, você tá louco!” Aqueles caras bem-intencionados diante de um artista alucinado. (...)

– A Cruz na Praça foi um documentário engraçado, eu vi uma cópia, uma única cópia. Saiu meio escura, passou no Cine Capri. Eu me lembro, estavam Dorival Caymmi, Jorge Amado, foi o único filme que eu trabalhei como assistente do Glauber. Era experimental, as coisas que Glauber fazia nos intermédios entre as grandes produções. Ele fazia ensaios, digamos, radicais, e esse seria um. O Luís Carlos Maciel, como ator. O Sólon Barreto, o Anatólio Oliveira, é um filme interessante sobre o problema da repressão do homossexualismo. Tem umas coisas muito engraçadas. Engraçado, a gente trabalhava com dois quadronizadores, eu com um e ele com outro.

Essa teoria dele da montagem dialética, eu não era propriamente um assistente, Glauber dizia o seguinte: “Vou me ater à minha história.”

“Você já leu. O que você achar que possa enriquecer pra gente incluir na montagem a gente filma também.” Então eu desenhava o que queria que filmasse também pra incorporar, e era filmado. Eu me lembro por exemplo de um cara passando com a bandeja cheia de caranguejos, achei que aquilo tinha a ver com a história, então pedi pra fazer um plano daqueles caranguejos, e outros planos, que eram incorporados depois na montagem. Era um trabalho que Glauber era muito na coisa da espontaneidade. Ele dizia: “Vamos dialogar. Vamos brincar, como em outros trabalhos que a gente fez. Você filma o que quiser; eu filmo a minha história e depois na montagem a gente tenta juntar tudo...” (...)

– Havia uma relação muito amorosa, ele era muito adulto, Glauber era muito complexo. Ele juntava, digamos, valores tradicionais. Ele não tinha muito do adolescente, inclusive era uma pessoa que ficou adulta muito cedo. Glauber casou muito jovem e se revelou como gênio muito jovem, e como jornalista, escritor, como uma pessoa responsável, como um empresário, inclusive, então ele não tinha conflito. O pai dele era uma pessoa que teve um acidente, inclusive não exercia mais aquela autoridade brutal como pai, então ele não tinha nada do conflito adolescente. A coisa dele era mais num plano social, no universal. Não tinha muito a coisa do pessoal, do lírico. O

lirismo do Glauber era das massas, ele se interessava pelas questões do mundo e não pelos pequenos problemas individuais. Ele não tinha muito essa coisa pequeno-burguesa. A coisa dele era num salto mais universal, não era confessional, não era biográfico. A obra dele não tem muito de biografia, a não ser em Riverão Sussuarana. Glauber era daquelas pessoas que se identificavam com os arquétipos históricos. Não havia a preocupação intimista nele, era uma pessoa fundida com o social. Nele o individual e o social se sintetizavam. A vida dele pessoal já era história, ele era uma figura pública desde o início. Ele não tinha o negócio do pequeno mundo, da vida privada.

– Glauber já era amigo de Ronaldo, meu irmão mais velho. O João Carlos Teixeira narra isso no livro. Glauber e eu temos uma diferença de um mês, porque, embora eu tenha nascido em 10 de abril, todos os meus documentos estão como se fosse 15, então Glauber é de 15 de março e eu sou de 15 de abril. Ele era um mês mais velho do que eu, mas era amigo do meu irmão mais velho, tanto assim que o Joca me atribui ter uma coisa de ser muito mais jovem, mas ele morava na rua ao lado da minha. Eu já era apaixonado pela irmã dele desde criança, ela era minha paixão infantil já, e eu já olhava ele na rua. A gente já se dialogava, mas era na época das Jogralescas em 1956/57. A gente se encontrou de forma definitiva e selamos uma amizade eterna, muito afetuosa. Eu era namorado da irmã dele, a pedido inclusive dele inicialmente. Ele queria que eu namorasse a irmã dele.

– Não quero que a minha irmã namore playboy ou cafajeste. Quero que ela namore com intelectual.

– E a gente sempre foi muito camarada, muito amigo. Tem muitas passagens biográficas e brigas de rua. Na Bahia, uma vez, vinha com Glauber numa de suas viagens, ele de barba, e uma turma na rua começou a xingar de “Fidel Castro”. Ele estava de barba, aquela coisa provinciana... e eu resolvi encarar os caras na mão. Levei tapas como o diabo. Teve muitos lances desse tipo, então a gente é amigo arcaico. A terra dele, Conquista, é perto da minha terra. É uma coisa muito radical, não tem início meu relacionamento com Glauber, como também não tem fim. Glauber, eu sonho às vezes dialogando com ele. Ele é tão vivo que a morte não teve a força suficiente para apagar em mim a memória de um Glauber vivo, assim como eu tenho a memória do meu pai.

São pessoas que estão além do tempo, além dessa dimensão linear do passado, presente, futuro. Ele é, e esse ser do Glauber pra mim de certa maneira transcende a sua existência física. A imagem do Glauber, eu olho uma foto do Glauber, eu vejo. Ele entende, ele existe como éthos, como imagem, a ideia Glauber é mais viva do que o corpo.

A contribuição milionária dos próprios erros

Parafraseando Oswald de Andrade, o sucesso pessoal depende da perceptível contribuição milionária dos erros praticados.

“Inventaria-te antes que os outros te transformem num mal-entendido.”

(Rogério Duarte)

“Rogério tem arte até no nome!” (Edvar Ribeiro)

“Acompanho com reverência a sucessão de tempestades que tem sido sua vida literária oculta, de romantismo incrivelmente profundo.”

(Caetano Veloso, no prefácio de A divina canção do mestre)

Desde 1991, ano da edição do meu livro *Balada do Louco*, por desinformação, não citei Lanny Gordin e Rogério Duarte, mas a minha redenção ocorreu quando conheci este último. Em maio de 1999, lendo

uma matéria de capa do Segundo Caderno do jornal Correio Braziliense, telefonei ao jornalista Rogério Menezes e pedi o número do telefone de Rogério Duarte.

De julho a outubro, rodamos o documentário *Tropicaos*, um vídeo-depoimento/apresentação com Rogério Duarte, que aguarda a verba *Do Próprio Bol\$o*.

Em 2000, fizemos a gravação ao vivo da apresentação para a trilha do documentário – Rogério Duarte vestia um terno italiano e suportou o calor do meio-dia impecavelmente, tocando o seu violão espanhol, com as janelas e portas fechadas – para que o som brega exterior não atrapalhasse.

Como em inúmeras oportunidades, João Alves, o pedreiro, foi recrutado para ser o auxiliar e segurança – neste sábado, eu vivia o ápice da crise de grilagem da minha terrinha... e enquanto o mestre dedilhava... João dormiu.

Paulinho conduziu o carro, testemunhou e documentou a nossa ida a sua chácara, em Águas Lindas.

Na minha ânsia por informações, Rogério Duarte (a exemplo de Paulo Iolovitch) também perdia a paciência, e me passava pitos homéricos. Essa era a minha maneira de pedir a *saideira* na estrada íngreme, movimentada e perigosa, nas encostas do reservatório de água natural da Barragem do Descoberto que ligava a sua chácara.

Durante anos, um bloqueio ou uma promessa não me permitiram escrever a mínima linha sobre Rogério Duarte. Os seus óculos de grau de então foram esquecidos no soalho do meu carro, e nunca devolvidos: “Fiquem como recordação!”

Com a ponta do dedo umedecida de saliva, Rogério Duarte recuperava cartazes e quadros quando *Diretor do MAB*. Na visita presidencial, um empecilho, ou a colaboração dos mil erros, o transformou em amigo de Violeta Chamorro. Com a expressão de pulga atrás da orelha, Roriz olhou para Rogério Duarte e perguntou quem foi a colunável que assinou o *Livro de Personalidades* na primeira linha, antes de Violeta Chamorro. Rogério Duarte, que habla o espanhol, explicou a gafe a Violeta Chamorro, que o convidou a acompanhá-la nos dias restantes de sua estadia.

– Vamos subir, man!

– Agora não, Mick.

No saguão do hotel, o inglês Mick o chamava para uma célebre fumarada. E Rogério Duarte se despediu do líder da Rolling Stones, declinando do convite.

O *Itamaraty*, por intermédio de seu *Departamento Cultural e de Informações* (Divisão de Difusão Cultural), concedia bolsas de viagem, e Rogério Duarte renunciou à que o levaria em companhia de Hélio Oiticica para a Inglaterra.

Como Torquato Neto, Hélio Oiticica foi um grande amigo de Rogério Duarte.

Quando da morte de Hélio Oiticica, Rogério Duarte perdeu a sua coleção de livros de artes que lhe havia emprestado, pois eles foram tombados como espólio de Hélio Oiticica. Rogério abdicou dos livros.

Quando falávamos de Zé do Caixão, Tom Zé e Agrippino de Paula, Rogério Duarte se mostrava preocupado, saudoso e feliz por alguns desses amigos estarem trabalhando e *fazendo sucesso*.

Do plano de montar o museu na sua fazenda no interior da Bahia, Rogério já contatou os familiares e eles concordaram em devolver/doar os trabalhos de sua autoria que estavam com eles. Rogério Duarte tem o nome do grande comprador de seus quadros e pretende entrar em contato com ele para um possível comodato das suas obras.

A lição mais importante: a sua rebeldia se extinguiu com a morte do pai. Falando sobre Glauber Rocha com Rogério Duarte, ele captou que eu nunca havia conversado anteriormente com alguém que conheceria pessoalmente Glauber Rocha, e me encorajou a seguir colhendo depoimentos importantes.

No ano de 1978, Rogério Duarte se tornara rajnishiano, adepto do Visva Dharma. Glauber Rocha logo ao saber convocou os amigos dizendo que Rogério é muito importante e que não podemos perdê-lo para esse traste, e traçaram o plano de um sequestro... que nunca aconteceu.

Em 1980, a cena final, Glauber Rocha e Rogério Duarte chegam juntos no mesmo carro, enquanto Dona Lúcia vem em outro. Despedem-se no *Aeroporto Internacional de Salvador*, Glauber tira um tufo de dinheiro do bolso e entrega a Rogério, que recusa, e Glauber o vence/convence: “É pra edição do seu livro *Musicor*.”

Vinte anos depois, eu organizava os arquivos de Rogério Duarte em Águas Lindas e vi os originais do ainda inédito *Musicor*, ao lado de slides, fotos, capas de livros, cartas, partituras. Esse material está em preparação para ser editado.

Rogério de saco cheio da *UnB* e com uma nova atração feminina se mandou pra Bahia, e ficou de ligar... Fui vítima de um dos inúmeros lapsos de Rogério Duarte; lapsos que presenciei quando algumas pessoas o procuravam pelo nome – Rogério!

E ele perguntava: “Quem é você mesmo?” Quando da dedicatória no livro, ele me perguntou: “Qual o seu nome?” “Mário. – Mário Pazcheco!”

Ele: “Como pude me esquecer! Você ainda está vivo? Os grileiros não te mataram?”

A *Editora Papagaio* teve a coragem de publicar o penúltimo livro de Rogério Duarte, dubiamente batizado de *Tropicaos*. Nele ajudado pelo pesquisador Narlan Matos, Rogério Duarte organizou o que restou de sua produção nos anos 60 e 70 – a maior parte dela, incluindo uma peça de teatro e um romance inéditos, foi destruída na época por ele próprio, com medo de retaliações da ditadura.

Uma das grandes felicidades de Rogério Duarte foi encontrar grande parte de sua obra preservada e guardada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que disponibilizou esses arquivos em *CD-ROM* para o artista.

Integram o livro *Tropicaos* o prefácio de Waly Salomão (†) – um ensaio de 1965 acerca do desenho industrial no Brasil – e a crônica *A grande porta do medo*, que Duarte escreveu sobre os tempos de prisão e tortura. “Esse relato foi a única coisa sobre meus problemas com a censura e a ditadura que escapou na época.”

Rogério Duarte recorreu ao psicanalista Hélio Pellegrino (falecido em 1988) para esconder o texto por mais de 10 anos. “No mais, são páginas de gemidos, aforismos e reflexões.”

Na era do desbunde, o último poeta visionário do Tropicalismo falou de sua barba: “Depois que eu deixei crescer a barba, as coisas continuaram igualmente confusas, exceto pelo acréscimo dela, que se associa ao antigo caos e revela nova fúria”.

Quando vi na Folha de S. Paulo uma foto recente sua com a barba alva, imediatamente pensei em seus planos de longevidade, dedilhando o seu Ramirez.

A *contribuição milionária dos próprios erros* estava perdido, e precedeu ao Rogério Duarte por ele mesmo. Neste último texto, eu documentava meu recente encontro com o mestre. Houve outras oportunidades, como no show *Tropicália transcendental*, e recentemente alguns alunos da *UnB* me procuraram para angariar material e informações sobre Rogério Duarte, então objeto da pesquisa deles. De tudo que rolou, e da minha constante *prosa* com Rogério Duarte, aprendi a ser forte e a dosar o gênio, em determinação, sem me escravizar, e a não dispensar os ensinamentos dos 1.000 erros diários.

Tom Zé absurdamente genial

No meio da década de 80, em um caderno cultural paulista, o texto do jornalista Ademir Assunção bradava em fina ironia: “Onde anda Tom Zé? Será que ele está debaixo de um coqueiro no *Farol da Barra*, cantando uma bossa de João Gilberto?”

Será que ele se refugiou no penetrável Tropicália de Hélio Oiticica, de onde não quer mais sair? Será que a sua Navilouca naufragou?”

Linhas adiante, o próprio Tom Zé respondeu: “É cedo para avaliar esses anos todos de pesquisa. O espaço de tempo que perfaz a vereda pela qual me desviei, de 68 pra cá, ainda é pequeno para avaliar se estou com a razão no que se refere à amplitude das decisões que tomei. O risco é uma coisa que a gente tem que correr.”

Em 1993, oito anos depois, no show *Nesta Copa está faltando Neto*, abordei Tom Zé – com perguntas existenciais. Estaria ele ainda como frentista, ou jardineiro, ou desenvolvendo instrumentos musicais? Nessa noite distante, o baiano arrastou os parques gatos pingados para a borda do palco, e mandou ver – a sua comunicação – para o local. O ingresso era caro e vazio – ele me disse: “A gente continua o papo no *Bom Demais...*” Mal sabia ele que o servidor público estava de baú.

Um novo encontro foi adiado por um bom tempo.

No alto de uma escada, conferindo os refletores, Tom Zé é o típico “menino desce daí!”. No chão, sentado, nas entrevistas, ele conversa aos montes – de repente, me pergunta: “Já nos vimos hoje?”

Narcisa trabalha na *Câmara Federal* e conhece muita gente. Ela acha que pode transitar por todos os lugares e insiste em ir ao camarim dele. Lá, segurando o meu braço, ela me apresenta: “Esse é o Mário Pazcheco!” A mulher de Tom Zé, que segura uma talhada de melancia, meio sem graça, indaga: “Quem é você?”

“Sou afilhado de Rogério Duarte.” Ela ri: “Ótimos laços!”

No cara a cara com Tom Zé, nunca me passou pela cabeça pegar o seu autógrafo.

Minha amiga Narcisa Fonseca estende o ingresso a Tom Zé, e pede que autografe a Mário Pazcheco – por isso, eu tenho este mimo.

Irreverente e cult ele sempre foi. Aos 64 anos, o cantor e compositor Tom Zé cultivava um hábito que muitos qualificariam de esquisito: há mais de uma década ele cuida do jardim do prédio onde morou, em São Paulo. Mudou-se para o edifício da frente, mas não abandonou o antigo ofício. Vai lá quase diariamente, só para cuidar das plantas. Nascido em Irará, no Recôncavo baiano, diz que exerce a profissão por puro prazer. “Ganho um salário mínimo, mas gasto quatro só em adubo, mudas e outras coisas”, informa. Para Tom Zé, atualmente compondo em estúdio a trilha do novo espetáculo de dança do Grupo Corpo, de Minas Gerais, ser jardineiro tem vantagens adicionais: “Não gasto dinheiro com calmantes.” (Maio, 2001)

Tom escreve sobre Mil Zés, Joões e dimensões da canção

Sandro Alves

Como quem está ali porque tinha que estar, porque vai à padaria ou a uma manifestação política, Tom Zé é um transeunte que pensa e faz pensar.

Tom Zé é um artista que nos apresenta uma produção extensa e diferente: o trabalho dele provoca perplexidade por meio de uma variedade que é rica em quantidade e qualidade. Um aspecto muito interessante do seu trabalho é o trânsito que Tom Zé tem nos campos discursivos que se dirigem à canção, sejam aqueles que se valem de uma linguagem com tonalidades coloquiais e se aproximam mais

do que sai publicado no universo literário dos mass media, jornais e revistas especialmente, ou aqueles textos forjados em lugares reservados a saberes especializados e aprofundados.

O texto de Tom Zé deixa clara e estampada sua erudição; as características dos leitores são que, por vezes, fazem surgir algumas nebulosidades na recepção; inevitáveis e ordinárias essas resistências às compreensões, problemas prosaicos nos percursos das intersubjetividades. Ele, entretanto, com humor cáustico, em várias circunstâncias, nega que existam nele, em sua obra, em suas declarações à imprensa e em sua postura geral, preocupações teóricas do tipo que “acomete” os acadêmicos. E ele está certo. O pensamento acadêmico, cheio de perspectivas, temáticas e potencial inventivo, é consideravelmente opaco e, digamos, engessado, tal como se apresenta normalmente. Outra coisa, outra história, outros quinhentos são a maneira pela qual conceitos e aspectos diversos do pensamento tido como acadêmico despontam descontraidamente no texto de Tom Zé.

Como quem está ali porque tinha que estar, porque vai à padaria ou a uma manifestação política, o texto de Tom Zé é um transeunte que pensa e faz pensar. No seu desempenho – seja por escrito ou em declarações à imprensa televisiva –, os passos e saltos espocados pelo fluído e passeador Tom Zé são bem-diferentes da opaca expressão dos círculos acadêmicos, dos lugares dos “altos saberes”. Nas palavras do artista, temas e problemáticas das “altas ideias” figuram quase como um ator como outro qualquer (talvez não cheguem a ser um como outro qualquer porque as diferenças induzem os quaisquer a terem a capacidade de nem sempre serem como “os outros”).

Algumas vezes até mesmo como um simples coadjuvante, ou entidade diluída num discurso ímpar cheio de pares na arena da luta de classes – e das outras lutas relacionadas ao poder –, as proteínas e sais minerais que vêm do campo discursivo da “alta cultura” são desfiados singular e proficuamente ao impacto com a fibra do discurso de Tom Zé. João Ribeiro, o grande pensador da língua portuguesa, autor do modesto e maravilhoso Páginas de Estética, diria que Tom Zé é um dos grandes estilistas brasileiros, pois o estilo, no pensamento de Ribeiro, tem muito a ver com o caráter (mas essa é uma linha que não será possível desfiar agora, vai só relampejar por aqui mesmo).

Nas canções, “espalhar no céu / Beatles a granel” ou “Descobrir as ancas das tradições para o ferro em brasa dos anúncios” são formas tanto mágicas quanto geradoras de reflexões; a noção da forma como algo que não prescinde da deformação, que é um aspecto da dialética da deformação está na obra de Tom Zé de tal forma que Chklovski, se estivesse vivo, ficaria surpreso com esse caso prático da arte que demonstra bem as teses do seu pensamento formalista.

Pretendo ir postando aqui algumas ideias que têm passarinhado nas minhas descabrioladas cabeçadas na questão da canção popular. Este pequeno texto é só um pretexto para ir abrindo alas para pensar a canção a partir de Tom Zé; posteriormente pensaremos a canção a partir de outros autores.

Regurgitando O Tropicalismo!

Defeco para a sociedade e limpo a bunda com a opinião pública. Ditado popular.

“Gil e Caetano são grandes artistas, que já se consagraram e que realizaram um dos aspectos importantes da revolução tropicalista, mas que não é o único. Eles estão continuando o trabalho que começaram. Porém não podemos cruzar os braços achando que a revolução está complementada apenas como parte de um trabalho. Ela foi um movimento coletivo. Só agora determinados aspectos da obra de Tom Zé estão aparecendo, e do próprio Gereba, que também participou da Tropicália. Tentamos revelar coisas que estavam ocultas, sem negar a obra de Caetano e Gil, que também é fundamental. O Gil participou do nosso disco. Queremos, inclusive, a colaboração deles. O sucesso tem esse poder, como aconteceu com o Roberto Carlos, de ser conformizante. Você cria fama e deita na

cama. Parece que venho dando declarações que são contra o Caetano, mas só têm o objetivo de provocar e mostrar que a revolução não terminou. Não bastou o sucesso comercial para consolidar os ideais do movimento tropicalista.” (Rogério Duarte)

“No início havia muito impulso, muito sonho, muita volúpia, muito ego concentrado na autorreferência, muito tudo e pouco nada, se quisermos.” Gilberto Gil sobre o início da carreira, na fase pré-Tropicalismo.

Numa entrevista ao tabloide International Magazine, Jorge Mautner cita seu amigo Arthur de Mello Guimarães, dono da casa em Londres onde foi filmado *O Demiurgo*, e que segundo Glauber Rocha é o melhor filme *do e sobre* o exílio. Participam desse filme Sérgio Dias, Gilberto Gil, Caetano Veloso, José Roberto Aguilar, Péricles Cavalcanti, Leilah Assunção, dentre outros.

Comecei este texto há muitos anos, quando Arthur Guimarães ainda era vivo, e Kleber Lima, o editor da revista Víbora, ao ler a mesma entrevista, me contatou via telefone para que eu emprestasse relevância e vitalidade à história do Tropicalismo, a partir de nomes no ostracismo.

Demiurgo

“Nos encontramos na casa de Gil. Eram muitas as gargalhadas, um desejo louco de voltar para o Brasil”, conta Mautner, que rodou por lá, com os amigos, o filme *O Demiurgo*. “Algumas cenas de Gil em que ele estava nu não entraram no filme, por causa da preocupação com a Censura”, conta.

“Cortaram o pau do Gil (risos). Mas agora a Flora disse que se pode usar”, brinca Caetano. “Quando *O Demiurgo* passou no *Museu de Arte Moderna*, esperavam um filme de orgias, de transgressões. E era o filme mais casto!”, lembra Jorge Mautner.

Verdade tropical: Túlio do Túlio Trio era um músico excepcional. Dicinho (Adilson Carvalho), e Edinízio Ribeiro Primo, que morreu afogado misteriosamente, eram grandes artistas que compunham o exército inicial da Tropicália, e estão no ostracismo.

No mais (in)sensato e antropofágico ato, um dos encarcerados pelo Big Brother Brasil queria regurgitar em cima do Caetano: “O Tropicalismo não se faria sem São Paulo, sem a colaboração dos artistas daqui e sobretudo sem o público daqui. Com o público e os músicos do Rio teria sido impossível – muito reacionários. O Rio era o filtro de tudo como deveria ser o Brasil, tinha aquele jeitinho, tudo de muito bom gosto. O público também era meio sabido.”

O Tropicalismo é um jorro de cores e liberação do inconsciente coletivo, o entroncamento das condições de país agrário a uma era industrial. Seu marco inicial, uma passeata contra a guitarra. Os mestres dos tropicalistas, Donga e Pixinguinha, Luiz Gonzaga e João Gilberto, *O Clube da Esquina* e até mesmo o tango. À sombra das guitarras dos Ventures e dos Shadows, das harmonias vocais dos Beach Boys, The Mamas and The Papas, Jefferson Airplane, e acentuada influência de *Sgt. Pepper's*. Deixara de ser cafona gostar de Vicente Celestino, de Ângela Maria.

“Todo mundo deve alguma coisa ao Tropicalismo, e mais ainda à Bossa Nova. Todo mundo deve alguma coisa ao *Clube da Esquina* e todos nós devemos tudo a Donga e a Pixinguinha.” (Caetano Veloso)

Tropicalismo, começo da discussão do processo irreversível do consumo da superprodução americana em troca de elevados royalties. Crescente abandono dos criadores: “Já não precisamos mais de vocês, agora já podemos caminhar sozinhos.”

Existe uma frase que sempre atribuí a C. V. (não confundir com Comando Vermelho), e outro dia descobri que é uma fala d’*O Bandido da Luz Vermelha*: “Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha... E se esculhamba!”

INRIO

Em 1963, colunista do jornal Última Hora, Ricardo Amaral se desentendeu com o então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, e foi aconselhado a deixar a cidade. No Rio de Janeiro, se aventurou na noite – a aventura, que marcou época, tinha um nome: *Boate Sucata*, a casa noturna, na Lagoa.

“Enquanto isso as confusões continuam: é um inferno viver aqui, estou cheio!

Agora, enquanto escrevo esta carta, estamos no dia 17 out. / 1968: explodiu novo escândalo: resolveram interditar o show que Caetano, Gil e Os Mutantes (geniais) estavam fazendo na Sucata, por causa daquela minha bandeira *Seja Marginal, Seja Herói*, que o David Zingg (†) resolveu colocar no cenário perto da bateria no show: um imbecil do DOPS interditou e Caetano, no meio do show, ao cantar ‘É proibido proibir’, interrompeu para relatar o fato, no que foi aplaudido pelas pessoas que lotavam a boate.” (Hélio Oiticica)

Fuga dos volks vascaínos pela porta dos fundos. Fernando Faro (†) e Antônio Abujamra (†), que dirigiam o programa *Domingo Maravilhoso*, contratam Caetano Veloso pela TV Tupi.

Depois do *Natal de 68*, numa cela do quartel da Polícia do Exército, na Tijuca, Caetano Veloso e Perfeito Fortuna rezavam a Salve-Rainha: “Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa. Salve, a vós bradamos, gemendo e chorando...”

A imagem de Caetano Veloso, cujas fotos são riscadas e censuradas, é sempre alvo dos censores. Em junho de 1970, no jornal Última Hora, na Coluna Escraço, assinada por Carlos Alberto Gouvêa (futuro colaborador da revista Rock, A História e a Glória), Chico Buarque supostamente teria acusado os tropicalistas de usarem o marketing do exílio para fazer shows na Europa. Trinta e quatro anos depois, um irritado Chico Buarque negaria a declaração e consideraria a matéria como “fictícia” e o texto “um absurdo”.

Ainda neste ano no Rio, Rogério Duarte andava com um crucifixo com as mãos cortadas, Rogério Caos em lugar de Cristo, e em lugar da inscrição INRI ele escrevera INRIO. Assim começou *Evang’Hélio*, o esquizo-filme que filmava Hélio Oiticica com aquele cabelão construindo a sua própria cruz com materiais triviais concretos de qualquer marcenaria ou canteiro de obras: o sacralizador presente na escolha temática e na projeção crística sobre o “herege”, diria Waly Salomão, que guiava a câmera.

“Tomai o meu pão e comei, é o meu corpo; tomai o meu vinho e bebei, é o meu sangue. É uma loucura: nada mais lisérgico do que estas imagens! Quem tomou ácido sabe do que estou falando!” (Hélio Oiticica)

Flor do Mal, Geleia Geral, a Coluna do Torquato Neto no jornal Última Hora encerraram o Tropicalismo. Mas tempos depois alguns artistas no ostracismo bradavam que nunca foram tropicalistas, e foram fundar os seus movimentos.

– Todo dia é dia D?

Cruzando oceanos (Máquina do Tempo)

No início, eles foram Os Mamutes

A viagem inicial da Máquina do Tempo começou há dois anos. Lya, uma menina vestida de grávida, cantava Mutantes. O outro vocalista tinha praticamente a voz do Arnaldo, e a banda não tinha teclados, mas a guitarra do Rockdrigo Terra fazia, além da sua parte, algumas frases do teclado. Naquela noite, ele debulhou e desbundou em “Posso perder minha mulher, minha mãe desde que eu tenha o rock and roll”.

Então me mostrou a magia das cordas, tinha talento, e cedo ou tarde iria dar certo! Os Mamutes não foram a primeira banda de rock que acompanhei, e na qual me envolvi. Eles tinham um atrativo especial para mim: tocavam Mutantes.

Produzi, documentei e emprestei parte da aparelhagem do primeiro show do novo vocalista da banda, que sem sucesso tentou substituir o vocalista original, aquele que era excelente nos vocais do Arnaldo. O vocalista original cantava com garra, o problema é que ele não gostava de ensaiar.

O último show com o novo vocalista foi num bar no Lago, e convidei o Doctor Ruiter para assistir. Sempre envolvi pessoas que considerava importantes nessas produções. Na época, Ruiter possuía uma ótima filmadora....!

Com a formação reduzida, Os Mamutes ainda lançaram a fita demo *Que som é esse?*



Experimental: Marta Benévolo capturou esta imagem pelo retrovisor

• Em 1981, esse espaço móvel era o instrumento de artes cênicas na Escola Parque 308 Sul. Sua cor externa original era azul escuro, e a interna, preta. Quatorze anos depois, em 1995, na QE 40, no Guará 2, antes que o Serviço de Limpeza Pública varresse o lixo precioso, o caminhão me foi doado

Viagens psicodélicas da Mákina du Tempo

Tempo ideal para registrar o primeiro CD, eles foram procurar um mago perfeccionista, o mutante

Sérgio Dias. Sempre pronto a ensinar, o mestre lhes disse: “Se vocês tiverem uma ideia melhor do que a minha, nós a usaremos.” E perguntou, denunciando: “Em Brasília ninguém sabe gravar?” E o mutante ainda lhes ensinou que, se gravassem digitalmente, no mínimo teriam de usar 24 bytes de memória. Se não, os vocais ficariam comprometidos, quando da mixagem. E o sempre ocupado Sérgio Dias ouviu a fita demo, após o que prometeu produzir integralmente um segundo disco...

Mas antes avisou: “Cuidado. Vocês podem ter problemas com o nome.”

Como quarteto, dias após meses, o casulo se metamorfoseou na Mákina du Tempo, e essa “gestação” foi acrescida de aventuras e desventuras, os capítulos de uma banda de rock’n’roll.

Antes do primeiro disco, a Mákina du Tempo mesmerizou algumas tentativas e agrupamentos que revivessem um combo do rock, coisa sem sentido e fora de moda, mas autêntica na perseguição do espírito do rock’n’roll. Assim cruzaram rodovias, avenidas, favelas, morros, teatros, ginásios e ônibus, e todas as superquadras e convenções, perseguindo o tal espírito, que eles haviam incorporado.

Cronologicamente essa perseguição levou cinco anos.

Num estúdio paulista, a Mákina du Tempo cruzou as suas linhas com a guitarra de Lanny Gordin, dono de um apetite musical e sexual voraz: “Vamos fazer uma suruba, cadê a camisinha?” Comi umas taturanas, que me queimaram o pau!

Lanny e a Mákina, numa viagem tropicalista. E o Hendrix da Tropicália tocou em duas faixas, “Rock da guitarra quebrada” e “Fique Alto Paraíso”. Lanny disseram que viria a Brasília para lançamento do disco, mas não veio.

No escritório da *Smoking Trademark* (responsável pela cedilha de papel reciclável), conseguiram um virtual apoio para a gravação do videoclipe da música “Sunny day”.

De volta a Brasília, na secretária eletrônica, havia uma mensagem mutante: “A Terra pirou! Sem energia elétrica, tudo queimou!” Rockdrigo Terra, o guitarrista, teve carinho e cuidado para que o sampler com a mensagem de Arnaldo Baptista fosse curtido por nós, e pelo próprio mutante, em “A Terra parou”.

O sempre ligado Luís Carlos Calanca, da *Baratos Afins*, aprovou e mandou prensar o primeiro CD Mákina do Tempo, que saiu em junho. Agora eles querem que vocês conheçam o valor e a influência que esse trabalho pode ter. Realmente, uma banda dos 60s que veio pro futuro, ou uma banda do futuro que foi pro passado.

Mas uma ficção e obsessão de Rockdrigo, guitarra; Lya, vocais; Bruno “Lobão”, baixo, e Anderson, bateria.

Passamos uma tarde mágica e misteriosa

Num dia estranho do ano de 2000! Combinamos fazer o clipe da música “Magical Mystery Tour” (d’Os Beatles), o clipe seria rodado de dia para que a luz solar ajudasse na resolução das fitas de 8mm, com 30 minutos de duração e som mono.

Desde o início do projeto, era acordo que as imagens do clipe de “Magical Mystery Tour” seriam sobrepostas na mesa de edição ao som de estúdio da canção.

No dia da filmagem, a banda veio acompanhada da fotógrafa Marta Benévolo. Eu conhecia Marta Benévolo dos *Festivais do Cine Brasília*, onde ela apresentou o festival e entregou os prêmios, chamados de “candangos”, por dez anos. Grande parte da vida de Marta Benévolo foi dedicada à educação e às artes. Ela sempre esteve ligada aos círculos culturais de Brasília.

A sua presença no entanto me deixou inseguro, para mim não foi um bom clima.

Não sei se ela percebeu.

Acho que não segurei a onda. Mas tive a ideia de fazer duas das tomadas que seriam editadas.

Essa concorrência, pelo menos na minha cabeça, foi produtiva para o resultado final do clipe-cover da faixa “Magical Mystery Tour”.

As fotos destacavam o azul da pintura do caminhão, que se fundia ao azul do céu.

Eu vi a cena no visor da câmera.

Anos depois, perguntei a Marta Benévolo pelas fotos.

– Entreguei o material aos meninos!

Nunca vimos o clipe montado, nem as imagens.

Rock da guitarra quebrada

Joel, gerente da *Head Collection*, apareceu com um estranho par de fitas 3M e me deu para fazer algum dinheiro. (Risos!!) Na pré-história da informática, essas fitas eram utilizadas como disquetes e inseridas no HD para backup.

Comentei com Joel: “Dão uma ótima capa de disco!” Assim foi feito.

Na Asa Norte, no aquário do Estúdio *Blue Records*, concluíram *Músicas para dias de Sol*.

Não pense que me dediquei totalmente esses anos à banda. Fiz outras coisas.

Este é apenas um capítulo das minhas atividades culturais nos últimos 34 anos.
As bandas Cartoon e Mopho constituíram farta teoria sonora para a máquina do tempo.
A sempre gentil Lilith me emprestava a sua credencial para circular livremente.

14 novembro • Sepultura vence ação na Justiça

A banda mineira de rock Sepultura ganhou mais uma batalha na justiça. A 5ª Turma Cível do Tribunal de Justiça decidiu, no dia 23 de outubro, por unanimidade de votos, que o grupo detém a propriedade sobre o nome, porque a tornou conhecida internacionalmente.

A polêmica em torno da propriedade do nome teve início em 1990, quando uma banda brasileira com a mesma denominação entrou com um processo de indenização contra os irmãos Maximiliano e Igor Cavallera, bem como também contra os outros músicos da banda de Belo Horizonte.

A sentença de primeiro grau, proferida pelo juiz Esdras Neves Almeida, em março de 1999, dava ganho de causa à banda de Minas Gerais. A decisão de segundo grau toma como base os mesmos fundamentos que levaram à conclusão do juízo singular, já que nem a banda brasileira nem o grupo mineiro possuem registro junto ao órgão oficial de direito de marcas, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI.

Num trecho da sentença, o magistrado diz que *enquanto os autores se dedicavam à introversão, os réus reuniram suas habilidades musicais em uma banda que se desenvolveu e ganhou admiradores em todo o mundo, segundo prova dos autos.*

- “Após o ano 2000, as únicas pessoas que será seguro ter como amigas serão pessoas mortas.” (Hunter S. Thompson †)
- “Em 2000, passei a sair na rua com um carrinho de supermercado pedindo discos por todo o Guará 1 e 2. Na primeira rua que eu *baixei*, já inventei o *Museu da Música*, que antes era o *Museu do Vinil*.” (Ricardo “Retz”)
- Waly Salomão lança *Tarifa de Embarque*.
- O álbum *Tecnicolor*, d’Os Mutantes, gravado em inglês na França, em 1970, é lançado finalmente.
- A Detrito Federal, com força total e carregada de energia e atitudes punks, volta a ser fiel a sua verdadeira ideologia. Na atual formação – que possui metade da original –, estão Alex “Podrão”, nos vocais; Bosco, na guitarra; Bill, no baixo; e Galego, na bateria.
- Patrulha do Espaço lança o *CD Dossiê Vol. 4 – 1992/2000*.
- Os legionários Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, os Paralamas do Sucesso e a Plebe Rude serão agraciados com o título de cidadãos honorários de Brasília. A principal exigência da *Câmara Legislativa* é com a idoneidade dos homenageados. Lembre-se de que o cidadão Edson Arantes do Nascimento não recebeu o prêmio naquela casa por não reconhecer a paternidade a uma de suas filhas.
- Abhorrent em circulação nacional. A banda de thrash, que acabou de lançar o seu segundo *CD Caution Strong Irritant* mês passado, esteve nas bancas em três publicações: Rock Brigade, Valhalla e Road Crew. O material fotográfico já está atualizado, e mais uma vez a banda procura baterista, que more em Brasília. Boa sorte, aos interessados.
- Paulo Iolovitch transforma a ilustração *2001* num cartão de Boas Festas para ser distribuído aos amigos.

JAGUAR(IBE): HORA DA ONÇA BEBER

"Borjalo sugeriu tirar o nome e o ibe do sobrenome (Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe). Foi um rio que não passou na minha vida. Tenho nome de onça mas não mordo ninguém, exceto a pedidos."

(Jaguar)



Charge: Kléber Marques

Jaguar festeja o seu aniversário na data possível: nasceu num 29 de fevereiro, dia que só tem em ano bissexto, quer dizer, de seis em seis anos.

Em fevereiro, Jaguar, vestido com o fardão da ABL, jogou ovos numa balaustrada: "Eu estou a atirar ovos na escadaria da *Casa de Machado de Assis* devido à posse recente de Roberto Campos na cadeira de Dias Gomes; faço um protesto solitário

contra tal indivíduo." E confidenciou que estava tremendo...!

No *Conic*, ao encontrar um fio de cabelo na fatia da pizza, Jaguar perdeu o apetite, e o humor. Foi uma das poucas vezes que o vi assim. Porém, no dia seguinte, ao ganhar uma caricatura estampada com ele retirando o fio de uma pizza petista, o seu humor regressava às feições enigmáticas por detrás dos óculos.

O olhar penetrante, argumentação concisa, mordaz, beberão e mulhereço, estaria exagerando nesse personagem *tipo* Zé do Boné?

Capaz de passar mais de duas horas autografando cada livro com uma dedicatória diferente, e rapidamente esboçar caricaturas de si mesmo, na sua elegância e ritmo, um imbatível campeão de levantamento de copo: "Meu grande amigo, o genial Oscar Niemeyer (†), só falhou numa coisa: não incluiu um boteco no Plano Piloto de Brasília." A frase pertence ao tempo duro da ditadura, quando o cartunista do Pasquim vinha liberar seus escritos. Nessa nova estadia, ele começou a apreciar os recantos etílicos da cidade. Ao seu redor, os sátiros, os gozadores, os agitadores, a camarilha reduzida do desfalcado *Pacotão*. Estar com Jaguar era compor uma constelação de talentos, cartunistas, livreiros, bicheiros, jornalistas, intelectuais, garçons bons de bola, de violão e copo. Eu focava aquela redação itinerante: desce Steinhagens, Underbergs e 20 chopos diários...

Jaguar, ex-desafeto do Glauber

Colei em Jaguar e tasquei: "Você pediu ou não a cabeça do Glauber Rocha ao Correio Braziliense?"

"Como eu poderia pedir a cabeça do Glauber, se eu nem tinha o número do telefone do jornal?" "O Pasquim não brigou com Glauber, muito pelo contrário, vetei um artigo em que ele dizia que Geisel era o maior estadista dos tempos modernos." "Telefonou dizendo que ia me dar um tiro."

Anotou na dedicatória do meu exemplar do seu *Confesso que bebi*, lançado na oportunidade, o seu telefone no RJ (021)... E me cobrava: "Quando sairão os escritos sobre o Glauber?"

Corajoso, medroso, cauteloso ou sábio?

Diante da diplomática e por que não sincera declaração, baixei a guarda.

Ainda contou que aquela não fora a primeira ou a última ameaça de Glauber ao cartunista. Ele era avisado pelos amigos: “Aquela mulata é mulher do Glauber, cuidado!” E Jaguar continuava o flerte, apenas mudando de lado, nas ruas de Ipanema, quando via o cinemanovista.

Arrematou: “A mãe do Glauber é uma velhinha muito corajosa. Estávamos juntos no último carnaval, desfilando da altura de seis metros num carro alegórico. O carro tremia todo.”

E na dedicatória do meu exemplar, para minha surpresa e alegria, ele encerrou qualquer pendenga: “Para Mário Pazcheco, abraço do ex-desafeto do Glauber.” (Jaguar, 27 nov. / 2001)

Nas três temporadas que passou em Brasília, o atencioso boêmio cartunista lançou três livros. O primeiro, *Confesso que bebi*, em novembro de 2001. O segundo, *O catecismo da cerveja*, em novembro de 2004 – nesse ano, em protesto contra o ex-governador Garotinho, Jaguar e outros ilustres boêmios entraram em campanha para rebatizar o chope pequeno. E o terceiro, *O Pasquim antologia volume I 1969/1971*, autografado no *Monumental*, em 26 de julho de 2006. Em meados de 2002, depois de viver onze meses em Brasília, o jornalista voltou ao Rio de Janeiro, enquanto se convalescia de uma temporada hospitalar.

“O novo morador de Brasília já chegou botando *bronca*. Fez alguns testes nos nossos botecos, já está participando do *Dás Kapital* e sendo disputado a tapas pelos jornais da capital. Encontros com políticos, só depois das *CPIs* ”...Assim foi saudado o regresso de Jaguar à capital pelo não menos lendário e saudoso jornalista Wanderley Lopes (†) em novembro de 2004.

Nesse novembro, Jaguar foi reportagem de capa da revista Brasília em Dia. Na entrevista *Eu bebo sim*, Marcone Formiga transbordou o lado político estilizando os porres de Jaguar na companhia de políticos. Ótimo material de pesquisa para quem anda *sóbrio*.

21 fevereiro • Sylvio Edgard: um Elton Maníaco

Chegar perto do ídolo é o maior desejo de qualquer fã. Imagine bater um papo, trocar presentes, e ainda escutá-lo agradecer, no meio do show, a sua humilde presença. Parece sonho, mas foi uma realidade na vida de Sylvio Edgard, um maníaco por Elton John. No sábado ele esteve em Las Vegas e assistiu – como convidado especial da Universal Music – ao show *Face to face* do popstar.

“Foi uma grande emoção. A gente idealiza demais, mas na verdade ele é uma pessoa normal. E muito simpático.” (Sylvio Edgard)

A admiração por Elton John começou em 1973, quando Sylvio ganhou o primeiro *LP* do astro inglês. De lá pra cá, a sua coleção já soma 6 mil itens. Uma das curiosidades são as caixinhas de camisinha da fundação contra a Aids criada pelo cantor.

3 março • Após um domingo de blues, a balada do duo ALÉM encerrou, com a baixa do boêmio errante, por falência múltipla dos órgãos. Agora, para a tristeza daqueles passantes, que se atraíam pela sua guitarra, Cécé ouve a música das esferas.

23 mar. • Sessão solene da *Câmara Legislativa do Distrito Federal* outorga o título “post-mortem” a Renato Russo.

7 julho • Registro a passagem da banda Mopho pelo *Porão do Rock 2001*. Anos depois, alguns fãs alagoanos da banda lançaram o show em *DVD*. O trabalho, sem edição, foi aclamado pela Comunidade de fãs do grupo no *Orkut*.

Soneto 542 Indeletado

Glauco Mattoso

Oi, cego trouxa! Vi você na net!
Até me imaginei na sua frente,
você se ajoelhando, obediente,
a boca adivinhando o que se mete...
Não tem pudor “correto” que me afete!
Problema seu se está cego e se sente
por baixo! Agora chupe, engula e aguente!
Na sola sinta o gosto do chiclete!
Primeiro, eu vou mijar. Você no chão
se agacha, molha a cara e bebe o resto.
Depois, usando a língua em vez da mão,
balança a chapeleta. Acha isso honesto?
Se não achar, maior o meu tesão!
Você se presta a isso? Então me presto!

Soneto 543 Reenviado

Glauco Mattoso

Alô, ceguinho otário! Já acessei
seu site e dei risada de você!
Achei bem feito, sendo seu buquê
chulé de macho, mesmo sem ser gay...
Piada ou sério, até me imaginei
folgado, comandando: “Abaixa aê!”;
você, de quatro, apalpa e diz: “Cadê?”,
seguindo meu pisante e minha lei!
Quem manda estar sem vista? Agora tira
meu tênis com a boca e sente o drama!
Da meia você chupa o que transpira!
Nos dedos você lambe o vão e mama;
na sola esfrega a língua até que fira!
E é só começo! O resto a gente trama!

[Texto publicado na revista virtual,
na Coluna *Pô do Mano Podômano*, 2002]

Um abraço nos tornozelos de Glauco Matosso

O libertino marginal poeta-ensaísta-produtor Glauco Mattoso caiu nas minhas mãos num verdadeiro opúsculo – *O que é poesia marginal*. (Coleção Primeiros Passos – Ed. Brasiliense).

O ano de 1981 estava no começo, e a nova língua poética da vã guarda paulista aflorava nas bocas de Glauco Mattoso, Arrigo Barnabé, e do recém-saudoso Itamar Assumpção (1949/2003).

Em 1986, Glauco Mattoso teve o texto *Massagem Linguopedal* publicado na revista Bric-a-Brac. Em setembro de 1988, eu recebi dele a revista Rockabillyrics, com uma dedicatória digna de um tarado: “Abraços marcianos do também kinkmaníaco Glauco”; e passei a seguir as suas pegadas com a lente de contato do Sherlock Holmes.

Após uma releitura de *Massagem Linguopedal*, abandonei a vetusta necrofilia inóspita do meu site, os preconceitos, e entrei em contato com Glauco (Pedro José Ferreira da Silva), que está cego e ativo. Solicitei a sua colaboração, que para a felicidade do *viajante* prontamente foi atendida.

Depois daquele texto, Glauco Mattoso publicou uma dezena de novos trabalhos, talvez mais aproveitáveis. Nos livros mais atuais *Centopeia*, *Paulisseia Ilhada* e *Panaceia*, os seus temas permanecem os mesmos, umedecidos pela língua lambedora de crueldades, qualidade insuspeita típica de “quem não enxerga”.

Momentaneamente experimento cinquenta versos ao quadrado de Glauco Mattoso. Além dos textos e sonetos, dos seus três sites pessoais.

CD ‘Meloopia’ – sonetos musicados – Vários – ‘Rotten Records’

Faixas – 1. Tato Fischer, “Tropicalista” / 2. Inocentes, “Preguicista” / 3. Arnaldo Antunes, “Confessional” / 4. Humberto Gessinger, “Revista” / 5. DJ Krâneo, “Utópico” / 6. Edvaldo Santana, “Bélico” / 7. Guedes & Stefani “Pacifista” / 8. Elefunk, “Virtual” [versão demo] / 9. Wander Wildner, “Ensaístico” / 10. DJ Krâneo, “Utópico”[fragmento] / 11. 365, “Deserdado / 12. Ayrton Mugnaini, “Flatulento” / 13. Billy Brothers, “Escatológico” / 14. Devotos, “Dercy Gonçalves” [versão demo] / 15. DJ Krâneo, “Inescrupuloso” [fragmento] / 16. Falcão & Eriberto Leão, “Precípua” / 17. Elefunk, “Virtual” [versão memo] / 18. Alexandre Nero, “Manifesto obsoneto” / 19. Laranja Mecânica, “Confessional” / 20. DJ Krâneo, “Inescrupuloso” [fragmento] / 21. Madan, “Ao maior” / 22. Itamar Assumpção & Renata Mattar, “Amélia & Emília” / 23. Cláudia Wonder & Edson Cordeiro, “Virtual”.

– Esqueci alguém?

Na capa: a transposição da grande família tropicalista. O desenho diatônico de Lourenço Mutarelli insinua que o penico inclina a meloopia. Enquanto a Máfia escolta o cast stelar udigrudi.

Meloopia besunta o grito cego não açodado com miniaturas que suturam marchas nupciais de um carnaval glaucomautense. O puxador desta tradição é Tato Fischer.

Punk Oi! Rock em música e, lógico, o skatológico rock brasileiro completam a lambedura emaranhada deste *CD* que re-anuncia os ecos da Semana de 22 em sonetos multimídia do poeta Glauco Mattoso, que também nos lembra que a Tropicália foi uma recordação – há quanto tempo jazz be true.

Existem outras produções de nível em coletâneas similares, o que é raro, e cujo objetivo aqui é o sucessório. Pelo gosto pessoal do ouvido destaco os trabalhos de Edvaldo Santana, “Bélico”, e Ayrton Mugnaini, “Flatulento”, que nos remetem ao instantâneo sem pose. Humberto Gessinger, “Revista” / Wander Wildner, “Ensaístico”, assinam de maneira indelével/ indeletável suas participações. DJ Krâneo transforma os fragmentos – “Utópico” / “Inescrupuloso” em apocalipse.

“Cagando estava a dama mais formosa...” é um verso dedicado à dama de Bocage, que abre o hilariante e avacalhado rock’n’roll dos Billy Brothers, em cujo discurso proferido na música não é difícil identificar o político, pois o alvo gira em torno das efígies de JQuadros e PMaluf (por favor! Não processe!).

Arnaldo Antunes e Laranja Mecânica fazem uma dupla reinvenção/interpretação, a prece de Arnaldo Antunes é autoral, identificável, carregada de seriedade, e a segunda versão mostra que uma boa guitarra gravada pode ser a distância/diferença.

Aliados do discurso e do reduto urbano, os Inocentes / 365 / Devotos, com seus curtos riffs oi! de guitarra são evocados em outros compartimentos/compactuações. O *CD* encerra no contraponto das duas duplas Itamar Assumpção e Renata Mattar e Cláudia Wonder & Edson Cordeiro exemplificando a tal atemporalidade da modernidade.

Não falo do trabalho de Guedes & Stefani / Elefunk / Falcão & Eriberto Leão / Alexandre Nero e Madan por esquecimento, é que você precisa ouvir o *Meloopia* como um trabalho total, que deu um prazer linguopedal aos produtores.

“Enquanto alguém padece, outros festejam.” Cito este verso, que me transporta à primeira terça-feira do mês de julho. Minha Ruby Tuesday começou às 7 h, com um cadáver de meia idade na faixa de pedestres. Eu transportava a minha filha, que tinha prova de português nesse dia. Lá pela *QE 24*, tive vontade de abrir o vidro e gritar “assassino!”. Na volta, pela outra faixa, vi o crânio esfacelado de José Teotônio Nascimento, e instintivamente sabia que havia algo errado.

Num acompanhamento sonoro para uma missa dos cônegos, passei o resto daquela manhã ouvindo *Melopeia*. O *Atropelado* não me saía da cabeça. Na hora do jornal do meio-dia, veio a informação de que a vítima usava um crachá de deficiente visual. Outra estranha ligação.

29 novembro • George “Rock” Harrison livre do Mundo Material

“Então Harrison costumava ficar entre John e Paul, tocando, com certa economia, a sua guitarra. Procurava, propositadamente, sempre o fundo do palco, e se exibia discretamente... ensaiando vez por outra uns passos de dança. Algumas vezes, também se aproximava do microfone para cantar em dueto com Paul. George vinha do fundo do palco, encostava o rosto no de Paul e os dois cantavam juntos, com uma súbita alegria. O truque tinha grande efeito e a plateia rompia sempre em gritos e aplausos. Depois disso, porém, George voltava a se recolher ao fundo do palco, tocando discretamente a sua guitarra.” (Rock Espetacular, vol. I, 1976)

“Ele mesclou Os Beatles com o som oriental. Sufocado por Lennon & McCartney durante muito tempo, quando Os Beatles se separaram, George Harrison se encontrou através do Oriente, dos cânticos a Krishna e do som de Ravi Shankar (†).

Então, com um terno impecavelmente branco, explodiu no *Concerto Para Bangladesh*, e não parou mais.” (Gênios do Rock nº 11 – Introdução de Márcia Mattos)

George Harrison é o único beatle a vir de uma família sem grandes problemas. Nasceu a 25 de fevereiro de 1943, em Arnold Grove 12, Liverpool. Filho de Harold e Louise Harrison. Ele é o mais jovem dos ex-Beatles.

George é um típico pisciano, com uma posição séria com relação às coisas sérias.

As coisas terrenas, cotidianas, geralmente fazem George rir. George não consegue levar o cotidiano muito a sério. Era assim n’Os Beatles...

Antes de seus dias transcendentais, George era em primeiro lugar um guitarrista excepcional, que criou solos inovadores com influências do rock, jazz, country, e finalmente da música clássica indiana. De onde ele conseguia tirar tanto material novo? Ele foi um dos introdutores da cítara em gravações, e mostrou que a guitarra era capaz de solar durante toda a música, e não apenas no meio e fim das canções, como era hábito.

Durante a excursão d’Os Beatles pela Índia, com o Maharishi Mahesh Yogi, John, Paul e Ringo pensavam que iam a algum lugar santo para rezar, mas quando viram que não era bem o que esperavam se desiludiram com o Maharishi, e caíram fora.

George Harrison com a meditação abriu a mente para os pensamentos bonitos, assim conseguiu a autorrealização sem as drogas. E seguiu por toda a vida, principalmente na música, uma filosofia que lhe dava a paz interior.

No início de 1979, George Harrison nos visitou, e fazia questão de passar despercebido, mas quando a notícia foi confirmada a sua legião de fãs saiu em seu encalço. Os fãs o beijavam e lhe pediam autógrafos.

A última penitência no Mundo Material

George Harrison foi forçado a autografar uma guitarra, pouco antes de morrer, quando estava numa clínica em Los Angeles.

29 dezembro • Cássia Eller na 'Casa dos Artistas'

Gilson Caroni Filho*

Quatro linhas e um funeral

Às 19h05, morria Cássia Eller. Dez minutos depois, corpo ainda quente, a maioria das edições on-line dos grandes jornais e a página de um grande portal ofereciam a seus leitores-usuários discografia, vídeos e biografia da cantora e compositora. Trinta e nove anos e uma trajetória musical eram redutíveis a um número ligeiramente superior de linhas.

Mais uma lição sobre a lógica da sociedade contemporânea e a dinâmica de suas mídias. A vida quando transformada em notícia nada mais é que um mosaico sem sentido. Fragmentada, diluída numa sucessão simplória de factuais, a informação, se não desborda em análise dos seus elementos constitutivos, é tão indesejada quanto a ausência dela.

Há muito, observamos a banalização da vida na sociedade espetacular: política, sexo, economia, arte e história se tornaram os apêndices de uma grande revista semanal de entretenimento. Devem ser assimilados, metabolizados e secretados pela consciência desmemoriada. Só assim retornam como show. Nada constitui novidade. Desde Debord e dos teóricos de Frankfurt, tais temas têm sido repisados. O dado novo é o fim da morte. Não como constatação óbvia de que começamos a morrer quando nascemos, ou, numa apreensão dialética de que a vida traz em si o embrião da sua negação. O que o circo midiático nos oferece é a morte como fato diverso. Com a possibilidade de reapresentá-la múltiplas vezes e celebrá-la como águas passadas numa retrospectiva de final de ano.

Nesse marco, gostaríamos de propor uma inflexão. No esvaziamento vital imposto pelas necessidades de mercado, perdeu sentido falar em biografias. Essas requerem pesquisa metódica, um certo cuidado com o tempo narrado, e o diapasão entre vida e obra do biografado.

Atrapalhando os fogos

O que assistimos é algo muito mais assustador do que imagina o observador de aparências. A necessidade de renovação não obedece a um ciclo biológico e/ou histórico. Início, meio e fim são ditados pelo valor de troca. O mercado detesta os longevos, que teimam em contrariar a obsolescência programada. É como se dissessem aos que brilham na ribalta: "Por favor, façam seus shows e morram em seguida. Morram, morram."

O político bem-sucedido e sua primeira eleição. O cantor e seu primeiro sucesso.

O artista e seu primeiro papel. O que esses, entre muitos, têm em comum? Assim que ascendem, escrevem a primeira linha do obituário que a mídia freneticamente solicita. Deixarão para a posteridade não uma obra, mas um suplemento especial ou uma nota de pé de página. Nunca a transcendência esteve em patamar assim tão rasteiro. Esse é o preço do picadeiro. A sua velocidade oculta o grande vazio da imediatez. Estar "em tempo real" é se equilibrar em algum ponto de fuga da história concreta.

O homem comum, lendo essas linhas, deve se sentir a salvo da cultura que a nada poupa? Poderá dizer que, à ausência de projeção, restou-lhe uma sobrevida tranquila? Talvez, caro leitor, mas não se anime! Sem a legitimação espetacular, quem a não ser a sua mãe, essa fonte muito pouco confiável, pode lhe assegurar que você nasceu?

Se os fãs mais ardorosos da roqueira acham que a mídia lhe foi parcimoniosa no "réquiem dos especiais", lembremos que o acaso ignorou a grade de programação. Ao ter uma parada cardíaca a dois dias do réveillon, Cássia Eller morreu na contramão atrapalhando os fogos. Que, convenhamos, eram a próxima atração.

(*) Professor de Sociologia da Comunicação das Faculdades Integradas Hélio Alonso, Rio de Janeiro

CD Udiyana Bandha: vibração das esferas

Faixas – 1. “Lágrimas de Galadriel” / 2. “Harmonia” / 3. “Voo do Vale” / 4. “Terra à vista” / 5. “Elo singelo” / 6. “Colheita dos girassóis” / 7. “Cabeceiras sagradas” / 8. “Do Sol / Linda divindade” / 9. “Orla celeste” / 10. “Avatar” / 11. “Purvata” / 12. “Ilumina” / 13. “Ascensão” / 14. “Canto de união”

CD Brasil Matutu nivela nossa aspiração e produção ao infinito

Leal Carvalho, voz, violão, efeitos; Marcelo Bernardes, voz, flautas, clarinete, sax e arranjos; Cláudio Vinícius, voz, violão e rabeca; Guilherme Mendonça, voz, tambura, tablas, percussão e efeitos; Thomas Brokaw, voz, violão, sitar, baixo, guitarra, sinos, pote e arranjos; Chandra Lacombe, voz, tablas, dearbak, kalimba e percussão.

“Eu ligado em natureza, a natureza me convém; o que ela me transmite é o que de melhor existe: amar é querer bem.” (Alfredo Gregório)

Guerreiros sacerdotes do culto à deusa Athena, munidos de suas marimbas, flautas e peles de leopardo, Udiyana Bandha canaliza todas as energias do planeta para soar como o cristal azul que envolve o planeta.

Seu límpido som desce dos céus como a água que brota do grotão das cachoeiras. É um ciclo acima do hertz, para ouvir os menores movimentos.

“Lágrimas de Galadriel”, a faixa de abertura, é uma síntese, que pode homogeneizar a ideia de o trabalho ser uma world song, e é isso mesmo o transe do fluir chegando à “Harmonia”, com o seu dedilhado remetendo à “As tears go by”, da velha e boa Rolling Stones. Mas o canto é de força.

A panorâmica se estende ao “Voo do Vale”, e suas melodias são embutidas de reminiscências de estilos musicais, variando do ragtime à canção folclórica liverpuliana, com arranjos regionais.

Os vocais

Destacam-se pela harmonia e unidade do espírito. Elo singelo, são a união do Ocidente com o Oriente no sitar.

Música de consciência

“Cabeceiras sagradas” remetem ao saudoso Marco Antônio Araújo, e a toda a elegância ausente, solta num galope inacabado.

Os movimentos eólicos e tectônicos na parte final do *CD* conduzem à levitação e à sensação de abandonar o planeta. O sussurro substitui o tormento pela sagração.

A Udiyana Bandha, que rodou pela *Eco 92-Rio* e pelos territórios da Europa e da América, poderia mais vezes desfilar o seu repertório em Brasília. No aniversário de 20 anos da banda, s somos nós, com este *Brasil Matutu*, cuja produção impecável nivela a nossa aspiração e a produção ao infinito.

2002

NÃO LONGE DO VERDADEIRO BLUES INGLÊS: CINCO PERGUNTAS PARA CARLO LITTLE

Fevereiro • O álbum *Screaming Lord Sutch and his Heavy Friends*, originalmente de 1970, foi relançado 15 anos depois na Inglaterra, com outro nome, *Smoke On Fire* – master edition – *The Magnum music* Group. Na capa desta reedição, retiraram a foto de Lord Sutch e destacaram os nomes de Jimmy Page, Jeff Beck, John Bonham, Noel Redding (†) e Nicky Hopkins. Na contracapa, surgia o nome de um baterista desconhecido para mim, Carlo Little.

Em 1960, Dave Sutch, vocais; Bernie Watson, guitarra; Rick Brown, contrabaixo; e Carlo Little (†), bateria formaram o Screaming Lord Sutch and The Savages. Além de cantor, Lord Sutch foi um popular disc-jóquei, que de sua rádio pirata lançava os mais recentes singles da Swinging London.

O que você lembra da gravação da faixa “Gutty Guitar”, do álbum ‘Heavy Friends’, com a participação de Jeff Beck na guitarra?

Carlo Little – “Gutty Guitar” foi gravada como parte de uma sessão de três horas.

Tudo ao vivo.

Neste álbum, os vocais de Lord Sutch também são ao vivo?

– Yeah! Dave Sutch gravou todos os vocais ao vivo. Naqueles dias, não existiam overdubs.

Nota: Categoricamente: Carlo Little desmente a versão de biógrafos da Led Zeppelin de que os vocais de Lord Sutch foram acrescentados depois do instrumental.

Ainda sente muito a falta de Lord Sutch?

– Nós todos sentimos enormemente a morte de nosso amigo Screaming Lord Sutch. A cada aniversário da sua morte, nós fazemos uma turnê para lembrar a personalidade engraçada que ele tinha. Nós nunca o esqueceremos.

Um testemunho a respeito de Cyril Davies, Alexis Korner, Nicky Hopkins e Graham Bond.

– Cyril Davies era o melhor gaitista da Inglaterra naquele tempo, assim como Nicky Hopkins era o melhor pianista. Se você conseguir ouvir a gravação de “Country Line Special”, por Cyril Davies and his All Stars, gravada em 1963, um ano antes de você nascer, entenderá porque esta gravação inspirou uma hóstia de músicos, que ficariam famosos mais tarde. Alexis Korner e Cyril Davies foram os primeiros músicos brancos de blues elétrico na Inglaterra. Eu realmente não conheci Alexis muito bem. Eu amava Graham Bond e o vi tocando no *Clube Klooks Kleek* umas poucas vezes. Existia uma pequena disputa entre a Blues Incorporated e a Graham Bond Organisation.

Você conheceu Os Beatles? Comprava discos de Brian Jones?

– Eu nunca conheci Os Beatles, eles não tocavam o meu tipo de música. Yeah! Eu comprei um *LP* de Johnny Cash de Brian Jones.

Buddy Rich e Gene Krupa são os bateristas que Carlo Little admira. Ele nunca tocou no *Klooks Kleek* em Londres e nem na América. Suas canções preferidas são: “Honkey Tonk” de Bill Dogget e “Blue Feeling” de Chuck Berry. De vez em quando ele ainda ouve os seus discos, e, se você quiser saber mais novidades da Carlo

Little and his All Stars, acesse a homepage: carlolittle.com/



11 maio • Sérgio Dias: barato de fumo lembrado

Dois. Na estrada ninguém melhor do que frentista para apontar os caminhos.

Três... Não tente passar pelo segurança, pegar autógrafo não cola.

Quatro... Se você não receber a pulseira de acesso, é bom ter um Anjo da Guarda, pois eles não te deixarão em paz.

Brasília a Goiânia, 200 km de estrada, com cachorros atropelados, esqueletos de carros nos acostamentos e garotas feias pedindo carona. Três horas, com a velocidade média de 100 km. Faz calor, e rola Hendrix, um dia de serviço matado.

Vimos essas estradas e seus vales verdes, e vacas e vagas vertiginosas. Curitiba, Marília, Pedro Leopoldo, Itumbiara, Porto Alegre. Gente agachada esperando...

"Cada volta há um recomeço", e em outra placa: "Na loucura da vida tudo é normal." Pé e pó da estrada, o quarto de ácido é 25 pilas. RC em ritmo de aventura?

– Não!

– Sérgio Dias no *Bananada 2002*!

Passagem de som é Oficina de Música

Goiânia 18h. Direto ao *Espaço Cultural Martim Cererê*. Porta de madeira violada, Sérgio Dias conversa com Feijão ao lado da mesa de som. Combina camisa azul turquesa com jeans e tênis claros e desbotados. No palco, Sérgio Dias não está só.

The Jets, a sua banda de apoio, é jovem, engraçada e corajosa. Segurando a guitarra Fender bicolor nas mãos, ele tira a palheta branca da boca, igual a um cubo de açúcar debaixo da língua, e se afunda no trabalho para evitar, ou cobrir possíveis, falhas. Sem escolta, a *guitarra de ouro* não veio. As suas novas canções não são mais extravagantes, pois têm início, meio e fim. Ele me lembra Brian Wilson e George Harrison, e também tem várias semelhanças com Arnaldo.

"Está distorcendo! O jetbox tem de eliminar!"

"Onde está o perigo? Foi a Lurdinha quem desligou o P.A.?"

"Bom menino. Depois da orquestra você abaixa o volume do teclado."

"Desculpa-me estar falando com ele."

“Do mesmo ponto 2, 3 e 4. Vamos ver o que acontece...”

“4ever!” Ele ensina a pegada de uma linha de baixo e nada adianta, ainda passa pelo teclado: “Você esqueceu de abaixar o volume.”

“Agora, todos fora do palco...”

Your guitar still gently weeps

Teatro circular pequeno e apinhado de gente. O início do show é de tirar o ar dos pulmões: “Cidadão da Terra”, “Rock’n’Roll city” e “Beijo exagerado”. Sérgio Dias espertamente comanda a onda, conhece a catarse e todos se banham na luz laranja da sua guitarra. Ele nem apresenta os membros da banda. Desde o início, um bêbado insiste por “Posso perder minha mulher...”.

Sérgio pede que arrumem um cigarro para ele. O público fiel grita novamente “Rock’n’Roll city”. Ele quer se livrar da sessão arqueológica, da fossilização, mas não há como fugir. Embarcam nas canções pragmáticas de seu novo álbum *Estação da luz*, e o som miraculosamente melhora. As duas backing vocals curtem a sua guitarra. Felizmente para elas não há letras em inglês. Mas elas passaram no teste do coro em – Foreeehver.

Seu toque de guitarra é minucioso em “Filho do silêncio”, uma canção de protesto, e nas duas canções seguintes, “São Paulo” e “Araras”, as melodias remetem a algum herói da guitarra: quem está tocando é Sérgio Dias. Seu canto-discurso com a coluna inclinada em “Escravo da revolução” é um velho ardil dos cantores de work songs.

“La Femme Lourdina” e “Anjos do Sul” certamente farão parte das lembranças de um dos melhores shows de nossa vida.

O encerramento de Sérgio é o mesmo que Rita Lee e Arnaldo Baptista apresentam em seus shows. Depois de 33 anos de flutuação, “Ando meio desligado” finalmente se tornou um clássico popular, com a versão do Patofu...

Sérgio Dias atende intuitivamente aos pedidos das meninas da borda do palco.

Na “Balada do Louco” ele parte para a jam session, alongando os solos e mostrando a língua de satisfação. The Jets podem até reclamar da qualidade do som, mas a performance da banda é baixa. Onde é que estão os arranjos originais? No palco, sem a sua guitarra, a banda se perderia, por isso ninguém diverge da direção musical de Sérgio Dias. É um show sem intervenções.

Vídeos não capturam a energia e a vibração da apresentação. Sérgio Dias sai satisfeito. He can’t get no satisfaction! Aqueles que perderam a passagem de som podem até dizer que foi burocrático. Ao fundo, músicos da Lusbell, Autoramas, Máquina do Tempo, Juca Sequela e Terno Elétrico espreitam uma oportunidade de subir e tocar com o seu ídolo.

A menina sardenta levantaria a placa de estaille para Sérgio? Arnô, o gato sorridente de Clarisse, abanaria o rabo? Não há mais solo pirotécnico de Keith Emerson (†). Estamos no séc. 21, nada virtuoso ou valvulado, só tecnologia, e a bateria que quase não me deixa ouvir a guitarra.

7 dezembro • No CCBB-Brasília, eu estava acompanhado por Paulo Iolovitch e fui rechaçado em duas tentativas de conseguir um autógrafo. Paulo Iolovitch pegou o catálogo *Athos Bulcão* e, fazendo uma medida civilizada, curvando-se levemente diante do pintor, desenhista:

– Grande Athos! Athos Bulcão!

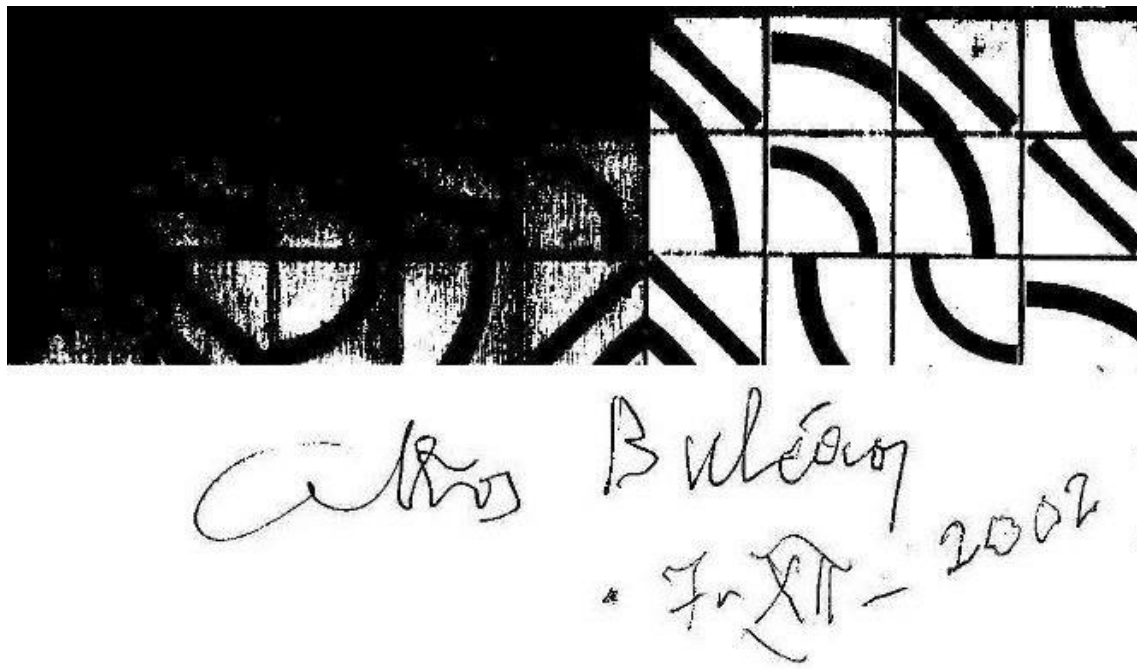
O anfitrião respondeu:

– Quem é você?

– Eu sou o Mário! - a tentativa do Iolovitch era a de conseguir uma dedicatória com meu nome.

Athos Bulcão, num gesto de extrema gentileza, retirou a caneta do bolso da sua camisa e tentou deslizá-la sobre o papel. Debalde. Na primeira tentativa, na capa, não conseguiu riscar nada. Obstinou-se. Abriu o calhamaço e, subitamente, encerrou o ato e o pasmoso burburinho da pequena aglomeração.

Athos Bulcão era uma criança cândida!



CD 'Talebush' (o nome seria... 'Tropicinalha')

Faixas – 1. "Cid sings" / 2. "Compre no Natal" / 3. "X ou Y" / 4. "Economísticos" / 5. "Vozes cotidianas" / 6. "Ombros Armas" / 7. "Andrade Glover" / 8. "2001 AD (A escória se repete)" / 9. "Passaporte vermelho" / 10. "O futuro em suas mãos"

Final de 2002

Vernon Walters foi o general conspirador utilizado pela *CIA* no *Golpe de 64*.

Derrubado Jango, o facínora queria derrubar uma bomba atômica em Cuba.

O James Bond americano ainda viveu para presenciar o 11 de setembro.

No início dos 90s, no Rio Grande do Sul, Vernon Walters ressurgiu bizarramente, como uma banda punk. com uma retórica diametralmente contrária ao imperialismo. Do Sul, o guitarrista Phillipus Bombastus embarcou para Brasília o ativismo da Vernon Walters. Depois de uma década da sua estreia, nos presenteia com *Talebush*, o seu primeiro *CD* exclusivo. Oportunamente, esse parto ocorre em ano eleitoral, e nos permite inventariar as nossas posições. Originalmente o nome do álbum era *Tropicinalha*, e mudou para *Talebush*. Da sua audição, um calafrio percorreu o meu escroto, e me perturbou:

– Sou um pulha?

Vernon Walters deixou de subliminar o denunciismo e partiu para a ruptura, o que me lembra o álbum ativista de John Lennon *Sometime In New York City*. Se a capa desse álbum saísse hoje, traria manchetes sobre destruição em massa, armas químicas e biológicas, artefatos nucleares e guerra nas estrelas. *Talebush* traz um postal nada agradável do Brasil e serve como trilha amadurecida do 11 de setembro. *Talebush* consegue lembrar que agora mesmo Bush prepara o ataque contra o Iraque, seu antigo aliado.

O conjunto das dez faixas produz um éthos que marca os ouvintes.

O guitarrista Phillipus Bombastus habilmente utiliza as escalas modais gregas em seus solos, enquanto a guitarra base de Robson Martinez é aliada do discurso e da porrada, fundamentando inserções que mantêm o pique bate-estacas da cozinha formada por Ricardo Gonzales, contrabaixo, e Augusto Morales, tambores. Paulatinamente, a Vernon Walters avança musicalmente.

A vinheta de abertura “Cid sings” revela a conexão entre a ditadura e a *Rede Globo*. As três faixas seguintes “Compre no Natal” / “X ou Y” / “Vozes cotidianas” formam uma trilogia cambial, o crack da bolsa, os transgênicos gerando uma massa falida. O homem na sarjeta poderia ser qualquer um. Impressionante. Na faixa seguinte, “Ombro armas”, eles utilizam o modo jônico das marchas militares para esse desabafo hilário. Em “Andrade Glover”, um anagrama, resgatam as flores de Geraldo Vandré, e não há como deixar de mencionar o talibã-americano John Walker, que também foi pro pau de arara. “Passaporte vermelho” explora a exclusão social. A clássica “O futuro em suas mãos” encerra o álbum, mostrando a nossa propensão à miséria, à falência do caráter – o carro da madame é blindado?

O verso métrico de *Talebush* aborda as dimensões da realidade emoldurada no som punk conciso-grave cibernético-melódico – rock’n’roll insubordinado contra todas as tentativas de cerceamento das formas de expressão. E o melhor: urgente é identificar que nasceu clássico, independente ainda de contratos com os responsáveis pelo miserê.

DROP ACID NOT BOMBS! MAKE LOVE NOT WAR

- Máquina do Tempo lança *Música para dias de sol* em selo da *Baratos Afins*

16 abril • Compareci a essa festa-show, no Lago Norte, no *Café Arena*, onde encontrei Joelzinho de Oliveira solto na noite, que me pergunta: “Que *CD* é aquele com as participações de Arnaldo Baptista e Lanny Gordin?”

Nessa noite, Felipe “DJ” foi o responsável pelo som da casa, que curtimos até de manhã.

A origem dopropriobolso.com.br'

Filosofice: o passado sobrevoa a sua presa

Maio • Na década de 90, passei a pensar na transferência dos arquivos em disquete para a internet. Os disquetes continham backups da produção cultural-fotocopiada, começada em 1982. Fanzines, livros e informações da própria internet e imagens dos eternos ícones que compõem a galeria psicodélica.

Os dois volumes esgotados da Revista Psicodélica foram transformados no site *Do Próprio Bol\$*o, e posteriormente no *CD-ROM Enciclopédia Contraculturalista Do Próprio Bol\$*o, 2007.

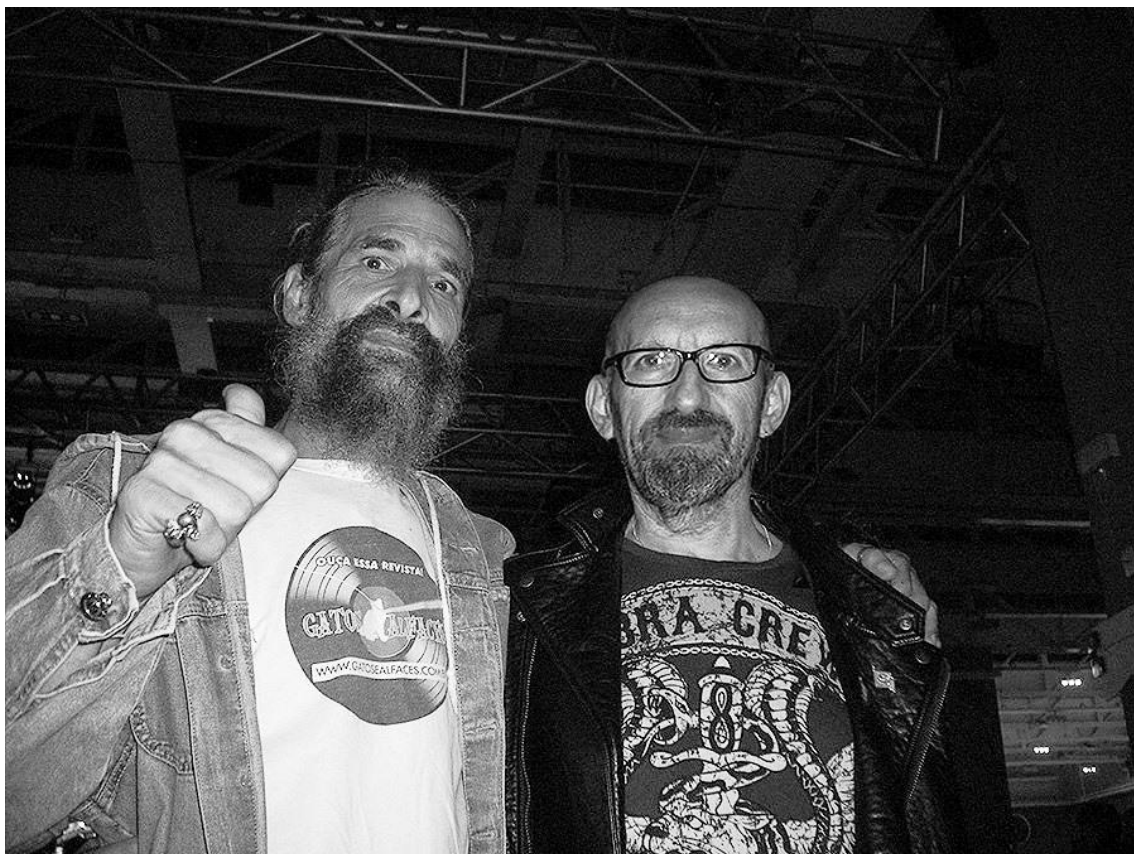
A versão digital chegou à grande rede em maio de 2003. Vendíamos camisetas com a logomarca *Do Próprio Bol\$*o, que Lya digitalizou, e assim a *bundinha da logo* abriu o portal do site. Nossa arrojada colaboradora se dedicou por dois anos a alimentar o monstro, que um dia poderá nos devorar.

A grande maioria sabe que ela foi cantora da extinta Máquina do Tempo. Nessa época, acontecia um novo ciclo da música psicodélica brasileira, que passava por Brasília. A Máquina do Tempo foi a única banda do Centro-Oeste, naquela oportunidade pensaram que ela era paulista, a ter o seu *CD* lançado pelo selo *Baratos Afins*. Ela chegou a se apresentar com Serguei e outras estrelas, nos *25 anos da Baratos Afins*, em maio de 2003. A generosa e extraordinária Lya Lilith ficou conosco no site até 2005. Luiz Carlos Cichetto, o “Barata”, também comandou o timão dessa Navilouca.

Depois foi a vez de Luiz Carlos Barata Cichetto, também conhecido como “Barata”, cujo design na confecção de sites naquele momento imperava como novidade impactante. Luís Carlos Cichetto é um rocker mais velho, e terrivelmente mais espiritual, com uma pegada pouco compreendida, por isso maldita para muitos.

Seu trabalho escatológico lembrava Glauco Mattoso, outro integrante do ciclo de correspondências dos 80s. “Barata” escreveu, editou e lançou o livro *Patrulha do Espaço no Planeta Rock*, desejo de muitos rockeiros.

Por fim, Antônio Celso Barbieri, a quem espantei em nosso primeiro contato, ao perguntar a ele se poderia me comprar vinis d’Os Beatles em Londres. Ele mora lá há mais de 25 anos. Depois Antônio Celso doou à causa o formato atual do site *Do Próprio Bol\$*o, e jamais me cobrou um centavo, inclusive veio a Brasília para me presentear com dois livros fantásticos, um de fotos de John Lennon e outro de postais de Ringo Starr. A última façanha de Barbieri foi me aproximar de Luiz “Lennon”, que vem a ser fundador do primeiro fã-clubes d’Os Beatles que deu certo no Brasil, o especial *Beatles Cavern Club*. Esses amigos sacaram as minhas pirações, devaneios, e a minha total entrega, que já foi bem maior, ao segmento da arte no faça você mesmo. Tenho a honra e a glória de compartilhar amizade com vocês, que é especialíssima para o que eu faço. Outros amigos também tenho, e diante do possível exporei a suas almas – Axé! Não é uma palavra rock’n’rollística, mas é de muita vibração, além das esferas!



Luiz Carlos “Barata” Cichetto e Antônio Celso Barbieri, no show da Aeroblus, São Paulo, 25 abr. / 2015 – Foto: ©Andrea Falcão

29 julho • Marcas de Brazza: películas vencidas, personagens dublados e improvisações

Afonso Brazza morreu vítima de um câncer fulminante. A oitava e última realização de Brazza, *Fuga sem destino*, que ele considerava a sua obra-prima, ficou inacabada. Mas, ainda no leito do hospital, ele escreve um bilhete ao amigo cineasta Pedro Lacerda, que estava ao seu lado, em que lhe pede para concluir o seu último filme.

Afonso Brazza nasceu no ano de 1955, em São João do Piauí-PI, e veio para Brasília no início dos 60s, com a família. O pai abandonou a casa quando ele tinha cinco anos; aos doze Afonso decidiu ganhar o mundo, deixando a cidade-satélite do Gama para tentar a vida em São Paulo. Chegando lá encontra José Mojica Marins, o Zé do Caixão, que lhe abre as portas do mundo cinematográfico da Boca do Lixo, onde conhece a atriz Claudete Joubert.

Logo Brazza consegue trabalho na produtora do falecido diretor da Boca Tony Vieira, como revisor dos filmes que vinham das salas de exibição. Ali ganha o apelido de “Brasília”, que mais tarde viraria... Brazza!

Quando a Boca do Lixo enfrenta mais uma de suas famosas crises, ele faz uma participação no filme *O Trapalhão no Planeta dos Macacos*, como um dos macacos, e decide nesse momento voltar para Brasília. Na capital ele ingressa no Corpo de Bombeiros, como soldado, e em 1982, num matagal próximo ao Gama, roda o seu primeiro filme: *O Matador de Escravos*.

Nos anos seguintes, Brazza roda oito longas, escrevendo, produzindo, dirigindo e interpretando. Com exceção de algum financiamento, conseguido junto ao Governo do DF, os custos são bancados com a venda de balinhas de coco e fitas de vídeo, além da ajuda dos amigos. O cinema de Brazza sempre foi feito com películas vencidas, personagens dublados e total improvisação. Essa era sua marca.

O bombeiro-cineasta se definia como o pior cineasta do mundo. Os seus filmes têm algumas características inconfundíveis, como os tiroteios aparentemente sem explicação... além de personagens que morrem mais de uma vez no mesmo filme, por falta simples de continuidade na montagem, e no roteiro. Com *Tortura Selvagem*, Brazza conseguiu levar seu cinema à sala de um shopping, mantendo-se por quatro semanas em cartaz.

“Sou o pior diretor do mundo. Ser o pior é melhor do que ser o melhor. O melhor pode cair a qualquer momento. E o pior está sempre subindo um pouquinho.”

(Afonso Brazza)

6 julho • Foi filmada a apresentação da Máquina do Tempo, no *Porão do Rock*, no domingo. Na última música da apresentação, virei as costas para a banda e filmei o público aplaudindo, encerrando a fita. Maggie, que levava as filhas para seus primeiros shows de rock, me criticou por prejudicar a visão do palco.

Setembro

Renato Matos voltou da França neste inesquecível mês, e nos encontramos no *Terraço Shopping*, durante uma sessão de autógrafos de Tom Zé, outro modernista sem casaca.

13 set. • Timm Martins: “Eu vou pro céu!”

Nas entrevistas em correio eletrônico, raramente se evita a pronta interlocução. Confesso que não driblei o formato, mas extraí essas “contas”, que indelevelmente marcaram o nascimento da nossa amizade. E vamos somando novos pactos aos cumpridos.

‘Come as you are’ é uma canção imortal. A versão do CD da Casa-Grande é definitiva, ou propositalmente foi uma gravação que visava ser sutil? Conhece a versão com acento bossa-nova de ‘Come as you are’, por KaphaGérson, Cachorros das Cachorras?

Timm Martins – Temos também uma bossa novíssima dos Doors, uma delícia, essa você precisa ouvir. Das *transversões* de rock que Casa-Grande tem feito, gosto muito dessa da Nirvana. Ela começa leve, vai crescendo... e explode num orgasmo!!

Não conhecia a outra versão. Aconteceu assim: em casa, quando “mais” moleque, ouvia um pouco de tudo. Principalmente *MPB* e rock. Converter músicas é a cara da gente, Bossa Nova e rock’n’roll ao mesmo tempo. É como atravessar uma ponte.

Meu cérebro não organiza as coisas assim “aqui rock, ali bossa”. É tudo muito natural.

Dependendo do espaço, os shows da Casa-Grande são performáticos. Pode adiantar alguma coisa pro show de domingo?

– Misturar as linguagens artísticas, particularmente de Brasília, as artes plásticas de Toninho de Souza, a poesia do mestre Cassiano Nunes (†), a música de Casa-Grande. Domingo será uma rapidinha. A princípio vamos fazer apenas uma música leve, e o resto só pancada. A gente está querendo dançar. Tem um samba novo: Rolling Stones com Cartola, numa transversão que une “Jumpin’ Jack Flash” com “Alegria...”. Tem também um rock’n’roll de Baden Powell, “Berimbau”, que a gente vai apresentar pela primeira vez. Até ele iria gostar, com certeza. Você já sabe e é bom informar aos desavisados: que ninguém espere ouvir a nossa Bossa Nova com banquinho e violão, nem ouvir nosso rock aos berros... “Desculpe, baby, não vou brincar com você...” É diferente. Confira neste domingo!

Vocês são sobreviventes do rock dos 80s. Chegar nesse Novo Milênio e saber que as produções musicais involuíram, ou que os grandes festivais excluíram muita gente, olhando pelo retrovisor dá força pra seguir em frente ou o jeito é driblar a armação, porque a situação é está mesmo, de incapacidade, de conformismo inevitável, que em princípio não estaria vinculado ao rock?

– Parece a eterna luta do mal contra o bem! O poder infernal da propaganda e do marketing num país de bundas e bundões. A sabedoria inspira a ter paciência, a esperar a onda passar. Outro dia, um jornalista ouviu uma música nossa, “História do Brasil” – sobre uma batida meio bossa e jazz, uma guitarra pesada, onde canto um poema do meu livro *BAM! Poesia pra quem tem, entre um par de ouvidos, cérebro!* E ele comentou comigo: “Timm, essa letra é muito boa e atual, é sobre o MST, né?” Tudo bem, ele fez essa leitura, mas “História do Brasil” tem dez anos que foi composta. Aí eu pergunto: Será que esse som da moda aí – *axé-skate-pagode* – dura pelo menos até o próximo verão? Quem pensa sabe que não. Pois é, quando a gente se juntou para realizar a Casa-Grande, a ideia foi-é-será fazer arte. Música, desde que eu me entendo por gente, é harmonia, é poesia. O resto é som, música não! Então a gente sabe que pode até demorar para a nossa música acontecer, pode até ela nem acontecer para a grande mídia.

Isso realmente não me importa. Tenho a consciência plena de que estou fazendo o que acredito e realizando uma nova música brasileira. Quem quiser pode ver – e ouvir. Não tem negócio, nem faço pacto nem conchavo. Eu vou pro céu!

Seus planos de imediato? E um recado pros leitores. Além do convite pro show.

– De imediato? Dia 20, no outro sábado, Casa-Grande vai celebrar com muita diversão toda a alegria dos filmes de Afonso Brazza, o cineasta candango recentemente falecido. Será a nossa homenagem a um grande artista popular, que tinha “uma ideia na cabeça e uma câmara na mão”... pois havíamos firmado uma parceria recentemente. O guitarrista da Casa-Grande, Afonso Carísio, trabalhou no último filme do cineasta bombeiro. Além disso, Brazza iria dirigir o videoclipe que lançaríamos no próximo show, e ainda nós iríamos fazer a trilha sonora de seu próximo filme. Falando nisso, este videoclipe foi totalmente rodado em Brasília, e exhibe Casa-Grande em plena forma ao vivo, na *Sala Funarte*, com direção de Cleon Homar e produção de Rita Andrade. Com cenário exclusivo, concebido pelo artista Toninho de Souza: um imenso painel nas cores vermelho e branco. Aguardem.

21 set. • Santa Seiva, Santa Fúria

Sala Funarte – Bons músicos, e que trabalham em outros projetos e espaços. Por que eles não fogem de suas bandas e se reúnem para tocar um grande repertório? Isso levaria tempo, anos, talvez toda uma vida, mas eis que Cecília pega a pauta de coda, e num instante a química resulta na Santa Seiva. “Uma família musical: mulheres, filhos e amigos” tocando para os malucos, os ciganos da cidade, e criando a oportunidade para que uma nova geração mergulhe no frenesi glitter do compacto repertório porrada do Free do mestre Paul Kossoff e do valente trio americano Grand Funk.

Esses caras (ex-integrantes das bandas Buracos Negros, Mantra, Belladonna, Os Picuás, Dona Cecília, A Bomba e Tromba D’água) têm muito a dizer e a mostrar, e ainda a fazer.

Domingo. Fora da *Sala Cássia Eller*, um *CD-player* de carro toca alto o *Ritchie Blackmore’s Rainbow*. Adolescentes brincam de ciranda embaixo de árvores, outros irresponsavelmente acendem fogueira no gramado. A maioria dos presentes passa a limpo os papos da semana, poucos têm grana pra pagar a entrada. Então o jeito é se concentrar nas camisetas negras e nos longos cabelos, na azaração.

No palco, com as cadeiras ocupadas, se inicia o transe. “Blavis surpreende pela garra e agilidade na guitarra, e canta “I’m Mover” e “Mr. Big”, dois números do Free. Turbinas aquecidas anunciam a entrada de “Mr. Lucky”, que desfila seu visual e chega a cantar “dizem que eu sou muito...”. Nós já sabemos, acompanhamos esse garoto de canja em canja, de banda em banda. No seu espaço, ele sabe que o rock’n’roll funciona ali, e que depois voltaremos a ser humanos. “Lucky” dança, salta e nos convence de que seus joelhos são de mola. “Country Road” pega a direção, e ele pede que as duas backing vocals acompanhem a festa. Juntos agora todos pedem pela paz! Magnetizam a plateia com “People let’s stop the war”, as duas backing (mulheres respectivamente de “Blavis” e “Lucky”) se esforçam para não errar, e para transparecer a sensualidade da natureza. A banda está dançando e cantando e brandindo os seus instrumentos, mirando em nossa direção, esparramando os seus raios. A guitarra preta ‘stá silvando, atingindo o orgasmo com as vocalistas.

Na sequência, mais duas músicas da Grand Funk: “Inside looking out” e “T.N.U.C.”. O show carece de uma direção, mas eles dão tudo. O contrabaixista Renato surpreende pela segurança e amadurecimento, e Janari defende a vida com a sua bateria.

Power trio, quarteto, e agora todos num show orgástico. A guitarra silva/vibra... Ainda faltam muitos shows para que a Santa Seiva deixe de ser uma promessa. Só nos resta esperar e torcer, pois a magia do chá eles têm.



Renato Barbosa, contrabaixo, pique seguro, viagem líquida; Janari Coelho, bateria, pegada mastodôntica; Luckera, voz, corpo, artimanhas e visões; “Blavis”, guitarradas e tamancadas

10 outubro • Barbarella Psychedella

Faixas – 1.“ Às vezes tudo tanto faz / ”2. “Vila do IAPI” / 3. “Trânsito noturno” / 4. “Mário Eugênio sabia demais”

CD-demo/Stereo gravado no ME Estúdio

Barbarella: Kiko Azevedo, contrabaixo; Robson Freitas, bateria e percussão; Robson Gomes, guitarra e vocal.

No filme, a frase *Barbarella Psychedella* é a primeira estrofe de uma canção à Burt Bacharach.

Barbarella/Jane Fonda mostra os primeiros peitinhos cibernéticos da sétima arte. Um mundo onde o orgasmo é atingido sem contato físico inspirou o nome desse trio de Taguatinga.

– É fundamental que o *CD*-demo seja montado na ordem da melhor música para a menos inspirada...

Sugestão: Abrir o *CD* com “Mário Eugênio sabia demais”, a faixa mais forte, e depois ir caindo, caindo... como uma “calcinha apertada”.

A longa “Às vezes tudo tanto faz” apresenta a impermanência de definições da sonoridade, que reivindica propositalmente as indefinições sonoras, uma linha meio *edmottiana*. Para o formato trio, é uma sonoridade absurda – vamos agora ver ao vivo! “Vila do IAPI” poderia ser o *Blues do Idhab*. A ultrapassagem pensante vencida pelo parcelamento irregular do som; pensam que são da Jovem Guarda, e cortejam as harmonias vocais d’Os Kinks. Abordam as raízes existenciais do cotidiano geográfico-histórico-social num contexto operário, o que resgata uma espécie de nostalgia candanga dos pioneiros dos 60s. Me lembra as thrashes produções cinematográficas e a aventura atual de demonstrar a influência da música e do idioma brasileiros em todas as sonoridades. Ponto para a banda, nascida em Taguatinga – cidade-satélite do DF onde as bandas e os artistas desenvolvem, externam suas aspirações não de maneira panfletária, mas com orgulho do local em que vivem.

O suporte vintage é sufocado pelas constantes inserções cosmopolitas. Dosar a imensidão conforme o espaço geográfico. O azimuth do Centro-Oeste não é o grau ideal para uma Cold wave.

A faixa “Trânsito noturno” é a guia da autoestrada onde trafegam Barbarella, Sem Destino, Casa-Grande, Pioneiros da Borracha, Patorrôco, Máquina do Tempo e os pioneiros Terno Elétrico e Os Cachorros das Cachorras, que dirigem o indirigível fenômeno do renascimento do rock nacional no idioma pátrio. Me orgulho de vocês!

“Mário Eugênio sabia demais” é um hit que pega carona no jornalista escroque, que faz parte do folclore nacional, porque manipula o destino de crucificados pelo sistema como “Carrefour”, Roberto “Doidinho”, Gregorinho etc...

4 novembro • Toninho de Souza: 35 anos de Melantucanarismo

Museu de Arte de Brasília

Projeto Orla – lote 5 (próximo à Concha Acústica)

Antônio Alves de Souza, o artista Toninho de Souza, radicado em Brasília há 42 anos, que há um ano resolveu viver somente de suas obras plásticas, apresenta o mais recente catálogo, que contempla as principais obras. Ele expõe as últimas figuras contemplativas que concebeu, que fora das telas também adquirem formas na escultura, de horizonte neoconcretista.

“Toninho de Souza, o mais brasileiro dos nossos artistas!” A frase de Timm Martins encontrou eco em minha cabeça, quando Toninho de Souza disse que restauraria o obelisco do *Conic*, que repintaria as suas araras, se a prefeitura liberasse as tintas e os cavaletes. Então, mãos à obra. – A reforma da pintura do obelisco teve que esperar por 10 anos. Nesse ínterim, alguns comerciantes queriam a derrubada da caixa d’água...

Na exposição das telas de Toninho de Souza, o legal da informalidade do corpo a corpo é que o público fica à vontade, tem a oportunidade de interpelar o artista e ainda de tomar parte em seu trabalho.

Sua obra não tem o odor daquela propaganda de desodorante, que só atrai homens e é homofóbica. Os ângulos, as curvas de suas telas atraem tanto o olhar de homens como de mulheres, que perguntam a Toninho:

“De quem é aquele corpo?”

“Representa o corpo de qualquer pessoa de hoje que é consumista e engole tudo.”

Os títulos provocativos das telas: *Grileiros do Universo*, *Geração Coca-cola*, *Terrorismo ecológico* revelam a sua preocupação social, com todos os seres que habitam a Terra. É como se as telas cobrassem a ordem ecológica do planeta aos seus habitantes humanos.

“Chocante!”

“Aqueles correntes! São pra mim?”

Rock’n’Roll, um programa legal

Saí de casa para ver a Banda Casa-Grande na orla, no *Museu de Arte de Brasília*. Levei as crianças, encontramos refrigerantes, salgados, outros amigos e uma aula de arte/cidadania: telas/desenhos de Athos Bulcão (†), Lívio Abramo (†) e um grande painel do pernambucano João Câmara, *Exposição e motivos da violência*.

Casa-Grande foi o primeiro grupo musical que tocou no vão do *MAB – Museu de Arte de Brasília*. Essa proposta inusitada da banda de levar rock’n’roll aos shoppings e conjuntos culturais tem relativamente encontrado eco no público.

Casa-Grande não tem uma agenda lotada, porque nem sempre são remunerados.

Não são mercenários, mas naturalmente preferem se apresentar com alguma dignidade econômica.

Casa-Grande tem irmãos que fazem as fotos, mulheres que filmam, filhos que os curtem. Espaço em festivais também têm, e rádios que os tocam e mais contatos e convites. Não pense que tudo isso cai do céu. Eles correm atrás o tempo todo, e estão correndo agora. Se o rock deles não é sofisticado, pesado ou se extrapola, tal opinião é respeitada.

Mas há que se ter no mínimo uma discoteca com música brasileira para se entender como eles transgridem João Gilberto, Ary Barroso, Cartola, Baden Powell. Mas como, se em nossas discotecas a gente não tem, e nem conhece o repertório desses artistas? Como entender a depuração que eles fazem?

O público da exposição *Toninho de Souza – 35 anos de Artes Melantucanarismo*, que conhecia o repertório deles, curtiu. Crianças interativamente participavam da coreografia. Os habitués de plantão das vernissages pintaram, e os membros da banda conseguiram desfilar as suas músicas com a melhor definição.

O vocalista Timm Martins, que tem um pé no candomblé, e dependendo do santo se excede, dessa feita parodiou a *Guerra dos Mundos*, de Orson Welles. Começou a apresentação falando de um iminente conflito na orla do Paranoá, que envolveria as tropas de Bush com as tropas da rede Aljazeera, a *CNN* cobrindo tudo. – Nada de pânico! – Assegurava ele. A situação está controlada! Tim sacou a sua máscara de gás... E logo todos pegaram a piada!

Pude melhor prestar atenção no desempenho do baterista Jorge Lopes, quase perfeito. O baixista Pilastra segurava os compassos, enquanto Afonso Carísio definia a melodia nas músicas. Timm está aprendendo a usar os apetrechos percussivos em seus sambas de morbeza romântica. Saí dali quase acreditando que podemos salvar o mundo com a arte. Onde vive o rock’n’roll!!

2004
SERGUEI, 'A LEILA DINIZ DO ROCK'

“Se não fosse o rock’n’roll, estava caquético por aí.” (Serguei)



Foto: ©Lana Regis.

- Em 1966, na *Gravadora Equipe*, Ed Lincoln produziu o compacto “As alucinações de Serguei” / “Eu não volto mais” (parceria do organista e Rei dos Bailes Ed Lincoln com Orlandivo). Ed Lincoln disse que Serguei não era cantor, mas mesmo assim teria uma carreira meteórica.

- “Cantor para mim é Maria Callas. Eu sou um intérprete, e um entertainer.” “Há 40 anos divirto as pessoas” – disse Serguei.
- *A Grande Jogada e a Margarida*, LP-coletânea com sete artistas da gravadora Continental, em 1968. São eles Sérgio Murillo, Fernando Pereira, Serguei, Milena, Cleópatra, Stelinha e Didier. Serguei interpreta “Maria Antonieta sem bolinhos” (Antônio Cláudio / Romeu Fossati Filho) e “Eu sou psicodélico” (Carlos Cruz / Emanuel Rodrigues). A sua discografia se completa com nove compactos. Seu primeiro CD foi a coletânea *Serguei*, lançada ao final de 2002 pelo selo paulista *Baratos Afins*.
- Em março de 1986, o produtor José Accioly, da gravadora *Top Tape*, mandou um telegrama para Serguei. Só que ninguém sabia o endereço do cantor. E mais uma vez o prometido e aguardado *Serguei Sings Joplin* ficou nas expectativas...

“Sorrir não é rock’n’roll!”

17 abril • “Numa festa em San Francisco, Janis tinha levado um ator de cinema e cantor, Kris Kristofferson, aliás muito bom cantor; fomos à festa e Jim Morrison estava lá; foi ele quem convidou Janis. (...)”

Durante a festa, os dois muito doidos, ele falou: ‘Hey you! Venha cá!’ E Janis, ajoelhando-se, disse: ‘O que é, príncipe?’ Ele aproveitou e segurou a cabeça dela entre as suas pernas, e apertou. Realmente a coisa ficou preta, pois ele não largava mais a cabeça dela dali. E aí o pessoal da festa começou a ficar assustado e mandou que ele parasse, e Morrison não parou. Ficou histérico, enquanto Janis batia em suas pernas. Quando ele a soltou, estava vermelha e roxeada.” (Serguei)

Dizem que Janis se vingaria mais tarde batendo nele com uma garrafa de vinho em sua cabeça na saída da festa.

“Sou extremamente sensível. Acho que as pessoas ainda são fascinadas por rock, e rock é uma forma de ver o mundo. Não sou o dono da verdade, mas nesses anos todos aprendi muitas coisas. Fui ovacionado, vaiado, e nunca ganhei dinheiro.

Hoje não faço concessão, porque toda vez que fiz me envergonhei. Reconheço, por exemplo, que minha discografia é deplorável.” (Serguei)

Appearances on TV

Sérgio Augusto Bustamante, seu nome civil, nasceu em novembro de 1933. Serguei é filho único de um alto técnico da *IBM Corporation*, com High-School nos Estados Unidos. Foi demitido por ter feito strip-tease em pleno voo da Varig, direto para a *TV Globo*.

Em seu programa de estreia, Serguei errou a marcação e saiu do palco pela porta errada, e esbarrou em Roberto Carlos, quase levando a nocaute o Rei da Jovem Guarda.

Lábios de silicone, franja de Keith Richards, figurino absurdo, saltos plataforma, lentes de contato e perucas azuis ou vermelhas. Óculos espelhados escondem as pupilas de gato. Maquiado, requebrando selvagememente, forte apelo sexual. Esse apetite, ainda em 1966, no programa do Rei da Jovem Guarda. Visual que só se via na Greenwich Village ou na Carnaby Street.

Ao assisti-lo, Arnaldo disse: “Very strange.” Sérgio confirmou: “Very strange!”

O mais radical dos roqueiros brasileiros, um Anjo Caído? Bissexual antes da androgenia, resistente sim por mais de cinco décadas!

Em 1973, no programa do Flávio Cavalcanti, ganhou o Troféu Policarpo de *Pior Cantor do Ano*, ao lado de Gal Costa.

Se a mídia nutria estima por Serguei, os militares o tachavam de inconveniente.

No meio dos 70s, Serguei reapareceu, havia retornado de NYC.

Ouvíamos muito um disco pirata chamado *JAM 68*, gravado no The Scene, em NY, com os falecidos Jimi Hendrix e Johnny Winter nas guitarras, Jim Morrison nos vocais e Buddy Miles na bateria. Serguei da plateia acompanhando... – toda vez que olhava as efígies de Hendrix/Morrison/Brian Jones, eu pensava em Serguei, mas agora também penso em Leila Diniz.

Garrafada de Jack Daniels na cabeça de Jim Morrison, e ele vai te empurrar um ácido goela abaixo, se você, Serguei, não controlar esse tique! Avisou a amiga Janis Joplin. A calça índigo blue mandada para a lavanderia pela Dona Maria, mãe do roqueiro, e os versos e desenhos da viagem com Janis água abaixo.

De maiô nos cabarés da *Praça Mauá* e *Copacabana*, entrava com uma pá na mão, gritando: “e agora uma pá de mulatas”, para a entrada das moças.

De 1973 a 1975, trabalhou na *Centaurus Production*, uma empresa que o escalava para shows. Foi o primeiro roqueiro brasileiro a cantar para adolescentes americanos. Recortes de jornais dos *EUA* documentaram as suas passagens, também por boates, cantando de Elvis Presley a Chuck Berry.

“Iggy! Iggy! Iggy!”

Quem estava gritando era Andy Warhol, e Serguei respondeu que não conhecia nenhum Iggy.

Em 1977/78, *Serguei Samba Salsa* se apresentava em bailes de subúrbios do Rio.

Isso o deixou deprimido, e ele voou para os Estados Unidos. Voltou em 1981, pois seu pai estava morrendo, aqui no Rio.

Um ano depois, shows no *Rock Voador* e no *Noites Cariocas*. Com apoio da banda de Celso Blues Boy, tocava “Move over”, “Instant Karma”. E até uma versão de “O Bom”, de Eduardo Araújo, dos seus primórdios da Jovem Guarda. Serguei se viu novamente na moda.

No *Saque do Rock*, ele se apresentou com uma banda nova, a Cerebelo.

Durante essa década, seu repertório incluía “Tropicália” e “Brasil”, a eterna “Summertime”, além de outros clássicos “Cry me a river”, “Satisfaction”, “Help!”, “Maybe”, e “Fascination”.

Serguei sempre conseguiu ser mais feroz cantando originais em inglês. Em 1983, sairia um compacto dele, que nunca rolou – proibido pela Censura. Ninguém por isso ouviu “Mamãe não diga nada ao papai”, a não ser em alguns shows.

Víamos Serguei na TV. Me ligava na sua plástica. Seu clássico era a versão que fazia para “Sympathy for the devil”. Irremediavelmente alguém perguntava: “Tá dublando?” E eu Mário respondia: “Pegou o espírito da coisa?...”

No final dos 80s, perguntei ao Zé da Gaita pelo Serguei: “Tá lá em Saquarema...”

Saquei o preconceito.

1990. Circo Voador. Cinco anos sem se apresentar no Rio, Serguei decidiu voltar à ribalta. Enquanto o público aguardava Luiz Melodia, Serguei deu o seu recado. Estava lançada a sua candidatura ao *Rock in Rio*. Naquela apresentação, ele já sabia o que faria no maior festival do mundo.

No final desse ano, em entrevista gigante ao Pasquim, ele revelou a outro decano, o cartunista Jaguar, que não gosta de veado, e que nunca teve crise existencial, porque isso seria coisa de viado.

Em janeiro de 1991, Serguei conquistou o público, fez o que prometeu naquela noite, com Luiz Melodia. Ele pediu para a plateia se sentar antes de cantar “Summertime”, e, no final, desceu de microfone em punho para cantar no gramado.

– Foi emocionante! Não foi vaiado pelos metaleiros, e ainda saiu no lucro, gravando o *LP Serguei – BMG* – 1991 – não o definitivo...

Na terceira edição do *Rock in Rio*, Serguei surgiu vestido de ursinho Blau-Blau – ao lado do ex-Absyntho Sylvinho.

No ano de 2000, candidato a vereador em Saquarema pelo Partido Liberal, recebeu apenas nove votos. Ele perdeu pela segunda vez consecutiva em candidatura política – em 1996 teve 246. Sua bandeira, como no outro pleito e em toda a sua carreira, foi “Rock’n’Roll Para Todos”.

No aniversário da *Baratos Afins*, em maio de 2003, Serguei foi o grande homenageado da noite, e os meninos da Máquina do Tempo – Célio, Bruno, Anderson, Lya e Rockdrigo – injetaram pujança, mas também cobraram um desempenho mais rocker de Serguei, que finalmente se divertiu e sentiu como se estivesse de volta aos 60s. Nessa noite, Serguei deixou mais uma vez patente que só abandonará o rock’n’roll quando não mais puder cantar. Ele se empenha em evitar a autocomiseração, que foi coisa que aprendeu com Janis Joplin, e que orgulhosamente ajudou a provocar mudanças nos costumes, ao lado de estrela como Leila Diniz.

Luís Carlos Calanca me falou da felicidade e da facilidade de se trabalhar com Lanny Gordin e Serguei, e quem sabe dessa feita o disco *Serguei Sings Joplin* não sai de vez?

Rock’n’Roll, A Vida de Serguei

Botafoogo-RJ. Em maio último, durante o seu show de curta duração para a grife Cavaleira, no Rio Sul, Serguei arrasou, com a mão no pau e a língua em ato erótico, em interpretações rasgadas de “Love of my Life” e “Satisfaction”. O público adorou os seus requebros, a irreverência e o visual setentista: lentes de contato azul-piscina, calça de couro, luvas, tatuagens por todo o corpo e unhas pintadas. Subiu na mesa e gritou: “Rock’n’Roll, minha vida!” Serguei também sapecou um festival de bicotas, carimbando de Preta Gil a Sidney Magal.

Em maio de 2013, fomos a Luziânia-GO, a 60 km de Brasília. A van branca estacionou, e logo uma pequena multidão se aglomerou na porta. Tablets filmavam, fãs pediam autógrafos. A facção se dispersou. E Serguei ficou sozinho. Eu então lhe disse: ‘Oi, Sérgio!’ E ele: ‘Eu pensei que o show fosse em Brasília...’ Peguei em sua mão e o fui conduzindo pelo asfalto, na frente dos carros, e como um bom escoteiro fiz sinal para pararem. Descemos as escadas e entrei no camarim, batendo palmas. Logo todos estavam batendo palmas também. De fininho, deixei Serguei... e saí fora. Mais tarde, falaram meu nome no microfone do evento. O rock de Brasília sempre andou de mãos dadas, mas aquela noite foi especial. Acho que o ápice do movimento, i.e., quando ficamos mais juntos e fortes. Havia muita coisa paralela acontecendo, e o programa de televisão independente O Libertário cobria as noites do rock. Outros independentes rodavam um filme, sobre a banda Stoner Babe. E o público de rock era o mais quente, jovem e diversificado, que eu já assistira. Luziânia fervia, e no Sarau Psicodélico nós coramos O Anjo Maldito, nascido Sérgio Augusto Bustamante.

Bibliografia

Serguei, um Anjo Maldito, de João Henrique Schiller, lançado em 1998.

– É meu cartão de visitas, assim as pessoas podem saber mais sobre mim.

15 setembro • Ah! Brasília!

Nos 80s, a sensação musical ficou por conta da Venom, quando estive no *Ginásio de Esportes*, e da Exciter, do inesquecível baterista Dan Beehler, doido de vódica, esmurrando, cantando e roubando a cena, fazendo o melhor rock’n’roll que aquele ginásio tremeu ao ouvir. Eu era franzino, e algum dos seguranças me deixava entrar. Na ditadura, os porteiros nos colocavam para ver a corrida de carros e perfilávamos ao lado dos generais.

Pátio Brasil – hoje. Brasília é uma tristeza cultural, com os seus palcos de lona preta parecendo invasão de satélite. Com as pessoas acima de 65 anos desacompanhadas, sem fazer valer os seus direitos, diante daquelas insensíveis perante até os próprios direitos. Os seguranças em preto indefectível e cabelo raspado, com os seus interfonos e falta de objetivo, ganham 20 contos. O balcão de informação funciona precariamente. No teatro ensaiado, todos correndo e se ocupando para deleitarem os seus ouvidos. E após o show? O caviar é no quarto andar...

Laços consanguíneos ainda abrem a tampa da privada. É primário e ridículo jornalista dar carteirada para o filho com *LP* do Lobão na mão para pegar autógrafo.

Sinceramente, é ridículo ficar frente a frente com o ídolo, segurando a carteira de jornalista, para interpelá-lo: “Dizem que você já recebeu o cachê!” Lobão: “Não tô sabendo de nada!” Na outra ponta, o produtor pede para ele não polemizar.

Cara! Eu vivi a cena nos bastidores, e não vi o povão indo embora frustrado sem ver o seu ídolo, que não passou o som porque estava com o Ministro da Cultura.

Lá fora, um contingente carente de fãs se presta à homenagem da exclusão deles mesmos. Um playboy com uma garrafa de 51, e os seguranças fazem vista grossa.

Se fosse você, ou eu, entraríamos na porrada. E o mais ridículo: a garrafa de 51 consegue chamar a atenção de uma mina. Isto é, veja o teatro dos vampiros, ou é posar mesmo? Show de rock para playboy sem playback. A única cena insólita: um sócia do Lobão mais perfeito que a sombra dele; quando me aproximo do Lobão, me lembro imediatamente daquele garoto; ele merecia estar aqui. Mas ele não foi convidado, não tem carteira, não escreve no jornal do Múcio Athayde, não tem câmera digital e não vai ter chance de levar as garrafas cheias do camarim pra casa.

O santo nome de Deus é invocado em vão pelos produtores, quando Lobão está no palco. Eu também subo e sinto a vibração dos meus primeiros dias de rock.

Lobão literalmente é uma grande figura, fala tudo sobre tudo, basta perguntar. Hoje o som não conseguiu conciliar a voz e o pedal, ele tentou quatro vezes. Irei no próximo show dele. E pagando.

Indiretamente eu recebi o *CD-demo* do grupo João Ninguém, abri o invólucro e coloquei dentro o release, para não perder a mensagem. No camarim, a fumaça subia, e eu via como os produtores são condescendentes. E um nervoso Lobão com medo de ser linchado chutou o pau da barraca. Lobão fez a autocrítica de milhares em cima dele mesmo, e sozinho. Perdi a oportunidade de fazer fotos históricas dos transeuntes frente ao *Pátio Brasil*, conversando numa boa com Lobão, ao invés de estarem vendo *Senhora dos Milagres*. Ontem Lobão foi o homem mais público de Brasília.

Outros *CDs* de estrelas do saudoso rock Brasília apareceram nas mãos de Lobão: “Olha! O que eu estou fazendo.” Ah! O celular não para, e outras estrelas do rock Brasília perguntam o quarto do hotel: “718!”

Fazia tempo que eu não andava de van com ar refrigerado. Me lembrei quando o Zeferino Alves Neto (†) me chamou, e no banco de trás estava o John Mayall. Eu lhe disse um cálido “Good Morning!”.

O meu Passat Vintage deu pane igual ao som do show. A banda teve que empurrar o carro, Robson o baterista ainda tentou consertar. O carro tá no *Setor Hoteleiro Sul* até hoje.

Atravessei o *Conic* e mostrei a *Berlin Discos* e o *Quiosque Cultural do Ivan* a Byra Dorneles (emérito colaborador *Do Próprio Bolso*, que mora em Vidigal-RJ, e produtor executivo do show). Peguei o táxi de jornal e fomos ao *Beirute* velho de guerra. Lá estavam KaphaGérson, André Pedra e Iolovitch, apresentados ao Byra Dorneles. O mesmo táxi deixou Byra Dorneles no hotel, e coincidentemente também me deixou em casa. O maior patrimônio de Brasília somos nós mesmos: Byra, Lobão, Daniel, Robson vão voltar!

Dezembro • Cássia Eller – Cidadã Honorária

Por iniciativa das deputadas Arlete Sampaio e Erika Kokay, a *Câmara Legislativa* aprovou o projeto que dá o título de cidadã honorária (post-mortem) à cantora Cássia Eller.

Também por iniciativa de Arlete, Cássia Eller já é nome da *Sala Funarte*, que fica atrás da *Torre de TV*, no *Eixo Monumental*. “É uma justa e merecida homenagem à cantora, que viveu e desenvolveu importante parte de sua carreira musical em Brasília”, disse Arlete.



22 dez. • O Blues de Lu nos tira de casa e da cadeira

Brasília – *Feitiço Mineiro* – A velha história da tartaruga que perde a cabeça mas não o blues. Da mesma maneira, a cantora de blues Lu consegue reinventar com qualidade um repertório clássico. Ela supera a apropriação e a adaptação, cria estilo e escola. Essas características me atraem na voz cativante e disciplinada da cantora.

Eric Clapton disse que “não se pode tocar blues de barriga cheia”. Essa condicionalidade continua valendo. Os atuais guitarristas de blues devem algo a Eric Clapton: afinal, não foi ele que eletrificou “Crossroads”, tornando-a imprescindível em milhares de repertórios?

Lu apresenta um blues com pegada feminina e apelo sexual, perto do fogo. A sua voz doce balbuciando fomenta a liberação dos quadris e palmas – a ordem é dançar! Suas interpretações são convincentemente carregadas pela dor. O seu repertório é hegemonicamente masculino, pois ela gosta principalmente de Jimmy Reed, Robert Johnson e, lógico, Rolling Stones.

Neste show no *Feitiço Mineiro*, também estavam presentes standards, de Jimi Hendrix até Stevie Ray Vaughan. O repertório é identificável sem dificuldade, e você o curte sem medo de mais na frente encontrar algo que o desvie da viagem nostálgica e sentimental. Lu impõe luz própria às interpretações, e como é bom ouvi-la com uma aparelhagem de voz decente, num momento inspirado de muita esperança para o ano que começa.

Skaravelho é a banda que acompanha Lu Blues. Vi algumas encarnações dessa banda variável, que se firmou a partir da cozinha de Rubão (†), que fez um belo trabalho na bateria, e de Igor, que se

estabilizou de vez no contrabaixo, onde produziu uma retaguarda afiada. A presença de Christian nos teclados trouxe um timbre de Jimmy Smith e proporcionou improvisos alternados entre a guitarra e os teclados. Neste show, João tocou a guitarra sem firulas. Ele sabe que o blues não é moderno, que não precisa de intervenções rápidas e floreadas, carregadas de notas, como alguns discípulos insistem. A sua guitarra fluiu num mar metálico, sempre ondulando nos volumes do amplificador e do pedal, tirando assim um som sujo e compacto. De estilo econômico e vigoroso. João tocou uma guitarra linda em “Little Wing”, que valorizou ainda mais as interpretações anteriores.

Discreto, o seu slide desliza na hora certa. A sua ausência da banda deixará um buraco, mas as histórias mudam...

O notável no blues é a possibilidade de improvisação. O clima para sair o som funciona... se os músicos têm alma! Skaravelho precisa de mais ensaios e entrosamento, mas nesta apresentação a qualidade individual como estratégia funcionou. No futuro, quando a banda estiver mais segura e à vontade, Lu Blues poderá empregar todo o potencial da sua garganta. Resta esperar, e torcer.

‘Presença’ (Carlos Augusto Cacá*)

*No holocausto da nossa cultura,
O desafio da sobrevivência
Corrompeu nossa literatura,
Nossas artes são quase demência.
Cresce a força dos temas banais,
Baluartes da destruição.
Caça-níqueis de pires na mão
Desonrando nossos ancestrais.
Restam poucos resistindo em luta,
Mas quem resta está atento, escuta.
Há quem honre o leito de nascença.
Há um Ivan em cada um de nós
Pra verter em livros nossa voz.
Pra que saibam da nossa presença.*

‘Idiota’

Poema roubado num bar; desde então, não tive notícias de Carlos

*Gosto de refletir
De quanto eu era
Idiota
E novamente gostarei
De refletir
De quanto eu era
Idiota*

*Do livro *Fadas Guerreiras*. O escritor Carlos Augusto Cacá desenvolve o seu trabalho editorial na Tribo das Artes, em Taguatinga. Ele integra o universo não voltado egoisticamente para o autoral, a sua poesia é livre. Ele quer ver o seu verso no ar, ele quer ver o seu verso voar...

CD ‘Para Todas’ (Os Pedras)

Os ‘peores’ discos são aqueles que gostaríamos de ter produzido

André Pedra, vocal; Marcelo Pedreira,
guitarra e voz;
Ricardo Ned Pedra, guitarra;

Fabiano D’Marte, contrabaixo;
Humberto Sprovieri, bateria.

Faixas – 1. “Pegadas” / 2. “Mãe Terra” / 3. “Oceano de pensamentos” / 4. “Concreto” / 5. “Tigresa” / 6. “Miragem” / 7. “Planeta dos Macacos” / 8. “Aurora” / 9. “Pedras para que te quero” / 10. “Na Espanha... Brasília, sei lá!” / 11. “Dança do Saddam” / 12. “Mundo melhor” / 13. “Mel” / 14. “É lei tombar ao chão” / 15. “Detranco” / 16. “Mulher versos homem” / 17. “Não importa o que digam” / 18. “Desce outra” / 19. “Arco-íris” / 20. “Borboletinha”

Dos 10 aos 11 anos, cantei fora do tom nas missas de domingo. Meu tio ouviu aquele disparate e pensou: *Ele está propositalmente avacalhando o vocal...*

Magoado mesmo fiquei quando o Zezé me pediu pra fazer mímica no coro de “Lucy in the Sky...”, pois umas gatas iam aparecer pra ver o ensaio.

Nos 70s, elegemos um *LP* do Jo Jo Gune como o pior da década. Nos 80s, o eleito foi *Rikki and The Last Days of The Earth*. E, nos 90s e milênio, caçadores ao título de o pior disco de rock continuam aparecendo, entre eles vários apaniguados de gravadoras cantando em *inglês*.

Jamais ousaria menosprezar o esforço contundente de qualquer atividade, que de maneira atávica tenha trazido à tona as amarguras que eu vivi. Ouvindo o *CD Para Todas*, dos Pedras, o mais recente de uma sua trilogia, essas experiências marcantes afloraram.

Para Todas é uma colagem de sons, ritmos, programações e denúncias. André Pedra atropela a métrica e versifica o seu recado pacifista, anarquista.

A faixa “Borboletinha” ficaria muito bem na voz da Xuxa; “Detranco” é um libelo contra a máfia dos pardais fiscalizadores de trânsito. Poderia ser gravada pelo Gugu.

Isso é o lado falcatrúia do rock’n’roll. “É lei tombar ao chão” é uma balada tão contundente que o mestre Franz Krajcberg ficaria emocionado com tal hino ecológico. É claro que há o espírito de Renato Russo, uma pegada do Marciano Sodomita, até de Ian Curtis. E uma guitarra maníaca, apoiada num pedal fuzz o tempo todo.

Faz duas semanas que ouço este *CD*. André Pedra, que veio da Paraíba para Brasília, é performer, poeta e pedreiro, e ainda acredita que o seu disco é um clássico.

Ele começa o dia ouvindo o seu disco duas vezes em seguida. São 20 faixas. De esperança, amargura e rimas tolas: “Mi Sol girassol.” Em “Arco-íris” (a faixa que mais gostei), André não economiza em mostrar a grandeza de quem possui uma alma infantil e, no entanto, luta contra os inimigos, as máfias, os canalhas, os safados, o desmatamento, e Bush que se exploda! Está recuperado o espírito zombeteiro do rock’n’roll. Corta essa de aula de canto, porque um milhão tentaram, e Os Pedras acertaram em cheio na vidraça do establishment. Esta é a mensagem de “Não Importa o que Digam”. O som estilizado das pedras quebrando vidraças.

Para todas poderia tocar na sua alma, no carro, na repartição pública, na *Rádio Senado*, mas o establishment quer rock de academia, de escola, de gravadora, de faz de conta.

Chega de caô, de papo furado: “A mulher tem vagina e o homem procura a rima.”

2005

ODE A MEU FÍGADO

Nei Leandro de Castro

16 fevereiro • *Eu não quero os milhões que Maluf / malufou nos bancos da Suíça. / Não quero Julia Roberts me dando colinho, / até que fique com sono e com preguiça / .Eu não quero Deborah Secco molhadinha, / sem calcinha, de fardinha escolar. / Eu quero, por favor, eu quero tanto / ter um fígado como o do Jaguar. / Não quero ter a mangueira competente / que apagou o lume da Oliveira. / Não quero estar na cama com Giselle / e o Di Caprio só filmando, de bobeira. / Não quero os milhões do Ronaldinho / e a deusa Cicarelli como par. / Eu quero, por favor, eu quero muito / ter um fígado como o do Jaguar. / Eu não quero os poderes do Dirceu, / nem o avião do presidente Lula. / Não quero brincar com Vera Fischer / de mexe-mexe ou de pula-pula. / Do brigadeiro, eu não quero o céu, / do almirante eu não quero o mar. / Meus amigos, meus inimigos, eu quero / ter um fígado como o do Jaguar.*

7 março • Divagando por mudanças urgentes

Rodrigo Souves

O rock nacional está sem nenhuma novidade, é fato. Afirmo em relação ao rock apresentado pela mídia geral, a que atinge as massas: a televisão, de Globo à MTV, o rádio, as revistas. Os zines além de raros são de pouquíssima circulação e difícil acesso. O rock virou coisa do passado, o que é bom hoje em dia é baseado, (cópias bem feitas), nos grandes do passado. O recém-extinto Queens of The Stone Age, com seus musculosos riffs de guitarra, parece que se originam da Black Sabbath; a The Hives, duma vertente Stooges/Rolling Stones... A volta da Pixies não vingou... Enfim, isso que você está lendo não é de forma alguma novidade, para quem se liga nesse mundo, que nem mais alternativo é. E viva a contracultura e as mulheres deusas!

Aproveitando o gancho, e os alternativos? Putz, como são patéticas as alternativas hoje. Os alternativos são os seres mais distantes da espécie humana ,pois não se entrosam com outrem, não ouvem outros sons, sequer tratam de política, gostam de ser ducontra. Mesmo sem sequer divagar sobre quem é o amigo ou quem o inimigo. A banda expoente do “rock brazuca” atualmente (segundo os meios de comunicação) é a Charlie Brown Jr., com o seu som misturado e o vocalista panaca que grita em shows frases de efeito sem noção, tipo “sou maloqueiro prá c...” ... ou “skate na veia”. Fora o fato de dar porrada no olho de cara magrinho e barbudo que fez uma crítica branda sobre a banda de Santos/SP.

Suposto diálogo com um consumidor do rock (aquele que nunca tem grana pra nada, não apoia nada, e reclama sempre de tudo, mas sem poder argumentativo):

- Cara, por que você é assim?*
- Sou o que sou, você é só mais um do povo, eu boto é prá F.*
- Mas, você não é povo também?*
- Nasci nesse país de merda, o presidente é um bosta, a polícia é um cocô. Sai fora com essas perguntas bestas.*
- Em quem você votou?*
- Eu não voto.*

(Nesse momento, o cara deu um arrote, sorriu e saiu satisfeito andando pelo Conic/Brasília/DF...)

...

Para quem gosta do rock'n'roll, bons shows não acontecem. A contestação do rock virou lenda, o HipHop ocupou o posto, mas espero que ele não se torne HipPopHop, porque cansam muito as coisas açucaradas de amor e as firulas hedonistas de "astros" sem nenhum brilho artístico.

Quando Lobão bradava aos quatro ventos a sua contestação e ironia, era bacana o slogan "o rock berrou", pois a música que foi de contestação agora agonizava na mesmice e cretinice de pessoas que não sabem nem pra onde vão e nem o que querem. Por isso ficam a repetir os chavões das televisões alienadas. Ele nesse momento não se resignava, berrava e tentava ser ouvido, e até hoje o Lobão berra, mesmo não sendo mais tão ouvido e às vezes falando mais do que a boca.

Muitos também berravam, faziam algum sucesso sem merecer sequer atenção. Moleques falavam merda, achando que a Ramones fossem alguma coisa. A Garotos Podres afirmava que "a mancha do tapete não era mingau", ou seja, punk no Brasil quase sempre foi muito mais barulho e escrotice do que conteúdo. A Plebe Rude optou em tentar copiar a atitude e a sonoridade de uma grande banda politizada, a The Clash. Salvem também a Ratos de Porão, e outras, e outras, e outras que não dão banana para o sistema, i.e., que o não alimentam... e que infelizmente não são tantas.

Uma manchete de jornal, de 7 mar. / 2005: Vocalista da Charlie Brown Jr. não respeita sinal de trânsito, bate em outro veículo e atropela três transeuntes. O único que saiu ileso dessa atitude "fodona" do infame "Chorão" (†) foi ele mesmo, que alegou "ser tão vítima como os outros do acidente". O elemento dirigia uma caminhonete GM-Blazer, e se estivesse no seu tão celebrado "skate na veia" não teria causado esse mal aos outros. "Chorão", "uma vítima e tanto".

Terminando essas divagações sobre o tema desgastado e raramente não fútil "rock", uma banda punk legítima, tal qual a Dead Kennedys, berraria em alto e bom som "morte ao Severino Cavalcante, reações do c...". Isso sim seria atitude punk.

1º de abril • A ditadura estava aí para isso mesmo, não para distribuir bombons.

O que talvez até desse mais resultado. Os radicais de sempre iriam ficar frustrados – pensa Millôr (†), com a língua afiada e a irreverência intacta aos 80 anos.

(O Globo)

Tom Zé na 'Feira da Música Independente'

Dean Pacheco

Mas foi bom... – Mulher é o negro do mundo! – e Tom Zé o baiano universal está gritando isso. Perderam... Um espetáculo generoso foi o que Tom Zé e banda nos proporcionaram, que transcendeu qualquer expectativa a qualquer ideia entre o fosse e o poderia ser.

Em Estudando o Pagode, autênticos operários performáticos do ritmo e apito na música de Tom Zé, cuja trupe encantou os presentes, os curiosos e os ávidos por algo novo. Afinal, quem estava ali era o maestro-pai do Tropicalismo, a resistência rebelde em pessoa, um ícone independente: "TÃM ZÍ". Como é carinhosamente aclamado "lá fora". Como ele mesmo nos contou. Não nos desapontou nos orquestrando seu trio!

27 abr. • 'Campus sonoro' – Ellen Oléria – Sonorossomática – CCE – Zé do Roque

Funarte, Sala Cássia Eller

A Funarte é uma sala mágica, por isso leva o nome de Cássia Eller. Ali passaram os *Projetos Pixinguinha*, e saudavelmente ela mantém o aconchegante clima de *Feira de Música*. Foi isso que aconteceu: novos e reconhecidos talentos, e uma dose de rock, que me deixou os ouvidos zunindo.

Incrustados próximo ao *Parque da Cidade*, no meio do *Centro de Convenções*, acima do *Clube do Choro* e no meio do caminho da *Sala Funarte*, no estacionamento, o bloco tribal de tambores de mulheres Batalá ensaiava. Detalhe: o som dos tambores vazava para o interior das salas de espetáculo tanto do *Clube do Choro* como da *Funarte*. Após uma chuvinha, a noite respirava música. No sonho technicolor de Dom Bosco, havia muita música elétrica e acústica, feiras de música, empórios de instrumentos, revistas especializadas, salas apropriadas de ensaio, estúdios locais para receberem um êxodo de músicos de todos os campos.

E além das feiras, das agremiações, dos festivais, dos jabás, dos selos, dos sindicatos, e apesar de você *Ecad* muita música de qualidade nesses espaços nobres.

E a nossa música na rádio! Você vai me dizer que exagerei na utopia, mas me parece que a música suplantou o urbanismo e é uma referência frequente quanto à identidade da cidade. Atrás talvez apenas da política, mas que também faz jingles. O fato é que, apesar de todas as vocações, cria-se uma especulação para a posteridade – *50 anos de Brasília* –, e o oásis (não o grupo de rock inglês) pode ser invadido por forasteiros, que irão checar as credenciais da cidade, como tem acontecido.

Campus Sonoro acontece desde 1999 no *Anfiteatro da UnB*, e em parceria com a *Sala Funarte* eles estão ocupando o espaço da *Secretaria de Cultura* na última quarta-feira do mês. O legal da iniciativa é que o bolso dos produtores pagou a taxa do *Ecad*, o que deu abertura para a apresentação de novos talentos. Foi o que alegremente aconteceu!

O próximo será no dia 25 de maio – adesão: dois quilos de alimento não perecível

Ellen Oléria

É uma cantora de alma de veludo com implicações totalmente soul, apropriadamente nos apresentada como uma Pérola Negra. Ela ao violão se acompanha de percussão e sax. Com uma extensão vocal privilegiada, conseguiu interagir com a plateia, que repetia o coro de suas parcerias. De torcida de festival que apoiava os seus favoritos, os presentes entraram no clima de desconcentração e dançaram pra valer a sua música. O show começa com “Nuvem passageira” de Hermes Aquino e termina com uma composição própria, que no fim do túnel pergunta: “Qual o nome do seu sócio?” Ellen Oléria, com o seu cabelão afro, o sorriso é uma promessa. A qualidade instrumental de suas composições pode ser reelaborada e melhorada, o que pode acontecer. Fato visível, a qualidade das intérpretes de Brasília busca a visibilidade que tão bem merece. Toque, por favor, os souls que Roberto Carlos fazia lá nos 60s...

Sonorossomática

Quarteto, quinteto... Sexteto, essa última numerologia predominou ontem. Tive o prazer de apreciar a passagem de som da Sonorossomática e reencontrar o guitarrista Ivo, com seu toque jazz corrido de pestanas, rodeado por talentosos músicos de mesmo calibre. Na ponta esquerda, um violonista que não perde o acorde. Ao centro, o saxofonista passa as notas em harmonia com Ivo. Na direita, Macarrão no contrabaixo. Ao fundo, a bateria sustenta o movimento sonoro. Um entrosamento especial se pode ver entre o saxofonista e o baterista. E no meio de tudo o colorido ritmado da percussão. Agora, no repertório, gemas instrumentais da música brasileira: “Bananeira”, “Nãã”, “Pipoca moderna”, “Ponteio”, “Clube da Esquina nº 2” e “Na baixa do sapateiro”/ “Odara”. Eu não esperava ouvir esses clássicos ao vivo. Mais ainda, a execução de um tema do mestre Moacyr Santos (†), arrepiante. Até nos desencontros, a Sonorossomática é profissional.

CCE (Caboclo do Cabelo Esquisito)

O cara do cabelo esquisito e tão afro-erizado quanto o da Ellen Oléria é o Célio de Moraes, amigo de longa data do Guimarães e pai do Arnaldo. O Célio estava com a cachorra e a corda do baixo na mão direita. Empolgado, abriu o show com “Cabeludo Patriota”. A corda grossa voou e enterrou um filamento na sua mão. Breve improviso, Gabriel na guitarra, Cris no vocal e Janari nos couros e pratos. Gabriel não tem dó da Cris e manda uma guitarra rápida. Célio volta, pula e canta e berra até o transmissor do contrabaixo cair, mas é rock’n’roll, e ele quer. A CCE se apropria dos clássicos alheios e leva adiante o power do trio tocando “Tales of Brave Ulysses”. CCE tem dinâmica de conjunto, todos sabem dividir bem o espaço. Nos números altos, Célio sobe, e no lirismo desce para acompanhar a voz de Cris em canções ripongas do tempo de Elis Regina. Cris descalça no centro do palco, com jeans colado, tomara que caia amarelo, aquele rostinho de Corista do show. Eles têm uns truques de revista da contracultura. Movem-se pelo palco em bizarras tentativas de performances, que precisam ser reelaboradas. A gente sabe da proposta, e vocês não fiquem bebendo no palco... O guitarrista Gabriel parece um Zappa retirante, com a guitarra ligada nele mesmo. Enfim, uma trupe de palhaços no melhor estilo Sensational Alex Harvey Band. Célio não para de tocar, alonga os solos e divide o espaço com as apocalípticas finalizações da bateria. Antes de o relógio soar, eles tocaram “Meus 26 anos”. Ao fim, de arrepiar, mais canções da Joelho, e encerraram com o hino “Todos pensam que tocar rock é mole / mas vou logo dizendo que não é mole não/quem não me entende diz que a terra é do samba / e que não tem lugar pra gente”. (“Uma Banda Made in Brazil” – *Pauliceia Desvairada*). Foi rápido, foi pesado, foi caótico, foi rock’n’roll! Célio apontava um augúrio que todo músico brasileiro conhece. Parabéns.

Zé do Roque Blues do séc. 21

Eu vi o futuro do rock e ele se chama... Será Guilherme um prodígio? Pelos decibéis das guitarras do Zé do Roque, eu me lembrei quando os Dirt Tricks foram gravar e o teto de gesso desabou. Ainda bem que o teto desta sala não caiu. Quanto a segunda guitarra, mais o baixo e a bateria são competentes, e navegam naquelas ondas sônicas onde os graves direcionam e os agudos ficam isolados na corrente, fica fácil, né ?E a bateria faz o fundo da Missa Negra e os contornos de “Sweet leaf”; curtimos isso até hoje, e também um álbum chamado *Phaseshifter*, da Redd Kross. Às vezes me lembrava Robert Smith. Zé do Roque deve ser uma guitar band, as letras são em português. Nas veias do Guilherme corre sangue de rock. Posteriormente acrescentaremos os nomes corretos dos músicos. Envie fotos.

17 maio • Linhas falando de movimento – Hosana Bezerra

SDS Conic – Núcleo de Cultura de Ceilândia e Espaço das Mulheres

Visitação de 17 a 30 de maio, das 10 às 18h, de segunda a sexta.

O pernambucano Hosana Bezerra é de Recife, nascido em 1957. Depois de conhecer o Brasil, veio para Brasília em 1988. Hoje o ex-lavador de carros sobrevive da sua produção. Autodidata, desenha desde criança, e começou a pintar telas em 2002.

O fundamento de sua arte está no traço seguro e na combinação das cores, envolvidas por um geometrismo abstrato, marcado pela liberdade da forma e domínio dos espaços. Muitos observam a influência arquitetônica que Brasília exerce em seu trabalho, de traçado reto e cores paralelas, que predominam na atmosfera da cidade. É arriscado opor à produção de Hosana Bezerra comparação aos mestres de escolas abstratas e aos expoentes da arquitetura, quando o artista ainda precoce tenta palmilhar o próprio espaço. Vítima da rápida valorização dos galeristas, as telas de Hosana ainda

podem ser adquiridas a um preço módico. Não perca a oportunidade de reverenciar a verdadeira arte das ruas em seu verdadeiro espaço.

Cores em luta pelo social – Maria Eugênia Matriccardi

Maria Eugênia resgata a resistência de Frida Kahlo

Uma espécie saudável de jovens primam pela capacidade da interpretação natural da indignação, não só por seu visual solitário no meio da cidade, do metrô e das passarelas dos shoppings, onde a notoriedade da apatia reluz num cotidiano de exclusão, silenciando a maioria dos cidadãos. Muitos jovens deixam a esfera do social para confrontar a qualidade do cotidiano, apesar de Brasília estar no patamar das capitais em qualidade de vida. Essas pesquisas não levam em conta o meio de transporte, cuja fiscalização é algo do faz de conta, de quando o real se transforma em pesadelo.

Residindo em Vicente Pires, esses jovens sabem que a circulação pelo espaço urbano não é livre, e ainda que pode abocanhar mais do que o salário mínimo recebido por um chefe de família.

O que o transporte tem a ver com a arte da Maria Eugênia?

A arte de Maria Eugênia Matriccardi carrega em seu cerne as ideias das barreiras que têm que ser ultrapassadas e vencidas. Na sua exposição, houve roleta de ônibus e a placa “boicote”. Enquanto artista, ela é ativista da causa por uma passagem menos inflacionada, e de um melhor meio de locomoção não só para os estudantes, mas também para os pais e mães das famílias, que não recebem os vales-transportes, que afinal adquiriram status de um “mensalãozinho”.

Dos quadros

Os ingredientes principais dos desenhos agora telas começam pelas canetas nanquim e seguem, em colagens, valorizando o erro como artefato. Um traço refinado faz a arte final dos desenhos: retratos da cabeça enfumaçada de Sid Vicious, sem saudosismo. Neles molduras de mistério e erotismo fálico recorrem ao desespero da poesia existencial: são cenas que acontecem na noite das camas das pessoas, sonhos oníricos em preto e roxo, cortados por gritos em luto pelo social.



18 junho • Artistas doloridos e a árdua noite de um dia calmo

Véspera do show da Let it Beatles. *Conic*. Sexta-feira longa, debaixo do chapéu da *Praça Ary Pára-raios*, a mesa acolhia as presenças de Paulo Iolovitch, com o constante bloco de papel esboçando a movimentação. Em rápida passagem, Cicinho e Márcio nos apontaram Humberto Pedrancini: o diretor, professor e produtor cultural e cênico. Completando o time, Carlinho\$ Guimarães, Carlinhos Quinau, Marcus Vinicius e Pazcheco, mais as cervejas de sempre. O ótimo papo/entrevista/depoimento de Humberto Pedrancini magnetizou os presentes, com a saudade do futuro e uma revisão da sua trajetória cultural. Humberto Pedrancini falou de Cora Coralina, Glauber Rocha e Tarcísio Meira. Na falta de gravador, fotógrafo, maquiador, sobrava quilometragem. Somente os ouvidos atentos entenderam por que Pedrancini jamais chegou ao show do Santana, ainda nos 70s, em Brasília.

Depois da *109 Sul*, nos dirigimos a Taguatinga. No apartamento de Humberto Pedrancini, ele falou de *Objetos, coisas e mentiras*, o seu atual monólogo, dividido em *O Assassino*, de Ray Bradbury (†), *O Mentiroso*, de Jean Cocteau (Prêmio Nobel de Literatura), *Lá no Morro*, de Wander Pirolli e *Águas Eflúvies abissais*, de Ildefonso de Sambaíba, um autor brasileiro, cuja última estrofe Humberto Pedrancini ditava, algo como para tanta ratazana: bichano! A conversa auspiciosa de temas latentes voava janela abaixo do décimo andar, enquanto curtíamos o site do filho do Antony Quinn.

A noite intergaláctica se estendeu ao *Blues Pub*, o show era da Black Rainbow.

Encontramos a marginalia do rock brasileiro: Jorge Efi, que fará um show de blues cantando Robert Johnson; Tuka Villa-Lobos; Patrícia, esposa do tecladista Marçal; e Marcelo & Karina. Diretamente da máquina do tempo, se materializam Rockdrigo Terra, Bruno “Lobão” & Carol. De cortesia, ganhei um mapa.

Seguindo o tal mapa do tesouro, me materializei na Colônia Agrícola Arniqueira.

Dúvida : “É aqui ou na Colônia Sucupira?” Perdido em Abbey Road. E quando a sorte te solta um cisne no meio da noite, encontrei o velho Dalto “de Guerra” da *QE 17*. Dirigindo um Jeep Vintage 1951, que acabava de sair da oficina, parece-me que o jeep pertencera ao seu pai. “E aí, LenMac?” (No mínimo, há 10 anos não ouço ninguém me chamar assim...) Dalto subiu ladeiras e me deixou no lugar onde “aconteceria” a festa *Jardim das excentricidades*. Estacionei o carro e me dirigi à muvuca. Estranhei, tocavam o Bonde do Tigrão: festa e hora erradas, fui pra casa. Esse é o motivo porque jamais cheguei a assistir a Besouro do Rabo Branco.

Sábado. Na hora do almoço, mestre Paulão de Varadero ligou convidando-nos para uma rabada no *Clube de Imprensa*, ao som do samba de raiz da capital do Samba. Rapidinho me lembrei do grande Manoel Brigadeiro. Gentilmente inventei e não “declinei” do convite do Paulão. Para explicar as andanças da noite anterior, tinha um álibi perfeito: “Show da Let it Beatles!” 63 anos de Paul! Do outro lado da linha, Paulão: “Eu também recebo as mensagens engraçadas da Let it Beatles!”

(?) “Fiquei voando... Paulão! Você tem correio eletrônico?” A dupla fluminense Dean e Rodrigo Souves apareceu para um rápido “golzinho”. Vão ao show do francês Mano Chao e do africano Jah Fakoly na *Torre de TV*, com a turma de Goiânia.

18h: Marcinho 3 x Romário 2. Edmundo 2 x Robgol 2. Corinthians 4 x Brasileiro...

Fim de tarde, pego a camiseta nova d’Os Beatles e vou ao show.

Let it Beatles... livre como os pássaros

18h09 Este é um texto ao vivo... Niver do Macca – Pátio Brasil, às 19h

Já que se falou tanto e escreveram tudo sobre George, Paul, John e Ringo, vamos nos ater à banda Let it Beatles. Que está completando uma jornada de cinco anos pelos palcos de Brasília e do Brasil. A formação de quinteto funciona como um laboratório básico para tornar próxima a execução ao vivo dos temas d'Os Beatles, em estúdio. Destaca-se a não intenção teatral de representar os mitos e as artimanhas do fabuloso quarteto, centrando a viagem “apenas” na execução das mais conhecidas canções deste século.

Denis Oliveira domina o centro do palco, ora empunhando a guitarra, ora o violão. O principal vocalista canta com um “feeling” do imaginário personagem Billy Shears, que traz um sotaque texano gritante. As notas principais centralizadas em suas cordas vocais, foi assim aparada uma divisão possível dos egos. Pedro Moris, o tecladista, exprime uma grande musicalidade. Age como o quinto homem, uma espécie de Mal Evans gravando com Os Beatles – faltou a bigorna. Dado Nunes no contrabaixo empresta uma consciência de Krishna para o quinteto, principalmente em “While my guitar gently weeps”. Igor Karashima, na bateria, nos mostra o quanto Ringo podia ser extraordinário em suas batidas, nas asas de “Hello Goodbye” / “I’m The Walrus”. No tempo do Ringo, a marcação antes das músicas acontecia nos pratos? Rodrigo Karashima, e quanto à guitarra Gibson Les Paul, presente em quase todas as faixas, seria mais um toque de Paul? Ou de Arnaldo?

Das músicas

Em I’m A Loser, Pedro vai à frente para fazer a gaita. Denis faz a voz do aniversariante, e Dado Nunes, na direita, a de Lennon

É ingrato falar das músicas, pois sempre que você ouve uma canção d'Os Beatles, instantaneamente, a caixa de músicas da alma já programa a próxima. É impossível atingir o nirvana individualmente. Então, a histeria coletiva. Let it Beatles começou tocando as canções que foram sucesso nas trilhas dos filmes *A Hard Day’s Night* e *Help!* Pré-psicodelia. Avançaram para “Day Tripper”, e nas duas primeiras faixas de *Pepper’s* eles não tocaram até aquele momento “Lucy in the Sky with Diamonds”. Para mim, foi como uma ducha de água fria que se transformou numa torrente escaldante. Quando eles tocaram “Free as a Bird”, a eterna magia da batida beatle. Desde o início, no entanto, o show estava já mais para John Lennon, apesar de ser aniversário de Paul McCartney, e da banda.

Fomos brindados com primorosas interpretações para “I’m A Loser”, “Hey Bulldog” (música que mais curto no momento) e, quando da hora de “Lucy in the Sky with Diamonds”, se fez a justa homenagem a Lucy Richardson, a menina da canção.

Houve um momento acústico, para “Yesterday” / “Girl” (sugestão: toquem “Meu Bem”!...). “Let it Be” foi lembrada, e o final emocionante: eles começaram o show do meio para o fim. No mais de novo, mas mais ainda, eles emendaram “She loves you” com “Twist and Shout”, e a abertura de “Birthday” foi saudada pelo público, que intercalou um “Parabéns pra você”... em português.

O público

Da Arca de Noé, escaparam milhares de fãs d'Os Beatles. Após o fenomenal reencontro com Dalto, eis que ressurgiu Paulinho, o mais soturno e completo fã d'Os Beatles. O homem que tinha tudo no misterioso fã-clubes do Lago. Não o via há 15 anos. A sua fisionomia não mudou muito, e para conferir se era ele mesmo na saída nos encontramos cara a cara, mas eu sem cara de lhe pedir o endereço do fabuloso *Fã-Clube d'Os Beatles no Lago*. Alguém tem?

O amigo e advogado Costa se esbaldava, com direito à camiseta d'Os Beatles e tudo. Grande era o número de crianças e jovens, profundamente adolescentes, com seus piercings, que dançaram o show todo. E pais brincando/dançando com os filhos do segundo casamento, e muitos senhores e senhoras da Terceira Idade.

A massa de perninhas e sapatinhos freneticamente risca o piso do shopping, é tudo o que dá pra ver. Repete-se assim a compacta colônia de insetos com mil tentáculos rosados, macejando instintivamente ao som dos cabeleiras.

É um público que na hora da saída divide opiniões cativantes sobre a volúpia do ritmo de “Twist and Shout”, numa reação entusiástica como se aquela fosse ainda uma da primeira centena de vezes que ouviam aquele clássico!

Let it Beatles sempre soube reconhecer o valor do seu público. É por isso que o séquito aumenta a cada dia, e a banda vai encarando o desafio de apresentar/acrescentar novas emoções às conhecidas músicas. Ali não era a *Caverna*, e nem o *Hollywood Bowl*, mas o *Pátio Brasil* se tornou outro templo da Beatlemania. Ali a Let it Beatles se aproximava da histórica marca das duzentas apresentações.

Key

Um casal que viveu o auge da Beatlemania me entregou uma chave. Só poderia ser a do fotógrafo oficial do show, o único que estava próximo, pensei. A chave a entreguei ao bombeiro, e na saída tive a oportunidade de perguntar ao fotógrafo se ele encontrara a sua. Passei a noite pensando: “Existe a palavra *key* em alguma canção d'Os Beatles?” Passo a bola para vocês da Let It Beatles.

Enquanto isso

Próximo dali, na *Torre de TV*, uma multidão assustada com a possibilidade de uma chuvinha assistia ao show de barzinho do Mano Chao, tocando guarânias na língua de Sartre, para descolonizar o ouvido brasileiro. No intervalo, tocaram Renato Matos, e até anunciaram o seu próximo show. Menos pior. Desconfiei que o africano Jah Fakoly seria o grande nome da noite. Domingo 22h30, fim de texto online. Hora de dormir.

Agora segunda-feira às 10h Rodrigo Karashima, o guitarrista da Let it Beatles: “Quietly turning the backdoor key...” (“She’s leaving home”), ou “and I’ll try not to sing out of key” (“With a little help from my friends”). Coincidentemente (?) ambas do *Sgt. Pepper’s*. Valeu, Rodrigo!

Na terça-feira, Pedro Moris achou a palavra *key* na letra de “Baby, you’re a rich man”. No verso: “Now that you’ve found another key. What are you going to play?”

Outro anexo: No site *Do Próprio Bol\$o*, Dado Nunes assinará a Coluna *The Walrus is Paul*, que trará informações técnicas e fotos laureadas com a efígie de Paul McCartney. Breve!

28 jun. • Beba a crônica de ontem: Prot(o)

Teatro Garagem – Goela abaixo ainda não havia descido aquele gol argentino na lateral direita, que custou a eliminação da Seleção Sub-20, quando o telefone dispara, e a cativante personalidade agitada de Magu Cartabranca fala: “Saiu a revista Informação Tributária!” Nessa lauda não é possível repetir a polifonia do eco da voz de Magu no meu cérebro.

No *Beirute* às 21h, encontrei Carlinhos Quinau e Márcio Abdala. Este mágico-prestidigitador nem teve de mostrar as cartas. Os insolentes garçons queriam cash à frente das cervejas, esse negócio de “mensalinho” é contagiante. Nessa estrutura, quando bêbaços, sorrateiramente as cervejas são cobradas em dobro, então sartei.

Garagem 913 Sul. Show da Prot(o). Velho papo de entrada: “Deixa eu dar um bico!” Naquelas estruturas negras, fantasmas saíam das paredes e também os acordes potentes das guitarras – puro rock de garagem no *Garagem*. Muita filmadora para pouca estrela. Naquele templo, vi toda uma geração de músicos, histórias e amigos. Na cabine de som, o fiel Serginho; o dia que eu não o encontro ali o espaço perde um pouco da fidalguia. O *Teatro Garagem* foi parabenizado com a acolhida do bom público.

O show da Prot(o) está no final. Eles cantam uma nova canção, “Com as próprias mãos”. Outra levada interessante é “O que eu procuro está em mim”. Eles têm um duplo som de guitarra muito unido. Enquanto uma guitarra luta com o microfone próximo ao amplificador, Pinduca na outra escorrega os dedos nas escalas descendentes em arranques de pura energia. O bis foi “Fique fora de esquadro” e “Eletroacústica”. Nesta última, um longo solo e microfônias chapantes. Notando que estávamos curtindo o paredão, Pinduca se vira para nós (eu e Rockdrigo Terra, que me convidou para o show) e faz uma pose com a guitarra em pé ao lado da cabeça, numa clássica referência a Jimmy Page. O baterista dessa noite, que substituiu Cristovão (operado), também tocava alto, e ficamos ouvindo esses sons na mente noite adentro. A massa sonora me lembrava Buzzcocks, XTC, pós-punk ou positive punk? Isso era com os jornalistas que cobriam o show – nós curtíamos!

No mesmo *Garagem*, no saguão externo, havia uma exposição de 22 instrumentos musicais do mestre-carioca Joaquim Pinheiro, que a partir de fotos de livros recria os instrumentos medievais de cordas, alaúdes, violas, com toda a criatividade, que nos indagava: “Quem será capaz de pilotar esses instrumentos?” Infelizmente a exposição acaba hoje. Foram só três dias, e sem um prospecto de informações. Gentilmente Tarzan nos deu a senha, e outras informações.

Serginho acabou de recolher os cabos e resolvemos passar no *Beirute*. Lá encontramos Magu Cartabranca e uma pilha de revistas Informação Tributária, com edição de 80 mil exemplares, para circulação nacional, em distribuição gratuita.

Serginho e Magu Cartabranca revisitaram seus 25 anos de agitos na cena brasiliense. Fazia seis anos que Serginho não pisava no *Beirute*, e não posso continuar... porque ele não gosta que eu conte as histórias.

Conhecemos pessoas de outra escala social, que perguntavam se o movimento era aquele mesmo na terça. As revistas saíam rápido. Sem beber, eu analisava a falsidade daqueles que recebem as rodadas que nós bancamos. Magu Cartabranca nos convidou para uma entrevista no seu especial de rock aos sábados. No celular, Judivan, colaborador da Informação Tributária, nos mandava um alô. Ele é músico, e seu último *CD* se chama *Espelhos*. Distribuídas as revistas, de soslaio vi Iolovitch, de casaco vermelho, exibindo as suas telas. E voltamos para o Guará.

Em casa, depois da meia-noite, foram duas geladas e dois conhaques. Sérgio fez um mapa das quadras onde morou no Plano. Falou do tempo em que morava no *Clube de Imprensa*, sob a regência de Jota Pingo (†), e dos seis anos que mora na 40 do Guará. Falou-nos da primeira música da Mel da Terra, de divergências de ponto de vista no texto “Mel-limão”, do primeiro ensaio com o baterista Beto, da entrada do Haroldinho. De algumas músicas inéditas, e essas coisas fluem... Na sua casa, ele me deu um *CD* com uma hora de música inédita da Mel da Terra, com a minha promessa de ele ser somente para uso próprio, e que o material só existia na minha mão e no *HD* dele. Enquanto isso, na *203 Norte*, Rockdrigo Terra treinava a sua sinuca. Uma noite de contatos que – na tarde de sábado, na *Regional FM 104,9* – tocará o novo *CD*-demo da Máquina do Tempo, agora trio.

Curtimos muito no 'Garagem'

Artigo perigoso é o redigido somente pela memória, possivelmente falho e incompleto, que se transforma num palimpsesto sujeito a alterações.

Teatro Garagem – 913 Sul. A sua penumbra excessiva, ao lado do palco escuro, e a música rápida proporcionaram incontáveis sensações déjà-vu. Na antessala, fotos expostas resgatam o rock de outras eras da cidade. Ao invés de roubar a foto, fui direto ao Ivaldo Cavalcante, e ganhei o seu livro *Taguatinga – duas décadas de cultura*.

Compareci ao *Garagem* dezenas de vezes para ver bandas de fora da capital e do interior de São Paulo. Me lembro da carioca Second Come, e da dobradinha da Planet Hemp com a Vernon Walters. Alguns desses shows foram transmitidos pela *Cultura FM*.

O que a cabeça lembra: o container retorceu as grades

Celso Araújo, então vocalista da banda Akneton, estrilou: “Só no Brasil colocam o lixo na entrada do teatro!” Foi uma previsão do que aconteceria uma semana depois; o container com o lixo da reforma do teatro desceu os degraus, rompeu as grades da bilheteria, e por pouco não atropelou Daniel Matos, então guitarrista da banda heavy Deja-Vu. Ao sair das arquibancadas do teatro, tomei um susto com o ocorrido.

No show da banda punk Capim Seco, inventaram uma guerra de espuma; infernizaram a produção de palco, realizada pelo Sérgio Pinheiro, que temia pela eletrocussão dos músicos.

Sérgio Pinheiro é o popular Serginho, ex-vocalista da Mel da Terra, que trabalha no *Garagem* há séculos como técnico de som, e sempre que pode grava alguns shows.

Frente ao palco, no mezanino onde a mesa monitora os canais de som, “Billy”, um músico grande e musculoso, elogiava a performance da banda; os meninos assustados mal sabiam que aquele era Renato Rocha (†), baixista da Legião Urbana.

Ironia

Algumas bandas eram divulgadas como vindas direto do interior, e fãs da música caipira pagavam ingresso para descobrir que se tratava de uma banda de rock.

Shows que me lembro

A banda paulista Trap, com som psicodélico, surrealmente colocou os fãs a bailar.

Bigorna, O Forrest Gump do rock Brasília

No final dos 80s, conheci Eduardo Bigorna fazendo estripulias com o pessoal da Rumores de Garagem, a única banda de Brasília a aparecer no programa do Jô sem jabá! Depois o Felipe Caduco produziu a fita demo deles, e chegou a hora da Bigorna e CIA. Desse período, ficam as lembranças dos nossos agitos no *Bar do Afonso*, na QE 32, e a vocação atávica do Bigorna em viver para a música. No momento, ele está envolvido em agitar vários eventos, e em “recuperar” as pistas do seu disco solo. Outra figuraça que reapareceu foi o velho poeta Lincoln (ainda cabeludo), também gravando seu disco solo nos altos da Ceilândia. Esses são os heróis populares das satélites.

Marciano Sodomita

Foi a banda que mais vezes assisti ao vivo no *Garagem*. Na última, eles deram calote. O show se chamava *Bosta*, e aconteceria num fatídico *15 de novembro*.

Eles tiveram um problema com a Polícia Federal e foram impedidos de aparecer.

O problema não foi o título do show...

Um show internacional

A banda norte-americana Fugazi.

Os primeiros shows de rock no *Teatro Garagem* aconteceram na década de 70; nos 80s, em março de 1985, a Capital Inicial se despediu da cidade com o show em que estreou o vocalista Dinho.

Sobre uma mesa, havia uma cortina com compactos importados de grandes furos no meio. O vocalista constantemente corria para trás do palco, deixando a imaginação livre para especular qual era a “boa” do dia.

1988

No *Garagem* pisaram os garotos da Cólera, com abertura da BSB-H. Esse show entrou para a história do *Teatro*, pois bateu o recorde de público, com 503 pagantes. O recorde anterior pertencia à Malas & Bagagens, banda que tinha Cássia Eller como vocalista.

Jogo de cena

No início de 1993, o *Jogo de Cena*, alternativamente aos espaços mais devotados ao rock, resgatou a tradição teatral da cidade ao oferecer coreografias, trechos de espetáculos e show de jazz a meia entrada.

Eu quero é guligulê! (1995?) – Show da banda Pacato Cidadão do Alto

Participações especiais – Amanita Muscaria, Nata Violeta, Luiz Cláudio.

Festival Cover

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| Pearl Jam | Bush • Metallica. |
| • Red Hot Chili Peppers | |

In ‘Rock Redley’

Chegou ao final em outubro de 1996. Foram seis shows quinzenais, com a participação de 26 bandas locais. O show de encerramento do projeto organizado pela *Redley Records*, com apoio do *X-Tudo*, suplemento semanal do Correio Dois, reuniu as bandas Peter Perfeito, Jeca Peba, Lost Head e Alarme. Foi uma noite de homenagens a Renato Russo, que havia falecido naquele mês.

Rock no Garagem

- | | |
|----------------------|------------------------|
| Detrito Federal, | Nata Violeta |
| • Neuras Planetoides | • Brazilian Blues Band |

Primeiro Hip Rock Atitude – maio de 2002

- | | |
|-------------------------------|-------------------------|
| DF Zulu • Breakers • Viela 17 | • 10Zero4 |
| • Código Penal | • Artigo 5 • Mata Leão. |

Meu último show no Garagem

Foi um show da Prot(o). Faz uma década...

3 julho • Alcateia ‘Tudo é um’

Teatro Nacional – Arte por toda parte

Tuka Villa-Lobos • Mákina du Tempo

Jesse Samba • Jorge Efi

Matilhas de lobos, lobas, lobinhos e lobões na última sexta conferiam as instalações da pirâmide central em frente ao Conjunto Nacional. Fomos assistir Tuka Villa-Lobos e Mákina du Tempo. Primeiras faces que encontrei: Nathal de Oliveira e Brunão. Célio de Moraes: “Vou tocar aí!” No balcão, tenho um reencontro emocionante com o tecladista Marçal, agora casado e mais vivido. Nos conhecemos de quando ele tinha 17 anos, nos palcos de rock’n’roll, desde a sua estreia, há dez anos. Marçal arrastava órgãos, pianos e sanfonas. Ele é fantástico, muito vibrante e sempre à vontade no que faz. Foi uma vibração assim que Celião, contrabaixo, Kiko Péres, guitarra, e Rodrigão, bateria, que captura a postura e os truques bem-sucedidos de Keith Moon com as baquetas, mostraram na condução das canções “rittalianas” dos 70s, os grandes sucessos que a tornaram marca indelével do rock nacional. Na batida naturalmente da guitarra inspirada do mestre Luiz Carlos Carlini. Há três backings, mas a voz central de Tuka Villa-Lobos me lembrava Ângela Rô Rô, conforme ela casava a sua entonação expressiva com as canções. Assim foi em “Loba”: “Ser livre e ver o mundo crescer / sentir renascer, saber viver.”

Em “Liberdade”, ela repetia o refrão “Escolho meu caminho / decido minha direção / pego meu destino e liberto meu coração” de uma maneira quase infantil, maternal, reconfortante!

A coreografia do rabo preso ao final de “Arrombou a festa III” foi o ponto alto da cativante noite oferecida pela talentosa cantora Tuka Villa-Lobos, nossa maravilhosa anfitriã, que nos deixou a todos felizes e animados.

Mákina du Tempo: apologistas das cores, a experiência de Hofmann

Entra em cena a Mákina du Tempo, emenda logo um porrão de palavras, em “Estampado nos jornais”; e não é que tinha um corinho tropicalista mutante? Legal esse refrão. Bruno (contrabaixo), sempre empolgadão, e colado à bateria, esqueceu os seus backing vocals. A Mákina du Tempo re-ecoa os sons das aliteraões das viagens, e realiza coros tão belos que não estão nem um pouco longe dos meus preferidos dos Beach Boys. Falo da ideia, não da afinação. Na sequência, uma justa homenagem a Júpiter Maçã (†), que recentemente passou pela nossa cidade e tocou “Um lugar do c...”, tirada da *Sétima Efervescência*. Propositamente eles tocaram alto, e deixaram os nossos ouvidos zunindo, para apressar, e avisar que o show da Bois de Gerião viria na outra sala. Algumas pessoas me disseram que rock’n’roll é naquele volume mesmo.

Jam

De Chicago, Jesse, o homem com Samba no sobrenome, nos brindou com uma dose bastante competente de blues, suprimindo a bateria e passando teclas e cordas e entoando “Call me when you need me”. Hi, Jesse Samba, fale de nossa página na tua pesquisa sobre o rock nacional!

Outra participação exuberante foi Jorge Efi, simpaticamente agreste, repassando-nos *our memories from school days in Good mornin’ school girl*.

Some-se este blues aos ácidos rocks “Jardins da Babilônia”, “Esse tal de Roque Enrow”, “Papai me empresta o carro”, “Top Top”, “Arrombou a festa III”, mais Júpiter Maçã, e me diga: “Não foi outra efervescência?”

O show de Tuka Villa-Lobos merecerá ser visto... no *Porão do Rock!*

12 jul. • No seixo do Eixo: A primeira e única 'Noite Do Próprio Bol\$o'

Exposições algumas vezes geram controvérsias e atraem oportunistas

Palco – Super Stereo Surf, Máquina do Tempo.

Telão – *Pink Floyd London 66-67* – A film by Peter Whitehead

Lá dentro, na tela num mundo à parte, Syd Barrett dava cascudos na guitarra.



Timm Martins, o poeta da Casa-Grande, veio nos dar aquele abraço

Uma memória do meu caderno de anotações: a viatura chegou primeiro que os músicos. Estacionada, ligou suas luzes. Constatando tratar-se de uma inofensiva noite de rock'n'roll, seguiram. A filipeta *Sex, Drugs e Rock'n'Roll Do Próprio Bol\$o* bateu@!...&...*#...

Éramos à parte

Naquele tempo, *enosmesmados* nos encharcávamos de álcool e de loucura. Nossas vidas estavam em jogo. A qualquer momento, poderíamos ser parados pela polícia ou por um erro nosso.

Na mesa frente ao palco, Dean Moriarty e Carlinho\$ Guimarães. Subitamente, o buraco se encheu de caras saudáveis; antes o gerente já dera uma reprimenda no Rockdrigo Terra: "Você prometeu que iria encher!"

Rapidamente trocaram as imagens psicodélicas do raro vídeo de Syd Barrett por cenas de esportes de TV a cabo. Eu pensei: *arremedo de cultura made in Plano Piloto*.

Ato número um: desobediência

No final abrupto do show do Super Stereo Surf, agarrei o microfone da esquerda e, antes de os caras abandonarem o palco, fui convincente: Por gentileza, voltem ao palco e toquem "Pornografia"! Assim a banda voltou para o bis, e atendeu aos pedidos da plateia.

Quando chegou a hora da última banda, apontei na direção do microfone para Carlinho\$ Guimarães, está propositalmente *desligado*.

Quem matou o Rock?

Ao vivo, a Máquina do Tempo estava inaugurando a formação de trio. Rockdrigo Terra na guitarra e vocais; Bruno “Lobão” no contrabaixo e vocais; e na bateria e nos vocais a estreia do Nathal de Oliveira – que canta e toca muito.

A Máquina do Tempo apresentou três músicas novas, os rockões “Quem matou o Rock?” e “Harmonia das esferas”, e o iê-iê-iê “Alucinada”. Também atacaram de “Brazil?”. E em “Travelling band”, o baterista Nathal deu um show à parte nos vocais.

Naquela noite, abandonei a ideia de festas de divulgação do site em casas noturnas. O relógio da Máquina do Tempo parou no meio do caminho. Antes dos últimos notívagos cambaleantes voltarem para o pântano, peguei o DVD do Barrett de volta!

Não foi uma má noite, apenas um roteiro rejeitado.

Dali em diante, os delírios seriam caseiros!

Julho/agosto • Fellipec CDC entrevista Ricardo (“Frango”)

Brasília, Fina Flor do Rock – *Conheci o Frango na época em que a Death Slam iniciou suas atividades, pois o baterista que tínhamos era um único ser. Ensaiávamos juntos: Death Slam, Pitless (banda de thrash, há muito extinta) e a Destroços, na qual nosso entrevistado tocava seu contrabaixo podre e eficiente. Frango é mais novo do que eu, tanto na idade quanto no espírito. É jovem e menos ranzinza, porém os anos e anos dedicados a enriquecer a famigerada indústria do tabagismo deram ao meu ilustre amigo um aspecto pó de asilo e um perfume que é puro aroma da morte. A seguir, uns trechos de alguns trechos que conversamos.*

Fumarento amigo “Frango”, como estão os seus pulmões, após metade da vida dedicada ao vício suicida?

“Frango” – Deu vontade de fumar um... Espera um minuto. (Nesse instante, o infeliz cata o primeiro cigarro de uma série de muitos que viriam, naquele momento. Paraguai agradece...). Agora, pode começar.

(Começar o quê? A primeira pergunta já foi respondida!)

E aí, velhinho, você tem saudade daquela época lá do Centrão, Taguá Sul, quando começaram as bandas Death Slam e Destroços?

– Tenho. Dá vontade de chorar. Tenho saudade do *Bar do Pato*. A gente se divertia legal, não era como hoje.

Todas as bandas que você inicia ou entra alcançam muito respaldo por parte do público underground. Foi assim com a Destroços, Vernon Walters, TFP e, em especial, com a Desakato à Autoridade e Galinha Preta. Além do fator musical – que sempre foi alto nível – e de você ser um cara extremamente simpático, cativante e querido por todos os seres da galáxia, a que mais atribui essa paixão que o povo nutre pelas músicas de que você participa? É o padrão ‘Frango’ de qualidade musical”?

– Não sei o que responder. O que eu falo, Fellipec?

(Sei lá, irmão, o entrevistado aqui é você!...)

Basicamente, para fazer música você tem que estar descompromissado, você não pode ter o rabo preso, senão se fode. Exemplos: Death Slam tem quantos anos?

(Quinze!)

Se você não fosse verdadeiro com a sua banda, você teria desistido no segundo ano, como aconteceu com várias bandas em que toquei, por causa de mudanças de formação e de posturas ideológicas. Até mesmo a crucificada DFC, que nunca parou e esse ano fez 12 anos de banda. *Padrão 'Frango' de qualidade musical é o Padrão peão de punk rock*. O lema do Padrão é: 'Se faz, faz; se não faz, pina!'

Você ainda se considera punk? O que é ser punk para você?

– Não, não sou punk. Ser punk para mim é ser eu, pois o punk no Brasil é o peão.

Ainda topa por aí com os integrantes de suas antigas bandas, ou nunca mais os viu? Eles ainda estão no mundo do rock?

Uns ficaram doidos, outros *PMs*, outros carteiros. Cada um correu atrás do *preju* do jeito que podia. Mas tem uns ativos ainda, como o Robson (Makaongs 2099), "Fofão" (Besthöven e Vultos), e só. Tô véi, carcomido pelo cigarro...

Ia rolar um tributo à Desakato à Autoridade. Parece que o Teseu (Louco de Pedra) não gostou da ideia. Foi por isso que o projeto não vingou?

– Não sei, não tô ligado, não.

Fale aí um pouco de como se descobriu enquanto mesário, operador de PA, e de como saiu do estágio "oreia seca" (mero carregador de caixa) até o atual status de um dos melhores e mais requisitados trabalhadores do ramo. Rolou uma história de um grupo de jazz norte-americano que veio tocar no Distrito Federal e ficou fascinado com o seu profissionalismo, ao ponto de convidá-lo para excursionar com eles? Moleque, por que vossa senhoria não foi dar um rolé nas gringas?

– Tipo assim: Para quem quer, sempre cresce. Trabalho com som desde 90, época do estúdio *Cáustico Lunar* (iluminado e saudoso *Cáustico*!); daí fomos fazendo pequenas gigs, *Feira de Música*, *Meia-Sola* etc. Na época, nem tinha *Porão do Rock*.

Aí entrei para uma empresa que se chamava Instrumental, e depois fui para a *RPS*, na qual trabalhei por anos. Como escravo. Aí tem um monte de coisas, que se eu falasse ia encher umas folhas. Depois escrevo um livro e conto. Grupo de jazz?!? Foi o seguinte: Tem um cara, o Cliff, que é maestro de uma orquestra de jazz em Boston, que eu fiz uns shows com ele por aqui, e ele gostou tanto do meu trabalho que me chamou para excursionar com o grupo para a Europa. Eu não fui porque eu não sabia falar inglês na ocasião.

A Galinha Preta é um hobby que está ganhando proporções gigantescas. Como então manterão o estigma de hobby, se o projeto está ganhando cara de banda, chegando a tocar em vários festivais, inclusive no Porão do Rock, onde foram aclamados pelo público?

– A Galinha Preta para mim – falo por mim – é um resumo de tudo que está na minha cabeça: lixo, paranoia, sei lá, tudo de ruim que está na minha cabeça, sem nenhuma censura. E ainda vai ficar pior. Nas outras bandas, tinha censura. Na Vernon Walters, eu era censuradíssimo. O povo da Galinha tem um acordo de "se um sair, acaba".

É um depoimento um tanto perigoso, um pacto que pode ser quebrado e vocês passarem por falsários, cara!

– (...) e de sempre manter o lazer... Galinha Preta é diversão!

Você retornou ao Radical Sem Dó. Como está tocar com o Natinho novamente?

– Ah, tocar com o Natinho é massa. Radical também é só brincadeira, diversão.

Não quero nada sério, nem com o Natinho, nem com a Galinha, nem com ninguém. Eu quero é trabalhar!

Lembro que rolou uma briga de ringue cabulosa numa gig no Gran Circo Lar. Que show foi esse, quem estava envolvido, e, fora os hematomas, o que restou daquele dia?

– Primeiramente, quero deixar registrado nesse zine que eu devo a minha vida ao Julião. Foi ele quem me tirou do quebra-pau. Na época, eu era punk e fomos inventar de ir a um show de metal, da Sarcófago, produzido pelo Ronan. Aí os seguranças, que eram da Gemini, uma empresa ridícula, começaram a bater em todo mundo, sem a menor dó nem piedade. Enfim, resultado, fiquei em coma dois dias. Os headbangers levaram muita porrada, os punks levaram bicudos, e ninguém fez nada. Foi aí que eu me toquei de que movimento que corre de segurança não tem estrutura para enfrentar uma revolução armada. (Gargalhadas, sem samplers!) Isso foi naquela época, pois recentemente os punks da MAP enfrentaram a polícia em frente ao Congresso. O Eduardo, da Subway, disse que eu mudei depois de tomar as pancadas na cabeça.

(“Frango” resolveu poupar alguns nomes envolvidos na confusão do *Gran Circo Lar*.)

Você pretende montar a sua própria empresa de sonorização ou algum tipo de estúdio de gravação. Em estúdio, que eu saiba, você já trabalhou com a Kaos Klitoriano, Dillo D’Araújo, e com a própria Galinha. Pretende enveredar por esse caminho também?

– Não quero ter uma empresa de som, o custo é muito alto e acaba sendo repassado para a produção de Brasília, encarecendo a produção underground. A produção boy paga esse tipo de equipamento, mas a underground não. Também não tenho interesse em estúdio. Estúdio é chato para c...! Só para os HCs que é bom.

Você lembrou muito bem sobre o ‘CRU’ (Conscientes Radicais Unidos). Era um movimento radical. Na época, vocês acreditavam que aquela organização poderia realmente revolucionar? Hoje ingressaria em algum movimento assim, de caráter sócio-político? Se sim, qual?

– Respondo de coração, porque eu gostava do CRU. Nessa época, ingressamos no movimento – eu e o Rato. Conhecemos o núcleo do CRU, que era no Gama, e tinha o Neném (Alarme), Cidão, Alfredo (Pastel e caldo de cana) e outros mais.

Eu acreditava que o CRU mudaria mesmo, pois tinha uma base muito forte. Era organizado em seus atos e com pessoal bem coerente. Se o CRU continuasse com a sua organização, agora poderia ter uma sede e até um site, mas hoje em dia o mundo está desacreditado, carcomido pela corrupção, pela inveja, medo, ódio, e o único movimento em que eu entraria seria um de ciberterrorismo bem secreto.

Como de praxe, o desenlace da entrevista: recado aos leitores e últimas palavras.

– Não sei o que falar não. Aí, valeu, obrigado a todos os amigos. Me contratem para operar som, pra ficar bom!

(Já tá contratado. Dia 19/8, Subtera, Valhalla e outras no Zoonna Z.) Se quiserem rir, vão aos shows da Galinha. Votem nulo! O que mais?!? Queria agradecer a você, Feliipe. Quero ver a gente daqui a uns 10 anos, se ainda faremos isso. Ou a gente morreu ou ganhou na loteria. (Aí, “Frango”, melhor ganhar na loteria, investir o prêmio no nosso rock a morrer, não acha?!)

Queria mandar um abraço a todo o movimento peão.

(Última nota: O maldito do “Frango” fumou durante toda a entrevista. Foram quase duas horas, praticamente uma carteira de Derby – eu acho, e eu quase sufocando com tanta fumaça... Quando o bicho “bater as botas”, “vestir o paletó de madeira”, “comer grama pela raiz” etc., acho que os empresários do tabagismo farão vigília e tal...)

Thania Vieira via 'Facebook'

“Agora que comecei a escrever, vi que não tenho boa memória: comecei a fazer parte aos 14 anos, foi em 1992. Meninas faziam parte sim.

Os zines, uma galera fazia. O som que curtíamos era mais em fitas, a maioria fitas demo. Vinis apenas de bandas grandes como a Ratos de Porão, Sex Pistols, Ramones. Não tinha CDs.

Todos os sábados, nos reuníamos no *Conic*. Nas duas lojas de rock: a *Head Collection*, do Fellipe CDC, e a Subway, onde a gente assistia vídeos com a galera sendo entrevistada num programa local, que passava no canal 2.

Os shows de hardcore, punk rock, pós-punk e thrash eram na sua maioria no *Conic*, *Galpãozinho do Gama*, naquela área da *Funarte*, *Zoonna Z* e *Gran Circo Lar*.

Íamos a todos os festivais que faziam parte da cena local.

O *MAP* – Movimento Anarco Punk – era composto por punks e góticos, em sua maioria. Foi importante, porque eu comecei a entender sobre os problemas sociais. As músicas daquela época fazem parte da minha vida até hoje. Fiz bons amigos, que permanecem.

Tenho amigos com mais de 20 anos de amizade, uns próximos, e outros que encontro em shows ainda. Amigos do Movimento eram Rubens ('Blue'), Ana Cristina, Flávio, Ancelmo, Ednei, Buti, Alan, Fernando Carpaneda, Tiago Rabelo, mas este último não era punk não (kkkkkkkk)... Tinha o 'Grilo', o 'Frango', e o Fernando não fazia parte. Mas andava com a gente. Acho que a Gleicy Kelly fazia parte.

Estes nomes podem contar a história..." (Thania Vieira)

6 agosto • Para alguns, a graça não é o orgasmo, e sim, a masturbação

Quinto Coletivo de Poetas – 309 Norte – Confraria Quo Vadis?

“O *Coletivo* é uma agremiação *anarcopoéticocarnavalesca*, mas mantida clandestinamente pelos fundos do capo di tuti capi, Menezes y Moraes (o homem da mala). Cultuamos a poesia de todas as formas, não intracorpóreas. Ainda não inventaram a poética injetável. Mas estamos pesquisando em sabor néon... Quanto ao Mautner, ele apenas arriava as calças mostrando a bunda. Nego ter assistido a um strip completo. Quanto a minha presença no local, só declaro perante a *CPI*.”

(Rossini Albernaz)

Aproveitando a interrogação, Quo Vadis? é um barzinho no subsolo da *309 Norte*, com a sua estante de livros, mesinhas, um amplificador e uma vitrola. Nada mais troglodita, nesse esquemão de DJs e cornetas, e as absurdas trombetas.

Outro atrativo do espaço é o caldo quente, a água mineral, e a seleta, que desce aveludada. Lá ouvi Dom Rossini recitando os seus poemas beat: “A bíblia sagrada / Conheço do princípio ao fim / Em matéria de seda... nada melhor.” Outros versos próprios: “Pra fugir do pai / Fui à marinha / Da escola / Fui estudar / Dela... / Tive outras / De mim... / Somente meditando no vaso sanitário.”

Não sei se os versos de Dom Rossini refletem a sua alma, mas a questão é que ele abriu espaço para os de Gary Snyder, Allen Ginsberg (†) e Charles Bukowski (†).

Dom Rossini, organizador de festivais de cinema e de shows punks, é um roqueiro do tempo em que Jorge Mautner fazia strip-tease. Tudo transpirava vódica e tequila. Nesse instante, aparece divinamente ébano Jorge Amâncio, e embala o trem da negritude, mandando “Kriptonita matou o Super-Bush”. É isso aí, sim.

Uma noite fechada para o decadente estrelismo burguês dos enluvados e desafinados, uma memorável rapsódia rara/para Samuel Rawet, e por que não para o também saudoso Dom Pezão, lembrado em...

“Sou Negro”... Nunca fui barrado / e nem cuspidor / nem interditado / ou impedido em festas / ou elevadores...

Patriarca da coalisão de novos e promissores rompedores do tema, da técnica, da estrutura e da linguagem, atendeu à proclamação de Menezes y Moraes: A poeta regional Lília Diniz apresentou *Miolo de pote da cacimba de beber*, um livro de formato orgânico e único. Fruto das mãos calejadas de seu pai e de seus versos regionais, apresentados em *Birra de muiê*.

A cantora e violonista Marina Andrade, dona de uma linda voz, gosta de musicar os versos de Augusto dos Anjos e de Cecília Meirelles. Ela vai apresentar o seu *talking blues acorrentado aos trilhos* num show no Sesc da 913 Sul, dia 9 de setembro.

O filósofo Hilan Bensusan, em parceria com Wálter Menon, é o autor de *Técnicas de estupor*. A minha filha Ana Luíza Meneses perguntou pelo significado da palavra “estupor”. Ao lhe responder de ser “pasma”, “inerte”, ela complementou: “Então são várias as técnicas...” (...) Hilan Bensusan nos apresentou os seus poemas, com destaque para *Comunista*: “Como encontrar / a agulha de um fato / em um palheiro de metáforas?”

O espírito aberto da tribuna e do violão foram compartilhados por Flávio Rabelo, que para descontrair tocou diversos números musicais, de Jacob do Bandolim a Beatles. No apagar das luzes, sentia-se o clima noturno de um bar do West End londrino, ou da Greenwich Village novaiorquina. O evento não ficou a dever nada aos ares boêmios dalém mar, porque de talentos inspirados se tratava. Ao final, uma surpresa. Poliane, vocalista das Cassandras (que gravaram um CD no *Estúdio Pet Sounds*), sócia do bar, pegou no violão e cantou músicas de seu repertório.

Faltou a “canja” do veterano Calouro... que teve de sair mais cedo para o aniversário do Manoel Brigadeiro, na *Rua do Café da 408 Norte*. O número final foi uma paródia de “Festa de arromba”, com as personagens substituídas pelos nomes do primeiro escalão do governo. “Silvinho e seu landrover...” Menezes y Moraes promete oferecer novos banquetes à luz de vela e da Lua. Fico lisonjeado em perceber que a produção literária de Brasília mantém a vocação pagã, que se ocupa carinhosamente com os elementos e o meio ambiente. Dia 20 de agosto acontecerá a *6ª Edição do Coletivo de Poetas*, sempre aos sábados às 21h, no Quo Vadis?. Traga a sua vertente!

Morre Carlo Little, o primeiro baterista dos Stones

Reino Unido. O baterista Carlo Little, descrito certa vez por Keith Richards como “o melhor baterista de rock’n’roll do mundo”, morreu devido a um câncer de pulmão, aos 66 anos. Ele tinha tocado com a Rolling Stones no começo da banda, mas depois escolheu não continuar com o grupo de Jagger, e preferiu a Cyril Davies and The All Stars, banda que não teve muita sorte.

O próprio Little, que disse “não” aos Stones, apesar de eles terem pedido para ele permanecer no grupo, apresentou aos outros músicos Charlie Watts, ainda hoje baterista da banda. O músico, que deu as primeiras aulas de bateria para Keith Moon da The Who, tocou depois com Screaming Lord Sutch.

Muitos anos mais tarde, ele explicou a escolha de não ficar com a Rolling Stones: “Eu era um profissional, e não me parecia que valia a pena tocar com eles. Eles faziam poucos shows, nada de concreto.” Anos mais tarde, deixou a música e abriu uma quitanda em Wembley, junto com o ex-baixista da Deep Purple, Nick Simper.

Fellipe CDC entrevista Ari de Barros

Sempre quis entrevistar o Ari. Acho o cara um guerreiro e o admiro muito. A real é que tinha que ter rolando uma filmagem, um documentário sobre a sua história e tal. Afinal ele tem muita coisa interessante pra contar, muitas curiosidades, peculiaridades, enfim, e contou. No entanto, tive que espremer, cortar muita coisa legal, para publicar o possível. Uma vez que não tenho máquina copiadora, e nenhum dono de gráfica resolveu ainda me adotar, apesar dos constantes apelos que fiz e tenho feito ao maior número deles que pude, naturalmente. Para dar mais vez e voz ao magricela idealizador da Ferrock Produções, resolvi mudar a estética da entrevista.

“Sou o Ari, nascido no dia 27 abr. / 1957, em Uruaçu, Goiás. Fui criado em uma fazenda. Aos oito anos, me mudei para Brasília. A minha infância foi muito rica e alegre. Eu estudava, brincava, e fazia o que uma criança nas condições favoráveis em que eu vivia podia fazer: roubava cana nas chácaras, jogava bola de gude, enfim, criava galinha – coisa que trouxe comigo da roça! E tomava banho no córrego – antes de poluírem! Mais brincava também com carrinho de rolimã, jogava bola etc. Em 1970, tive o primeiro contato com a TV. Era uma preto e branco gigante, que chegou na rua para acompanharmos a *Copa de 70*. Foi aí, por causa do goleiro Félix, que virei tricolor das laranjeiras. A maldita TV, desde antigamente, já influenciava negativamente! Bom, o meu contato com o rock veio um pouco antes. Ainda menino, por volta de 1968/69, tive contato com a The Who, Os Stones e Os Beatles. Mas Os Beatles, porque eram muito paparicados, muito certinhos, estavam na moda. Identifiquei-me mais foi com Os Stones, esses sim eram muito mais loucos. Depois veio a Sabbath, e a paixão pelo rock aumentava.

Sou Sabbathiano até hoje, para mim é a Black Sabbath a melhor banda do mundo.

Ozzy, o melhor vocalista. Meu maior sonho é vê-los, tê-los, a Black Sabbath com Ozzy, no *Ferrock*.

O *Ferrock* começou na *QNP 13, Conjunto P, casa 8, do P Norte, Ceilândia*. O nome surgiu numa festa, quando discutíamos qual nome poderíamos dar ao nosso projeto de mobilização social. Naquelas discussões, nas trocas de ideias, alguém falou sobre que ‘nós temos que ter fé, fé que isso tudo vai mudar, e que o Rock pode proporcionar a mudança’. Foi o mote: fé, fé no Rock, *Ferrock*, que significa *Festival Revolução e Rock*. Antes de nos chamarmos *Ferrock*, isso em 12 de outubro de 1986, já fazíamos atividades no quadradão do P Norte. Mas só com som mecânico, até então: um velho e bom aparelho 3 em 1 com umas maravilhosas caixinhas. Cansei de descer de Sobradinho, cidade pela qual tenho grande amor, para Ceilândia com um monte de vinis embaixo do braço. Como já vinha muito à Ceilândia, pois além de amigos e irmãos, como Rocklane – Ari sempre se refere ao Rocklane com profunda estima e respeito –, também vinha encontrar a namorada, hoje minha esposa. Ela morava por aqui em Ceilândia, por isso resolvi vir para cá, em 1982. Uma das atividades que me marcaram muito na cidade foi quando conseguimos reunir duas equipes de som, Smurf x Dancing nights, no quadradão da *QNP 13*. Foi muita gente curtindo rock’n’roll, das 8 às 18h. E ainda conseguimos realizar uma série de atividades, vôlei, pingue-pongue, futebol para a criançada. Era O dia 12 de Outubro. A equipe toda do *Ferrock* se fantasiou de palhaços. (...) Na quarta edição, partimos para eventos com bandas. Então tivemos que mudar de lugar para o evento, pois o nosso antigo endereço dava lugar para a construção de uma escola. Na *QNP 15*, rolou o primeiro *Ferrock* com bandas. Na ocasião, tocaram PUS, Juízo Final, dentre outras.

Nessa época, era bem mais difícil do que hoje para organizar alguma coisa. Havia um grande preconceito contra os roqueiros, e ainda o monopólio das empresas de sonorização... (Haja paciência!) Nesse tempo, eram só três, e elas cobravam caro. – Hoje não está fácil, mas há mais empresas de som,

além de que o preço para a produção ao ar livre é mais em conta atualmente do que naquela época, nos 80s. Outra condição favorável hoje em dia é que o número de bandas em atividade e o público interessado são infinitamente maiores. Apesar de que a falta de patrocínio para o rock ainda é uma pedra em nosso sapato. Outro fator importante é que antigamente a igreja evangélica pegava pesado com o rock, execrava, fazia panfletos e instigava os seus fiéis contra. Felizmente hoje, como viram que não tinha jeito, não adiantava reclamarem ou tentarem nos sabotar, aceitaram finalmente o rock. Talvez, quem sabe, para tentarem ganhar mais fiéis!”

Quando perguntei a ele a razão de o *Ferrock*, com mais de 20 anos de existência, não ter alcançado uma projeção como a da ONG Porão do Rock, com a metade do tempo do projeto *Revolução e Rock*, Ari foi categórico:

“Com todo respeito ao grupo do *Porão*, para cujo sucesso claro torço muito, são ideais distintos. O *Ferrock* é um trabalho de mobilização social, que usa o rock como projeção, como inclusão. Já a ONG Porão do Rock nasceu para fazer dinheiro, pois é uma produtora que visa lucro em primeiro plano. Não acredito que tenha faltado organização ao *Ferrock*, apesar de o grupo hoje estar disperso, com número reduzido de militantes. Estamos num patamar diferente, porque somos um grupo diferente, com ideias e ideais diferenciados. De qualquer forma, tenho convicção da importância do *Festival Porão do Rock* para o rock brasileiro, e continuarei torcendo para o sucesso deles. Para dar um exemplo do que falo, todo *Ferrock* debate um tema de interesse da comunidade: *ecologia, combate ao câncer, corrupção e paz* – paz que só encontraremos quando deixarmos de ser gananciosos e individualistas. Estes são alguns temas que temos discutido. Agora, enquanto o lucro estiver acima de tudo, nunca encontraremos a paz verdadeira que precisamos.

Que a grande mídia é burra e interesseira todos sabemos, ou melhor, assim ela se veste para nos confundir, porque ela realmente é partidária e está sempre do lado do capital, dos lucradores, que veiculam as suas propagandas nela para nos cooptar, e quando o assunto é a música Rock ela insiste em dizer que o rock Brasília ganhou o Brasil, com o surgimento da Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, tudo bem, não é a discussão que pretendemos aqui.”

Assim, enquanto concorda, de algum modo, Ari dispara:

“As pessoas que escrevem, às vezes realmente desconhecem o que está de fato acontecendo. Verdade que quando estourou a Legião muitas outras bandas também poderiam ter estourado, assim como o Faquini e a Célia Porto. Mas acabou que quem ganhou mesmo foi a Legião, ainda que antes dela já existissem diversas bandas no Distrito Federal. É o caso da Mel da Terra, que já havia inclusive se apresentado fora da capital, e alcançado um importante sucesso, mas ela não teve o mesmo impacto comercial, o mesmo empresariado e a mesma estrutura que teve a Legião Urbana. O empresário que levou a Legião às alturas é o mesmo que difundiu o tal do axé e o novo forró para todo o Brasil. Você não ouve a mídia falar, citar nomes de dinossauros do rock como a Made in Brazil, a Patrulha do Espaço, a Som Nosso de Cada Dia etc...”

Narcoze e Elffus são bandas constantes nas produções do *Ferrock*, logo algumas das mais queridas por nosso amigo Ari. Perguntei por que, e também quais outras tinham o privilégio de elencar a lista das bandas do Distrito Federal mais requisitadas por ele. A resposta foi:

“Ah, bichão, gosto da Abhorrent, adoro a Flashover. Gosto também da Death Slam, não por você estar aqui na minha frente, Terno Elétrico, Nata Violeta, Slug, Oficina Blues, Made in Blues, Marssal, Kábula, e por aí vai. Não gosto de uma banda só pelo som, ela tem que ter algo mais: humildade, coisas a dizer, interação com o público.

Narcoze foi uma das primeiras bandas a aceitar o convite do *Ferrock* para tocar, e está aí até hoje. Já o pessoal da Elffus são humanos pra caramba, são verdadeiros irmãos.”

Fui brincar, falei que o dia mais triste da vida dele tinha sido quando lhe roubaram a bolsa de couro, que muitos tinham dito que fui eu quem havia roubado, para confeccionar o meu cinto de hippie etc., e fui pego de surpresa com a resposta do Ratinho, um dos apelidos dele de infância:

“O dia mais triste da minha vida foi quando perdi o meu pai, mas esse dia em que me roubaram a bolsa também foi triste. Não pelo fato de tê-la perdido, mas pelo modo violento como ela foi tirada de mim. Fico triste de ver que vivemos num mundo em que se tira até a vida de outra pessoa por motivos pequenos e fúteis.”

Quanto aos problemas ocorridos em algumas produções do *Ferrock*, como cancelamento do evento e outros menos graves, o pequeno *Tibiba*, outro seu apelido de infância, que ele mesmo não sabe o que significa, tal qual *Curica*, explica e complementa:

“É, você está certo. Eu sou coração bom, confio nas pessoas, nas palavras delas. O dia em que perder a esperança nas pessoas eu deixo de viver, contudo agora serei mais cuidadoso, exigirei documentos, algo escrito, e não farei apenas contrato verbal. Entretanto, continuarei confiando nas pessoas. Mas acredito que o maior problema seja o fato da grande vontade minha de querer ver a coisa acontecer, e assim colocar o coração na frente da razão. Saí ferido desses episódios, mas o meu compromisso com o Rock é muito grande, por isso não desisto. Sempre tenho o apoio da minha família em tudo, minha esposa-namorada e filhos. Nunca, nem que dure a vida toda, conseguirei retribuir 10% de tudo que eles fizeram e fazem por mim.”

Quando começamos a falar sobre política, ele, que sempre foi militante da esquerda petista, demonstrou tristeza e insatisfação com o rumo dos acontecimentos.

“Sabe, é triste você lutar por uma coisa a vida toda, acreditar na igualdade social, lutar por isso, e ver esse mar de lama, ver que estão deixando esses caras da corrupção agirem à vontade, em silêncio, camuflados. Ora, temos que pegá-los, temos que mudar tudo!”

Antes de se despedir, *Bico doce* – apelido que trouxe do berço, por nunca soltar os bicos dos seios da mãe, e ainda ter mamado até os cinco anos –, o Ari, revelou que o seu grande sonho como produtor do *Ferrock* é ver nos palcos, com a sua produção, bandas como a Made in Brazil e a Patrulha do Espaço. Ele queria muito também o Raul, mas agora não tem mais jeito, infelizmente. Outro que ele gostaria, gostará... de produzir no palco do *Ferrock*,

“mas que para vocês não é Rock, é o Zé Ramalho. Agora, de fora do Brasil, gostaria de ter a Sabbath, com o Ozzy: ‘Tem que ser com o Ozzy, no *Ferrock*!’”

Para finalizar, as palavras que estão cravadas em sua alma, e servem de lema para os festivais desse grupo de amigos sonhadores e guerreiros. Eles repetem em coro:

“Paz, paz, paz... e rock’n’roll, moçada!”

1º setembro • Alta qualidade

Projeto Arte por toda parte – Sala Martins Pena, Teatro Nacional

Narciza • CCE

Dillo D’Araújo e Crocodillo Gang

Rolava um clima festivo de feriado nacional, era 7 de Setembro, O Dia da Independência. Na base da pirâmide do *Teatro Nacional*, no térreo, shows gratuitos. No foyer da *Sala Villa-Lobos*, um recital clássico, com um coral francês, promovido pelo Sesc. Na *Sala Martins Pena*, um show de rock, com

destaque para a música negra e as suas vocalizações extraordinárias. No vértice da pirâmide, um coquetel. Mas quase uma noite trágica para as guitarras.

A cantora Narciza

Dona de uma voz possante, capaz de acompanhar o ouvinte por todo espaço próximo em que ele vá, Narciza abriu à capela. Ela cantou um tema da Pink Floyd, que pela primeira vez compreendi, por causa da sua dicção claríssima. Na sequência, “Vaca profana”: “Ê, dona das divinas tetas, derrama o leite bom na minha cara / E o leite mau na cara dos caretas.” A terceira música, da superbanda brasileira de rock’n’roll dos 70s Secos e Molhados, foi saudada como uma homenagem aos 60 anos do sofrimento de Hiroshima. Arrancou muitas lágrimas. Neste show, dançante, também houve o blues do Cazuza, e a participação de uma garota nos backing vocals. No centro do palco, Narciza tem domínio, mas mantém o foco no microfone, naturalmente. No momento do acalanto de “Let It Be”, a banda conseguiu conflitar. Mas a apoteose ficou mesmo foi em “Purple rain”, do Prince (†), e em “(You make me feel like) A Natural Woman”, do repertório de Aretha Franklin.

Foi uma apresentação sem muitas evoluções, mais ensaiada na tonalidade escura das roupas usadas pelos músicos guitarrista, baixista, baterista e tecladista. Os dois microfones, o central de Narciza e o da direita, de apoio, foi que esquentaram a plateia. Os casais trocaram beijos, e ao final foram muitos os aplausos. Todo mundo curtiu, o público gostou das escolhas, do repertório escolhido e da bela interpretação.

CCE (Caboclo do Cabelo Esquisito)

Essa é uma banda de amigos – Janari, Cris, Célio e Gabriel – esforçadamente contraditórios. Agora que a gente conhece mais da história da Joelho de Porco, pelo seu contrabaixista Rodolfo Braga, sabemos que aquelas músicas representam justamente o que exibem. A CCE consegue impor a virtude do repertório da Joelho de Porco, e isso é tudo. A apresentação da banda é como uma revista em teatro falado-gesticulado, no grito do cotidiano, na manchete que exhibe o dólar na cueca. Mas o *dóla* nunca saiu de lá. Na primeira vez que vi-ouvi um show deles, fui meio duro, não maleável no ataque. Só que num segundo show eles arreventaram. Ao vivo, os comportamentos variam. Quando os repito *esforçadamente contraditórios*, é que na abertura do show aconteceu a participação de uma musicista ao violoncelo, e eles escolheram justamente as canções mais líricas de bicho-grilo. Davam a impressão de que o disco voador chegaria a qualquer momento, e eles de repente sacaram um Sérgio Sampaio que ganhou o público.

Célio, que é um músico generoso, sacou a expectativa dos próximos músicos, e saiu do palco com “Rock’n’Roll city”. Antes eles fizeram uma irada e inspirada versão de “Rock’n’Roll city”, enquanto o canal 6 transmitia, e Cris a cantora entoava o seu canto na voz potente. No show já valendo, o público perdeu essa performance avassaladora. E ficou com o vestido vermelho e a paródia da cantora, que enquanto isso secava a garrafa.

Dillo D’Araújo e Crocodillo Gang

No início do show, a primeira pessoa que vi foi o Dillo D’Araújo. Faz uma década que o vi na guitarra. Segurança evidente, pirotecnia inata. Dillo é do Goiás.

Ele impregna a sua música com um forte odor da liberdade do Centro-Oeste. A maioria das músicas desta apresentação possuía dedilhados country, e a sua roupa vermelha e branca, junto com a guitarra, também vermelha, lembrava um Elvis redivivo, ou também um Jerry Lee Lewis. Dillo projeta a guitarra sob o seu corpo, e dela saem faíscas e urros, aos seus arranques. Ele certo momento

reclama que parte do público foi embora, mas o fato é que ele sabe ser o herói do público presente. A banda segue no som, que embala os quadris apaixonados das meninas, a noite toda. Dillo não perde a nota. Os seus toques e intervenções na guitarra são precisos. Marcelo marca impecavelmente, num maravilhoso contrabaixo Fender, o número exato das notas. Pitty segura o ritmo, e há uma segunda guitarra, claramente ouvida. O show é dividido ao meio, junto ao vocalista Curi.

Ecos de várias bandas hão. De uma Bad Company?... Até um eco de David Coverdale se ouve. Dillo – na dele... – toca a guitarra, é filmado e assessorado. “Frango”, o técnico, na mesa de som, caprichosamente atende os pedidos do guitarrista.

Na última música, dedicada a um amigo que recentemente partiu, ele coloca a guitarra atrás da cabeça. Talvez por isso o jornalista escreveu ser ele *O Hendrix do cerrado*. Depois da equivocada opinião, pedirei ao Dillo que evite tal artimanha. Mas no fim eles são aplaudidos, e todos têm a certeza de que Dillo é o herói deles. Bom, fazem parte do show “On my own”, “Breakin’ up”, “Blind Faith”, “Evil”, “Down again” e “Glory and consequence”, todas do primeiro *CD* de Dillo D’Araújo e Crocodillo Gang.

10 set. • ‘Festival Face do Chaos II’

Teatro Galpãozinho – Gama, DF

Poena • Terror Revolucionário
• Galinha Preta

Disforme • Alarme • Murro no Olho
• Vacilo (GO)

Bora??

Para comemorar *Os 20 anos da banda A.R.D.*, oito outras bandas participarão da Segunda edição do *Festival Face do Chaos!* A primeira foi realizada em 1995, quando a A.R.D. comemorava 10 anos de estrada. Desta vez, a banda voltará a conduzir a festa, que contará com a presença de todos os seus amigos, os velhos e os novos.

25 set. • Contracultura para quem precisa

José Carlos Vieira – *Correio Brasiliense*, *Pensar*

Doidos, astronautas, poetas sem fama, artistas sem emprego, tontos, líricos, anarquistas, militantes sem causa, ou simplesmente bêbados UNI-VOS! O artista plástico Iolovitch – ou Traço Azul, como quer ser chamado – me apresentou o site dopropriobolso.com.br. Uma viagem pelas madrugadas etílicas e pela história da cidade. Bom para quem viveu tais experiências, e para quem deseja pesquisar sobre os personagens desse filme urbano. Merecem destaque os anúncios do lançamento do oitavo número da *Revista Víbora* – de velhos tempos, quando o anarquismo se confundia com o punk rock local – e do show da banda Matuskela, que marcou a infância de muita gente. Eles estão de volta. Aconselho visitar o site. Mesmo que você esteja sóbrio...!

Outubro/novembro • Brasília, Fina Flor do Rock

Fellipe CDC entrevista Michelle No Class

Após tantos machos, eis que surge outra fêmea para, enfim, embelezar novamente a seção. Cheguei na Michelle após traçar uma série de possibilidades e, como ela demorou para dar o “sim, aceito”, pensei que a editora do *No Class Zine* seria o meu primeiro não. Felizmente ainda foi desta vez, e para a nossa sorte ela se prontificou a responder a nossas perguntas.

Michelle, antes de mais nada, queria dizer que é uma grande honra e um prazer quase sexual estar conversando com você. Gostaria que começasse por contar o início do seu envolvimento com o rock, e qual a sensação – campo emocional! – que teve quando escutou metal pela primeira vez.

Michelle – Imagine, meu grande amigo, a honra é toda minha em estar nas páginas do zine, que acompanho e admiro há muito tempo. Quem diria... Na metade de 1996, meus pais eram muito rígidos, não me deixavam fazer nada. Para me distrair, meu primo trouxe material da Motörhead, Slayer, Black Sabbath, e alguns hard rockers. Quando assisti os clipes, senti arrepios e um frio na barriga, que nunca tinha sentido antes, ao ouvir uma música. Vi que o meu futuro era aquilo, e mudei a minha forma de pensar. Rock'n'Roll é um estilo de vida, não tem como fugir disso. Tudo o que vou fazer tem uma música que dá coragem para seguir em frente.

Sua concepção de underground mudou após você ter começado a editar o No Class?

– Até que não, pois eu já conhecia muita gente do meio e sabia como as coisas funcionam. As possibilidades de atuação aumentaram, então acabei me apaixonando ainda mais pela cena, e tive a certeza de que esse amor é eterno.

Fale um pouco sobre o No Class: início, periodicidade, tiragem, anseios, receios, conquistas, decepções...

– O *No Class* começou a ser publicado em janeiro desse ano, após mais de quatro meses de agonia. E você sabe o quanto é difícil. É bimestral – senão eu acabo falindo – e tem a tiragem de 100 cópias – impressas, sem contar a grande galera que o recebe por correio eletrônico. Espero em breve colocar um site no ar, e melhorar cada vez mais. Receios?! De falar alguma merda e alguém tentar me matar em algum show.

Isso é sério, por isso tomo muito cuidado. Conquistas? A melhor é ter conhecido pessoas maravilhosas, que se tornaram grandes companheiras de guerra. E também fiquei mais conhecida e cheia de seguidores. Eh eh eh. Decepção? Nenhuma.

Você me disse uma vez que queria fazer algo a mais pela cena, como produzir shows, por exemplo. Cogitou até um 'No Class Festival'. Há quantas anda esse projeto?

– Pois é, amigo, eu acabei enrolando muito, por isso não tem nada decidido. O Ronan me disse que é só eu avisar que a gente esquematiza tudo. Meu emprego toma muito meu tempo, vivo em reuniões e fazendo cursos, por isso... Mas eu vou fazer, nem que seja a última coisa que faça na vida!

Michelle, entre as suas investidas no underground, estava uma banda feminina de hardcore crossover, à qual você se referiu como sendo uma SOD feminina. Porém você abandonou o avião antes de ele alcançar voo estável. Queria saber se, nesse pouco tempo em que esteve nela, gostou da sensação de fazer parte de uma banda, e se você pretende procurar outro 'emprego' nessa área. Eu torço para que você não desanime da ideia de ser 'música'.

– Gostei sim! Era um esquema com várias pessoas de outras bandas. Logo pensei na SOD. Cada uma dava ideias, tinha a sua importância no projeto e, como adoro trabalho em equipe, estava rendendo. Pretendo me envolver em outros projetos, mas não sei se agora. E também não sei se farei projetos hardcore de novo. Os próximos serão dentro do segmento ao qual sempre fiz parte, o metal!

A entrevista com o Júnior, mais conhecido por seu trabalho à frente da Flashover e ao programa Metal Blood, teve muita repercussão, causou polêmica, além de algum mal-estar para alguns. Na sua opinião, enquanto entrevistadora e participante assídua da cena, houve motivos para tanto furor?

– Cara, o lance foi que as palavras do Júnior pareciam ser lanças direcionadas a algumas pessoas do meio, que estão em alta e são adoradas pela galera, e por mim também. Como sou uma árdua

defensora da democracia, não cortei nenhuma parte da entrevista, pois achei que o Júnior tinha todo o direito de expressar as suas opiniões. Lógico que quando recebi as respostas me assustei um pouco, mas fazer o quê? Publiquei, e aí deu no que deu. É natural que houvessem reações ao que foi dito. As pessoas gostam de uma fofquinha, e no underground não é diferente. – É, infelizmente, é verdade. Poderia ser diferente. Fofoca é uma merda.

– Caso contrário, não teria esse auê. Para mim, o lance seria tirar tudo a limpo.

Algumas pessoas me pedem para relançar a edição. Vê se pode!?

Antes do No Class, você era uma fervorosa adepta do metal, e hoje tem muito de hardcore no seu sangue. Logo se pode considerar que o No Class aproximou a Michelle do hardcore, num casamento libertário e perfeito?

– Mas ainda sou. Metal é a minha vida, e sempre será. Minhas bandas preferidas são as de metal. O lance é que isso não impede que eu escute alguns hardcores. Uns mais agressivos, claro. Sou contra alguns tipos de radicalismo. Dentro do rock’n’roll, escuto quase tudo – menos new merdal, doom e algumas porcarias atuais. Quando lancei o zine, tive que ampliar o meu circuito de shows, até porque recebi muito apoio da cena hardcore, e os leitores me perguntam muito sobre isso. Sem contar que a influência do hardcore ajudou a formar as bases do estilo de metal mais extremo: o thrash metal.

Vários informativos estão surgindo. Desses da nova safra, quais você destacaria, e por quais razões?

– Bem, eu gosto muito do zine do Frajola, o *Acid Farted*, que voltou com força total. Ele é muito direto e bem feito. Gente que sabe o que fala é outra coisa. Também gosto do *Sepulcro*, pela enorme vontade deles de fazerem algo pelo movimento.

O Sepulcro Zine disse no novo número que uma banda gospel tentou comprar um anúncio, propondo que divulgassem o trabalho deles em troca de fotocópias. Se essa proposta fosse feita ao No Class, qual seria a resposta?

– Vão para o céu! Porque o inferno é bom demais para eles. Não aceito de jeito nenhum, porque não gosto de White, e acho que a ideologia é sem nexos. A igreja nunca apoiou o rock’n’roll, e agora, por interesses financeiros, quer invadir o nosso meio, para ter mais lucro. Prefiro ficar sozinha, mas com a dignidade de uma guerreira.

Algo mais a acrescentar, antes do término de nosso bate-papo? A última pergunta: Foi bom pra você?

– Gostaria de agradecer o espaço cedido, e de dizer que eu e o *No Class* estamos aqui para quando você e o Underground precisarem. E também dizer para a galera apoiar mais a cena, ir e entrar nos shows, montar bandas, editar fanzines, tudo pelo underground! Sejam honestos nas suas atitudes e não mudem para agradar aos outros. Se foi bom? Foi muito excitante, e nunca esquecerei. Vamos repetir a dose? Abraços e Stay metal till death!

Novembro/dezembro • Brasília, Fina Flor do Rock

Fellipe CDC entrevista Adriana Drikaos

Solução caseira para a *tricotagem* desse número. Pedi para que a minha amiga Adriana Drikaos me concedesse uma entrevista. Depois de um áspero “sim”, começamos a trocar ideias. Confira o que rolou, e desculpe pela ausência de fotos. – Peçam que ela mostre as fotos em que aparece cantando, pois são as divulgadas!

Adriana, queria tornar público que é uma grande honra e prazer estar tocando ao seu lado novamente. Queria que dissesse o que achava da Terror Revolucionário antes e o que acha agora. Já deu tempo de bater aquele arrependimento forte, do tipo “Caramba, aonde eu fui amarrar a minha égua!”?

– Nããão, ainda não bateu arrependimento. E espero que ele nunca bata! Felizmente ainda tenho muita paciência para aguentar o Sr. Ranzinza – é, também acho que o Jéferson está muito nervoso – e cia! De verdade... até o momento está sendo muito divertido. E se saísse hoje – Não nos sacaneie, fique conosco até o fim, que o Barbosa e o Hellmatismo prometem comer o seu pão de queijo de tofu achando bom!... – já ia valer muito, afinal já estou cheia de histórias hilárias para contar. Quanto a antes e agora, é o seguinte. Antes de entrar, eu era fã do som e do povo da banda Terror Revolucionário, e agora a amizade e o carinho por todos aumentaram. Além, é claro, de gostar cada vez mais da banda.

Você já tocou em duas bandas que tiveram – e têm! – significativa importância dentro da cena underground brasileira. De tal forma, gostaria de saber se você guarda bons momentos dessas épocas, e ainda se aprendeu algo de produtivo enquanto esteve junto às bandas Besthöven e Death Slam.

– Muitos bons momentos, o principal deles foi a formação de uma amizade e respeito que se prolonga por tantos anos. Admiro muito e aprendo sempre com você, o Robson, o “Fofão”. E torço por vocês para sempre!

Você não se iniciou no universo roqueiro como adepta das ideologias punks e anarquistas. Portanto, conte-nos como e quando começou esse duradouro casamento!

– Embora ouvisse som punk, não era adepta à ideologia em si. Mas como sempre tive interesse pelas questões políticas e sociais, a identificação e admiração pela postura punk e anarquista foi inevitável. O contato com o movimento foi a partir da entrada na Besthöven, quando tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas, e de abrir a mente para diferentes pensamentos e atitudes, além de para tantas coisas até o momento desconhecidas mesmo. Confesso que foi uma época bastante transgressora, instrutiva e apaixonada.

Já que estamos falando de início, revele aí qual disco a despertou em definitivo para o rock. O bolachão que você ouviu e falou: “É isso o que quero para a minha vida!”

– Olha... não teve um estalo, foi gradualmente. Vinham aparecendo os sons, por intermédio dos amigos da época, e eu ouvia e gostava da Black Sabbath, Metallica, Dead Kennedys, The Clash. Por aí vai. Eu ouvia e sempre estava atrás de novidades. E hoje não consigo nem me imaginar com uma vida diferente. Pelo contrário, a cada dia tenho certeza de que é isso que quero pra sempre!

A Kaos Klitoriano tem um respaldo muito grande frente à comunidade hardcore/punk, sendo assim, por qual motivo paralisou as atividades? Não encontrou pessoas que vestissem a camisa conscientemente? A Kaos retornará? Onde andam as outras integrantes?

– A Kaos Klitoriano surgiu a partir de uma ligação profunda de amizade, respeito e amor entre grandes amigas, e com o intuito de fazer o que gostaríamos de ver sempre, que era raro na época: uma banda de hardcore somente com mulheres e falando de ideais feministas. Com a saída das minhas companheiras de longa data, não enxergo mais a banda com tanta emoção. Embora adore a Mariana (guitarrista atual), a essência enfraqueceu. Além da dificuldade de achar integrantes que tenham identificação com a banda, a minha escassez de tempo para a composição de músicas e letras é um dos maiores obstáculos. Não vou colocar um ponto final por enquanto, mas adianto que a cada dia fica mais distante um possível retorno. Quanto às meninas, a Ana está se dedicando integralmente à música, frequentando a *Escola de Música* e dando aulas de baixo, e a Carla está viajando pelo mundo. A

última vez que nos falamos ela estava em Costa Rica, dando aula de capoeira, cantando *MPB* em bares, sendo figurinista de teatro infantil, e escrevendo livro! E mesmo fazendo tudo isso ela disse que não quer se fixar em nenhum lugar – fiquei sabendo há pouco que ela já não está em Porto Rico. Lembrando que, mesmo separadas, a nossa amizade continua com a mesma intensidade.

Três bandas brasileiras que, na sua opinião, dão continuidade ao trabalho iniciado pela Kaos e pela Bulimia?

– Infelizmente ainda vejo pouquíssimas meninas na cena, e menos ainda tocando um som de contestação. Só me vêm à cabeça – cada vez mais lerda, tenho que concordar – a Silente e a Eixo Zero, bandas que se assemelham à proposta das citadas. Mas não vejo como uma continuidade de um trabalho, e sim como novas forças femininas dentro da cena. Sei que existem outras bandas brasileiras surgindo, mas infelizmente ainda não tive o prazer de conhecê-las.

Se antes houvesse mais Alices, Tates, Michelles e Biancas, a cena atual teria mais mulheres no front de combate?

– Se tivessem a mesma garra e amor ao underground que essas garotas, teria sim, pois provavelmente hoje essas mulheres estariam aí. Mas ressalto que a quantidade de pessoas na cena independe de quem faz parte dela, pois as pessoas ouvem sons, vão aos shows etc., mas não são todos que têm amor pela cena.

A maioria da galera simplesmente desaparece... e surgem novas pessoas. É um ciclo. Quando existia a Kaos e a Bulimia, a gente via uma quantidade maior de meninas nos shows. E o que aconteceu? Já estou acostumada com esse ciclo de abandono e renovação.

Você saiu da classe baixa – sem se valer aqui da ridícula divisão de classes feita pelo IBGE – e adquiriu certa estabilidade financeira. Como esse processo poderia ser comum a todos, sem que houvesse tantos sacrifícios e espinhos pelo caminho?

– Ehh, Fellipe, estou longe ainda de adquirir estabilidade financeira, mas, enfim, é difícil imaginar um mundo onde todos poderemos viver sem a preocupação de como pagar as contas, ou até mesmo de comer. Para ser comum a todos... infelizmente ficamos reféns do governo. É necessário primeiramente um investimento brutal em educação para todos realmente, e parar de uma vez com esse pagamento absurdo de juros “da dívida”. Isso atrasa o país de forma assustadora. Do que adianta o Brasil estar bem lá fora, se aqui dentro a população está abandonada sem educação, saúde, emprego, habitação, nada. Minha indignação é crescente, afinal... é triste ver crianças de dez anos analfabetas, já imaginando que como consequência terão no futuro um subemprego ou uma vida bandida. Acho que a educação é o pilar de tudo, pois além de diminuir a desigualdade de oportunidades, com a sua estruturação, a cobrança será bem mais intensa e articulada. Mas é lógico que o governo quer que o povo continue sem nenhuma instrução, para continuar pisando e humilhando ainda mais a população despreparada, dando trabalho escravo e salários-esmola, e ainda fazendo acreditar ser um grande favor. É deprimente.

Sei que, além da música, você tem outro vício, o cinema. Qual o seu gênero preferido dentro da Sétima Arte? Indique três filmes das antigas e três da nova geração!

– É verdade, sou uma cinéfila convicta, mas não tenho preferências. Gosto de filmes bons, independentemente de gênero. Só posso escolher três? É óbvio que existem outros filmes das antigas que amo: *Thelma e Louise* (1991), *Corações e mentes* (1975), *O último jantar* (1995). Da nova geração, lançados há menos de 10 anos: *Clube da luta*, *The Corporation* e *Sin City*.

Inteligente, bonita e bem-sucedida. O tipo de mulher cobiçada por muitos homens. Como você lida com o assédio? Lembro de um show da Teratogênia, nossa antiga banda, em Goiânia, que o povo invadiu o palco atrás de seu autógrafo e querendo tirar foto ao seu lado. Lembra disso?

– Aaaaah... não, Fellipe, você realmente se supera... Essa primeira frase parece daquelas saídas de anúncios de classificados amorosos, só faltava mesmo você completar com “à procura de sério relacionamento” – Aí, Dri, só não coloquei porque você não conseguiria responder a todas as mensagens de correio eletrônico que chegariam. Faltaria também dizer: “Sem bafo de carne!” – E que papo é esse de assédio, não existe assédio nenhum. Nunca existiu. Das pessoas que frequentam os shows, a maioria são amigos, e quem não conheço raramente vem falar comigo. Esse show em Goiânia foi uma exceção.

Quando mudou os seus hábitos alimentares e passou a ser vegetariana? O que mudou em sua saúde, desde então?

– Há muito tempo tentava mudar a minha alimentação, mas o comodismo – que vergonha... – de morar com a mãe, a comidinha pronta etc., então sempre fui adiando. Há quatro anos, passei a morar sozinha, e a partir daí me fui adaptando aos poucos à alimentação vegetariana, até mudar definitivamente. Sempre tive saúde legal, mas conheço várias pessoas que tiveram mudanças bem satisfatórias após se tornarem vegetarianas. Ressalto apenas que modifiquei a minha alimentação por razões éticas, visando acima de tudo o bem-estar animal.

Está muito bom, mas tenho que terminar. E para tal um jogo rápido de perguntas e respostas, ao estilo Marília Gabriela, a coroa tarada:

Lula: Farsa esquerdista

Roriz: Brasília Bela Adormecida! – Quando será o despertar dessa cidade, governada pela maior quadrilha do Brasil, tendo à frente esse legítimo “coroner mor?...”

Preconceito: Quem é diferente é pior? Estupidez

Igreja: Retardamento mental generalizado

Um livro: *A guerra contra as mulheres*, de Marilyn French (†). Não é necessariamente o melhor que li, mas com certeza foi o mais marcante. Pela sua vasta pesquisa e amplitude de informações, que na época me confirmaram tudo que acreditava.

Suas últimas palavras

Já é meio repetitivo, mas depois de tudo que falei o que me resta é agradecer a você, Fellipe, por fazer tanto pela cena, e a todos que fazem parte e/ou apoiam tudo isso de alguma maneira. E, pessoas, não se deem por vencidas. Continuemos nessa luta sim, mas por meio do prazer. Quem dera vivêssemos numa sociedade livre do poder econômico, do patriarcado autoritário, dos comportamentos competitivos. Pois então levemos adiante e a todos uma nova forma de convivência, que seja mais

justa e agradável, na qual os valores de solidariedade, comunidade, apoio mútuo e cooperação estejam no lugar central. Não podemos perder a esperança de a dignidade humana prevalecer, baseada em amizade, amor, cumplicidade, respeito. Por que desistir? Ao contrário, vamos voar alto... e sermos realistas, exigir mesmo o impossível, das governanças especialmente, pois sonhando e trabalhando juntos a realidade será essa!!



UMA QUASE INÉDITA ODE A BRASÍLIA

Moacyr Oliveira Filho – Tribuna do Brasil

Março • *Zeca Baleiro, no show que fez há duas semanas, no Teatro Nacional, deu um grande presente para Brasília: a divulgação de um CD, quase clandestino produzido por ele, com músicas inéditas de Sérgio Sampaio.*

Sérgio Sampaio foi um dos grandes nomes da Música Popular Brasileira. Ele integrou uma legião mágica de músicos vanguardistas, rotulados inesperadamente pela mídia de “malditos”, mas que fez muito sucesso no início dos 70s. Faziam parte dela ainda Jorge Mautner, Jards Macalé, e no início da sua carreira Luiz Melodia. Mautner e Macalé sobreviveram sem alcançar grande êxito de público.

Melodia rompeu os limites da maldição e está aí até hoje, faz sucesso aqui e ali, mas Sérgio Sampaio mergulhou no ostracismo, até a sua morte, em 1994.

Embora tenha explodido em 1973, com o grande sucesso “Eu quero é botar meu bloco na rua”, que chegou a virar um hit da resistência à ditadura, Sérgio Sampaio gravou três LPs geniais. Mas ele nunca se firmou comercialmente no cenário da MPB.

Assumi assim, de certo modo, mas com grande intensidade, tal rótulo “maldito”, e ficou perambulando de cidade em cidade, cantando mambembemente em bares, botequins, pequenos palcos. No final dos 70s, até meados dos 80s, Sampaio vinha com frequência a Brasília, onde tinha vários amigos. Sempre que lhe davam oportunidade, dedilhava o violão e desfiava o seu talento irrequieto nos bares da cidade.

O que pouca gente sabia ainda nessa época é que a vasta obra de Sérgio Sampaio, cuja maior parte estava ainda inédita, inclui uma homenagem a Brasília.

Esta cidade já recebeu várias homenagens musicais, inclusive desde o samba enredo “Aquarela brasileira”, de Silas de Oliveira, quando a Império Serrano elogiou a sua beleza arquitetural. Ednardo fez a sua bela “Serenata para Brazilha”. E temos também a famosa “Flor do cerrado”, de Caetano Veloso, grande sucesso na voz de Gal Costa. Além dos rocks da Plebe Rude, do frevo do Alceu Valença, e das tantas de Oswaldo Montenegro. Todas contêm admiração e grande carinho pela cidade. Mas nenhuma delas tem a força criativa e a ironia fina da “Brasília” de Sérgio Sampaio.

“Quase que me sinto em casa, em meio às suas asas, e dablus e eles e eixos e ilhas, Brasília, cidade que um dia eu falei, que era fria sem alma nem era Brasil, que não se tomava café numa esquina, num papo com quem nunca viu”, diz uma das suas estrofes.

“Sei que preciso aprender, quero viver pra saber, e conhecer Brasília, ver o que há Paranoá, lago de Sol noite luar, e olho do amor desconhece armadilha, assim viver Brasília”, emenda a estrofe final.

Essa obra-prima, quase inédita, rompe as barreiras do ostracismo a que foi condenado o seu autor, pelas mãos de Zeca Baleiro, que numa importante iniciativa produziu um CD póstumo com treze inéditas de Sérgio Sampaio, garimpadas aqui e ali em velhas e mastigadas fitas magnéticas, com as gravações que seriam a base do primeiro CD de músicas inéditas do maldito compositor capixaba.

Apesar de gravado em maio de 2005, inaugurando o selo independente Saravá Discos, de Baleiro, Cruel é como o seu autor, quase inédito. Não se encontra nas discotecas, não toca nas rádios, não sai nas páginas dos jornalões. Quem viu o show de Zeca Baleiro no Teatro Nacional há duas semanas pôde saber de sua existência, e até comprá-lo na saída do espetáculo. Para quem não foi, e ficou curioso, uma chance: comprá-lo diretamente no site da gravadora independente, Saravá Discos Facebook.

É uma preciosidade, vale demais a pena! Ainda mais para quem mora e ama Brasília.

25 mar. • ‘Do Próprio Bol\$ó’ no ‘Informe DF Brasil’ da ‘Record’

Sábado – 18h30 – Há quatro meses, numa quinta-feira, *Do Próprio Bol\$ó* recebeu a visita da jornalista Juliana Neiva para uma entrevista sobre fãs. A equipe de filmagem da *Rede Record* documentou discos, livros, revistas, jornais, numa matéria assaz abrangente. Juliana Neiva conseguiu um depoimento descontraído, e assim captou a loucura que é ser *Do Próprio Bol\$ó*.

Contatos – Anteriormente recebemos contato telefônico da jornalista Cláudia Gonçalves, que marcou a entrevista. Fomos indicados pela cantora Célia Porto, que também aparecerá na matéria sobre os fãs, ela falando de sua paixão por Renato Russo. O terceiro quadro será sobre a iniciação do fã na adolescência.

Finalmente estaremos em rede com todo o Distrito Federal, quem sabe em breve em todo o território nacional, na expectativa sempre de novos e produtivos contatos. Isso foi possibilitado por Luiz Cichetto, o webmaster do nosso site. Ele chegou a passar a noite em claro para manter o nosso site no ar depois de o *HD* do provedor ter explodido! Mas como mesmo disse o poeta? “Tudo vale a pena... se a alma...” (...) Se a alma não é pequena! (Pessoa, Fernando).

15 junho • Alexandre Penna no ‘Feitiço Mineiro’

Conheci a guitarra de Alexandre Penna nos quatro discos fundamentais do seu saudoso irmão Marco Antônio Araújo. Alexandre Penna é um excepcional guitarrista, de solos fantásticos, à altura das inspiradas melodias de seu irmão. Um dos seus grandes solos pode ser ouvido na faixa “Panorâmica”, até excedido em inventividade ao vivo. De um toque meio beatle nas cordas, e mais uma refinada influência oriental. Tive o privilégio de passar os últimos 20 anos ouvindo algumas apresentações dele ao vivo, enquanto atuava ao lado do Marco Antônio Araújo. Intimamente ligo o seu nome ao dos mestres Sérgio Dias, Dudu Chermont (†) e Marcus Rampazzo (†).

Seu último trabalho foi *Berimblues*, com direção artística do compositor e instrumentista André Geraissati, egresso do Trio D’Alma.

Em *Berimblues*, Alexandre Penna mescla ritmos afro-brasileiros com elementos do jazz, flamenco, rock e raga, assim cria a sua linguagem das montanhas.

Acompanho a carreira do talentoso mineiro, irmão do genial Marco Antônio Araújo, via *Portal Natu Blues*, por isso sei que ele está na ativa. Na segunda-feira, abri o jornal, e nem acreditei: Show de Alexandre Penna no *Feitiço Mineiro*, na terça-feira! Depois do serviço, passei no *Conic* e tomei umas cervejas. Estava frustrado, porque sabia que não conseguiria gravar nem filmar o show. Perto da hora, no estacionamento, peguei Zéantônio, e fomos para o restaurante, o lugar do show.

Alexandre Penna recentemente trocou o sobrenome Araújo por Penna. E está com menos cabelos. – Hoje somos senhores!

Antes do início do show, ele bebe duas doses de café. Assim, trocamos algumas palavras. E acredite – ou não...! –, ele me dedica o show. Falei da possibilidade de lançar um *CD* ao vivo do Marco Antônio Araújo. Falei que possuía o show do *Masp* de 1984, e também o *Instrumental 85*. E que não tinha o bis do final do show de Brasília. Quando consegui o show completo do *Masp*, me lembrei na hora do bis.

E que bis! Então, se fossem juntados os três *CDs*, daria um excelente disco-pirata, um bootleg mesmo, com aquela acústica *pinkfloydiana* da *Sala Martins Pena*.

Até as tosses do público, como que limpando a garganta antes do show. Alexandre Penna se lembra muito bem. Interessante isso dos shows e das datas... E disse que muita coisa foi gravada por cima. Uma pena que tenha acontecido isso.

Anteriormente entrei em contato com o contrabaixista Ivan – um dos participantes dessa gravação –, e ele alegou que o seu empresário tinha que ouvir a gravação.

Perguntou: “Como você conseguiu?” Se era da mesa de som. E encerrou a conversa com: “Isso é pirataria!” Quando me deparei com essa ilha de dificuldades, encerrei o papo. Ainda tentei passar o tape adiante, com o selo paulista que lançava os CDs do Marco Antônio Araújo. E o que ouvi? “Tem música inédita?” Pô! Francamente, estamos falando da música do Marco Antônio Araújo. Saquei que alguma coisa fedia...

Mas, ao falar com o Alexandre Penna, ele foi atencioso e gentil. Ficou interessado na ideia, e em como eu registrei o show com o gravador nas pernas, e ainda interessado especialmente em saber se eu tinha capturado a parte indiana. Naqueles tempos, éramos peritos em gravar um show. Hoje mais pessoas fazem isso do que pensávamos. Os músicos têm o prazer de registrar o próprio show, e depois vão ouvi-lo no toca-fitas do carro. Alexandre Penna está recuperando partituras de Marco Antônio Araújo de 1974, e diz que nos 20 anos de sua morte pode surgir algo de novo.

Voltando ao show, Alexandre Penna empunha a velha Gibson, senta no banquinho e, assessorado por uma gaita, ataca os instrumentos em uníssono. É uma surpresa para mim. Ele toca gaita e canta muito bem! A gaita faz a parte rítmica e preenche a música. São blues rurais de John Lee Hooker e Lightnin’ Hopkins.

Somente um grande coração para suportar uma enorme dor. Em “Babe, please don’t go”, apesar de eu não conhecer a gravação original, deu pra sacar como os brancos adulteram o blues.

A plateia era pequena. Durante a apresentação, conversas altas ameaçavam a paz de quem queria ouvir. Quando magicamente se abriram as portas laterais, e a mesa foi colocada para fora, foi igual ao truque de puxar a toalha e deixar os copos em pé em cima da mesa. Na parte do sitar, Alexandre Penna toca temas regionais. Peço desculpas pelo uso desta palavra, mas ele apresenta um pupurrí de canções mágicas dos 60s, dos Beatles, Stones etc. É a única reminiscência dos shows dos 80s que ele trouxe, e uma rara apresentação de sitar. Ao final, quando a coisa decolava, a banda, também com músicos de Brasília, reunida para aquela jam session, se esbaldou ao acompanhar o mestre nos duelos. Todos se surpreendiam quando Alexandre, humildemente, com o seu toque pessoal, inverteu o papel e fez a base para que o guitarrista solasse. E a guitarra passou de mão em mão, todo mundo tocou. A cozinha lembrava o Double Trouble. Os músicos curtiam junto com a plateia. Muitos dos músicos de blues de Brasília infelizmente deixaram de participar daquela que certamente teria sido uma das suas maiores experiências musicais. O final foi bonito, e todos os músicos agradeceram pelo privilégio de ter tocado com Alexandre Penna. No dia seguinte, foi muito legal lembrar do show, além de tanta cerveja e beleza feminina no ambiente!

7 julho • Barrett is dead!

11 jul. • Syd Barrett: uma verdadeira ‘Lenda do Rock’

Jon Dennis – The Guardian, trad. Rodrigo Souves

Se trata de uma frase desgastada, que Syd Barrett foi uma verdadeira Lenda do Rock. Sem dúvida, porque ele não se apresentou ou gravou em quantidade, ou porque não foi visto por mais de 30 anos. Barrett, cuja morte foi confirmada hoje, foi a primeira casualidade do LSD. Mas poucos realmente se lembram do homem que liderou o mais importante grupo britânico da contracultura, entre 1966 e 1967. Um sujeito que se lembra é Joe Boyd. Ele descobriu a Pink Floyd no verão de 1966, e os promoveu no lendário UFO, um clube na Court Road de Tottenham, em Londres.

Foi lá onde a Pink Floyd de Syd Barrett fez nome. Boyd também produziu o primeiro single da Pink Floyd, “Arnold Layne”. Além de escrever as suas experiências com o grupo no excelente livro Bicicletas brancas. Acabei de entrevistar Boyd para o podcast diário do Guardian Unlimited, Newsdesk. Você poderá ouvir o resultado amanhã no programa, mas nesse meio tempo aqui vai a transcrição dos melhores pontos:



Foto: ©Anthony Stern

Boyd – A Pink Floyd era o grupo do underground. A bíblia do underground era o Jornal IT (International Times). O ponto de encontro do underground londrino passou a ser o UFO Club. E a Floyd era a atração residente. Quando o sucesso veio, eles se tornaram caros para nós, o que nos forçou a sair e tentar encontrar outros grupos para o lugar deles, desde que fossem satisfatórios para o nosso público.

Mas o espaço que eles deixaram era muito difícil de preencher.

Uma das coisas mais diferentes, em relação aos outros grupos, era que eles se escondiam entre bolhas de luz no palco. Esse show de luzes pulsantes era obtido pela mistura de tinta a óleo, que dava uma impressão de flutuar... Era uma projeção de luz que não atingia os quatro membros do grupo diretamente. Em suas aparições, nunca davam um passo à frente. Nunca se notava algo pessoal deles, porque tudo se baseava na música. Mas se inicialmente havia uma personalidade, eu acho que era o Syd. Antes de tudo, ele tinha uma ótima aparência: olhos escuros e o cabelo também escuro e encaracolado. Syd era muito atraente, as garotas o amavam. Ele era realmente um vocalista maravilhoso e sexy. Mas o

modo de ser da Pink Floyd era tão peculiar... que ele não fez o caminho padrão que um cantor popular normalmente faria em 1967. Syd não dançava ou se mostrava no palco.

Também não falava nada entre as canções. Ninguém falava. Ele era muito modesto nas apresentações do grupo, mas o brilho no olhar de Syd Barrett certamente era o ponto focal das apresentações da Pink Floyd.

Jon Dennis – Do que você se lembra das temporadas de Arnold Layne?

Boyd – “Arnold Layne” e outras lados B foram realizadas em duas noites em fevereiro de 1967. Foi um prazer, curti muito trabalhar com eles. Eu não sou triste por conta da produção do álbum, nem pelo sucesso que obviamente eles viriam a ter. Sou triste por conta da bela e produtiva relação de trabalho com eles. Eu realmente me dei bem com eles. Syd Barrett era muito diferente. Roger Waters era uma personalidade bem mais forte no estúdio. Syd tinha suas opiniões, mas diferentes das de Roger. Syd não desempenhava o papel de líder no estúdio.

– Você ficou surpreso quando Syd Barrett saiu da banda?

Boyd – Bem, no final não, porque quando a Pink Floyd deixou o UFO Club, e depois assinaram com a EMI, poucos meses depois, eu ainda não havia visto quase nada deles. Mas nós tínhamos um acordo, que não importava o que acontecesse, não importava quão grandes eles se tornassem, concordaram que voltariam em junho de 1967 para tocar no UFO. Mas em junho eles já eram estrelas. Assim houve filas imensas em volta do quarteirão, e a plateia e tudo, e não havia também porta dos fundos, ou uma entrada à parte. Então o grupo teve de passar pelo público, que esperava para entrar. Só então os vi de perto, e educadamente cumprimentei a todos quando entraram. Syd foi o último. Notei que ele estava muito diferente da pessoa que nove meses anteriormente eu conheci. Seu olhar era vago, e ele não falava absolutamente nada. Logo ele, que tinha sido tão espirituoso. Os seus comentários sarcásticos e engraçados, nada daquilo estava mais ali naquela noite. Quando finalmente subiram ao palco, Syd apenas ficou lá parado, por longos instantes. O resto da banda tocava... Foi muito perturbador de se ver. Então fiz contato com os empresários do grupo, Peter Jenner e Andrew King. Eles me disseram que estavam trazendo para a banda o guitarrista David Gilmour, um velho amigo deles da época de Cambridge. Ele iria tocar com Syd. Nos momentos em que Syd parasse de tocar, seria o Gilmour que continuaria a música. Então a Pink Floyd passou a ser um grupo de cinco componentes. Mas a situação realmente seria muito difícil, e eu pude vislumbrar na época um fenômeno que ainda não era comum. Assim que tive ciência dos casos das vítimas do LSD, Syd para mim se tornou o primeiro caso próximo. Não que algum de nós tivesse realmente informações sobre eventual causa do seu comportamento estranho, mas de fato ele advinha de Syd ter tomado tanto ácido.

Nós que tanto amávamos Barrett

Teria sido acelerada a loucura do “profeta de toda uma geração de músicos progressistas”?

– As drogas alucinógenas começaram a ser consumidas com paixão desde 1962?

– Ácido e fumo não dão luz a cego.

“Não, não foram só as drogas”, diz David Gilmour. “Sempre houve algo muito errado na mente de Syd. Eu me lembro que tive medo dele quando fui ver a Pink Floyd gravar ‘See Emily Play’: o olhar... sabe como é? Estou convencido de que foi a sua situação familiar: Desde a infância Syd era esquisito, a sua mãe o mimou demais.”

De fato, Syd, que era o caçula temporão de oito irmãos, sentiu profundamente a morte súbita do pai. Isso quando ele tinha 12 anos, e então foi sufocado pela mãe superprotetora.

Teria ele metido a cabeça numa poça d'água, e pintado uma natureza morta com os seus miolos? E ainda depois espalhado tudo? Teria ele saturado a sua sombra com luz até amanhecer o dia?

Cotidianamente, ainda no colégio, Barrett preparava a sua sinfonia fugaz: ruídos, interferências, música das esferas e onirismo. Adicionava pitadas de comportamento errático, e por ser belo optou pelo cabelo arrepiado. Pintava as unhas de preto, tudo nele era diferenciado. Roupas, botas, desenhos, até as suas reminiscências eram realmente diferentes, e terminavam em poesia. Aquele mundo dele existia, mas ninguém o mostrava assim jovialmente.

Nós imaturos e pouco conhecedores adotamos a poesia de Jim Morrison, que versava sobre mesmas temáticas existenciais, na mesma psicodelia. Mas a de Barrett encontrava força era na sua alma poética mesmo. Desse modo, ela vir do ácido não terá sido promoção da mídia, que por não conseguir entendê-lo o pretendeu alijar de consideração?

Para mim, um grande poeta, muito além dos licores, absintos ou outros vapores que ele porventura experimentasse. Direto do sonho da infância, as suas canções eram tão boas e proféticas que ficariam empacotadas longe das prateleiras. Preferiram tratar o artista dessa forma.

Se um novo contrato valeria milhões, séquitos de músicos influentes procuravam a sua casa em Manchester.

Alguns cineastas ingleses geniais vão desnudar os seus últimos dias?

Quem sabe o que aconteceu mesmo?

Pistas talvez possam ser encontradas nos lançamentos: O livro de Joe Boyd, *White bicycles: making music in the 1960s* ("Bicicletas brancas: produzindo música nos 60s") foi publicado pela editora *Serpents Tail*.

Um CD com o mesmo título, com as muitas produções musicais de Boyd, incluindo "Arnold Layne", saiu pela *Fledgling Records*.

Terrapin*

Eu realmente te amo, só a você
A estrela sobre você, poço azul cristalino,
Oh! Querida, meus cabelos se arrepiam
Por você
Eu não a enxergaria como eu queria
Eu voou sobre você; sim voou
Bem, oh! querida, meus cabelos se arrepiam
Por você
Flutuando, resvalando narizes, mordiscando
As nadadeiras, uma luminosidade
Caninos rodeiam o palhaço
Ecuridão sob o rochedo escondendo
Toda luminosidade melhor pra nós
Porque somos peixes e tudo que fazemos é
Nadar, é só o que fazemos bem,
Oh! Querida, meus cabelos se arrepiam
Por você

Opel*

Numa praia distante, a milhas da terra
se impõe o negro totem em areia escura
um sonho na neblina cinzenta
numa praia distante...
O cascalho que era só
e madeira ressecada enterrada pela metade
Águas rasas e quentes lavavam conchas
até o brilho...
Uma carcaça nua retorcida, absoluta
estremece com o rasgar da carne pelas moscas,
num vazio...
Lágrimas cristalizadas...
Vimes ressecados chiam suas altas cânulas
Faça um círculo acinzentado como no verão, em
volta do totem
resistiu no chão

Aníviel Vicente – docemente traduziu para nós!

* Roger Keith Barrett – Letras e sons

A viagem lisérgica é superfluidade química

Barrett foi um dos muitos mártires do processo cultural e do ritmo alucinado dos 60s, que era imposto por empresários e contratos. Agora, se o seu distúrbio se deveu exclusivamente ao uso de drogas, permanece um tópico talvez inútil de discussão, mesmo por ele ter declarado ser o *LSD* a fonte de inspiração para as suas composições. David Gilmour, que talvez o conhecesse mais do que qualquer outra pessoa, defende que as raízes de seus conflitos remontam a traumas de infância. De qualquer forma, *LSD* e Barrett seriam objeto perene de associação.

Não consta que o restante da banda tenha se entregue às viagens lisérgicas com o mesmo ardor. Relatos de membros do círculo underground dão conta de Barrett como o único realmente “inteirado” no ácido, apesar de confessadamente todos os demais membros da banda o terem experimentado mais de uma vez.

Mesmo ocupados com as múltiplas atividades que a sua crescente reputação de “grupo sério” lhes trazia, os membros da Pink Floyd ainda encontravam tempo, em 1969, para se dedicarem à evanescente figura de Barrett. Durante todo o ano, ele ficou trancado, no *Abbey Road Studios*, em longas sessões. Gilmour e Waters conseguiram extrair do ex-parceiro as penúltimas gotas de sua inventiva, que saíram no álbum-testamento *The Madcap laughs* (“O Louco ri”). É como se tivessem pretendido garantir o sustento do poeta por meio de direitos artísticos. O primeiro e melhor álbum solo de Syd Barrett levou quase dois anos para ser gravado.

Apesar de oficialmente creditada a Gilmour e Waters, a produção é quase nenhuma. Acompanhado apenas de um violão, Syd expõe a sua alma.

A segunda tentativa, já em 1970, desta vez com alguma produção, mas com menor espaço de tempo para as gravações, mostrou aos músicos da Floyd que o antigo companheiro já não tinha condição de expressar as suas angústias por meio da música. Com infinita paciência, Gilmour e Wright (†), assessorados pelo baterista Jerry Shirley, da Humble Pie, tentam vários esquemas para tocarem junto com Barrett. “A primeira possibilidade que tínhamos era tocar junto com ele, no estúdio”, diz Gilmour, “mas vimos logo que isso era impossível, porque ele não tinha mais nenhuma noção de conjunto. Acabamos gravando o Syd sozinho, e trabalhamos em cima do material com as nossas ideias. Eu sentava perto dele, e dizia: Então, Syd, o que você tem para nós? Ele ficava um longo tempo tocando coisas, e eventualmente produzia algo bom.” O resultado sonoro é uma malha de rock’n’roll, que tem “Baby lemonade” e “Gigolo aunt” escolhidas para abertura dos dois lados. “Syd prosseguia em seu processo de desintegração, tornando as canções objetos confessionais cada vez mais impenetráveis. A capa de *Barrett* traz o inventário das possibilidades do disco sob a nada racional crítica do exemplo “de um compositor brilhante alijado de seu talento”.

Quem o ouve pode reconhecer lampejos da genialidade em “Dominoes”, e principalmente em “Rats”, mas que mais confundem, em suas múltiplas conotações, do que explicam o real estado de Syd. Remetendo à “Bike”, do primeiro álbum da Floyd, “Rats” envolve o ouvinte num jogo claustrofóbico, em sua batida constante e sincopada: Got it hit down/ spot knock inside a spider/ Say, that’s love.

Gilmour e Wright reconhecem ser o disco “muito ruim”, mas decidem lançá-lo assim mesmo, mais como um tributo ao esforço de Syd, mas as vendas foram realmente magras.

Loucuras?

“Eu estou quase caindo/ Eu sou só uma pessoa/ Será que você sente a minha falta? / Será que você sente mesmo a minha falta?”

No início de 1968, durante sete semanas, Gilmour e Barrett tocam juntos. A intenção inicial era manter Barrett como letrista, assim como Brian Wilson nos Beach Boys.

Mas a situação de Barrett se agrava e ele tem mesmo de ser afastado.

A 2 de março de 1968: "(...) depois de uma reunião cheia de demonstração de pudor espúrio e compaixão hipócrita, os músicos e seus agentes decidiram (sem a presença de Barrett) que Syd estava fora. (...) Continuaram a gravação do segundo *LP*, enquanto Barrett aparecia no estúdio todos os dias, e levava a guitarra, com a infrutífera esperança de que iriam chamá-lo para tocar também." (Valdir Montanari)

Mesmo tendo deixado a Pink Floyd, vítima de seu estado psicótico, a lenda continuou viva.

Tão viva que motivava especulações, até a sua morte acontecer. Mas deu tempo para os versos de "Arnold Layne" serem incluídos no *The Oxford book of verse*, como exemplo da mais autêntica poesia nas letras da música popular contemporânea.

Em 1973, David Bowie (†) regrava "See Emily Play" para o álbum *Pin Ups*. Syd Barrett costumava frequentar as boutiques da Kings Road para experimentar calças de número maior. Ele sempre dizia que elas estavam perfeitas, e logo em seguida ia embora, sem comprar nenhuma.

Outra mania: comprava guitarras. E nas entrevistas declarava: "Estou desaparecendo. Estou cheio de poeira e guitarras..."

Syd passava o dia inteiro no porão de sua casa, tocando uma estranha guitarra, cheia de espelhos e folheada a ouro, ou vivia pirado num eterno vai e vem das clínicas de Londres para o seu site em Stonehenge, um lugar mágico e cheio de mistérios como as suas canções. Ao invés de lançar novas músicas, no entanto, Syd optou por ser jardineiro.

Os últimos tapes gravados em estúdio de 1974 foram preservados. Barrett chegava com a guitarra sem cordas... e não chegou a finalizar as gravações, pois nunca colocou a voz. Fugiu para sempre, como de outras vezes.

São conhecidos onze takes rápidos dele: 12 de agosto de 1974, EMI *Studios*: "Boogie #1", "Boogie #2", "Boogie #3", "If you go #1", "Ballad" (unfinished), "Chooka-chooka chug chug", "If you go #2", "Untitled", "Slow boogie", "John Lee Hooker" e "Fast boogie". É Barrett solitariamente no desempenho do seu estilo genial.

Nome do disco? *You got it now!*

Outro disco fantástico se chama *What Syd wants*, composto das preciosas fitas, tapes e memorabilia de Bernard White, um cara de quem todos os fãs da Pink Floyd sentem falta, assim como de Syd Barrett e de Richard Wright.

Tudo desapareceu da internet. Não adianta digitar os nomes dos discos no *Google*.

Nos 80s, a revista alemã *Musik Express* dedicou algumas páginas a Syd Barrett. De acordo com os repórteres Assayas e Johnson, dos poucos jornalistas recebidos em sua casa em Cambridge, Syd vivia em completo isolamento desde a morte de sua mãe. A maior parte do tempo ele não fazia nada além de ver TV.

A *Barrett Appreciation Society* mantinha um fanzine, denominado *Terrapin*, por meio do qual tentava manter o nome de Barrett na lembrança pública.

Lançaram um single, cantado pelo grupo Television Personalities, com a música "I know where Syd Barrett lives".

O filme *The Wall*, de Allan Parker, versão para o cinema do álbum da Pink Floyd de 1979, resgatou a tragédia de Syd Barrett, tão afetado pelo uso de drogas que nem conseguia mais falar.

Biografias de Syd Barrett já haviam sido escritas na França e Itália, quando o jornalista Peter Watkinson lançou *Crazy Diamonds*, em 1991, na Inglaterra.

O livro trazia até a história de um fazendeiro de meia-idade chamado Syd Barrett, que recebia telefonemas do mundo todo.

Syd possuía um violão, que ninguém da sua família o viu tocando uma vez sequer.

Algumas revistas escreveram a respeito da sua saúde. Syd Barrett tinha uma boa complexão física, devido ao fato de andar sempre de bicicleta, mas estava perdendo a visão.

Oh my girl sitting in the sun/ Go buy candy and a current bun/ Ice cream tastes good in the afternoon/ Ice cream tastes good if you eat it soon – “Candy and a current bun.”

17 novembro • Show ‘Contra os muros da fome’

Teatro dos Bancários

Universo Paralelo do Rock:

Murilo Lima, ex-Capital Inicial;

Giuliano Manfredini; Rogério “Águas”

Produção – Ricardo Botelho

Clipcolagem – Mário Pazcheco

Direção musical

Rogério “Águas”

Direção de imagens

Pako Chagas

27 nov. • Patrulha do Espaço pela primeira vez em Brasília

Repertório

“Vou rolar” / “Festa do Rock” / “Não tenha medo” / “Meus 26 anos” / “Depois das onze” / “Sexy sua” / “Arrepiado” / “Robot” / “Olhar animal” / “Simples toque” / “Columbia”

Uma produção: I’m with the band

Quão fundo o gato pode saltar na minh’alma?

Show dedicado ao aniversariante Jimi Hendrix



A mítica Patrulha do Espaço: Percy Weiss, voz; Júnior, bateria; Ricardo Dezotti, guitarra; e Adriano Rotini, contrabaixo

Segunda-feira chuvosa, tarde de uma noite mágica: I'm a rolling stone... e vou rolar...

Dia do show: rala divulgação, um tijolinho e um destaque no canto superior do *Caderno C* do jornal Correio Braziliense. Na *Berlin Discos*, um cartaz feito à mão anuncia o show. O boca a boca e os correios eletrônicos, e o inacreditavelmente poder que a Patrulha do Espaço exerce sobre os roqueiros, lota a casa.

A abertura fica por conta da Misty Mountain, que despeja uma tempestade de covers do hard rock dos 70s: Led Zeppelin, Deep Purple, Whitesnake (destaque para a versão de "Slow an' Easy"), Rainbow... que sinalizam o impacto por vir.

O show da Misty Mountain acaba, e o mundo mergulha na expectativa.

Ao telefone: "Vocês não vêm?" Às 23h40, Kelly recebe os quatro argonautas, e a nave da Patrulha do Espaço pousa no *Blues Pub*.

O início é rápido e pesado, com "Vou rolar". A mesma curta introdução do show de Goiânia.

No palco à esquerda, o elétrico Adriano Rotini, de jaqueta preta sem mangas, agita a cabeleira, segura e toca o baixo. No microfone, à frente, Percy Weiss, de camisa branca adornada. Recuado, de camiseta preta, com a bandeira do Estado de Goiás, Júnior espanca a bateria com habilidade. Ao fundo, Ricardo Dezotti (também guitarrista da Freak) empunha seguramente a guitarra Gibson – naquela noite ele dependerá da sua técnica máxima para compensar o som, que some na sua lateral, pois o baixista e o guitarrista inverteram de posição minutos antes do show...

Percy Weiss dá "Boa noite!" a Taguatinga. E a galera responde pedindo: "Rock'n'Roll!" A versão crua de "Não tenha medo" é a resposta da banda. Num contragolpe alucinante, a bateria inicia a "Festa do Rock". "Entre amigos você vai estar", e explodem flashes de diversos fotógrafos, enquanto os celulares sobem e enchem o teto para registrar o show: "Rock'n'Roll!! Rock'n'Roll!!"

Percy Weiss comenta que a banda fez questão de passar por Brasília: "Um esforço que agora a gente vê como tá valendo." E explodem aplausos, cortados bem humoradamente pela voz grave do baterista Júnior: "Eu discordo totalmente de você, Percy, tá sendo do c... tocar em Taguatinga!, uma cidade-satélite de Brasília." E mais aplausos!!

Nessa noite, que seria o 64º aniversário de Jimi Hendrix, a versão de "Hey Joe", antes instrumental na interpretação da banda, ganhou os vocais de Percy Weiss, que voltava aos tempos do início da carreira, na banda U.S. Mail, e que emendou blues de improviso. Ele cantou o barato que era conhecer aquelas pessoas. E o entretenimento continuou em "Depois Das Onze", que desce nas suas notas e letra sinuosa. O público em êxtase assobia. O final é apoteótico, com um improviso da guitarra com a bateria. E na sequência "Arrepiado", "Sexy sua"... com salva de palmas para Arnaldo Baptista!

Antes de começarem os acordes de "Meus 26 anos", impacientemente a plateia canta os primeiros versos, que são marcados pelo bumbo da bateria do Júnior. Na guitarra, Ricardo Dezotti desenha uma espetacular progressão de acordes. O inspirado guitarrista também faz backing vocal em algumas músicas. Adriano Rotini segura as notas do contrabaixo, sempre observado por Júnior. Durante o solo da bateria, Júnior variou de acordo com a temperatura do pub, que estava quente mesmo! Termômetro elevado, o show durou quase hora e meia, e os presentes ficaram chapados com o bom e velho Rock'n'Roll.

Doses maciças! "Olhar animal", "Robot", e "Ser", do *CD Chronophagia*, prepararam a apoteose para o hino da nave da Patrulha. É claro que falamos de "Columbia", momento em que Jefferson toca a gaita e os fãs sobem ao palco para cantar junto.

Noite memorável para a cena underground do rock'n'roll de Brasília. Um show espiritual e carnal, tocado com extrema energia, sem nenhuma frescura. A Patrulha do Espaço é uma das poucas bandas

no planeta que conseguem transmitir grande emoção ao vivo. A formação atual, com Percy Weiss nos vocais, se afasta do modelo clássico de supergrupo, pois volta a ser um quarteto terrível. Aquele ponto em que muitos não acreditavam mais que a banda viria a Brasília algum dia virou lenda naquela noite no *Blues Pub*, aberto até de madrugada, até todas as cervejas serem abertas.

Compartilho um diário de bordo

Going to Goiânia. Um rápido telefonema de Lana Goulart, produtora da Weissprodarts, do quarto do hotel Augustus, me coloca na estrada quatro anos depois.

Entrei no carro e segui 200 km rumo ao show – ainda no posto, o bombeiro colocou a chave do meu carro no bolso dele? “Fica difícil sair assim... me devolve a chave!” Abastecido, colocado um litro de óleo, procurei as placas indicativas da direção. Eram 19h, quando adentrei o *Espaço Cultural Oscar Niemeyer*. Mal sabia que o motor do carro não aguentaria.

Para chegar ao camarim da Patrulha, usei uma *meia-verdade*. “Eu sou o motorista que levará a banda a Brasília.” Colou.

Meus pés estavam molhados, e não havia quartos disponíveis. Era época de vestibular, as espeluncas estavam fechadas.

Em Brasília, o contrabaixista Adriano Rotini – também da Brasil Papaya – se deliciou com a minha coleção de vinis, e repetia: “Meu cachê pode ser em vinil!” Seu alto astral e confiança foram fundamentais para conseguirmos voltar a Brasília.

O guitarrista Ricardo Dezotti se apaixonou pelo violão elétrico Del Vecchio 1957. Ele tocava “Mystery train” de Elvis, e também covers fantásticos da The Who.

Passava horas e horas dedilhando...

Ricardo Dezotti nos revelou que aquele violão na entrada de “Piratas do Espaço” não é tocado por Dudu Chermont, e sim por Sérgio Santana. O próprio guitarrista contou a Ricardo.

Rolando Castelo Júnior chegou todos os dias de madrugada, e sempre procurando um cigarro.

Depois do show em Taguatinga, eles foram ao encerramento do *Festival de Cinema*, e estiveram ainda numa festa de aniversário.

Guará 1, *QI 11*. Tarde de quinta-feira. Na padaria, em companhia do Júnior, me lembrava que – há poucas quadras dali – o meu mergulho no rock havia começado há mais de 20 anos, com o trio de hard rock Extremo. Eles mesmos profundamente influenciados pela Patrulha.

Aumentando o vocabulário rock: Percy Weiss me explicou que os admiradores, que invadiam os ensaios de rock no início dos 70s, eram conhecidos como freak campers. Júnior por sua vez usou a expressão drummer hero, que me soou estranha.

Deslumbrado com a arquitetura de Brasília, e a arborização da cidade, Júnior promete alugar um apartamento no Plano Piloto e andar pelas superquadras, nas horas vagas. Sim, enquanto escreve a sua autobiografia. Nela haverá uma passagem sobre a execução do guerrilheiro Carlos Marighela, conta ele.

Nos 60s, Júnior morava num apartamento ao lado da cena do crime. Fiz uma longa entrevista com o incansável baterista da Patrulha. Me aproveitei da sua disponibilidade embriagada, e... de certa maneira, suguei dele todos os fatos.

Mas o tranquilizei, e disse-lhe que deixaria os tópicos realmente importantes para o seu livro, que a nossa conversa era apenas um *substrato oral* etc...

Nesta mesma quinta-feira, no churrasco, com a presença do Júnior, ouvimos em primeira mão o *CD Speranza*, do quarteto instrumental Brasil Papaya, cujo contrabaixista é o nosso amigo Adriano Rotini. Então percebi que a música “Cowboy” realmente nunca havia sido gravada em estúdio pela Patrulha

do Espaço. Só aí sacamos que essa versão de “Cowboy” é um pupurrí gigantesco, que inclui outros dois temas da Patrulha. Na hora, o Joubert, roadie e guitarrista-fã, gostou e disse: “Amanhã comprarei um na Berlin...” E também tive a oportunidade de ver-ouvir Rotini executar uma perfeita versão de “Cowboy”, no meu cinquentenário Del Vecchio.

Compareci ao segundo de três ensaios da banda no *Estúdio CL Áudio na 107 Norte*.

Com cerveja, ar condicionado, e uma boa performance da sala: as três portas de acesso impediam qualquer ruído externo. E no intervalo devoramos uma pizza!

Sexta-feira, 1º de dezembro

A mesma correria de sempre. Júnior e Percy Weiss farão uma jam session às 22 h no *O’Riley Pub*, com Rockdrigo Terra na guitarra e Bruno “Lobão” no contrabaixo. Ambos ex-Máquina do Tempo. Também participarão “Blavis”, guitarra, e André Gurgel, contrabaixo do Planta. (...) Ao final, além dos citados, na música “Columbia”, se juntaram Joubert, na guitarra, e Jefferson, o gaitista. Este último já havia tocado com a Patrulha em Taguatinga.

Dia seguinte, sábado, ao meio-dia, Percy e Lana seguiram para Campinas.

Hoje a ficha cai do fundo do céu, como uma lágrima... escondida pelos óculos escuros... Fazer o quê? Já que aconteceu – o orçamento do motor do carro, que fundiu no caminho de volta de Goiânia para Brasília, chegou pela manhã, via telefone: 2.500 reais –, minha mulher ficou irritada, me ameaçando, caso eu não cumprisse os horários das atividades do dia. Estaria eu doido, sei lá... – segunda, terça, quarta foram um inferno, verdadeiros dias de cão. Quinta, sexta, mais relax.

Ficaria menos gente em casa... – O feriado caiu como uma luva. Cenas de Percy tomando sorvete, Júnior lavando louça, Ricardo estressado ao limite, junto com Rotini, sendo levados ao aeroporto. Por enquanto, fim.

Júnior, da Patrulha do Espaço!

- No selo do disco *Faremos Uma Noitada Excelente*, poucos sacaram que o título “Arnaldo Solizta” era um anagrama para o pianista húngaro Franz Liszt. Até hoje alguns pensam que foi um ato falho.
 - Arnaldo convidou Guilherme Araújo (†) para jantar. O empresário não apareceu. Nem investiu na banda, deixando o músico de coração partido.
 - Entre as 26 canções que ensaiavam, uma das mais gratas lembranças ao baterista Rolando Castello Júnior era a interpretação da banda para “Jesus come back to Earth”. Especialmente no verso onde Arnaldo pedia que Jesus “voltasse à Terra”. – Talvez Kokinho (†) tenha o registro dessa canção.
 - A Patrulha do Espaço chegou a ser registrada pelas câmeras da TV Bandeirantes, para o programa *Balancê*. “A gravação foi marcada para o meio-dia, mas ficamos esperando até as 19h para gravar. Eu dei uma dura no pessoal da produção, e finalmente eles começaram a trabalhar. Filmaram a passagem de som – quando tocamos parte da música “Cowboy”, só para ver como estava o resultado – e mais duas músicas. Daí, quando isso foi ao ar, fizeram uma grande sacanagem com a gente: Exibiram só a passagem de som, nenhuma música inteira, e ainda tiraram uma com a nossa cara.”
- Conforme Rolando Castello Júnior, “parecia tudo muito profissional, mas deu errado, não entendi”. Felizmente agora, no final de 2015, a fita com as imagens das três músicas (“Sanguinho Novo”, “Sunshine” e “Cowboy”) foram recuperadas. E nós as disponibilizamos no YouTube.
- No *Estúdio Vice-Versa*, Arnaldo & Patrulha do Espaço, ao gravarem “Sunshine”, foram interrompidos pelo técnico do estúdio, que alegava ser *superpopuloso* a palavra correta, e não superpopulado. A discussão foi acalorada, mas a palavra original se manteve, e hoje a ouvimos como Arnaldo queria.

Vinte e nove anos depois, o *Vice-Versa* entrou em rota de colisão com a gravadora *Virgin*, para que fossem pagas as horas daquelas sessões.

- O guitarrista Dudu Chermont transpirava um bocado nos ensaios...

CD Misty Mountain nas trilhas das cidades perdidas

Faixas – 1. “Free fall” / 2. “One night girl” / 3. “Sail way” (Blackmore/Coverdale – Deep Purple) / 4. “Yesterday cities” / 5. “Superstition” (Stevie Wonder) / 6. “High wire” (Lee/Gillen – Badlands)

Foram três meses de intenso trabalho para que a *Misty Mountain* – Fabrício Moraes, guitarra; Nathal de Oliveira, bateria; Hoanna, vocal; e Gustavo Vieira, contrabaixo – colhesse essa meia hora de som – três faixas próprias e três covers. Um produto burilado e direto. O rock de entrada “Free fall” abre o *CD* com seis minutos arrasadores, num estilo parecido com aquelas apropriações que fazem para trilhas das melhores propagandas de cigarros (esses, piores). Nostalgicamente, nessa faixa, o riff de entrada lembra a Yardbirds da era Page. “One night girl” faz uma pausa para que Hoanna demonstre a garra da sua voz. Numa base suingada, com um riff semelhante ao da faixa anterior, e uma *estória* também semelhante à da primeira faixa.

O recado da capa de *Yesterday cities*, nada mais Yes! Ela mira a Montanha Mística num reino gelado – a placa de setas remete à capa do álbum de Page/Coverdale, e inversamente à “Cities in the dust” –, numa associação livre de ideias, ou seja, sem aventarem tragédias climáticas...

A balada “Yesterday cities”, com violão e voz delicados, desde que já se esteja na estrada, nos conduz de volta ao ponto de partida. Quer dizer, ela não trata de uma volta para casa, mas sim da opção de abandono da inércia. Este *CD-demo* da *Misty Mountain* está repleto de contrapontos, que ligam impensavelmente Ritchie Blackmore’s Rainbow e Deep Purple a Ronnie James Dio (†), este cantando o material da Deep Purple. Essas cores púrpuras giram ao redor de timbres zeppelianos e de arranjos vocais, como o da faixa “High wire”, que não é deles.

Inevitavelmente, também uma pegada da Lynyrd. Em “Superstition”, o contrabaixo abandona o apoio, o que é uma surpresa neste arranjo soul, à Glenn Hughes.

Hoanna canta muito – o queixo pode cair ao se assisti-la ao vivo. A bateria do Nathal de Oliveira vai reta e seca, como uma locomotiva. E a inspirada guitarra do Fabrício Moraes não desperdiça uma nota sequer.

Assim transparece a alma da *Misty Mountain*. Um som setentista competente, que não corre o menor risco de ficar datado.

2007

CONTRACULTURA: RESISTIR SEMPRE

José Carlos Vieira – Correio Braziliense, *Pensar*

7 abril • *Nessa época de blogues, fotologs, youtubes, homepages, o fanzine é um dinossauro. Mas nos 80s era assim que os loucos por roquerrou se comunicavam país afora. Em São Paulo, na W3 Sul, na Rodoviária do Plano Piloto, no Conic, no Guará, em Taguatinga... os fanzines eram produzidos e digeridos em todas as partes e becos. A internet era apenas uma fantasia de George Orwell e seu grande irmão, no clássico 1984. “Naqueles idos de 1980/81, vivíamos sob o efeito the dream is over com as mortes de Sid Vicious, John Lennon, Glauber Rocha, Bob Marley, e por que não Bill Haley?”, relembra o incansável guerrilheiro cultural Mário Pazcheco, contemporâneo de Renato Matos, Renato Manfredini Júnior, Paulo César “Cascão” e de todos aqueles bardos embriagados que perambulavam pelos Beirutes da vida. Para comemorar os 25 anos desse tempo de nostalgia, Pazcheco, como gosta de assinar, lançou o CD-ROM Enciclopédia contraculturalista Do Próprio Bol\$, e o CD-duplo ao vivo da legendária banda de rock paulista Patrulha do Espaço, na turnê Despedida 2006, que passou por Goiânia e Taguatinga, no Blues Pub.*

10 abr. • ‘Do Próprio Bol\$ 25 anos!’ (1982/2007)

Merecidos encontros históricos no Jubileu de Prata Do Próprio Bol\$



• Nervosos como se estivessem num teste para uma gravadora: Miro Ferraz dos Durangos da América na guitarra, Geraldinho no contrabaixo, Ricardo Lima (escondido) na bateria, Rogério ‘Águas’ na guitarra, e Márcio Baldone nos vocais, mandaram ver uma versão de My Sweet Lord



- Renato Matos retoma a linha evolutiva da música popular brasileira. Gersinho em noite macabra provocou os visitantes com impropérios satânicos. Rondinele Saraiva segura o contrabaixo e Ricardo Lima a bateria
- *Flúidos no Tempo*: Nonato, Raul, Mariana e Ricardo Lima
- Projeto Syd Barrett do vocalista e balconista de discos Glauco Azevedo

De 2003 a 2006, aconteceram esporádicas apresentações musicais em casa, enquanto as colunas aguardavam pelo reboque de parede. Algumas vezes, o blues aconchegante levado pelo Zezinho Blues, ora com Lu Blues na voz.

A casa caminhava para o seu sétimo ano de construção. Não havia mais como gastar grana com a conservação e decoração do caminhão de shows.

O espaço interno da casa se assemelha a um pequeno anfiteatro: para a inauguração, as paredes foram lixadas e foi acelerado o emassamento das colunas.

De preferência se você estiver ensaiado, livre como um pássaro, e quiser participar, sempre arrumaremos espaço... Basta imaginação!

16 junho • Durante o ensaio da Rolando Rock, nós repetimos uma situação divertida

Gate's Pub – Na véspera dos shows, Sérgio, sócio do *Gates*, confere o camarim para evitar o cheiro almiscarado... Ele chegou enquanto a última *bola* escapava pela janelinha. A rapaziada da Máquina do Tempo ficou como gato com as penas na boca...

Na tarde do ensaio da Rolando Rock, o responsável por manter os bons costumes quis proibir o baseado em fatos reais. – Vamos ter que fumar na quadra? Sentamos na borda do palco.

Frente ao *Gates*, eu gritava: “Venham conferir o maior baterista do mundo, agora é de graça; à noite é pago!” Uma pequena multidão de curiosos se reuniu, e feitas algumas apresentações... rolou uma versão rápida infernal de “Paranoid”. Ali foi a grande apresentação da Rolando Rock no *Gates*. Um dos transeuntes, que calmamente rolavam pela 403 Sul, e entraram para ver o que se passava ali, estava Antônio Lemos Passos Júnior, justamente xará do baterista.



• Pazcheco, o guitarrista da Rolando Rock, Luciano Reis, com Carlinhos Piauí, ainda cheio de vida, o grande canhoto das seis cordas, ao lado de outro amigo, o fotógrafo Welber

7 setembro • Da janela, eu via o palco amarelo brilhar ao sol

Para mudar o caminhão de lugar e decretar a sua posição final, no fundo de casa, foi necessário aterrar, nivelar o terreno e gramar para recebê-lo.

Com Fluídos no Tempo, Barbarella e artistas solo, realizamos a primeira apresentação na aba do fundo do caminhão. Ciclo é a única palavra que posso atrelar ao segundo evento de comemorações do *Jubileu de Prata Do Próprio Bol\$ó*. Porque estou convencido de que um novo ciclo se iniciou. Depois da *Primeira Noite Do Próprio Bol\$ó* (2005) e da *Patrulha do Espaço no Blues Pub* (2006), recolhi as iniciativas de exteriorizar um horizonte vibrante. Não me enquadrei na exploração de dar mais do que receber. A solidariedade não é recíproca. Preferi ciscar o quintal até hoje.

Participações

No violão, Virgílio Stefanin fez um rápido número com o pessoal da Barbarella.

Como solo, participaram Rene Bomfim e Machado, o lendário crooner de bandas de baile de Brasília, que apareceu no meio da noite para uma interpretação maravilhosa e inesquecível de “In My Life”, d’Os Beatles.



Flúidos no Tempo curte tocar números de Guns N' Roses



Desenvolvendo uma estratégia de sobrevivência

Nesse dia, a sobrevivência venceu. Tínhamos a bateria prateada do Alessandro, um par de caixas e a mesa alugada.

Dia de mudança radical. Fervorosamente eu passei a acreditar mais em mim e a abraçar o sonho. Se até aquele momento sempre tivera que me disfarçar para conseguir os objetivos musicais, decidi me dedicar ao sonho da independência: a partir dali alugaria a aparelhagem e evitaria conflitos e confrontos.

Ritual para o Rock rolar...

Desde então, quando faço uma produção naquele palco, coloco o volume do amplificador no talo e peço a nota mais estridente para ferir os ouvidos conservadores.

Protofonia: Música livre

No auge da seca em Brasília, André Chayb, guitarra, ukelele, teremim, teclado, ruídos; Janari Coelho, bateria, percussão, paisagens e intervenções sonoras, ruídos; e André Gurgel, baixo, violão, teclado, plásticos, ruídos, reuniram a sua vasta experiência musical para trabalhar músicas instrumentais autorais com afluência do jazz, em suas tantas vertentes, e do blues ao rock progressivo, incorporados em livre improvisação, com os naturais toques eruditos e as informações contemporâneas e eletroacústicas. Nos seus temas, sempre o espaço calmo antes da explosão. O silêncio ruge cores fortes em texturas imprevisíveis, que pretendem manter a atenção do ouvinte do início ao final de cada música.

A Protofonia acorda com tudo o que se relacionar ao experimentalismo e à improvisação: Música livre!

CD 'Quando o assunto é dinheiro!' (Neuras Planetoides)

Uma ópera de vinténs do rock falando da merda que o dinheiro faz com as relações humanas, transformando-as em puro interesse

Faixas – 1. “Homens, Cyborgs, Mutantes” / 2. “Toda babaquice que você é capaz quando o assunto é dinheiro” / 3. “O Pai do Morro” / 4. “Game over” / 5. “O caviar Malthusiano” / 6. “Parabéns” / 7. “Setor Comercial” / 8. “Medo de arriscar” / 9. “Fazendo sucesso” / 10. “Afetos”

Questionador. Blasfematório. Contestador. Tudo que o rock não deveria ter abandonado a troco de um trocado ou da fama relâmpago.

Neuras Planetoides é um quarteto de Brasília, cujos riffs às vezes lembram Black Sabbath, e cujo ativismo lembra o Rage Against The Machine. A sua guitarra é crua e rápida, repleta de cromatismo. – Por que esses grupos da TV não fazem um som assim?

Agradaria a indisciplina informada dos Neuras, conscientes do preço do sucesso?

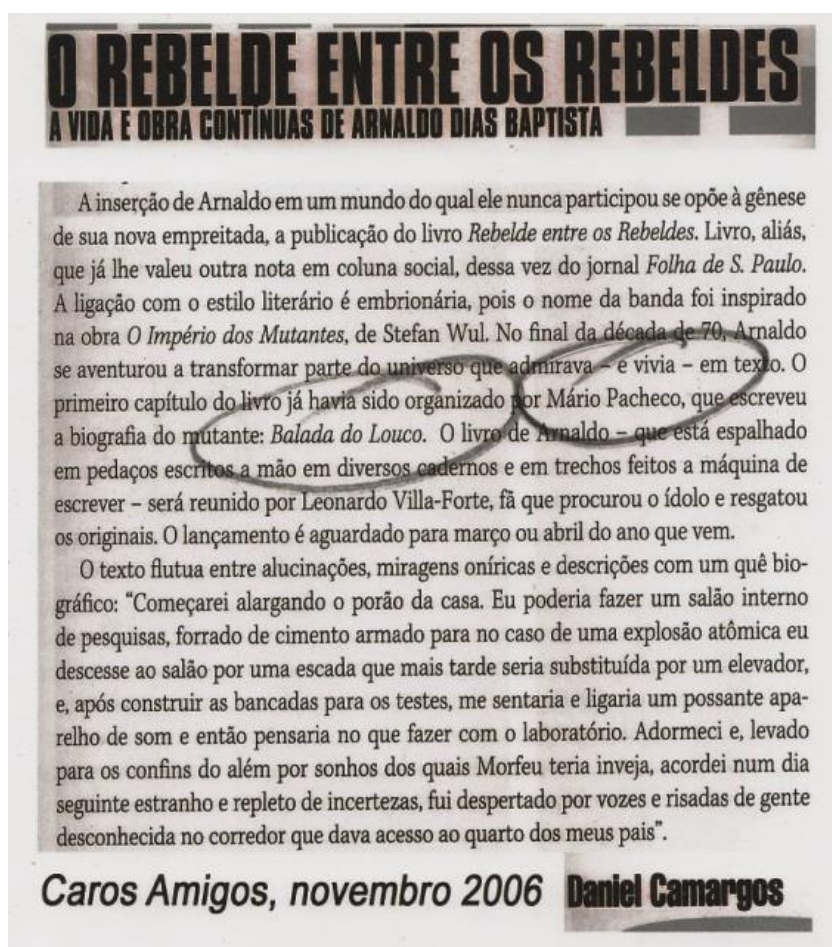
A faixa de abertura “Homens, Cyborgs, Mutantes” expressa a polêmica evolução da humanidade, que nos transformamos em clones modernos e bizarros a serviço da indústria dos grandes laboratórios, cujas cobaias somos nós mesmos. É a falta de ética da ciência no embate, não com Deus, mas conosco mesmos. “Toda babaquice que você é capaz quando o assunto é dinheiro” é uma mensagem não machista, a tônica do disco. É impossível o ouvinte não fazer um retrato falado de pessoas próximas, que cavaram o próprio buraco – aprendizes de estelionatários –, moscas de bar.

As faixas “O Pai do Morro” e “Game over” fazem analogias com os pais dos pobres, e aqueles que vivem de mesada são sentenciados ao velho jogo do quem por baixo mexe...

Repetem-se os inícios arrastados e pesados, num som indigesto, enquanto a burguesia devora o seu caviar alheia ao cardápio dos excluídos, ao favoritismo nosso de cada dia e à vista grossa nossa mesmo.

“Parabéns” repete o mesmo esquema dos bends de entrada, e a bateria na sequência. Júnior Camacho (“Minduim”) discursa sempre na primeira pessoa, dando-nos congratulações pela nossa cumplicidade. Enquanto em “Setor Comercial” a vida se esvai na tela do computador, finalmente a melhor faixa do CD, “Fazendo Sucesso”. É a mensagem direta deste disco, e dos produtos do meio comercial na atualidade, que utiliza adereços alheios, como a imagem da mulher, para autopromover as suas drogas e fazer sucesso e dinheiro.

Se o rock tem espírito, convicção, raça, cor, ou mesmo se tudo é preâmbulo da inocência, os Neuras Planetoides, que não pretendem consertar nada, nos lembram que o rock é antes de tudo “anti-establishment”.



O REBELDE ENTRE OS REBELDES

A VIDA E OBRA CONTINUAS DE ARNALDO DIAS BAPTISTA

A inserção de Arnaldo em um mundo do qual ele nunca participou se opõe à gênese de sua nova empreitada, a publicação do livro *Rebelde entre os Rebeldes*. Livro, aliás, que já lhe valeu outra nota em coluna social, dessa vez do jornal *Folha de S. Paulo*. A ligação com o estilo literário é embrionária, pois o nome da banda foi inspirado na obra *O Império dos Mutantes*, de Stefan Wul. No final da década de 70, Arnaldo se aventurou a transformar parte do universo que admirava – e vivia – em texto. O primeiro capítulo do livro já havia sido organizado por Mário Pacheco, que escreveu a biografia do mutante: *Balada do Louco*. O livro de Arnaldo – que está espalhado em pedaços escritos a mão em diversos cadernos e em trechos feitos a máquina de escrever – será reunido por Leonardo Villa-Forte, fã que procurou o ídolo e resgatou os originais. O lançamento é aguardado para março ou abril do ano que vem.

O texto flutua entre alucinações, miragens oníricas e descrições com um quê biográfico: “Começarei alargando o porão da casa. Eu poderia fazer um salão interno de pesquisas, forrado de cimento armado para no caso de uma explosão atômica eu descesse ao salão por uma escada que mais tarde seria substituída por um elevador, e, após construir as bancadas para os testes, me sentaria e ligaria um possante aparelho de som e então pensaria no que fazer com o laboratório. Adormeci e, levado para os confins do além por sonhos dos quais Morfeu teria inveja, acordei num dia seguinte estranho e repleto de incertezas, fui despertado por vozes e risadas de gente desconhecida no corredor que dava acesso ao quarto dos meus pais”.

Caros Amigos, novembro 2006 **Daniel Camargos**

Na última semana, o servidor público Mário Pacheco enviou um e-mail à redação do

Caderno Brasília em que dizia que os sócios da G4 acusados na Operação Mecenaz já haviam cobrado propina em outra ocasião. “Em março último, quando fui entregar material da banda Maquiavel, percebi que havia uma outra porta de entrada para o festival, e concluí que quando alguém vai à sala da G4 tem que estar preparado para ofertar. Isso me encaibulou e eu andei comentando com membros de bandas e produtores que o jabá estava presente”, afirma Pacheco. No entanto, segundo a Polícia Federal, não há nenhuma evidência que comprometa a Ong que organiza o festival ao esquema de corrupção dos acusados no MinC.

Reportagem
HOJE EM DIA, DISTRITO FEDERAL, DOMINGO, 18 a 24/11/2007

2008

UM RECENTE EVENTO 'DO PRÓPRIO BOL\$O'

"E o cara ainda faz aniversário no dia 24 de Maio, nome da Rua e da *Galeria do Rock*, é mole?" (Zé Brasil)

Ummaghumma

• Carlinhos Piauí • Paulo Avelino

Zezinho Blues & Rubão

• Zé Otávio



- *Ummaghumma. A geração mirim aprendeu com eles hard rock blues da melhor competência*
- *Zé Otávio e Zezinho Blues se violam*

24 maio • Do alto estavam a Lua e outro planeta acima dela. Júpiter? Vênus?

Aqui na Terra, a postura era de entrega, de (des)equilíbrio e bem-estar. O rock rolava Beethoven.

Convidados especiais – Carlinhos Piauí (†), violão, voz e composições, musicou a poesia de Torquato Neto; Paulo Avelino, versos; Ummaghumma (eletricidade a mil); Zezinho Blues, violão, gaita e voz; Rubão, bateria; Zé Otávio, voz e violão.

Olha o forró, gente!

João "Piauí", patrono das artes e das cachaças, e das cervejas, ao lado da sua companheira, a Prof.^a Adalzeni.

O radialista Paulão de Varadero e o musicólogo Claydson Ericson lembram a recente partida do jornalista "Ferrugem".

O apoio incondicional da ala mais festeira dos Meneses foi fundamental no meu aniversário de 44 anos.

Agradecimentos especiais a Marister, que nos ensinou a colocar a lenha no fogão; a Stela, sempre pronta a ajudar e a participar dessas reuniões; à minha cunhada Carmem Eliana, aliada importante, sempre presente.

Maurício (†) e Marilange, responsáveis pela decoração e camaradagem. A Narcisa e Yasmin, pelas travessuras. “Cadê a minha boneca?!”

Obrigado também a Regina Lúcia, pela camiseta e sobremesas (mousses · pavês · pudins), a Patrícia, pela paciência, e pelo *DVD* da Pink Floyd; a Renato & Lurdinha, pela presença constante, e pelo *DVD* duplo da Kiss. Também ganhei um *DVD* e *CD* Box do Barão Vermelho, um outro *DVD* do Zé Ramalho, cantando Raul Seixas, além da linda camiseta, apropriada para a minha idade (risos!!), que a Lúcia Nunes me deu, e que vesti na hora.

Alguns nomes, de cabeça...: Carol; Vanesca (†); Ana; Tião; Cléo; Márcia; Waldyr (†), meu cunhado vascaíno; Juscélio; André Gustavo, meu compadre; Zé Roberto, meu cunhado; e Donizetti, que há tanto tempo não aparecia.

Pelo telefone, estiveram presentes Cicinho e Roberto Meneses, outro cunhado.

Além da festa, o melhor presente que minha mulher Zanza Meneses e minha filha Ana Luíza poderiam me dar, e que superfelizmente me deram, foi passarmos a data com o meu filho do meio, Virgílio Stefanin; sem esquecer a presença em minha lembrança do Glauber Renato, que mora em Cascadura-RJ!

8 julho • A força da Skaravelho, a origem, ou suave é o Blues

Guará sobre rodas – Cachaçaria Lupullo's – QE 40, Guará 2

Toda Terça-Feira, Um grande encontro

O rock'n'roll viaja sobre duas rodas até a porta da sua casa para dizer que está vivo. E que o grande barato da humanidade não é a destruição em massa, e sim a música, a música, amigo, o banquete principal, esse que é servido pela Skaravelho há mais de 10 anos.

Como banda, a Skaravelho rapidamente chegou lá, pois já tocou no Autódromo, gravou um *especial* para a TV Nacional, que foi exibido em todo o território nacional, mas de repente acabou. Acabou por quê?!

“Porque nós somos Skaravelho!”

Piada que o Zezinho Blues costuma contar. Ele canta e toca guitarra, violão e gaita. Talvez um dos músicos mais queridos do nosso perímetro, com a sua inesgotável energia calcada no blues. Sempre abrindo e fechando a noite, Zezinho nunca largou a música, nem quando 'stá dormindo. Ele é capaz de misturar Roberto Carlos com Black Sabbath!

Aliás, o grande momento de ontem foi quando a cozinha estava costurando “Paranoid”, e Zezinho Blues fez os vocais – saltando pra todo lado! – com a velha energia do Ozzy. Eles emendaram com a mítica “Rock and Roll”, traduzida pelo timbre de Zezinho Blues. Público de show em bar tem que saber das limitações de espaço, som e tempo, que interferem na performance. O que sempre gostei em boteco é que nunca vi músico com partitura. Já o Rock'n'Roll é um coice! É ouvir e nos lembrarmos das várias situações e fatos que passamos juntos. Talvez hoje estejamos um pouco entediados e barrigudos, pode ser, mas a Skaravelho nos traz rumores daquele tempo, em que começamos juntos nos botecos empoeirados do Guará. As transições da vida: fora de casa, solteiro, desempregado, para empregado, casado, domiciliado etc. O surgimento dos filhos, aniversários, mudanças de casas. Por que essa dinâmica não afetaria também a banda?

A banda formada pelo Celso, desde o início no contrabaixo. Ele desempenha com segurança e leva a Skaravelho à frente.

Bigorna, nosso velho vocalista e guitarrista também da Rumores de Garagem, esbanja um toque elétrico inglês na guitarra que vem lá da velha escola de Eric Clapton, e tem muito também de George Harrison, inspirações por exemplo nos temas de “Taxman” e “For Your Blue”. E o lindo slide em

“Time” e “Breathe in the air”. Bigorna não interage com a plateia, pois está compenetrado no amadurecimento da sua técnica musical. Ele toca com a ponta dos dedos, e fala a língua dos mestres. Júnior, o jovem baterista, furou a pele da caixa em “Rock and Roll”. Surpreendeu a todos pelo estilo seguro.

A força da Skaravelho está nas mãos de Cleíton “Roots”, Liana, Narcisa, Gaspar, “Bodão”, Célio, Brazilian Blues Band, *Clube do Blues*, Jussara, e também dos motociclistas. Coisas maiores pintarão, com certeza. A Skaravelho está junta há alguns anos, fazendo releituras de obras clássicas do blues e do rock, dos grandes mestres como Celso Blues Boy, Raul Seixas, Creedence Clearwater Revival, Led Zeppelin, B. B. King, Bob Dylan, Jimi Hendrix, Beatles, e muitos outros.

Também tocam músicas próprias, e as suas letras são carregadas de irreverência e protesto constantes contra as misérias da fome, da guerra, destruição da natureza e das nossas crianças, que têm sido massacradas diariamente o tempo todo pelo sistema. Os músicos da Skaravelho utilizam a música afinal como veículo de informação e resistência, e expressam as suas ideias para o concerto e o concerto do mundo, do humano e da Terra, a darem sinal ambos de colapso próximo possível. A gente não sei como precisa convencer e comover a todos para rumarmos na direção da cooperação fraternal, ou a competição brutal que nos tem vitimado em todos os sentidos nos finalmente explodirá a todos.

O líder da banda, Rubão, baterista, e Geraldinho, contrabaixista, montaram o início da Skaravelho. Eles então convidaram Zezinho Blues, cantor, e mais Natan, guitarrista, e Eron, percussionista, e se uniram todos para alegrar com música e incentivar às grandes mudanças os bluseiros e os roqueiros de todas as idades.

“Nossa meta é surpreender os espectadores com novidades nos shows, que contam com blues clássicos e músicas próprias.”

30 agosto • Tributo a Raul Seixas – Outro grito da Sociedade Alternativa apresenta Zezinho Blues – numa tarde de inusitada loucura, a lupa lilás intrigou os cachorros. Domingo agora, no Riacho Fundo (*Bar Dinossauros*), a partir das 17h, Zezinho Blues vai mostrar a velha competência no *Tributo a Raul Seixas*. Deixe o cachorro em casa!

• Domingo ou todo dia é dia de Raul. Para os amigos, Zezinho Blues apresentou o contagiante *Tributo a Raul Seixas*. Cantamos em celebração!

– Espalhados pelos jardins à beira de qualquer rodovia, atraindo o olhar enviesado dos olheiros e dos malucos de plantão.

A Sociedade Alternativa é um implante coletivo nos cérebros dos carpinteiros do universo. A beleza disfarçada de cidadãos civilizados – o sal da terra –, unida na compreensão da mensagem, que vem desde os tempos bíblicos. Raul Seixas, Ano 20 de sua partida – séc. 21 –, muito vivo e esperto. Na televisão, vimos várias horas de vídeos diretos do *Raul Rock Club*. Muitas cenas e pegadas que não saíram nas fotos, mas ficaram na fita. Conforme as probabilidades, uma produção impecável.

Estivemos no *Manhattan Drink*, no Riacho Fundo, curtindo a recepção calorosa nas mesas e nas nuvens. Sem miséria ou demagogia, e ainda com camiseta. Assim rolou o *Primeiro Tributo a Raul Seixas*, como ele gostaria...

3 outubro • 'Rock da kombi'

Zezinho Blues – Barbarella

Guariroba Blues

- *Rock made of a stone: rock feito de uma pedra*
- *Momentos de excitação – Thomé é flagrado em êxtase, figura chave do rock feito na Ceilândia*
- *Atrás da pilastra, na beira da pista de dança, aparecem Vanesca e Leonardo*

Sexta-feira, 3h da tarde, o ritual começou pelas mãos de Marcos Estevão preparando o jantar; o prato escolhido por ele: vatapá.

Setembro foi. Eu fiquei esperando pela chuva, que veio, e pelo rock. Tudo indicava que não conseguiríamos fazer o som do semestre. Quando de repente acidentes acontecem, a festa de aniversário da Kátia é cancelada, e o *Conselho* delibera pela realização da festa lá em casa. É claro que tinha que ser *Rock Do Próprio Bol\$ó*.



Na véspera do rock: Telefonei a Robson Gomes, que prontamente confirmou a presença da banda Barbarella. Zezinho Blues já estava escalado desde o início.

Passava das 21h. Estávamos no jardim, e a Lua nos vigiava. De repente, o olho do farol de uma kombi branca iluminou a nossa cara. Na hora, entendi, porque o veículo carrega praticamente um time de futebol. Os primeiros a descer foram Tiago Rabelo e Thomé de Souza. Eles seriam ajudantes e técnicos, mais uma grata satisfação.

Descem também Adriana, Robson Gomes e os três meninos da banda Barbarella:

Alessandro, Sérgio e Bob. Depois dessa visão impactante, a sentença fatal: o rock vai rolar, e com certeza outras surpresas também. – O massacre ainda não foi iniciado.

Vamos ao Rock'n'Roll!

O duro dessas linhas é que no dia seguinte eu não me lembro de muita coisa.

Depois do caos, vem a catarse: Zezinho Blues estava com a voz limpa e potente.

E desta feita o som ajudou. E ele não ficou solitário por muito tempo: Thomé, contrabaixo, e Tiago Rabelo, bateria, se juntaram logo logo ao bluseiro. Começava outra grata surpresa, a grande apresentação de Tiago na bateria. Com a cozinha azeitada, Zezinho Blues, armado da gaita, desfilou de Barão Vermelho a Marcelo Nova, além de números da Ave de Veludo e da Som Nosso de Cada Dia. Todo mundo dançou, e de todo mundo só risos!!

A casa vem abaixo

De repente, o trio da segunda apresentação começou a detonar os alicerces com a Patrulha do Espaço e Mutantes.

Na cozinha do ritmo estavam Tiago e Thomé, aos quais se juntou Sérgio Passos, que mandou pesado na guitarra. Thomé também se revezaria no contrabaixo, aqui acolá tocado pelo Bob Stigma. Era rock cru e da melhor qualidade. Ao vivo, bem na frente da gente, e dentro da nossa cabeça, até dos nossos ossos. – Talvez pelo repertório, pela jam inusitada, e por tocarem material da Made in Brazil, foi o momento que mais curti.

Em cena, Barbarella

Eu sabia que o som da Barbarella se daria melhor em ambiente fechado, e com as duas guitarras. A apresentação deles foi dosada, segura e equilibrada. Havia um teclado moog, casualmente tocado, e o jogo de luzes esparramava psicodelia. Além de tocarem material do Tim Maia (†), do álbum *Racional*, um grande momento da banda é quando tocam uma versão da “You really got me”, mas na qual mantêm os arranjos originais. É uma canção emblemática, e que poderia ser problemática... se não tiver a interpretação apropriada e enérgica que atingem.

Desta feita, Adriana – esposa do Robson – não mostrou os seus dotes musicais, porque ela canta mesmo são as canções populares brasileiras. Mas ela demonstra mesmo é que está muito feliz com o bebê que aguarda!

Passaram pela porta: Luíza, Cristina, Adalzeni, Maíra e João Vítor, Lurdinha, Caio e Davi. Narcisa conversou muito com João “Piauí”, que tempos depois da última vez que se viram reencontrava o seu ex-aluno Thomé.

Desde o início, minha esposa Zanza e o casal Maurício e Marilange organizaram esta confraternização. Lúcia Nunes dançou com Marcos Estevão, bastante animados. Meu cunhado Zé Roberto e sua esposa Vânia foram os últimos a chegar, mas se integraram na hora. Não longe de amanhecer, o som da última jam session rolava pacificamente.

O rock quando executado com amor é milagroso. Nós todos brilhamos!

CD Terno Elétrico: mais elétrico ainda – Uma ópera baseada na loucura momentânea

João Frajola, vocais;
Célio de Moraes, contrabaixo;

Jeff Sena, guitarra, violão e vocais; Wendel Rocha,
guitarra; Janari Coelho, bateria

Faixas – 1. “Não tô pra brincadeira” / 2. “Coca-cola e bola” / 3. “Olhos de hipnose” / 4. “Avenida H Prates” / 5. “Te procuro como um cego” / 6. “Eu tô ficando xarope” / 7. “Tanta fumaça e eu aqui no meio” / 8. “Tempo pesado” / 9. “Vamos para longe” / 10. “Eu voo por aí” / 11. “Caio” / 12. “Enquanto caminha a Humanidade”

O Terno Elétrico soa veteranamente jovem.

Não conheço cantores de rock antiestrela, como o vocal da banda, e isso já é um grande achado.

Neste primeiro CD, a poesia fragmentada da Terno Elétrico explode nas cabeças e nas avenidas H Prates.

Achados poéticos dos classificados em crônicas: “A canção da vitrola aberta / A gola da minha camisa.” Na abertura, o discurso é rock’n’roll: “Não tô de brincadeira” (“Vi tanta igreja, vi tanto bar”). Na sequência, alta psicodelia, com “Coca-cola e bola” e “Olhos de hipnose” (“Nada mais é o que vejo”), e ainda “Tanta fumaça e eu aqui no meio” (“Quando o vento me soprou / A novidade na cara”).

A Terno Elétrico não canta o caos e nem vive o caos, a sua crise é a vida. Encurralada entre quatro paredes, ou na cama acontecendo, a personagem feminina neste disco é misteriosa. Você tem que prestar atenção, ou não a enxergará. Na balada cafona “Te procuro como um cego”, eles acertam no som com o recurso teatral (“Preciso de você” / “Como se fosse o Sol”).

A mais delirante e ardente balada que ouvi: “Do calor dos teus beijos.”

Discurso da cegueira

Misture a farsa da estrela decadente de cabaré, os versos desregrados de Cazuza mais Rita Lee, e você penetrará na poesia da Terno de cabeça: “Meu bem, eu xaropei.”

Temos que concordar com Célio de Moraes: “João Frajola é muito bom!”

No final, “Enquanto caminha a Humanidade”, a Terno Elétrico fala da solidão inerente à Lua e aos atos desesperados.

O ambiente cambaleante de vigilantes, vingadores que não se entregam à constante perseguição, que são os campeões das noites varadas. “Eu no meio dos seus seios / Preparando a explosão.”

Doze canções de interpretações características e carismáticas, com palavras enxutas e inequívocas observações sociais, na moldura do humor dos 80s.

Você sente que está ouvindo Secos Molhados ou Tutti Frutti, ou ainda Marciano Sodomita, Brazilian Blues Band ou João Penca e seus Miquinhos Amestrados.

E vamos pra longe, “vamos fugir antes que caia um avião” (“avião”, codinome, ou transporte).

A fórmula simples do rock’n’roll é suficiente para evitar as gafes e os equívocos.

No som transado da Terno Elétrico, muito soul, muito da Deep Purple, via teclas, viradas e riffs do contrabaixo. Aquela coisa visceral, sátira esperta de quem vive na capital do poder, sem papas na língua.

A Terno Elétrico em sua estreia debochada está totalmente à vontade. E a produção ainda valorizou mais a sua forma.

João Frajola não se excede, no entanto. E eles fazem rock’n’roll com muitas guitarras e muitos bauretz.

Novembro • Caetano, vá tomar no monossílabo! Sentença de Tom Zé

Sandro Alves – Escreve no *Do Próprio Bol\$o* às vezes, mas às sextas-feiras

– Quando deixaremos a poesia tornar úmido o seco prosaico?

“Quando deixaremos o amorismo?” Quanta coisa pode ser extraída de um texto e de um narrador que iniciam assim as suas ilações fabuladoras e fabulosas!

Quanta coisa... Quando deixaremos de ser armadores para sermos médios-volantes? Futebol com a mão antes, com os pés depois; cinema com os olhos antes, depois os olhos são também cérebro, mente: e mentir no cinema é quase tudo, lembremos de F for fake e de outras Fakes de Welles, o monstro do lago kínimes!

Um jornalista terminou, certa vez, um texto com a seguinte expressão: “A que ponto chegamos!” Outro escritor terminou dizendo que não existia um empenho em alavancar o país, mas sim uma “luta pelo poder”. Esta última é ingênua, por achar que algum dia o bem esteve separado do mal como o óleo da água, mas a primeira... Ah! A primeira pérola jornalística: “A que ponto chegamos!” É tão doloroso quanto comum ver essa amálgama de senso comum e presumida erudição que se espalha pelas folhas de papel barato e pelas páginas de vidro da internet.

Doloroso, comum, divertido e, creia, leitor, instrutivo.

O que há em comum entre as duas sentenças seguintes? “Quando deixaremos o amorismo?” “A que ponto chegamos!” – O que há aí, nessa dupla termodinâmica da informação ,de semelhança?

O senso comum. Não o nonsense, não o bom senso, nem mesmo o espírito científico, ou o espírito de porco pura e simplesmente estão à solta, mas um espírito muito mais maligno: o espírito de corpo. Quão pobre é um texto que termina com uma sentença tão “esgarçada”, gasta, besta, traça!

Tentarei ser mais direto: não existiu nunca um ponto diferente de onde tenha partido ou por onde tenha chegado a humanidade. O jornalista falava da violência contra os jornalistas que cobrem os fatos violentos do Rio de Janeiro. A crítica de cinema cometeu o mesmo tipo de autossentença: Ora!

Por que perguntar quando, já que somos, seremos e sempre fomos? “[...] fizemos foi carnaval!” Não há “ponto” a chegar ao futuro, não há tempo em que deixaremos de ser amadores ou profissionais.

Iniciar um ataque com uma pergunta dessas não pode ser estupidez. Pois esses pontos e quando estão tão, tão, tão, passados, repassados, mal passados que nem mesmo o espírito de porco da estupidez os explica: por trás desses toscos alinhavos de pontos e quandos. Apenas um senso se insinua nessas expressões sinistras, um espírito apenas: o ordinário espírito de corpo!

(Conferir em Vilém Flusser). Passe o briefing que eu passo o ferro!

Identificação: outra noite estranha para Tom Zé e seus dois fãs ainda mais estranhos

Rodrigo Souves

Fomos para o Plano Piloto e visitamos o Teatro da Caixa, no Setor Bancário Sul, local do show de hoje, às 20h30. Exposição, mostra de fotos e pinturas, e a lamentação de não termos uma cerva na mão, por conta do ócio de quem está passeando. Dean exalta: “Olha aí, o nosso querido Tom Zé!”

“Oi! Minha gente, tudo bem? Tudo certo para o show mais tarde?”

“Acabou o ingresso, Tom Zé; valeu a atenção!”

“Não, fiquem aqui que tem sim!”

“Vê para eles aí, tá bom? Gente, fica aqui, que a gente dá um jeito.”

E se dirige a nós a moça ruiva, de cabelos curtos e sotaque gaúcho, a produtora do show.

“Valeu, Tom Zé!”

Na hora certa e no lugar, grande satisfação ser saudados por um gênio nacional, um artista de verdade, com arte no que faz. Somos chamados para adentrar o teatro, e assistimos à palestra de cinquenta minutos com o superartista.

Tom Zé fala sobre a necessidade da ideia como matéria-prima da criação, e sobre anotar as ideias, e sobre não duvidar das ideias, mas tentar e notar se elas valem a pena. “Os americanos e europeus são mais evoluídos, pois contam com capital para bancar uma ideia. Aqui temos de lutar para que seja reconhecida e usada, mas não querem mudança, querem as ideias de fora, vocês candangos...” As ideias e verborragia fluem. Tom Zé não é só músico, é amplo.

Nas palavras de Marcelus Manolo, para quem é raso, o Tom Zé é um oceano...

Termina a palestra, saímos, e junto conosco está O Maldito Popular Brasiliense KaphaGérson. Cumprimento o cara e vou na cola do ingresso, pois Tom Zé me convenceu a assistir o show. Compro uma cortesia, pois sobrou cortesia, e não ingresso para o público. Casa cheia nos três dias é ótimo para o artista, mas talvez ele já estivesse preparado para meia casa, afinal, sem mídia e publicidade vasta, nada é garantido. Parabéns aos fãs de Mr. Zé, mais brasileiro que ele impossível.

Valeu Tom Zé, valeu mulher de cabelo vermelho e sotaque gaúcho.

(Dica Souves: “É a mesma senhora da melancia...”)

Sem rumo, começo a preparação. Bolar é um trabalho de paciência. Dean é mestre na arte, mas está dirigindo, compenetrado na lentidão do tráfego. “Bolo o finão” pelo Eixo Sul, Eixo Norte, Eixo Monumental, início da L2 Sul, 403 Sul. Então sentamos no bar da esquina, e: “Cervejas extra, please!” Bate-papo geral, e faço breve relato sobre a desavença de Tom Zé e Caetano Veloso, e à volta por cima de Tom Zé, sob as bênçãos de David Byrne. Falta de consideração do público, pois, em vez de notarem a arte apontam o palhaço, “velho louco”, lama. Cinco garrafas depois, vamos até o ex-lar de Dean, casamento, cidade natal, esposa afinada com o jeito do maridão, harmonia exposta. Bebo mais, converso mais, faço outros finos, aviso que chegou a hora.



Chegamos com dez minutos de atraso, e fico em pé. Eles me localizam e acenam, quase caio no escuro. Tom Zé e banda avisam: A cognição começará a ser trabalhada. Didaticamente explica o contexto de cada canção, humildade de artista.

Em vez de estrangeiros, do tipo Bob Fucking Dylan, que manifesta despreço pelo público, nosso Tom Zé tenta ser entendido e saudado em vida.

A necrofilia da arte não é interessante. As duas canções antigas manifestam “agora é uma velha”. Teoriza, critica, faz jingle... nessa hora, Dean se manifesta murrinha da porra. O veio não vai sortear nenhum... Aquilo foi como uma volta à realidade que vivemos. O artista prepara um estado de atenção e espírito, e o outro lamenta a falta do brinde... Com um certo descontrole de risadas, o casal ao lado se incomodou. Continuei rindo, e Dean: “Calma, Mário Pazcheco, o casal não conhece nenhuma música.” Antes tarde do que nunca, penso.

Banquinho no centro do palco, luzes apagadas, um braço de violão fincado serve de suposta penteadeira e espelho. De forma teatral, Mr. Zé canta de forma intimista “Brigite Bardot”, música que inspirou um certo Marcelo Rubens Paiva a sentir maior liberdade na composição do seu famoso Feliz Ano Velho. O público fica rindo, ao invés de notar a teatralidade e a boa música. Penso que talvez seja mais cômodo rir. “Esse Tom Zé é doido, né!”, diz o cara em frente. Sorriem do suposto palhaço no palco. O cantor continua, será que algum rapaz de 20 anos vai telefonar na hora exata em que ela estiver com vontade de se suicidaAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHHHHH. A banda grita e as luzes se acendem geral. Os risinhos se assustam, Dean pergunta: “Onde está o Mário Pazcheco?” Realmente ele perdeu, talvez prefira os locais ermos e públicos menores.

Ao fim, fico na Rodoviária. Espero uma hora pelo ônibus, e chego em casa debaixo de chuva. Ainda assim, o show valeu a pena. Não foi um simples show, foi uma experiência de vida. Imagino o porre que deva ser o show da banda inglesa Oasis, sem nenhuma interação com a plateia, escárnio, despreço, pose de macho mal-educado. Nosso nacional artista se importa e exige interação. Afinal, já faz muito tempo que a burrice está na mesa em vários sabores. Vida longa a esse senhor de 72 anos.

NOTA: Rodrigo Souves merece um analista, pois às vezes escreve essas coisas livremente desarrumadas...

5 dezembro • Celso Blues Boy, o blues em casa

Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos

Sexta Básica

O Blues abraça Santa Catarina

• Celso Blues Boy e Brazilian Blues Band – *O guitarrista participará do próximo CD da banda brasileira*

Tudo começou de manhã, com este correio eletrônico: *Estarei após 16h, dia 5, dia de pagamentos no Conicções, convido todos! Eu vou botar um do Maranhão, podes crawl, podes brauw! Apareçam...*

Conic horas depois, Joubert e Edilaine dividiam umas Antárticas e me reforçaram o convite para não perder o show do Celso Blues Boy.

– Estou esperando uma pessoa. Eis que Zéantônio aparece, e some...

Setor Bancário Sul/Sede do Banco do Brasil – Praça do Cebolão, a Brazilian Blues Band começa a sua apresentação – no ano passado, no mesmo local, eles fizeram idêntica dobradinha. O início da apresentação da Brazilian Blues Band é ortodoxo. A moçada demora duas músicas para *ajustar* o timbre dos instrumentos – a cozinha se segura com os graves e as teclas. É um lance profissional, eles mantêm as músicas na ordem, a guitarra fica livre, e os vocais, encorpados.

Pausa. Buscar o carro no *Estacionamento do Conic*, as câmeras da *TV Globo* ainda estão lá. Os meninos agora são olheiros, gritando quem vem, quem vai.

A dica quente: *baculejo dos homi* até o fim das festas!

De volta ao show, Révero Frank comenta: “Eles podiam viajar mais...”
“É .Kaffa, Leonardo, Célio, Marçal e Janari devem saber.”

Quando o artista se sente em casa

Celso Blues Boy entra em cena com a guitarra Fender alva e rubra. Ele veste a camisa do seu time, o Vasco da Gama. Apupos e gritos. Os torcedores do Vasco estão em maior número do que os do rival. Vaticano de uma tarde de domingo feliz?

A guitarra de Celso Blues Boy não deve nada às guitarras lamurientas e lamacentas. Ele é muito seguro, sabe caminhar sobre a água – a sua postura me lembrou vagamente Hendrix. Ele nem bebeu e fumou menos – não perdeu nenhuma nota e manteve o pique do início ao fim. Até teve uma *mojo song* de John Lee Hooker, que ele cantou em inglês. E em contrapartida, a sua execução do Hino Nacional Brasileiro é apropriada ao cenário e à ocasião.

O público responde à perfeição do show de Celso e da Brazilian Blues Band: três guitarras e gargantas, e a mão pesada de Janari no ritmo, mais a síncope métrica das mãos perfeitas do Marçal no honk tonk climático. Agora, sim! Eles estão viajando pelo Delta e pelo Rio Itajaí. Celso Blues Boy, o filho pródigo de Santa Catarina, está no comando.

No final do show, Celso larga a guitarra, que é passada pelas mãos dos músicos.

Ela afinal é um troféu. E o Vasco, terá a mesma sorte?

Extremos: a alegria vibrante de “Lucky”, o grande vocalista do Gama, e a ausência sentida de Zezinho Blues, em luto pela perda de Dona Vitória, a sua grande mãe!

31 dez. • Experiências próprias

Tempos atrás, criei a *Caixa de recados*. Dentro dela, há diversos bilhetes íntimos, listas de afazeres, receitas, documentos, retratos, coisas de que participamos. É uma embalagem de pizza, com uma linda tira externa de fotos 3x4. O legal é que a *Caixa* pode ser aberta e lida.

Dentro, um bilhete recente de minha mulher, Zanza, e coisas que não são constrangedoras, pois livres. Liberdade é sentimento.

Minha biblioteca é o laboratório – essa exposição se chama *Caixas & Gavetas*, e você poderá abrir as caixas e gavetas da casa, e até o cofre. Mas, se tivesse... Há baú !

Luís Eduardo ficou empolgado com o ambiente e abriu a primeira gaveta do arquivo de aço. Lá, centenas de cartas dos 80s, a correspondência do fã-clube, e ele: “E essas cartas?!”

Luís usava uma camiseta de *Woodstock*, e rapidamente me lembrei dos planejamentos para o *40º Aniversário do grande Festival do Flower Power*. Passei em revista alguns fatos alusivos à data. A camiseta do Luís era um toque.

Mostrei rádios velhos, livros mofados, e o painel Marvel se desprendia da parede, o que rendia um *3D* natural... Luís falou que também viu o show da Legião Urbana no Guará. Ele pensava que era a Aborto Elétrico.

28 janeiro • São Luís – Cidade histórica, porto marítimo, praia, capital do estado, fundada a 8 de setembro de 1612.

Nos seus mercados, se discute política. Os mais informados comentam o fim do reinado de Sarney como feudo, outros temem os pacotes do Lula.

Jornal no Maranhão tem o mesmo acabamento do jornal da sua cidade, uma homogênea rede de informações e interesses. Mas o jornalismo mais cabeça-quente é praticado pelo jornal Pequeno, na capital maranhense.

Cartazes colados mostram sinais de ativismo político, que demonstram a insatisfação da periferia mal cuidada. O *Centro Histórico*, engessado pelo selo de *Patrimônio da Humanidade*, amarga um desprezo atroz, que o turista descuidado pode até confundir com esforço, enorme esforço para preservação da história.

Os casarões são transformados em estacionamentos para automóveis, e seus cômodos são redimensionados para abrigarem mais turistas.

Em pleno *Centro Histórico de São Luís*, alguns casarões exibem vegetação no telhado. É comum aqui ali algum desabar, conforme as chuvas. Na periferia, eles têm as fachadas vedadas com tijolos para impedir invasões, e ainda são cuidadosamente escorados. Somente os casarões com boa posição especulativa recebem reformas.

O quarteirão central, que abriga a *Junta Comercial de São Luís*, e bancos, o centro financeiro da cidade, é o lugar mais maltratado. Lá os mosaicos de pedras das calçadas se encontram completamente descaracterizados. É um setor perigoso, com tráfico de entorpecentes e prostituição homossexual, em praças próximas à igreja e ao hotel de luxo. O perímetro se torna ainda mais perigoso pela greve dos policiais civis, mas o perigo também se encontra nas ruelas que abrigam a delegacia. Os policiais fazem repressão aos cabeludos e tatuados vendedores de artesanato, e após as 18h, pela falta de segurança, as lojas fecham. Então os assaltos a turistas consideravelmente aumentam.

No *Centro Histórico*, é normal a presença de câmeras e documentaristas *gringos* a caminho dos *Lençóis Maranhenses*. O documentarista Gleyser Azevêdo, flagrado no excesso de peso, encaminhava a sua câmera submarina para documentar o mito de São Sebastião, na *Ilha dos Lençóis*, no norte do estado. É importante frisar que a ilha fica no extremo norte no Maranhão, já próximo do Pará, e que não são os *Lençóis Maranhenses*, que ficam no interior, mais perto do Piauí.

Na onda do Reggae

A Ilha de São Luís é conhecida como Jamaica brasileira. Os bailes de reggae estão espalhados desde *Alcântara* até *São José de Ribamar*.

No *Roots Bar*, um local mais aberto, o embalo é até as 4 da manhã. Outros salões de reggae usam artifícios para atrair o turista, o que lembra muito as competições das equipes de som. Geralmente o som é mecânico, até repetitivo, e sem o ativismo das letras originais. Só rola novidade. Posso estar equivocado, e doente do pé, mas lá também se dança agarradinho!

Mão à massa

O jovem se inicia no aprendizado de colorização: azulejos pintados à mão, fachadas de casarões, máscaras africanas e artesanato à indígena. Não vi azulejos do tempo do Império, mas vi alguns deles grudados às paredes dos casarões, e outros, recentes e menores, expostos em vitrines. O turista

desatencioso leva pra casa um azulejo vindo do Sul, e com estampa de mau gosto impressa em serigrafia. – Fique com os pintados à mão, um pouco mais caros, porque escassos.

No *Atelier da Rua da Estrela, 173* (Reviver), o atencioso artista plástico Flávio Aragão reproduz as fachadas azulejadas, em seus diversos formatos, em telas a óleo.

É uma oportunidade de adquirir aquele azulejo de quando o Brasil era Império.

Airton Marinho é outro artista plástico, este com a *Exposição Pungar*, no *Centro de Criatividade de São Luís*. Ele exhibe a sua recente coleção de xilogravuras coloridas, cujo tema é o Tambor de Crioula, e também mandalas.

Perdi a tarde procurando pelo Rosenbach e encontrei o Poeme-se

O *Museu Rosenbach*, sebo de livros e discos, pode ter deixado de existir há 18 anos. O mais estranho é que ninguém nunca ouviu falar nele, e o *nº 491 da Rua 3*, no Bairro São Francisco, que o abrigava, também desapareceu. Será algum daqueles hotéis, com novo número?

No Sebo Poeme-se encontrei o raríssimo livro *Os sete sonhos*, lançado em 1967, e também vários importados sobre cinema, dos 40s. Só que 25 vezes mais caros que este de Samuel Rawet (†)!

Alcântara

Depois uma hora e meia cruzando o mar, na Lancha Diamantina, cheguei à *Ilha de Alcântara*.

É um passeio de quase três horas, carregado de adrenalina, sacolejos e enjoos. A lancha sai às 7h, e a volta acontece à tarde, ou na manhã seguinte. Em *Alcântara*, o indicado é o pernoite.

Lá procure por Hyala! Além de guia, ele é canoeiro e conduz os turistas para passear na praia de Itatinga, geralmente deserta nos dias de semana. Lá o céu encontra o mar, e a água que corre na areia é quente.

Voltando pelo mangue de canoa, você aprecia a revoada dos guarás: aves vermelhas que batizaram a pousada homônima, com bangalôs, onde a gente encontra uma excelente peixada.

Experimente fumar um Lennon aqui

(Talvez você não saiba que *Lennon* é marca de cigarros. Triste ironia...)

Forte São Sebastião, sede da aristocracia rural do Maranhão. É uma construção com mais de três séculos e meio de história. E o inesquecível sofrimento dos negros africanos escravizados. À noite, andando pela *Rua da Amargura*, você pode ouvir o sofrimento dos escravos.

A Ilha de *Alcântara*, eternamente marcada pelos tiros de canhão, e pelos gemidos do povo africano, foi alvo de sabotagem ianque, e enfrenta agora um inimigo silencioso, que é o lixo do progresso, que lentamente avança em suas entranhas.

Pontos positivos

Em São Luís não existe horário de verão. A hospitalidade é calorosa, e a cozinha maranhense é sublime de saborosa. E barata.

A rede de ônibus e vans funciona bem, e há mais *LAN houses* do que se pode imaginar.

O problema capital é o abandono das passarelas para pedestres nas pontes, com os corrimões estragados ou faltando, além dos buracos, que precisam ser fechados nas estradas, bem como os bueiros estragados, sem tampa etc. Ambientes lamentavelmente sucateados.

A água no *Centro Histórico de São Luís* falta dia sim, dia não. Incrivelmente, a Rua Grande está preservada, só que o seu comércio não é diversificado. É difícil encontrar padaria ou supermercado, por exemplo. Ali o que se encontra realmente são feiras populares, que são boas, claro, mas que não atendem muitas vezes a todas as necessidades, principalmente de quem não é da terra.

O problema da população do *Centro Histórico* e da periferia de São Luís é saber o que fazer com o lixo das residências, e com o esgoto, que corre a céu aberto. A prefeitura utiliza máquinas para limpar os becos, coloca homens para recolher o lixo, mas ela sabe que sozinha está perdendo a batalha. O problema parece ser educacional mesmo. A população maranhense, igual à do resto do País, é praticamente abandonada pela administração pública. Novamente, o problema parece ser educacional mesmo...

E na Litorânea não param de edificar nas áreas de Acomodação Ambiental, a depredação ambiental, que não para em nossos países periféricos.

‘Bar do Léo’: Feira Moderna da Música de todos os tempos

No *Bairro dos Vinhais/Mercado dos Vinhais*, vivem Francisco Solano de Oliveira Rodrigues Netto e sua esposa “Paqueta”. Franco carrega um ar largado de garotão de litoral.

Também pudera, ele é surfista, apesar de que ficou um bom tempo sem pegar onda.

Para mim, Franco é o *cara*, pois, quando eu tentava transformar o *Do Próprio Bol\$* em movimento itinerante pelo hiperespaço, ele me acolheu e abriu a franquia spins.com.br.

Franco também foi baixista da banda de roque Fusão, que começou em Brasília, junto com a segunda geração do roque na capital da esperança. Eu e Franco sempre mantivemos um intercâmbio das coisas que a gente gosta. Ele pinta, e também curte Alice Cooper, Nazareth, os telejornais, ainda que sabendo que mentem, que puxam a sardinha para a lata dos grandes empresários, em troca das propagandas veiculadas neles, o tratamento dedicado a todos os grandões do sistema financeiro nacional e mundial. Franco também é adepto dos filmes de ficção. A sua cabeça, enfim, sempre está ligada.

Franco me apresentou o seu melhor amigo, Robel, casado com a Patrícia. O melhor amigo do Franco é tão doido quanto eu e você! O lema do Robel é: “Todo mundo morre um dia.” (Risos!!)

Foi com esse pessoal que fomos conhecer o *Bar do Léo*. Para mim, Léo era um cara chato, sem muitas palavras, mas com muitos CDs. Era assim que os jornais corporativistas mo haviam apresentado.

Me senti em casa. Logo na entrada do Bar, o desenho de um músico e seu sax. Na mesma entrada, um balcão reservado serve a velha guarda, ou, como queiram, à “diretoria”. Dentro, mesas espalhadas, e sentado atrás do balcão um senhor calmo, compenetrado na trilha daquela noite, em que podíamos ouvir os inesquecíveis Jessé e Alaíde Costa.

Rapidamente percebi que Léo conduzia o seu programa de pérolas ao vivo madrugada adentro, e para nós, os consumidores da sua cerveja gelada e ouvintes do seu tesouro.

No *Bar do Léo*, filmadoras do tempo do ronca dão aos fregueses a impressão de serem filmados. Existe ainda um velho videocassete, em cima de uma televisão muito mais ancestral ainda. Então você imagina qual filme ou musical poderia passar ali.

Até uma cisterna tem lá. Antigos ferros de passar, dos que utilizavam brasa, penicos e lamparinas, coisas que eu não via desde as minhas andanças, ainda na infância, pelo Goiás Velho. Armários de ferro, com portas de vidro, exibem lombadas de preciosos volumes musicais.

Latas de filmes, taxímetros, cassetes, caixas de CDs, de Elvis Presley a Carmen Miranda, mobiliário de época, radiolas caladas, pilhas com mais de metros de LPs, espalhadas por todos os cantos, e LPs embaixo até de máquinas de costura. Ali se respira notas musicais, no inconfundível ar de boteco. Ali também não se paga em cheque, não há dança e nem se toca nenhum instrumento. Apenas então seja conduzido pela melodia...

Tem gente que exhibe animais empalhados e coleções de chaveiros, mas Léo se contentava em fazer do seu boteco uma maravilhosa feira de música, aquela que poderia arrancar das entranhas a mais bela lembrança de um dia com gosto de sonho.

Para ilustrar, uma parede lateral exibia caixas, e lá estavam *A Flauta Mágica*, ópera do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart, com a regência de Ferenc Fricsay; *Siegfried*, ópera do compositor alemão Richard Wagner; *The Concert for Bangladesh*, a trilha sonora do evento de dois shows beneficentes, organizado pelo ex-beatle George Harrison e pelo compositor e músico indiano Ravi Shankar; *O Descobrimento do Brasil*, de Heitor Villa-Lobos, trilha sonora do filme de Humberto Mauro, de 1937; e *O Guarani*, ópera do brasileiro Antônio Carlos Gomes, de 1870. Léo é um radialista universal, de arraigado gosto musical.

28 fevereiro • Uma década de Terror Revolucionário

Terror Revolucionário – Adriana Drikaos, contrabaixo e vocais; Jefferson, bateria; Fellipe CDC, vocais; Thiago Barbosa, guitarra e vocais.

Seguindo a tradição inaugurada em 2006, o *Festival Quaresmada 2009* será no primeiro fim de semana após o carnaval, no início da quaresma, espantando de vez as lantejoulas e celebrando o som pesado. Sábado no *Círculo Operário do Cruzeiro*, a partir das 16h. Este ano temos a grata satisfação de comemorar 10 anos da banda Terror Revolucionário numa *Quaresmada* diferente, totalmente dedicada a bandas de punk, hardcore, thrash e grind.

Editores de quatro diferentes fanzines do Distrito Federal participam do *Zine Oficial nº 20*, dedicado ao *Festival Quaresmada 2009*.

O *Festival Quaresmada* deu origem ao *Zine Oficial* em 2006, publicação que chegou ao vigésimo número em fevereiro de 2009, somando 60 mil exemplares impressos, distribuídos gratuitamente pelo underground do Distrito Federal e Entorno. Para homenagear o trabalho dos fanzineiros em geral, o *Zine Oficial* número 20 convidou Michelle (*No Class Zine*), Juliano (*Fúria Urbana Zine*), Fábio Guedes “Frajola” (*Acid Farted Zine*) e Amarildo (*OsubversivO Zine*) para entrevistarem Fellipe CDC e Jefferson, o vocalista e o baterista da Terror Revolucionário.

Além da entrevista com a banda aniversariante, a edição do *Zine Oficial/Quaresmada 2009* leva aos leitores tudo sobre essa grande festa, que conta também com apresentações das bandas Golpe de Foice e Ressonância Mórfica, goianas, e Violator, Low Life, Massacre Bestial, Os Maltrapilhos, brasilienses, com as participações especiais de grandes figuras do underground da nossa cidade. Pegue seu exemplar impresso gratuitamente durante o show.

5 abril • Hey, Tuti, dos vinis!

Picture discs feitos à mão e em casa, ou se você quer um objeto redondo com furo no centro e pintado à mão

A produção do picture disc (aquele disco LP que traz a imagem da própria capa impressa), mesmo na indústria fonográfica, era manufaturada. As mãos do funcionário levavam o disco à prensa, e ele aguardava o resultado final, cópia por cópia.

O ponto baixo desse objeto de desejo era a durabilidade: pelo desgaste, evitava-se ouvi-lo. E não é que hoje Tuti nos aparece na nossa mesa no boteco do *Conic* estampando velhos LPs com as efígies de Carmen Miranda e Cartola? Fiquei com estes, mas ele me disse que eu poderia encomendar um de Glauber Rocha.

Nosso papo avançou até o LP com a trilha sonora do filme *Deus o diabo na Terra do Sol*, feita por Sérgio Ricardo. Tuti Vinil se mostrou um roqueiro das antigas.

Mostrei-lhe o CD da Terno Elétrico, e ele conhecia o trabalho da banda. Fomos beber outras cervejas e jogar uma sinuca. Claro que fizemos uma ação evasiva, pois a grana não era suficiente...

Tuti Vinil é artesão e trabalha com brinquedos pedagógicos. Ele também gosta de pintar cabaças, e de pensar que o vinil pintado por ele recupera a magia e a sobrevida. Importante: Tuti Vinil só pinta vinis mal tratados, que ele compra a 50 centavos na feira. Ele sempre preserva o selo do lado B! Para o freguês saber o que está levando pra casa.

10 abr. • ‘Do Próprio Bol\$ó, 27 anos hoje’. Nascido em 1982...

Essa data 10 de abril (de 1970) é da separação oficial d’Os Beatles.

27 anos hoje!

Sempre faço uma festa no segundo sábado de abril, desta vez no dia 11, que é um atentado à nossa economia familiar. No início, a gente punha pra tocar um disco pirata d’Os Beatles. Sempre existirão artistas sem cobiça!

‘Do Próprio Bol\$ó’ cai no R\$ e na Internet

Aconteceu entre 2003/05, e rapidamente o conflito era manter a logomarca sob o meu domínio, sem *CGC*. É claro que bati de frente com webmasters e judeus que hospedam sites. Saí do ar e só consegui voltar no ano passado, quando somente era necessário o *CPF*. Hoje esse conflito volta à tona, quando tenho a opção de registrar o domínio *dopropriobolso.org*. Senão algum financista, especulador, rentista, registraria, e se apropriaria indevidamente do que é meu de fato. – Só que aconteceu... Deveria ser meu o nome de fato, como disse, por ter sido eu quem teve a ideia, e venho utilizando o nome *dopropriobol\$ó* desde 1994, mas um desses especuladores-financistas registrou o nome *dopropriobolso.org*. Assim fico com *dopropriobolso.com.br*. Esse é o mundo financeiro, dos especuladores...

Em tempo: @dopropriobolso, no *Twitter*, foi registrado pelo espertinho. Mas as comunidades alternativas principalmente, que prestigiam o nosso fanzine desde aquele longínquo 1982, sabem que a alma desse nome é nossa, e nisso o facínora fracassa!

Para participarem de festivais incipientes, algumas bandas pagam jabá e se apresentam fora de suas capitais. Pagam também para abrir os shows das atrações internacionais. Quando e\$\$\$a fórmula nefasta surgiu, denunciei o esquema na mídia, só que esse tipo de business especulativa foi aceito e faz parte dos contratos.

Nós que tanto lutávamos contra o jabá hoje estamos sepultando o talento.

Assim, ser *Do Próprio Bol\$ó* sempre foi sinônimo de inconformismo diante da exploração parasitária. E\$\$\$a adesão é a pá de cal na cara da arte desvalorizada.

Lembre-se: “Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.”

15 abr. • ‘Bucho Discos’: 13 anos de Resistência

Do Próprio Bol\$ó dialogou com Alexandre Bucho Discos

Isto não é interrogatório. Mas uma minientrevista, satisfatoriamente barulhenta, com Alexandre Bucho Discos, sobre como sobrevivem mesmo os pequenos e radicais selos independentes.

Como você se envolveu com o rock, e que tipo de rock é esse que você comercializa (rock extremo, som extremo)? Qual a função do rótulo nas listas de correio eletrônico com a relação dos produtos – a galera já procura o novo rótulo, o rótulo extremado? Tudo isso é uma bobagem, ou existe essa guerra de estilos e rótulos?

Alexandre Bucho – Eu lanço e distribuo som extremo dentro do cenário hardcore punk grind, e alguns títulos de metal que curto pra c... Colocar o rótulo ajuda no sentido de que a pessoa que curte determinado estilo já vai direto saber as novidades. A parte ruim é ficar rotulado como de um estilo só.

Qual a sua idade agora, e qual o balanço que você poderia fazer dos últimos 10 anos?

– Mudou muito o interesse das pessoas em ter o material em mãos. A música em si ficou muito fácil de se ter, e isso se reflete nos pequenos selos também. Tudo está na internet. Quanto às bandas, têm muito do mesmo, mas mesmo assim tem uma pá de bandas foda!

O trabalho da tua gravadora é político. Qual a política do teu selo? Fale como você consegue lançar coisas novas, ou você só distribui?

– Lançamento tá mais difícil fazer. As vendas estão muito fracas, mas tenho muitos títulos pra distribuir. Não distribuo material racista ou que tenha teor discriminatório. É estúpido, e não divulgo tais ideias.

Dinheiro é essencial em qualquer segmento fonográfico. Como andam as pernas do selo? Ganha algum dinheiro, consegue pagar as contas? Qual o próximo lance da 'Bucho Records'?

– Hoje o selo anda mal das pernas. Vendas baixas. Pago o mínimo das contas... Faço bicos e corro atrás de trampo. Já foi bom, a galera tinha vontade de conhecer sons novos etc. Com a internet, meio que comprometeu isso. Tá tudo de graça lá...

É bom, mas acaba com os selos.

– **Faça-nos um resumo dos seus lançamentos de peso.**

Como você divulga o selo? E em que ano surgiu? Quantos lançamentos? Quem são os seus maiores fregueses?

– Subcut, Disrupt, Skit System, From Ashes Rise/Victims, Lobotomia, Desastre, e muitos mais, que são f... A divulgação é mala direta na internet, folhetos em shows e *MySpace*, *site* e *Comunidades* nos *Orkut*s da vida.

Bucho Discos está na ativa desde 1996. São 25 lançamentos. Nossos fregueses são os fodidos por barulho e vinil. Vendo mais vinil.

Serviço: *buchodiscos@hotmail.com*

6 junho • Ligação Direta: 30 anos de óleo e cerveja

Produzido por Ligação Direta Coprodução:

Paul Henry

Tio Léo, guitarra e voz;

Marcos Perrone, contrabaixo e voz;

Luiz Coelho, bateria e percussão.

Faixas – 1. “De volta às estradas” / 2. “Estradeiro” / 3. “Loucura e prazer” / 4. “Tudo certo” / 5. “Rabo duro” / 6. “Dia de stress Blues” / 7. “O Jogador” / 8. “Agradar Susie” / 9. “Largado na chuva” / 10. “Tudo pelo Rock’n’Roll” / 11. “Homem alinhado” / 12. “Sweet Mary Beth” / 13. “Não caia nessa” (Baby Blues) / 14. “Por isso eu rodo” / 15. “Largo tudo e vou pescar”
Gravado, editado e masterizado no *Mastering Estúdio*, Guará, Distrito Federal

O toque do blues direto do útero da dragoa, cordas marcando as pontas dos dedos, caminhos abertos, floreios, meneios e solitude.

Geralmente discos brasileiros de blues rock seguem um padrão, pois oscilam entre o blues glitter, aquele com toques de Hammond, com vocais claramente guturais e arranques zeppelianos, e ainda

com reflexões absurdas sobre o existencialismo, como se vivêssemos nos 70s, e numa outra ponta estão as bandas profissionais e impecáveis, porém sem alma, de guitarristas “com o rei na barriga”, que se perdem a cada disco. Cenário aterrador, mas será por eu ser muito exigente que digo isso? O que você espera de um show de mágica? Que no mínimo o truque lhe intrigue!

Evolução

A Ligação Direta está completando 30 anos de estrada, tocando em todos os eventos possíveis. Finalmente eles conseguem reproduzir no estúdio a performance incendiária de suas apresentações. É necessária absoluta calma e segurança para mandar tudo pro inferno.

Neste segundo *CD*, *De volta às estradas*, a ideia não é contestar o sistema. É realmente uma celebração de excessos, com muitos acertos e erros. A vida valeu. E eles são sobreviventes que fazem um inventário do que realizaram.

O blues nunca perde a atualidade. Mesmo remotamente, sempre há aquele posto de gasolina e aquele bar americano com as belas dançando na barra.

Imediatamente a faixa-título “De volta às estradas” abre com um riff de baião, e o trabalho correndinho de guitarra redonda. O verso “Eu sinto a vida no meu rosto” é a cara do Keith Richards. Pense nos nossos vincos e a trilogia: estrada – guitarra – garota. A garota, ora sinuosa, ora estridente.

Hinos

“Estradeiro” é o primeiro hino: “Eu sou como as águias / minha moto devora a estrada / Eu sou estradeiro, estradeiro.” Se os músicos de heavy metal pegaram a energia do roquenrou e a vitaminaram, os três músicos da Ligação Direta fazem o inverso, pois eles emprestam a energia heavy sem deixar o corpo marombado. A sacada é a guitarra resolvendo tudo.

Lógico que com cerveja gelada, e uma variedade impressionante de timbres.

O duro diário da estrada, “Rabo duro”, “é assim que eu vou vazando óleo, apertando o parafuso”, vai mapeando as circunstâncias necessárias para fazer o autêntico roquenrou, e com ótimas intervenções de um pedal wah-wah.

Na malha sonora da Ligação Direta, eu me lembro dos barbudos da ZZ Top, dos discos clássicos da Ten Years After, dos músicos argentinos de blues, do sabor irlandês do blues. A parada pode ser feita em cima da Creedence Clearwater Revival, mas quem decide o formato pode ser um toque de Gary Moore (†), ou então o de um texano.

Tio Léo, sua velha guitarra Gibson e a voz rouca, em refrões que ouvimos a vida toda. Marquinhos explora os graves. E tem a condução impecável da bateria de Luiz Coelho. Esse intercâmbio da estrada e da sala de aula, e a adição de músicos de nível fazendo participações na guitarra, violino e saxofone ajudaram *De volta às estradas* soar como se fosse gravado numa oficina, com uma mecânica de Fórmula 1 – tudo vintage, e com a parede forrada de deliciosas pin-ups.

É preferível um disco sujo, lyricamente caótico e egocêntrico, e com alma e história, a muitos que parecem falsificados. Podem beber Ligação Direta, porque bate direto no estômago.

Curti especialmente o rockão “Homem alinhado”, um improvável cruzamento de guitarra stoniana com um vocal de Roger Daltrey. A guitarra rompe, o giro e a letra é in (moderna)...

CD gentilmente cedido pela *Berlin Discos* (61) 3226 3106

Rock’n’Roll Total!



Terror Revolucionário em ação no Woodstosko, agosto, 2009

Foto: ©Sandro Alves

15 agosto • ‘Woodstosko’ – Um festival à margem do grande festival

Do Próprio Bol\$o agradece aos músicos, fotógrafos e público. Sem vocês, sem som, sem cor e sem movimento

Valdez • Barbarella
• Terror Revolucionário

Guariroba Blues
• Zezinho Blues • Lu Blues

Há cinco meses, eu comecei a trabalhar no projeto *Woodstosko*. Em anos recentes, nós realizávamos dois festivais por ano, um no primeiro semestre e outro no segundo. Quando internos, os festivais dentro de nossa casa eram muito mais fáceis de organizar, pois o som não vazaria e viria um número menor de *convidados*. *Convidados* é um eufemismo de fraternidade, pois eles sempre participaram direta ou indiretamente, ou seja, trazendo a alimentação, cozinhando, limpando e se responsabilizando pelo que aconteceria.

Neste ano, que marca os *40 anos do Festival de Woodstock*, e com a grana ficando cada dia mais curta, estava decidido que seria um único rock, a 15 de agosto.

Financeiramente, o problema da infraestrutura: restaurar o piso de madeira, as pinturas, aparar a grama e fazer a jardinagem. Alternava entre a enxada e a pá, o pincel e os pregos. Era a minha terapia. Só iria ao dentista, renovaria a carteira de motorista ou resolveria problemas com cartões depois do *Woodstosko*! Paguei diárias a dois ajudantes: Raimundo e Manelinho.

No calendário, o 15 de agosto foi se aproximando, e as reuniões acontecendo. O que me enchia o saco foi que as pessoas nem sempre estavam disponíveis, com os próprios problemas para cuidar. Sentindo-me meio injustiçado, encontrei paz na voz do bluesman Mississippi Fred McDowell! Já na primeira faixa, ele mandava o diabo pegar o bico. Tudo seria resolvido uma semana antes, ou na hora,

e eu não sei viver assim. A ansiedade me dita a necessidade de antecipar, preparar, planejar e expor. É claro que os problemas surgirão. Classificam-me como “mandão”, “resmungão”, ou dizem que o que eu faço é direção. Na minha cabeça, sempre ouço a frase “ninguém sabe o que eu respiro”!

Uma invenção da própria cabeça é muito mais fácil realizar e racionalizar. Você sabe identificar as limitações, sabe conter as especulações. Agora, quando entram outras cabeças, outras vaidades, alguém tem que conduzir o processo. O gigantismo que a coisa assumia me assustava.

A primeira exigência cumprida foi o convite, que se assemelhava a uma cartela de ácido, impressa em vinil. Como contrapartida, o pessoal se animou, e as irmãs Campanella começaram a pintar o caminhão. As sessões de pintura foram tão gratificantes que foram repetidas, e conseguimos pintar 90% da carroceria, a parte externa do palco.

O primeiro músico contatado foi Robson Gomes, guitarrista da Barbarella. Ele logo aderiu ao projeto: a ele(s) competiu participarem e ceder a aparelhagem de palco. Na esteira, vieram Fellipe CDC, vocalista da Terror Revolucionário, que alugou o amplificador para contrabaixo, e que ainda indicou o trio Valdez, que trouxe o amplificador de guitarra. Fellipe CDC é abstinente e *Grande batalhador do underground*. Somos amigos há mais de 20 anos, e esta foi a primeira vez que pedi a sua banda que agendassem comigo, para o dia 15 de agosto, *O Woodstosko*.

O trio Valdez abriu *Woodstosko* com uma versão instrumental para “Moby Dick”.

Thomé, o contrabaixista, é *Uma figura mitológica do underground Ceilandense*. No final de 2006, ele apareceu na frente do *Blues Pub* e me pediu cinco pratos para ver a Patrulha do Espaço. Eu não sabia que Thomé e Marta Benévolo eram amigos. Num curto espaço de tempo, Thomé de fã passou também a amigo do ídolo Rolando.

Rolando Castello Júnior já havia tocado horas e horas em vários cômodos da nossa casa, e em várias situações, a exemplo do meu aniversário. Já tinha pisado várias vezes no palco do caminhão, mas nunca tinha tocado lá. Nossos amigos sabiam quem ele é, só que nunca o tinham visto em ação. Foi então que Rolando fez uma brincadeirinha com a Guariroba Blues. Nessa *brincadeirinha*, eu o vi mostrando uma técnica de pedal, nova para meus ouvidos, que me impressionou demais.

Revivendo Raul Seixas

Do Próprio Bol\$ convidou o fiel e esforçado, humilde e excitado Zezinho Blues para reviver Raulzito, e ele por sua vez traria Lu Blues para uma performance sexual e primal. Zezinho Blues é o terceiro músico com o maior número de apresentações em nossa casa: nos últimos 20 anos, ele esteve em várias oportunidades.

Zezinho Blues é incansável e generoso, e na hora da porrada é o único cara com quem eu poderia realmente contar.

Na semana do *Woodstosko*, passei a beber no mínimo três latinhas de cerveja depois do serviço, mais os cigarros de nicotina. Meus nervos estavam à flor da pele, e eu apareci no apartamento do Rolando para pedir *um medicinal*, e assim dar um tempo na caretice, que me esgotava. Qual caretice?

A caretice das exigências. A ressurreição da *República da Cocanha*, onde não temos que lutar para nada, afinal “somos convidados”, e “músicos não pagam”.

Na minha mente, eu emendava: “Também não levam.” Aliás, sempre houve os caras que enchem a *cara* e não levam as suas cervejas, não trazem os seus instrumentos, e ainda ficam à espreita de cachê. Esses caras não respeitam a *Lei do Silêncio*, são insaciáveis, e ainda ficam perigosos e indóceis próximo às 22h. Ou pouco antes, quando ficam sem cerveja. Pensam que o anfitrião tem que escalá-los, em cima da hora, e ainda tem que servir vistosos drinks. Pro inferno, velho!

Durante o *Tributo a Raul Seixas*, Zezinho Blues, Lu Blues e Renato dividiram o palco com Thomé, no contrabaixo, e Alessandro Barros, na bateria.

Ser *Do Próprio Bol\$* é fazer as nossas partes, fazer o nosso som. Ninguém gosta de pagar cerveja fora desse esquema. Música não serve só para cobrar 10% – na casa de shows o músico chega, liga o instrumento, é pago, é silencioso, e tem que voltar no dia seguinte.

Sabores e dissabores

Durante *Woodstosko*, ficou patente que o site *Do Próprio Bol\$* não é conhecido.

“Você faz isso há 25 anos?” “Não, há 27 anos!”

Não sou político profissional, e também não sou antídoto às mazelas culturais que por aí estão. Minha geração está no poder, e veja o que eles estão realizando. *Do Próprio Bol\$* nunca será associado a político.

Oferecidamente, passei um correio eletrônico coletivo “engraçadinho” chamado “últimos detalhes sórdidos para *Woodstosko*”, e como resposta me perguntaram a confirmação, a data e o local, e se poderia ser publicado no jornal Correio Braziliense. Como em outras oportunidades, confirmei. Fiquei feliz de orelha a orelha, quando li a nota na sexta-feira no *Fuzzbox*. Já a reação da minha cunhada foi diferente e normal: “Você não está com medo?”

É claro que a *rosquinha estava no forno*: o banheiro é dentro de casa! Além da equipe fixa do projeto, das 140 filipetas distribuídas, havia um leque de 60 convidados, fora os convidados dos músicos. E agora uma nota no Correio Braziliense divulgava que o show na *República da Cocanha* era grátis.

O segurança contratado faltou, e eu assumi a função. Foi tudo bem, só perdi a cabeça às 22 h, depois de 7 horas de som... E ouvimos parte do *Bolero de Ravel*, execução do André Viegas, irmão caçula do “Podrão”, e de Carlos “Barata”. Eu sugeri rolar o tronco para perto da fogueira, e pegarem o violão.

Algum engraçadinho respondeu: “Pra queimar o violão?”

De cara fechada no palco, eu disse outro pecado: “Não segue o script, está fora do filme.” Zéantônio me questionou: “E aí, *Glauber*?” “*Glauber* não seguia script!”

Apropriadamente, e merecidamente, Zéantônio me mandou tomar no monossílabo. E eu calei. Nem liguei que o Zéantônio chegou no final doidão e sem cervejas, afinal de contas ele era um convidado especial da *Ilha da Cocanha*!

Fiquei ainda no palco esperando o pessoal carregar a kombi com a aparelhagem, para apagar as luzes. Quando voltei à churrasqueira, havia um clima de que a farra continuaria na forma de acústico. Novos visitantes haviam chegado. Eu tive que explicar: o vizinho tem criança, amanhã ele vai à Igreja, e eu não quero uma visita da polícia.

Neste condomínio, onde aconteceu *Woodstosko*, o telefone celular só abre o portão da entrada até a metade. Não há interfone, nem porteiro, e num armistício eu consegui que o portão ficasse aberto até as 22h. Inicialmente o projeto era que *Woodstosko* só receberia aqueles que já haviam pisado lá.

Finalizando

Carlos “Barata” e André Viegas nas suas flautas doces encerraram *Woodstosko* com um pedaço do *Bolero de Ravel*.

Woodstosko foi um festival inesquecível. Eu paguei o preço de ser o *Louco da Cocanha*. Minha mulher pagou outro preço por me amar e viver comigo.

Meus amigos não falharam, nem na última hora. A bem da verdade, eu dispersei o povo, porque a cerveja havia acabado, e parte da aparelhagem era alugada só até as 22h. Mas os personagens da *Cocanha* desconhecem os códigos.

Foi pacífico?

Foi. Só que eu não tinha mais meu primo Dean Pacheco e nem nosso amigo Rodrigo Souves, que foram embora mais cedo. E Raimundo, que havia pregado as tábuas do piso do caminhão no início da história, apareceu para assistir Vasco e Portuguesa.

E prestou outro grande serviço, pois era um amigo dentro de casa, das 16 às 18h.

No início do caos, desce um anjo barbudo, chamado Sandro Alves, que me acompanhou de sábado às 16h até o domingo, e graças a ele foi feito um registro magistral do que rolou.

A única certeza: *Woodstosko* não se repetirá em condições amadoras.

Articulando as bandas

Repetem que eu sou “mandão”. Depois das 15h, pedi ao trio Valdez que passasse o som e abrisse o evento. Foi quando descobriram que a caixa alugada para o contrabaixo estava com defeito.

Era grande a expectativa de que Rolando Castello Júnior participasse. Fiquei monitorando os relógios e a movimentação dos membros da Guariroba Blues, e os empurrando para a frente do palco, a fim de que as coisas acontecessem, e aconteceram.

Geralmente, parte do pessoal da Barbarella se junta ao Zezinho Blues, e o Thomé também faz os vocais. Só que a Barbarella havia mudado de baixista, e o atual tinha saído mais cedo. Um pouco antes eu havia sido rude com o baixista André, da Rumores de Garagem, pois achei que ele não poderia tocar com o Zezinho Blues. Mas depois liguei no celular dele e lhe pedi que acompanhasse o nosso artista. E ele topou!

A galera feminina curtiu muito a apresentação da Lu Blues

Janelas estratégicas foram usadas para colocar no palco a cantora Lu Blues, e na sequência a dupla de flautistas André Viegas e Carlos “Barata” tocou, inclusive pela primeira vez, na apresentação improvisada.

Finalmente Rolando no *Woodstosko*! Coube à Guariroba Blues executar, para o gozo geral, “Born to be wild”.

Na já esperada apresentação longa do Zezinho Blues, André Viegas participou tocando a flauta doce. E ainda executaram “Soul sacrifice”, que surpreendeu pela pegada poderosa do instrumental. Quem estava na bateria era o Tiago Rabelo.

Robson e Sérgio tocaram guitarras muito bem. André foi beber água... e Thomé segurou o contrabaixo. D’Alessandro cedeu o banco da bateria a Tiago. Marta Benévolo cantou com Zezinho Blues e Guariroba Blues. Lu Blues também cantava.

Num céu escuro com estrelas, *Woodstosko* se aproximava do final.

Quem esteve em ‘Woodstosko’

Vieram várias meninas bonitas, e uma jovem de cabelo colorido chamava mais a atenção de todas. Ao final, não soube quem era. Motoqueiros dos Cafajestes, de Juiz de Fora, amigos do Leonardo. Serginho, da Mel da Terra. Flávio e Tina, Renato Rhugas e esposa, a sempre gentil Adriana e Robson. Os amigos do “Podrão”

– e o mais feliz deles era o seu irmão André, que entendeu perfeitamente que o objetivo contracultural para ser atingido não carece de muita grana! A exemplo dos 32 mil reais – entendeu, véi? – que o Marcelo Nova recebeu para tocar na Ceilândia, na mesma noite.



Barbarella

“Podrão” fez uma curta participação agitada, ao lado da Terror Revolucionário, tocando Ratos de Porão. Saiu muito aplaudido. Foi a primeira vez que “Podrão” e Fellipe CDC dividiram o palco. Nos eventos em que “Podrão” aparece, a sua mitologia o acompanha. Espero melhor poder atendê-lo, quem sabe até ter uma banda com guitar hero para acompanhá-lo. Mas acho que tudo valeu, só não sei se aceitaria ser como Glauber, e não seguir um script, pois não tenho a grandeza do combativo baiano.

– Quem são os últimos quatro garotos que chegaram depois das 23h e deram carona a Fellipe CDC à cidade de Taguatinga? Essas linhas registram a loucura e a apreensão que me acomete quando me meto a fazer esse tipo de coisa. Existe o diário digital, e pensei que poderia livremente utilizar a página principal do meu site, mas esse expediente trouxe conflito para *Do Próprio Bol\$o*. O que eu queria evitar.

Apreendi que ninguém que sofre de ejaculação precoce ou expressa logorreia se serviria de Diário, afinal é necessária paciência para o gozo, para as preliminares, e eu já gosto logo é de ver!

30 outubro • A festa que é Rock’n’Roll

Mais que uma festa, mais que uma reprise, mais do que um playback, foi um flashback

Guariroba Blues

Apesar das ameaças, continuamos vivos

Nunca tive fones de ouvidos estéreos. Nunca realizei exposição. Era frustrado. Então, num passe de mágica, fez-se *Sonhe de olhos abertos. Se não podes nada podes crawl; podes brauw!*

Esqueci-me d’A Grande Arte, A Grande Mentira, também esqueci que comecei a ler Vinicius de Moraes em *Para viver um grande amor*.

O perverso escritor das crônicas baratas no simples dialeto: sexo (seguro), drogas (leves) & rock malhado. Lá fora, o mundo parou e se resumiu a terror de político, que foi vizinho de olhos em nós – não se sabe se por pena, ou ignorância. Sinistramente, aquelas fagulhas nos divertiam, naqueles dias de pão e vinho.

Olhávamo-nos nos olhos, e agora fitamos as nossas rugas, e desesperadamente lidamos com os amigos.

Início de tudo: festas e cartões. Dos cartões aos cartazes. Ah... Festas supremas: *Rock Baby!* Com caldo de mandioca. E outra festa suprema: *Rock Extremo*, essa no Gama – rastros cuidadosamente apagados, como serpentes atropeladas na finitude da estrada.

Décadas passam e a pergunta não muda muito: “Arte é coisa de otário?” – Tenho uma centena de leitores numa revista eletrônica, e não tenho um tênis. Tenho infundadas razões para rasgar contratos. Exerço o inconcebível papel da fuga. Só que agora eu sou menino do rio: festa, carro, som e minha esposa, minha companheira. Eu estava feliz por receber caras de expressão e companheiros de utopia, de exílio e do nosso estilo: “Você sabe, nós recebemos os amigos. Você sabe, gente. Gente que não se recusa a dividir o pão. Eram eles os elementos e o alvo da festa. É claro que a gente ouviu Lou Reed (†) e varou a noite, até o Sol raiar, tocando flautinha de celofane.”

A Turma dos Skrotinhos se reencontra

Personalidades máximas da cena brasiliense-guaaraense dos 80s – direto das páginas de algum gibi preto e branco do Angeli – reapareceram com a velha energia e sagacidade. Sueli, figura literária emblemática, e Léo Saraiva, a quem coube comandar o baile. Jihan Arar, que não parou de dançar a psicodelia, o punk rock e o lado B da cena independente dos 80s. E Joelzinho, não menos importante, ainda provocador e realizador.

Bandas gêmeas, Barbarella e Guariroba Blues

Barbarella atinge a maioridade e entra na idade da razão. A delicada situação de ser um baluarte da psicodelia, e assim carregar nos ombros a própria sina.

Eles precisam ser fortes para alçarem novos voos. Ao vivo uma improvisação equilibrada na difícil arte sonora da psicodelia.

Guariroba Blues surpreende o público

Magnetizante. É a palavra certa para definir a apresentação da Guariroba Blues.

Eles conseguiram manter os nossos olhos e ouvidos focados. O contrabaixista e vocalista Thomé de Souza arrebentou. Sozinho segurou os vocais, arrepiando nos improvisos do contrabaixo e duelando com a guitarra segura do Wendel Rocha.

Guariroba Blues ressurgiu forte, compacta e completa. Para nosso deleite, ainda tocaram uma forte versão do clássico “Uma Banda Made in Brazil”.

Barbarella e Guariroba Blues são quase bandas gêmeas em forma de combo. A Barbarella é um duo de guitarras, com Robson Gomes e Sérgio Passos, que tem o acento rítmico da percussionista Jackeline. Já a Guariroba Blues tem o mesmo baterista Alessandro Barros, e uma guitarra única nas mãos do Wendel. Nesse momento, o Sérgio faz os teclados e eles entram em diversos improvisos de blues de doidões. Um expediente muito comum no rock brasiliense, quando duas bandas dividiam muito mais do que o palco e todas as responsabilidades. Dá prazer trabalhar com esses grupos, entre os mais humildes da nossa cena. Gratidão eterna dos presentes.

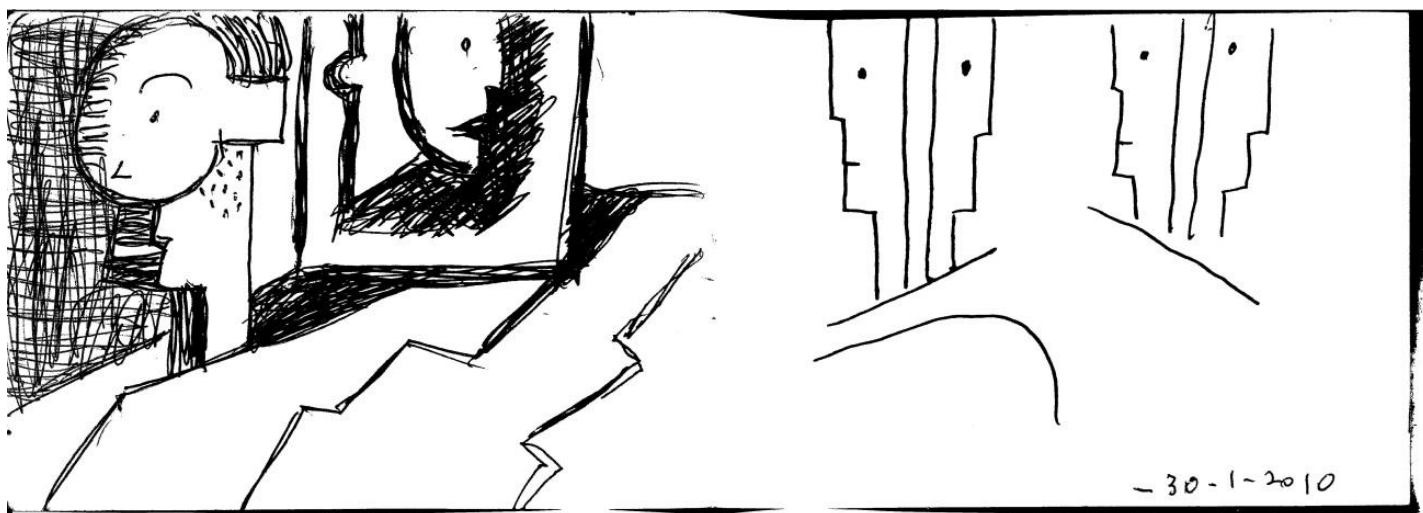
“A raiz de muito sofrimento é o apego ao ego.” (Frei Clemente Kesselmeier)

“O dinheiro compra um mausoléu, mas não um lugar no céu.” (Fernando Pessoa)

24 novembro • Paulo Iolovitch: Azul, a cor do desapareço

Igor Miguel Pereira – Jornalista formado pela UnB, persegue o “Azul” à noite

“Artista de rua? Que nada. Eu sou é vendedor de galinha d’angola.” *A apresentação ecoa na Praça Central do Conic, na caixa de som defeituosa. Logo viriam versos, e com eles os “ornitorrincos plácidos”, a “máquina hieroglífica do caixa eletrônico”, o “homem com nozes na cabeça”. As galinhas d’angola reproduzidas numa série de quadrinhos diminutos são oferecidas ao público. Algumas são vendidas, outras são dadas. É segunda-feira. Chove na hora do almoço.*



Cenário e plateia mudam à noite. E ele percorre os bares tradicionais da Asa Sul com os seus quadros em pano, sem moldura, 36 reais cada. Figuras difusas, mulheres e taças, Dom Quixotes se alternam em suas mãos e nos olhos do freguês.

Muitos adquiriram o costume de convidá-lo a se sentar. A idade do hábito determina o nome pelo qual o chamam. Iolovitch para os antigos, Azul para os recentes.

O sobrenome veio do pai ucraniano. O apelido é fonte geradora de palpites pelas mesas. “É a cor dos olhos dele.” “Uma fase, tipo aquela do Picasso.” “Homenagem a Nossa Senhora Aparecida.” Um dos poucos que sabem da história real é Paulão de Varadero, jornalista e compositor do bloco Pacotão. Paulão é coautor do batismo. “Estávamos discutindo essa coisa do uso da cor pelos partidos. Falaram que o azul merecia um dono melhor do que o Roriz. Como era a cor da camisa do Iolovich, sugeri, meio de sacanagem, que ele o adotasse.” “Pois então esse passa a ser meu nome”, foi a resposta de Iolovitch. Azul prefere o vermelho para suas telas. Já o matiz de sua ideologia é uma incógnita. “Ele sempre foi meio conservador, mas na velhice está se aproximando do anarquismo” arrisca o livreiro Ivan “Presença”. Azul diz ser apolítico, numa justificada imprecisão. O seu discurso, que mistura Niemeyer, Walt Disney, Marx, Dalí e Coca-cola, possui uma ideologia bastante consistente. Só falta um bom nome para ela.

“Me aposentei como artista”

Iolovitch inclina a cabeça sem sorrir. Escuta outro pedido, misturado com uma promessa para a realização de uma exposição. “Isso não me interessa mais. Meu negócio é a produção”, comentaria um pouco depois. No bar, reencontrou o seu primeiro ofício. Quando criança, em Porto Alegre, vendeu de refrigerantes e carrinhos de rolimã até broches comemorativos do retorno de Getúlio à presidência.

O encanto com os desenhos ocorreu ainda no colégio. Frequentou cursos de vitrine, xilogravura e belas artes, e teve como mestres Iberê Camargo e Alberto Guignard. Tornou-se ilustrador e diagramador da Globo, editora gaúcha. Por um dos carnavais dessa época, conheceu Ivone Silva, mulata e musa – com perdão da redundância. Pouco depois, a moça viria trabalhar em Brasília. Iolovich largou o emprego em Porto Alegre e veio encontrá-la. Tinha 26 anos, era o ano de 1962.

O cenário da capital recém-construída não se assemelhava ao velho oeste, apenas pela abundância da poeira vermelha como a do deserto. Feito na corrida do ouro, o número de oportunidades era proporcional ao de golpes.

Após sofrer alguns tombos e calotes, Azul aprendeu as manhas da cidade e se estabeleceu na publicidade local, enquanto fazia o seu nome como pintor.

Suas telas ganharam a casa de embaixadores e a Esplanada dos Ministérios.

Recebeu prêmios diversos. “Só entrava em concurso pra ganhar”, afirma. E usou os dinheiros para viajar. Conheceu Londres, Barcelona, expôs em Paris e Lisboa. “Ele era o pintor da corte, o retratista do cerrado”, define Mário Pazcheco, autor do documentário Paulo Iolovitch, o pintor de entrequadras. Os motivos que o levaram ao desencanto com o mercado da arte são nebulosos.

Ressurgem os palpites. Alguns falam do esquema de corrupção nas galerias, outros, da viuvez precoce, ou da ligação com a espiritualidade hindu. Azul se explica da seguinte forma. “Me criticavam por eu não ter uma linguagem própria. Eu fui pintando, estudando, até que encontrei uma. Fiz mil quadros com ela, então me aposentei como artista.”

“Ele deixou a arte pra se transformar na própria arte. É um outdoor vivo, quando mostra as suas obras parece Moisés abrindo o Mar Vermelho”, entusiasma-se Mário Pazcheco. Além dos quadros em pano, o gestual característico e as tiradas de improviso fizeram Azul cair nas graças da boemia brasileira. “É um personagem criado pela cidade e que cria inspirado nela”, opina Jorge Ferreira (†), dono do Bar Brasília e do Bar do Mercado.

Sua criação é em ritmo acelerado. Produz quadros em série, poemas na velocidade dos Repentistas do Nordeste, ou dos Dadaístas da França. E se desfaz de suas obras com igual facilidade. “A arte só é a coisa mais importante do mundo pra quem tem ego muito saliente.”

Booze Fiction – Memória ressaqueada

“Menos, menos, pai” (Ana Luíza Meneses)

Hammer of The Gods (The Led Zeppelin Saga) de Stephen Davis.

Por preguiça e medo do inglês, adiei a leitura deste best seller. Na tarde do *Natal*, me vi agarrado às suas páginas.

O livro *Hammer Of The Gods* traça uma panorâmica crucial, dos primeiros dias na Inglaterra até o último ano da Yardbirds nos Estados Unidos. A banda parecia estar perdidamente alta em suas excursões, que se tornaram uma piada, sem o nonsense da Monkees.

Hammer of The Gods registra a amarga deixa de Keith Relf (†) para Jimmy Page: a mágica havia dissipado desde a saída de Eric Clapton. Outro momento confessadamente trágico, se não fosse hilário: John Bonham no microfone de um show da Deep Purple anuncia o lançamento de *Presence*. Até aí, tudo bem. Na saída, John Bonham bêbado joga uma pérola deselegante para o guitarrista Tommy Bolin, o chamando de *merda* (“He can’t play for shit!”)

(...)

Tommy Bolin morreu pouco tempo depois, e John Bonham o seguiu.

Há o registro equivocando da revista Rolling Stone diante do primeiro disco da Led Zeppelin, cuja redação recebeu uma centena de cartas de reclamações de fãs.

Outra parte engraçada foi quando Antonioni (†) quis que Jeff Beck quebrasse a sua guitarra, e a explicação do guitarrista para o cineasta de se tratar aquele de um instrumento raro. No filme, Jeff Beck aparece tocando uma guitarra, e uma outra é que é quebrada.

Stephen Davis desenvolve um esplêndido trabalho jornalístico com observações e registros de um Insider, participante direto dos fatos. Ele traz à tona muitos fatos e informações, sem revelar o que Keith Relf achava da Led Zeppelin.

Elvis Presley também faz uma ponta no livro, sem a reverência relatada em outros textos, que narravam o encontro do Rei com os seus súditos.

Um livro com o pó da estrada e seus excessos, lemas e camas. Richard Cole segue firme no leme da nave Zeppeliana. E não se esqueça: Led Zeppelin curte secreções vaginais direto da fonte. É uma das besteiras que tem no livro.

Na sua fantasia, Stephen Davis se transporta para a história e testemunha a primeira fala de Robert Plant após saber que havia acabado de perder o filho.

A genialidade e a sinceridade do fio condutor da trama geram um estilo, o Booze Fiction, a resposta para a impossibilidade de recriar o barato nosso de cada um.

Dean Pacheco e Rodrigo Souves se desprenderam de seus trenós e vieram curtir o Natal, e trazem canções de 9.000 Anjos

Na véspera, o Natal foi docemente cintilante. Vieram nossos parentes, e a roda terminou animada só às 4h. Alucinadamente ouvíamos as melhores músicas bregas da história da música popular brasileira – eu nunca havia passado o Natal com trilha tão trepidante. Era sempre “Jingle Bells” antes.

No dia do Natal, nossa prima Liz chegou primeiro do que os pais dela. A casa estava cheia, repleta de crianças, e por algum motivo eu ficava repetindo que Edson Cardoso havia feito a revisão do meu segundo livro. Na verdade, foi Carlão Nascimento (†) que arrumou o Edson Cardoso para revisar *Aventura Sem Dublê*.

Trabalho hercúleo: atestar a loucura alheia. Ficou fácil para Charles Vieira sacar a minha tentativa de reinventar e experimentar outros tempos e escalas, e que Geraldo Lessa (†) havia perdido a paciência comigo, pelo abuso do gerúndio.

Ainda nessa noite de Natal, conheci Roberta – que falava animadamente sobre os quadros de Paulo Iolovitch na parede da nossa casa. Ela tem elo com Iolovitch, e ele, *O pintor de entrequadras*, cria relações sempre corteses, que aproximam as pessoas. Roberta havia editado imagens da entrevista feita por ele ao programa de *TV Cênicos*. Na entrevista, aparecem imagens do meu documentário *Paulo Iolovitch – O Pintor de entrequadras*. Roberta havia trabalhado em outro documentário de Paulo Iolovitch, *Eu sei tudo através de outros homens*, dirigido pela Adriana Lodi em 2006.

2010
JOEL MACEDO EM BRASÍLIA



*Joel Macedo veio de camisa listrada, eu vim com a camiseta do Pet Sounds
Genaro Jazz Burger Café – SCLN 114, Bloco A, Loja 60*

“O Joel Macedo era o melhor texto do jornal Rolling Stone, mas não fez carreira na imprensa porque era muito instável.” (Ezequiel Neves)

9 janeiro • A recepção a Joel Macedo em Brasília foi tímida, porém calorosa.

O improvável aconteceu. Joel Macedo concordou em conceder um breve depoimento, que durou 40 minutos, em filmagem profissional à cineasta Adriana de Andrade. Entrevista conduzida por Sandro Alves.

Apareci próximo das 20h. Em papo reservado, fiz perguntas íntimas a Joel Macedo, respondidas e impublicáveis. Depois continuamos o papo, confortavelmente, ao redor do cineasta Vladimir Carvalho, velho amigo de Joel e dos músicos e jornalistas que chegaram ao final da confraternização.

Joel Macedo disse que vai morar em Brasília. É mais um amigo encantado com as possibilidades da capital.

O lance mais legal é que Joel Macedo foi embora mais cedo, pois no dia seguinte, domingo, ele iria à missa.

Nosso papo envolveu Michael Killingbeck, Rogério Duarte, *Rolling Stone*, a revista, Hélio Oiticica, Jorge Mourão, *Ilha de Wight*, *Altamont* – qualquer dia a gente vai condensar e fazer um texto desse périplo, jamais nostálgico, porém bolorento.

Gostaria de agradecer a José Carlos Vieira e a Nahima Maciel, da Equipe do jornal Correio Braziliense, pela cobertura do lançamento do livro *Albatroz*.

Breve nas melhores imagens do YouTube uma parte do depoimento do Joel Macedo, e futuramente as poucas fotos que fizemos. – Tomara que esse material fique acessível às futuras gerações, porque ele continua ainda no armário.

De igual importância foi conhecer a Inês Pacheco, minha xará, e também cantora de blues, no tempo em que o rock era contracultura.

Comentários de Joel Macedo

“Texto íntimo e portanto irretocável esse do Mário sobre o lançamento de Brasília. Mas, recepção tímida com matéria de página inteira no principal jornal da cidade? Quero mais recepção tímida assim!...

Ah... e *missa* de crente se chama culto, e não saí tão cedo assim. O Mário, que foi recebido no recatado *Genaro Café* como um barão pop, saiu bem mais cedo do que eu...”

30 março • Nova Iorque: Billy Name Ante Art Superstars

Fernando Carpaneda

Nova Iorque – As obras do grupo Billy Name Ante Art Superstars e os famosos Andy Warhol Superstars vão estar em exibição na mostra Jayne County’s Mad Tea Party, Sex! Art! Music!, a ser realizada na EP” 7 Extra Place, antiga galeria do famoso CBGB, na Bowery Street em Nova Iorque, entre os dias 9 e 11 de abril, num happening de três dias.

Numa sessão de fotos históricas, filmada por Anton Perich no Chelsea Hotel em Nova Iorque, Billy Name (†) anunciou os nomes dos artistas selecionados oficialmente para fazerem parte do grupo Billy Name Ante Art Superstars.

Cada artista foi escolhido por sua reconhecida contribuição para a cena underground e importância na contracultura.

Billy Name, cujas fotografias seminais refletiram a cultura e o estilo Andy Warhol Silver Factory, nos 60s, está se tornando rapidamente reconhecido como o padrinho e mentor de uma geração de artistas visuais e músicos, que são influenciados pelos avant-garde dos 60s. Billy Name criou o design da The Factory.

Os artistas que fazem parte do grupo Billy Name Ante Art Superstars são Milo Rock, Fernando Carpaneda, Miestorm Pierre Q. Serpent, Kymara Lonergan, Ruby Lynn Reyner, Jayne County, Anton Perich, Ian Couch, Prairie Prince e Billy Name.

Artistas convidados para o evento: Mary Woronov, Christopher Makos, Mick Rock, Christopher Lynch, Gazelle, Louis Waldon, Walter Steding, Gorman Bechard, Eric Danville, The Floydian Device, Dave Street and CO, Amanda Burns e Mark La Falce.

Alguns dos artistas que fazem parte da Exposição

Miestorm é o famoso bartender da Studio 54, mais conhecido como “Lenny 54”. Confirmam o filme Studio 54, sobre a vida do bartender. Miestorm é ator e artista plástico. Mais informações no site oficial Andy Warhol Superstars.

Recentemente Mick Rock trabalhou com as estrelas Kate Moss, Michael Stipe, Johnny Marr, The Yeah Yeahs e The Chemical Brothers. Em 2003, aconteceu uma retrospectiva no Tokyo Metropolitan Museum of Photography. Segue link do vídeo do David Bowie com colaboração de Mick Rock, que esteve na exposição Looking at video, no MoMA! –

moma.org/interactives/exhibitions/2008/lookingatmusic/bowie.html.

A pintora Mary Woronov é atriz e participou de filmes e seriados, que incluem As Panteras, Deathrace 2000 – 1975, Rock’n’Roll High School – 1979, Eating Raoul – 1982, Scenes From The Class Struggle In Bever...ly Hills – 1989, The New Women – 2001, dentre outros.

warholstars.org/indfoto/maryworonov.html

Ruby Lynn Reyner teve um documentário realizado pela HBO ano passado. O documentário Finishing Heaven será exibido durante o evento. Ruby é atriz e vocalista da banda punk Ruby and The Rednecks. Ela fez vários shows com Patti Smith nos 70s. Segue link da revista Live com fotos do lançamento do filme.

life.com/image/91032691

Christopher Makos é um dos artistas que participam da exposição. Makos esteve recentemente da Exposição Pop Life, na Tate Modern.

flavorwire.com/44847/pop-life-at-tate-modern

Louis Waldon, ator de vários filmes de Andy Warhol, participa da exposição. Seu filme mais famoso é Lonesome Cowboys (1968), que mostra a famosa cena de estupro de Viva. Ela diz que foi realmente estuprada pelos dois atores, e Andy Warhol foi investigado pelo FBI por isso causa disso. Waldon além de ator é artista plástico. warholstars.org/indfoto/ilouis.html

Anton Perich é um dos pioneiros na arte digital. Entre 1977/78, ele projetou e construiu uma máquina de pintura elétrica – precursora da impressora jato de tinta / scanner. Em 1979, fez sua primeira exposição electric paintings na Shafrazi Tony Gallery, em Nova Iorque. Anton foi fotógrafo da revista Interview de Andy Warhol.

Os seus trabalhos fazem parte da coleção do Andy Warhol Museum, em Pittsburgh, da Andy Warhol Foundation e da Robert Mapplethorpe Foundation, em Nova Iorque. Em 1978, ele fundou a Revista Night, que circula até hoje, e mostra pinturas, fotografias, poesias, ficção, ensaios, entrevistas etc.

revelinnewyork.com/takeaways/anton-perich

10 abril • ‘Do Próprio Bol\$o’: pássaro, avião e site

Detalhes sórdidos – completando 28 anos de contrações

Não gosto de priorizar o que faço ,afinal ninguém entenderia por que dar vazão à memória.

Carece de inteligência anunciar qual será o próximo plano, a próxima tática.

Sem respostas a curto prazo para o dilema grana, acho que é necessário fazer alguma coisa bem feita, alguma coisa que notabilize por ter sido feita. Mas sem esperar anunciantes.

Mesmo à boca pequena, é uma coisa amiúde a tribuna dos malditos: “Temos de ser capazes de usar, quando necessário, o agudo senso de realidade do pessimismo, mas sem nos perder em suas sombras.” (Martin Seligman)

dopropriobolso.com.br

Tiago Faria – CB

Há 28 anos no baluarte da contracultura do Distrito Federal, o servidor público Mário Pazcheco desenvolveu dezenove fanzines desde o início dos 80s. O site, criado em 2003, não nega uma filosofia que tem origem nas publicações underground. “Dos zines, levei a colagem. Uso o mouse como tesoura. É a formatação do caos”, explica Pazcheco. Com a ajuda dos amigos, inclusive de um webmaster que publica os seus textos a partir de Londres no site, Mário escreve e publica sobre Os Beatles, Led Zeppelin, Ozzy

Osbourne, Cidadão Kane e outros clássicos. Notícias sobre shows em Brasília e revistas em quadrinhos também entram nesse mural de outsiders.

Apesar das camisetas d'Os Beatles, o ensaio fotográfico rolou ao som extremo de Exile on Main Street – dos Rolling Stones –, também usei a capa de um disco de Fats Domino. A iluminação ficou por conta do Renan, da Equipe do Jornal Correio Braziliense.



Comemoração discreta

Taguatinga. À noite, seguimos para o *Blues Pub*, que completava Oito anos de ações culturais ininterruptas. Um ambiente sempre pronto para acolher gerações. No palco, o grupo Ledbetter e convidados faziam tributos à Pearl Jam e à Alice in Chains. No geral, som alto, alegria e cerveja gelada.

'Do Próprio Bol\$o': E-zine

E-zine: imagem e som, a unificação artística para reflexão.

Zine impresso é um índice de ações, realizações, testemunhos e aquisições.

Quando essas informações migram do papel para o byte, o catalizador virtual da nova sinestesia, agora on-line, gera o novo universo, a nova poética e linguagem segue os mesmos modelos de colagem aglutinadora de diversas formas de comunicação, com conotações críticas e informações subliminares que expõem simbioses do velho e novo mundo, como é o caso do Cubismo, do Surrealismo, Tropicália, HQs, a globalização consumista dos ícones em tela plana, a exemplo do Erotismo, Grafite, Animação, mp3, correio eletrônico, formas atualizadas e criativas de contraculturas.

Antropofagizar a multimídia e desfragmentar a inevitável digitalização do mundo. (Im)possível formatação do caos?

Nesse caso, mouse e tesoura cortam em dupla.

12 abr. • 250 bolachas para ‘Do Próprio Bol\$’ – ou quem não chora não ouve

Num passado recente, na festa da Jihan Arar, Léo Saraiva ganhou de presente uma caixa de papelão com vários vinhos de outro amigo. Fato normal. Só que, diante dos meus olhos, eu queria ficar com eles... Tentações!

A coleção dada pelo Zeca Ribeiro era recheada de peculiaridades. Muita música instrumental nacional e internacional, e tinha discos de tiragens raras, de algum projeto estatal. Havia principalmente o triplo raríssimo *Led Zeppelin Remasters*, na edição nacional, de capa creme, que eu nunca havia visto em vinil, só no meio digital, pelo qual meus olhos brilharam. Tanto que a Suely atendeu ao meu desejo de possuí-lo, e o resgatou da perda à qual estava destinado, no ninho de gatos em que a caixa onde estavam se tornou. Mas ela recuperou este para mim!

Pois bem, nesta segunda-feira tive a felicidade de ganhar da Mônica Vilaça 250 vinhos da ótima música de todos os tempos. Um balançou o meu coração: *Tutu*, do Miles Davis.

Back to ovo

Agora em nova fase, a grade do site *Do Próprio Bol\$* emergencialmente promoverá o resgate de letras, textos, poemas, matérias e fotos clássicas ainda inéditas na rede. Cultivaremos escândalos...

Por isso, as nossas atualizações não serão constantes, e também deixaremos de reproduzir notícias de agências e sites – agora tudo será na base autoral.

Manter a intensidade do espírito marginal. E é nosso objetivo também não atender mais pedidos de matérias, uma vez que os nossos *esforçados colaboradores* alegam absoluta necessidade de qualidade na criação de seus textos, que não são remunerados.

25 abr. • O produtor Ricardo “Retz” volta com sucesso



A volta por cima da Retzcore Production

(Zé Magro, fumante que bebe fiado na conta do Sérgio da Helvécia).

Guará 1. Sucesso total a volta de Ricardo “Retz” à produção de shows em parceria com *Chaveiro Xinxá e Seu Bezerra Rock’n’Roll Produções*. A Décima primeira edição do *Ensaio Geral*, com aproximadamente quatrocentas e cinquenta pessoas circulando pela *Praça do Veredas*, no Guará 1, bateu o recorde de público.

Foram destaques a Brazilian Guns Cover, que abriu com clássicos de Axl Rose, e o guitarrista “Testinha” que levou os fãs à loucura.

Na sequência, se apresentaram a Sepultura Cover e o country hard folk core da Dilettantes do Sol. Então foi a vez da apoteótica apresentação da boa e velha Face do Caos, com *25 anos de serviços prestados ao Rock’n’Roll*, e também a presença folclórica de figuras da cena rocker guaraense, e de Rafael, do

Jornal do Guará; Kaffa, da Brazilian Blues Band; Caco Doidão; Toco, ex-Bois de Gerião; Dona Dilma, mãe do “Retz”; “Velhão metaleiro pai do Vamp”; Ratinho do Estrelado; Magoo, produtor indie dos 90s do saudoso Lord Dim Pub; Ricardo Tubá, do *Tupanzine*; Léo Saraiva; Áureo do Veredas; Sérgio da Helvécia, dentre outras figuras sagradas do rock Guará.

Os destaques negativos vão para o amadorismo da principal atração do festival, o excelente pop rock da São Três, que abandonou o festival por problemas de divergência interna, e o equívoco da produção do espetáculo em convidá-los. O Guará precisava. No 2º dia de maio haverá mais.

28 abr. • Viradas e levadas de Rolando Castello Júnior

Produção do Teatro

Luciano Lugrandelu

Produção & fotografia

©Marta Benévolo

No programa desta noite: *Caminhada da Lua*, apresentação de Arthur Moreira Lima, partida de futebol entre os dois times de maior torcida no Brasil, e viradas e levadas de bateria.



Teatro do Guará – Oficina de bateria com Rolando Castello Júnior

Uma vez que o seu ídolo de adolescência e da vida toda está a poucas quadras da sua casa, seria ingratidão e burrice não encontrá-lo, vê-lo, ouvi-lo.

Muitos tambores afinal foram ouvidos, desde o alvorecer da humanidade, até Gene Krupa e Buddy Rich se sentirem grandes estrelas, tocando jazz com orquestra, ainda nos 30s do século passado. Desde então a bateria se tornou popular.

Nessa noite, a aula solitária apresentada e tocada por Rolando Castello Júnior privilegiou a pesquisa histórica e pictórica dos pioneiros, e ilustrou as suas necessidades profissionais para expandir o repertório de timbres e peças da bateria.

Em constante evolução, até chegar ao acrílico, às peles hidráulicas e à bateria eletrônica, é evidente a sua opção e interesse pelo trabalho dos grandes bateristas dos 60s e 70s e pelo som acústico.

Num par de horas, Rolando, professor e baterista, conduz explicações fartamente apoiadas em sete grandes banners, com as efígies de quase cinquenta bateristas e fotos das marcas mais significativas da história das baterias, nomes como Slingerland e Ludwig. Fica claro o que realmente significa tocar bateria.

Sentado ao instrumento, Rolando utiliza o seu repertório para expor aos interessados como se pode criar o próprio material, adaptado e recriado nas inovações consolidadas por bateristas criativos como Ian Paice, Carmine Appice, ou pelos mais sólidos, dos quais é exemplo Buddy Miles, ou ainda pelos mais rápidos, como Buddy Rich.

Rolando ainda mescla informações e passagens dos grandes bateristas do jazz rock, que transgrediram e ultrapassaram as barreiras do rock. Também fica claro que grande parte do talento de Rolando Castello Júnior é intuitivo. Ele gosta de Don Brewer, da Grand Funk, e nós gostamos de Corky Laing, da Mountain.

Rolando Castello Júnior também expõe apaixonadamente sobre os pioneiros do seu instrumento no rock nacional. Elogios a Franklin Paolillo, que trabalhou o som da Made in Brazil e gravou o *LP Fruto Proibido*, de Rita Lee, e Igor Cavallera, um destaque atual.

Carismático e atencioso, esse eterno cabeludo e selvagem amante da bateria acrescenta mais uma cidade sonolenta ao seu destino.

Volte Júnior, volte sempre!

Garotos e garotas ficaram de ouvidos ligados nos 40 anos de experiência de Rolando Castello Júnior, músico profissional que tocou e toca o rock mais duro pelo Brasil.

6 maio • Worsa: espanto inclassificável, banda fora dos moldes

Worsa: Wolve, contrabaixo;

Bruno, bateria e Feleps, guitarra e vocais.

Oito faixas inusitadas – 1. “Bumbo Mjölnir” / 2. “Acisún” / 3. “A fuga do Fedolim” / 4. “Carta aos Filipenses” / 5. “Cetáceo Mamo Gordo” / 6. “Pegue direito” / 7. “Riff da Neurose II”

Sem jabá, só torresmo e 51

Eles pertencem ao selo *Torto Discos*. Missão, shows e discos: myspace.com/worsa

Estou hesitante em conhecer coisas novas. Este *CD* é uma dessas coisas que não passam em branco, por serem bizarras e inesperadas. Ele foi enviado pelo Worsa da Silva, do Lago Norte.

– Minibiografia de crítico: receber para resenhar, só ouvir 30 segundos, e aí dizer que sabe toda a história da banda.

Meus Deus! O que aconteceu com o rock’n’roll? Será que essas novas bandas jamais imaginaram o calvário de Hendrix brandindo a sua guitarra em chamas, acima da cabeça, todas as noites?

Os rugidos da garganta inflamada de Robert Plant e as drogas? Meus filhos, o banquete regrado a velocidade, e a bandeja prateada noite adentro, o vinho californiano, os romances de... Truman Capote (†), as matérias de...

Hunter S. Thompson, as limusines negras dos Stones, os grandes teatros...

Quando comecei a minha carreira de estrela do rock’n’roll, só pensava nisso.

Caí na real, e me veio às mãos via carteiro este *CD*, estranhamente chamado *Morsa*. Deve ser aquele torno para triturar palavras e frases.

Este trio, que se chama Worsa, enveredou pela desfragmentação da palavra e do áudio.

Como não desistiram, preparam um novo trabalho, com o novo baixista, e não esperem (r)evoluções.

Eles podem ter escolhido um difícil caminho a ser parido. Podem ser uma novidade sem seguidores.

Podem ser o embrião de uma (r)evolução.

Não classifico o áudio como microscópico, ou faço alusão às bandas de rock, onde o carro-chefe é o contrabaixo. No novo disco, que está próximo, e... se não for tarde, sugiro uma selva polirrítmica, e camadas de efeitos de guitarras.

Na retranca, arte pop, que lançou conceitos como o de minimalismo, de conceitualismo e neoexpressionismo.

Precedido e influenciado pela música experimental e poesia concreta, o Fluxus acabou originando a arte conceitual e o minimalismo. Concretismo?



Vito Liuzzi [drums]

Johnny Winter [guitar/vocals]

Paul Nelson [guitar]

Scott Spray [bass]

JOHNNY WINTER
www.johnnywinter.net

Virgin

15 mai. • A debulhar: Johnny Winter no 'Ferrock'

Sábado. Lavei a minha camiseta do Robert Johnson. Ceilândia vai ferver hoje à noite, quando Johnny Winter 7 Vidas dedilhar a sua Firebird. E o melhor de tudo: é grátis! Enquanto paulistas, cariocas e curitibanos sacaram quatro *onças* para os ingressos, nós teremos um show histórico totalmente gratuito. Imperdível!! Desde hoje de manhã, o som que rola no barraco é blues.

Johnny Winter nasceu no Texas e passou parte da infância no Mississippi. Colega de palco e estúdio de Jimi Hendrix em vários encontros, sobreviveu às drogas e aos empresários – seus concertos são apoteoticamente marcados pelos clássicos do rock'n'roll, desde os mestres do blues até Stones e John Lennon!

Flashback

O conselho de um ortodontista para que o menino John Dawson Winter III deixasse de tocar clarineta, que prejudicaria os seus dentes, fez com que o mundo ganhasse um de seus maiores guitarristas de todos os tempos. O pequeno John trocou imediatamente de instrumento, especializando-se na guitarra, que se tornou quase uma extensão dele mesmo, e onde se tornou um mestre tocando blues e rocks com um estilo pessoal, apesar das muitas influências, de Muddy Waters a Howlin' Wolf.

Johnny Winter: The things that I used to do

Ferrock – Ceilândia, Brasília

O último blues de Johnny Winter no Ferrock, no Centro de Ceilândia, quando os roqueiros do Centro-Oeste correram para lá...

Arranjos agitados & imaculadas intervenções em quarteto.

Johnny Winter, guitarras, slide e vocais; Vito Liuzzi, bateria; Paul Nelson, guitarra; Scott Spray, contrabaixo.

Vários amigos de décadas e fanáticos por blues e pelo guitarrista Johnny Winter se reencontraram nessa noite inesquecível, quando o blues ardeu.

Aos 66 anos, Johnny Winter é um guitarrista extraordinário, com uma pegada de Guitar Slim. Há algum tempo, ele toca sentado numa cadeira, como John Lee Hooker. O seu toque brutal e delicado lembra também Albert King.

O primeiro disco de Johnny Winter, *School Days*, saiu independente em 1959.

Somente uma década depois ele conseguiu assinar com uma grande gravadora, e recebeu então o maior adiantamento já pago a um artista. Passou pelos selos *Blue Sky*, *Columbia*, *GRT*, *Imperial*, *Janus*, *United Artists*, *Alligator*, *Back Track*, *Overseas Records*, *Crazy Cajun*, e gravou discos com os seus ídolos Muddy Waters e Sonny Terry. Agora ele está na *Virgin*.

Tatuadamente esquelético e de chapéu, Johnny Winter lembra um velho fazendeiro do pantanal mato-grossense, dono de uma fazenda de búfalos. O seu jeito caipira também lembra Helena Meirelles (†). Aquela imagem do anjo loiro vestindo terno de lamê ficou no passado.

Sua entrada no palco é mágica. A multidão incrédula demora a acreditar que o homem está ali.

No palco, Johnny Winter está um pouco mais lento e desorientado. Pode ser a postura ou a qualidade do som que o fazem errar os arranques. A banda, como trio no início da apresentação, também errou.

A conhecida abertura de “Hideaway” proporciona velocidade e sustentação arrepiante da nota, até deixar de ser ouvida. Como num tributo a John Mayall & The Bluesbreakers, eles emendam “All your love”. A dedeira no polegar direito dedilha precisamente, e os dedos traçam escalas desconcertantes.

Johnny Winter após tantos anos de devoção se tornou uma entidade do blues.

Seu corpo pode estar trêmulo e as veias estouradas, mas a voz ainda é quente, e ele rosna “Sweet sweet rock’n’roll”, enquanto toma generosos goles d’água.

Ele convida a plateia a curtir, e emenda uma sequência de boogies. A graça do embalo às notas altas do crescendo da sua guitarra shark negra de timbre metálico coloca as garotas novinhas para dançar, e os marmanjos exibicionistas a fazerem coreografias bizarras.

A banda que o acompanha é o alicerce de um show mais pessoal. Paul Nelson, o segundo guitarrista, conhece superbem o braço do instrumento, e reveza com o contrabaixo, acentuando as células rítmicas e os desenhos de pica-pau, enquanto o contrabaixo de Scott Spray comanda o andamento e o início e o fim das canções.

Já a bateria de Vito Liuzzi é alta e marcadamente vibrante, marchando entusiasmada em clássicos do rock’n’roll, como “Roll with me” e “Bony Moronie”, cantadas em coro pela plateia.

Caprichosamente, em “Red house”, clássico de Hendrix, Johnny Winter impiedosamente erra o início, dá a tradicional *catada*.

Com a tradicional Gibson Firebird, ele termina a sua apresentação com “It’s all over now”, dos Stones. Não há mais aquele grande pupurrí de rock’n’roll, e Johnny Winter não faz mais acrobacias com a guitarra ao final dos shows. Ele abandona a cadeira, e em português pediu aplausos à banda.

Na entrada do camarim, a van os espera para levá-los ao hotel. Então cruzam o mar de sinais verdes, vermelhos e amarelos da satélite. Não há tempo para autógrafo ou foto, tudo rapidíssimo. Ele estava

praticamente blindado, ninguém teve como chegar perto do bluesman. Fellipe CDC ainda ao microfone lembra à plateia extasiada, esperando alguma coisa, a mágica da apresentação de Mr. Winter.

“A heroína é amiga de ninguém...” (Vladimir Soares)

Ainda nos 70s, Johnny Winter experimentou comebacks da sua descida ao inferno do hábito da heroína, que o nocauteou e o tirou do pico do sucesso.

Repentinamente Johnny Winter e seus maníacos do rock’n’roll eram estrelas atravessando meses a fio pelos Estados Unidos e Europa. E rapidamente a pressão se aproximou deles, numa grande nuvem branca de heroína. Depois de um álbum ao vivo, a banda se dispersou.

“Finalmente eu saquei que era um viciado. E me toquei que o único jeito de parar era me trancando sem ter nenhum contato com outros viciados.”

Johnny Winter se inscreveu num programa para tratamento de drogados, em que ficou durante um ano, e em 1974 voltou a se apresentar.

Décadas depois, a história se repetiu, mas dessa vez envolveu exploração empresarial – seu antigo técnico de estúdio e agora empresário desviou a sua grana –, o que favoreceu um vício em antidepressivos e metadona, que novamente o levaram à lona.

Mas no semblante de Johnny Winter *7 Vidas* fica claro o preço pago por anos de vício no blues!

Últimos lances

Reinaldo, da *Berlin Discos*, na grade, ainda não acreditam como Johnny Winter conseguiu terminar a apresentação.

No final do show, alguém da plateia jogou uma bandeira do Brasil no palco.

Jimi Hendrix & Johnny Winter anonimamente no The Scene em NYC

Hendrix com outros guitarristas costumava tocar contrabaixo

“Eu era uma tiete de Hendrix, e ele era uma tiete de Johnny Winter. Eu o amava, e nós tivemos chance de sair juntos, conversar e gravar juntos. Uma das coisas que o pessoal do estúdio estava interessado em lançar era uma velha canção de Guitar Slim, chamada ‘The things that I used to do’. Eu tocava slide e Jimi fazia a base e cantava: era só por curtição, mas isso era muito melhor do que as coisas que saíram depois que ele morreu.” (Johnny Winter)

21 mai. • A finesse de um escrete de mulas escoiceando ouvidos

Bar Água de Beber / Taguatinga Sul, em frente ao Carrefour

Biônicos (myspace.com/bionicos)

• Plástico Lunar

(myspace.com/plasticolunar)

Dínamo Z

myspace.com/bandadinamoz

Produção

Coletivo Cultcha

Meus garotos revelam talentos: tocam guitarra, fotografam, vão aos shows, e brevemente farão resenhas desses shows e dos livros que estão lendo – a saga imaginária *Do Próprio Bol\$o* continuará.

Hoje, sábado, depois de chegar às 4 da madrugada, foi um dia difícil e importante, o *Teatro de Bolso Do Próprio Bol\$o*, que funcionará na área da Churrasqueira, ficou pronto. Pairaram sobre nós os negros véus de Hélio Oiticica, esvoaçantes e prontos para abrigarem a *Cachorrada*, o evento popular que

marcará os 28 anos de contrações. É puramente sórdido, mas eu continuo Alive and well – um blues para Johnny Winter. O seu show deixou saudades.

A frase, a finesse de um escrete de mulas escoiceando nossos ouvidos, surgiu quando o show da Biônicos se iniciava. O volume num show pode ser aliado ao abismo em relação ao ouvinte e espectador. A Biônicos são um jovem quarteto, que tem muito a aprender em cima do palco. Uma guitarra à direita faz as ligaduras. No meio do palco, o segundo guitarrista e cantor. À esquerda, o contrabaixista, e ao fundo o baterista.

É um rock operário, sem frescuras, feito de canções autorais. “Longe daqui”, “Não foi em vão”, “Não dá mais”, “Tanto faz”, até nos títulos das músicas eles são redundantes – talvez seja o abismo de gerações. Enquanto são inspirados pelo grunge, deveriam sacar que os seus tios eram influenciados pela Stooges.

Não será difícil para eles aprenderem a compor paredões de guitarra com uma timbragem saturada e mais compassada. No final, a Biônicos revela que tem química.

Plástico Lunar, ou quando valeu a pena sair de casa

Houston, temos um problema aqui.

Com essa frase nasceu a Plástico Lunar, uma banda de música psicodélica brasileira.

Existem músicos que são simpáticos, e não precisam de roupas berrantes.

O charme deles está na música. De Aracaju-SE, o quinteto Plástico Lunar é um achado que esbanja harmonia e criatividade: seus vocais são elaborados, eles dosam os truques da voz com os efeitos de guitarra. O psicodelismo ‘stá no cabelo, no som e na alma. É transbordante na superfície da Plástico Lunar.

De Aracaju, voaram para Salvador, e finalmente tocam nas capitais gêmeas do rock, Brasília e Goiânia. A banda conta com os vocais de Daniel Torres, e sua Gibson, e Rafael Costello pedala alto na Gibson semiacústica. O baixo é executado por Plástico Jr. Os teclados e arranjos de Léo Airplane, e a bateria de Marco, *Completamente Odara*. Bons músicos sabem revezar e realçar o brilho do repertório.

O show da Plástico Lunar começou morno, e com um blues lentamente conseguiram levantar voo, ao mostrar quase o repertório do seu *CD Coleção de Viagens Espaciais*, lançado pela *Baratos Afins*, e canções novas como “Todos os pecados do mundo” e “Até o fim do poço”.

A linha musical deles passa pela Ten Years After e por míticas bandas do rock nacional, como a Módulo 1.000 e a Spectrum.

O grande momento do show estava para o final: uma versão ligada e quente da clássica “A E O Z”. Não faltou nada para a viagem espacial.

No momento, eles pensam em lançar o segundo disco em vinil.

A Dínamo Z está se complicando na simplicidade proposta, o que é normal – esse também quinteto às vezes ostenta três guitarras no palco, quando o tecladista muda de posto. O contrabaixo prefere marcar, e a bateria segue reta. Isso não significa que na reta não possam haver quebradas, mas o trabalho de pratos é pobre.

A Dínamo Z é toda sentimento, com uma proposta nobre de falar do amor. Ela está nas canções.

Eles fazem uma ponte, que passa por Ronnie Von e chega aos 80s/90s, em melodias singelas, que lembram The Smiths e Smashing Pumpkins – o clima é *Bailão Anos 60*, com teclado moog.

Prejudicados pela equalização, Bruno Caetano, voz e guitarra, Robson Z, baixo e voz, Cleber Aragão, guitarra, Robson Gomes, teclados, moog e guitarra, e Rubens, bateria, musicalmente precisam se conhecer melhor.

Retranças

Ignorado, boicotado, *esquecido*, não citado, não catalogado, não incluído pela tradicional mídia – e sem material de divulgação e credenciais, e ainda sem a tal pulseira de acesso, o barco segue ao Norte.

Humildemente, *Do Próprio Bol\$ô* chegará lá. Súplica que rogo ao Senhor todos os dias. Pela primeira vez, um texto nosso é citado como referência, na afamada Enciclopédia Digital:

pt.wikipedia.org/wiki/The_Shaggs

Em Taguatinga, em noite de afetuosas conversas, Plástico Jr., baixista da espacial Plástico Lunar, me ofereceu seu *CD* autografado. O tipo de reconhecimento que bate dentro d'alma. Os meninos do *Coletivo Cultcha* me chamaram de jornalista gonzo. Ao que respondi: "Um dia chego lá."

Num rápido papo, o guitarrista Dillo D'Araújo me falou a respeito da sua carreira, que consiste segundo ele em assentar um tijolinho por dia.

Ulisses Carvalho e Rodrigo Souves, rockers da cozinha do grupo punk Capim Seco, não tão das antigas, relembraram que a cena no tempo deles era mais carregada de atitude e talento.

Fui conduzido pelas mãos de Marcelo Ponce, baixista nas próximas três apresentações da Patrulha do Espaço, às instalações da *America Rock Club*, uma das maiores casas de shows do Centro-Oeste. A inauguração foi com show do ex-vocalista da Rainbow, Joe Lyn Tunner. Olha o que vai rolar no recinto: 5 de junho, Patrulha do Espaço / 11 de junho, Serguei / 1º de julho, Marcelo Nova / 9 de julho, Nuno Mindelis / 23 de julho, CJ Ramone.

A Dínamo Z será destaque no evento *Cachorrada*, no próximo 5 de junho.

28 mai. • Apresentação carinhosa do mestre Stanley Jordan para estudantes da Cidade Estrutural

Léo Saraiva

Centro de Ensino 1 – Guará 1, QE 8. Produção: Clube do Blues

Sexta de manhã, aula normal. Turma cheia, atenta e curiosa. Mas algo indica mudanças na rotina da classe. No lugar do quadro-negro, amplificadores e caixas de som. A mesa do professor cede espaço para os microfones. As mãos do mestre não seguram o bastão de giz branco ou o apagador de madeira e feltro.



O professor empunha uma guitarra, como quem carrega uma criança. Com ambas as mãos, ele afaga o corpo e acaricia o braço do instrumento. As cordas são percutidas com habilidade incomum, como afagos nos cabelo do menino. As notas ecoam macias, redondas. A aula começa. Essas foram as sensações que Stanley Jordan transmitiu a quem teve a sorte de assistir ao pequeno espetáculo que o artista apresentou no Centro de Ensino 1.

Realizado como parte dos eventos do Festival República Blues – promovido pelo Clube do Blues –, a apresentação consagrou a iniciativa de professores da unidade de ensino, que ministram aulas de introdução musical para alunos em situação de vulnerabilidade, quase todos moradores da Estrutural. Um dos mais consagrados guitarristas de jazz em atividade, e criador de uma técnica única, que renovou o uso do instrumento, Stanley Jordan é de uma simplicidade arrebatadora, evidenciada num sorriso carismático, quase pueril. Antes de tocar quatro músicas – entre elas “El condor pasa”, e também fragmentos de Bach –, Jordan assistiu atento à abertura da oficina de flautas de papel, que apresentou o show do Carrossel de Velotrol.

Num breve e sincero pronunciamento, o guitarrista contou um pouco de sua trajetória e dos paradigmas que rompeu, ao propor uma execução absolutamente incomum do seu instrumento. “Se as pessoas duvidam quando você quer mostrar que pode fazer alguma coisa de um jeito diferente, simplesmente não dê ouvidos a elas.” Jordan também afirmou a importância da música como mecanismo de inclusão e do poder de transformação da arte e da cultura na vida das pessoas.

Interlocutores sociais

Mário Pazcheco

Uma preparação de bastidores foi orquestrada para assessorar a rápida e memorável passagem de Stanley Jordan pela escola pública do Guará 1, cuja maioria de alunos é constituída por jovens carentes da Cidade Estrutural.

O também guitarrista Tex agiu como mestre de cerimônia, traduzindo as falas de Jordan, não ao pé da letra, contudo sem adulterar a mensagem do grande guitarrista americano, de construir um mundo melhor apesar dos problemas com a violência, a distribuição injusta e desonesta do dinheiro na sociedade, e o descaso com o meio ambiente. Tudo deve ser encarado com simplicidade, mas sábia e mansamente.

A Prof.^a. Mazé Guedes fazia malabarismo semelhante, na linguagem brasileira de sinais, para explicar ao aluno portador de necessidade especial o toque mágico de Stanley Jordan.

Autógrafos

Zeca, o professor de inglês, conhecido colecionador de vinis, levou um autógrafo no *LP Magic Touch*. O aluno Gabriel, que fugiu da aula para entregar um coração de papel a Stanley Jordan, pegou para mim um maravilhoso autógrafo vermelho no meu álbum de recortes de jazz.

Além dos produtores do *Clube do Blues*, Jussara & Luiz Kaffa, prestigiaram a passagem do guitarrista o deputado federal Geraldo Magela e seu assessor Alberto. Show de Stanley Jordan & Armandinho Macedo – 28 de maio, Gramado do Complexo Cultural Funarte. Entrada franca.

5 junho • ‘Cachorrada’: ‘Vale o que está escrito...’ – Dia Mundial da Ecologia e Meio Ambiente

O *Coletivo Cultural Do Próprio Bol\$o*, com origem arraigada na aurora dos 80s, volta para mostrar a sua maneira de ver o mundo.

Estaremos nesta tarde, de Lua minguante, reunindo pais & filhos e seguidores numa celebração para passar adiante os caminhos e cuidados com o planeta.

Cortina de CDs

Lara & Laura Arar

Jihan Arar caprichou ao selecionar as tirinhas dos *Skrotinhos* e fotos de Elvis, James Dean e Morrissey, impressas em papel de qualidade, com tinta de mesmo padrão.

Dínamo Z • Superfolk

iPod

Léo Saraiva: som retrô

Malabares de fogo do Cirque du Soleil

Mike Sevelin

Cozinha canina

Zanza Meneses: cachorro-quente; & Sueli

Saraiva: caldo quente

Barbarella

Maracatu

Lua de Luanda

Rock

Dínamo Z & Barbarella & jam session

Aniversariantes

Senhor Ivan Pazcheco completa 74 anos. Também foi aniversário da Jihan Arar!

Parágrafo profético

Um grande quintal remexido de ossos num Parque de diversões

“Aos que sobreviveram. Não é um encontro, é voltar a respirar o ar das almas do rock, emergindo por entre mentes que se alimentaram da musicalidade de toda uma geração. É um retorno às origens do que foi, é e sempre será a música, a letra e a poesia em nossas vidas. A *Cachorrada* veio para nos resgatar desse mundo poluído por sons que ofendem os nossos sentidos.”

(Jihan Arar, mãe de Lara & Laura e organizadora do evento)



Estou meio velho para chorar o chopp derramado, ou para reclamar de tática de campanha.

Nesse fim de semana, depois do anterior hipermoderno, com teatro da celebração sexual de Zé Celso e *Festival de Blues*, rolou a nossa *Cachorrada*, em contraponto aos festivais e ataques de bandas de estrelas.

Vale o que está escrito é o que vem no verso do jogo do bicho.

No programa, foram prometidas atrações acústicas, elétricas, flamejantes e atabaques.

Pontualmente às 17h30, as meninas e dois convidados da Lua de Luanda abriram com canto de raízes e o rufar de tambores o *Sarau Elétrico do Cachorro Doido*.

Naquela hora, a voz canina da Terror Revolucionário ficou de castigo, e tivemos que sair rapidamente para alugar um cubo de baixo. Outro carro, que trazia membros da Terror Revolucionário, também ficou pelo meio do caminho.

Nada impediria o avançar da noite dos cães, éramos a caravana. O projeto Superfolk, às 19h30, rapidamente passou o seu som, para começar a primeira viagem rumo aos 80s. Com a volta de Alessandro Barros à bateria e à percussão, a simplicidade e segurança do ritmo garantiram espaço para o violão folk de Bruno Caetano, e um repertório que, o mais próximo da realidade, ficou por conta do clássico consagrado de Wander Wildner, “Eu não consigo ser feliz”, e das

pérolas da Ultraje a Rigor.

Mike, ‘O Homem Flamejante’

Antes da sua apresentação, num português tímido, ele solicita que apaguem as luzes e o rufar da bateria. Mike com suas labaredas deixou boquiaberta a plateia, como nos circos da nossa infância. A coragem e destreza do ex-chefe de cozinha do Cirque du Soleil incendiou a noite, e quase tocou fogo em suas vestes, para delírio dos meninos e pasmo dos adultos. Mike fazia acrobacias e contorcionismos com os malabares em chamas no ar e no solo. Uma apresentação incendiária, diretamente vinda da Suécia, a terra natal do simpático Mike, *O Homem de Mil Instrumentos*.

Superfolk: hits redondos e seguros

Nessa altura, Léo Saraiva, DJ do iPod, despejou vários hinos das nossas reuniões, proporcionando um clima cujo argumento a plateia aprovaria.

Foi nessa hora que os velhos camaradas se juntaram ao Superfolk. Sérgio foi para o minimoog, e Robson Gomes, para a guitarra. Ronaldo “Gafanhoto” se sentou no banquinho da bateria, impondo uma pegada jazzística, e Mike, *O Homem Flamejante* – guarde este nome! –, se sentou no Cajon para tirar sons. Sons que fizeram a alegria canina, colocando a massa para dançar. Essa superjam session foi interrompida na hora certa pelo prenúncio da chuva, como em *Woodstock*. Até as árvores deixaram de derrubar as suas folhas para ouvir a música.

Depois do rock de garagem dos 80s, a Dínamo Z fez o som de churrascaria e pôs o povão a bailar

Diretamente das reminiscências dos 80s, surgiram em nossa realidade Hamilton “Zen”, e sua tradicional bata e os longos cabelos, Lincoln Lacerda, com os tradicionais cabelos longos, acompanhado por uma gatinha, e ainda Marly, que fez uma entrada avassaladora: “Dê-me uma bebida!”

Chegou a hora da Dínamo Z. Até aquele momento, tudo se resumia em adequar e formatar um padrão e um modelo de apresentação – a iluminação, as estampas, o brilho da noite conspiravam a favor. A Dínamo Z, com o seu rock Jovem Guarda, nos colocou pra dançar – com um som potente e ensaiado, muito superior à apresentação deles no mês passado num bar. É por isso que detesto bares, por que eles só querem a tua grana!

Tocaram dez músicas, dentre elas “Vinho e dias de chuva”, “Nunca mais ouvi Smiths” e “Hey amor”, que é o hit regional deles. Com certeza, estavam em casa, e assim ganharam a confiança da plateia.

Barbarella

Em formato acústico, e com o apoio da guitarra, fechou a noite.

Didáticos, a Barbarella é uma banda de rock numa noite inspirada. Nós gostamos das longas letras que fazem, porque citam datas, cidades e referências aos locais vividos.

O final da apresentação foi como numa tirinha de quadrinhos, quando as caricaturas pegaram os bongôs, os atabaques, triângulos, e começaram a mais inebriante e embriagada jam session do rock’n’roll. Passaram por mestres como Raul Seixas, Barão Vermelho, Made in Brazil, Ultraje a Rigor e Chico Science. E os cachorros deitaram e rolaram, enfastiados por salsichas e latas de cerveja, litros de vinho e bebidas estranhas, até cigarros do Marrocos foram consumidos.

Para desespero dos vizinhos – já vi papagaio ébrio... –, cachorros bêbados, ladrando insistentemente, somente na *Cachorrada*.

Mike “feliz da vida” exultava: “A melhor festa do Brasil!”

Ulisses Carvalho comentava: “Quando as coisas são feitas com o coração, elas dão certo.”

Ronaldo “Gafanhoto”: “Esta festa foi melhor que a última!”

11 jun. • ‘Sarau Psicodélico’ apresenta o resgate emocional de Serguei

America Rock Club – Serguei + Banda Pandemonium (RJ)

Bandas convidadas

Kábula • Elffus • Quinta Essência (Tributo
a Janis Joplin)

Dança do ventre

Carol Freitas

Poetas

Fernando Freire • Wálter • Sarça • Haroldo

Chegou a hora da Pandemonium

Após os agradecimentos e as palmas da batalhadora Cida Carvalho, Pandemonium, a banda carioca que toca com Serguei, há mais de dois anos e meio, aqueceu a plateia com músicas do próprio, e promoveu um leve ataque de covers, com uma calorosa homenagem ao mestre Cazuya.

O Anjo Maldito finalmente pousou no solo, e foi imediatamente ovacionado pelo público. Esse jovem senhor, aos 76 anos, esbanjou energia. Deu uma aula de rock’n’roll para os seus servos admirados, com idade para serem filhos, netos, quicá bisnetos dessa entidade do rock Brasil.

Serguei, esse experiente maluco “com alma de prostituta”, e com notórias falhas vocálicas, colocou todo mundo para dançar, seja com as suas composições, ou com os diversos covers executados do Barão Vermelho, Queen, Steppenwolf, Rolling Stones, e é claro da Janis Joplin. Uma bonita e merecida festa, em celebração às estrelas findas e ativas do rock’n’roll, que tanto gostamos.

Para Serguei, Rock’n’Roll é para quem tem alma de prostituta

Putaria. Jamais imaginei ouvir Serguei do mictório, enquanto fãs meninas lhe passavam a mão... no peru! Para André, foi o show em que Serguei tomou mais dedadas.

Pense num velho bolachão de hits dourados do rock’n’roll, pelo qual você tem a maior estima, e que infalivelmente acaba ouvindo em detrimento de centenas.

Assim é o show do Serguei, com André nos backing vocals. Serguei começa com “A little help from my friends”, à Joe Cocker (†), ainda que sem o vozeirão, e “Cry me a river”, que fez Cida Carvalho chorar. É claro que não podia faltar “Summertime”. Rapidamente ele ainda coloca no roteiro “Love of my life”, dedicando-a a Freddie Mercury, e fez então uma brincadeira com “Rolava Bethania”.

O final é apoteótico. Serguei e Pandemonium atacam de “Born to be wild”, e fecham com “Satisfaction”. Após o show, o assédio é interminável. Ao final de tudo, vou embora feliz!

31 julho • La Revolución

Bate-papo Socialismo Cubano

Prof. Dionísio

Dança Flamenca

Marcinha

Hai-kai

Ana Rita

Som

Léo Saraiva;



Por ela, tudo se justifica. Muita coisa é perdoada, esquecida, e ou mesmo achada...!

La Revolución, ou “Não me lembro de nada, pois era muita tequila mexicana, e rum cubano”!

Foram 50 dias de preparação, a pendurar os apetrechos, na realização da obra. A minha filha caçula desenhou o mural e o meu filho do meio passou o som.

Festa é exposição de feições e expressões, carisma e participação, mas sobretudo doação. Resquícios da *Turma da UVA*, dos 80s.

La Revolución. Só não veio o Ezequiel Neves (†) e o seu vidrinho.

Dorme-se no sofá, e no dia seguinte dezenas de cervejas flutuam no isopor. Também se encontram litros vazios de rum e o que restou da sopa de banana à cubana.

Domingo de faxina, frango frito no almoço. Ótima maneira de matar a fome.

Pedra que rola não cria musgo, ou, conforme Zezinho Blues: “Nós somos hippies!”

Ele disse isso ouvindo o Creedence. Fazia anos que não ouvíamos a Ave de Veludo.

Importantes participações

Mike, *O Incrível Homem Flamejante*, que veio da Suécia, e Leonardo Valério, um professor de Geografia e História da nossa região, prepararam o pão e a chili mexicana. Zanza Meneses, iluminada, além do grande esforço para tudo dar certo, fez também a sobremesa. E, claro, todos os presentes à *Segunda Festa do Nosso Bol\$ó* nesse ano.

A duras penas o sobreviver: prestam atenção em nós quando falamos de nós mesmos

Na execução da grade *Do Próprio Bol\$ó*, um exercício regulamentado é a tentativa de não repetir, de adicionar novidades sempre, como agora a obra do poeta americano John O'Hara. Mesmo que ele tenha morrido no distante ano de 1970.

Literariamente adicionamos contos curtos, para olhos famintos, e oferecemos novos e inéditos escritores, como no caso de Leonardo Almeida Filho, Hélio Ricardo Vidal e Fábio da Silva Barbosa. Comentários dos leitores mantêm o site vivo: Um site customizado evita repetir mecanicamente matérias já reunidas no *Google news*. Abrimos exceção hoje para a matéria *Iolovitch expõe no jardim de casa*.

O assunto contracultura está intimamente relacionado à divulgação do uso positivo das drogas, via avanço na legislação ou no campo científico.

Navegando nos mares metálicos

Do Próprio Bol\$ gradativamente revela a sua nova face, navegando pelos mares bravios do heavy metal nacional, divulgando notas e entrevistas, que inexplicavelmente “não atraem os olhos da grande mídia”, fincada no dólar: a notícia mais underground parte de nós mesmos.

3 setembro • Parafernália no forno

Dado Nunes, contrabaixo, violões e voz; Pedro Moris, órgão ,sintetizadores, piano e vocoder; Rodrigo Figueiredo, guitarras, violões e voz; Janari Coelho, bateria e percussão.

CD será lançado pela EP (*Editio Princeps*) – parafernaliaband.com

Conteúdo

Quando o céu tremer de frio, veja sua verdadeira face na estrada – é um tema instrumental surgido a partir de uma linha do contrabaixo e das teclas; “Elo perdido” será o segundo instrumental, a primeira composição coletiva.

“Verdade absoluta”, “Longe de minhas ruínas”, “Embebidos de fome”, “Hoje é tarde” são músicas compostas entre 2000/07, com temas influenciados pelos luminares estrangeiros e pelas estrelas da nossa constelação – acordes embebidos na Yes e na Gentle Giant, e também na influência montanhosa de Minas Gerais e d’Os Beatles.

Liberdade jazzística

Sem processo de composição definitivo, qualquer um dos integrantes pode mostrar a sua ideia e ela poderá ser desenvolvida. Existe também a possibilidade de a música já chegar pronta, então a casa de som da Parafernália define o que cada um dos instrumentos fará.

Mudanças parecem impulsionar a carreira da Parafernália. Enquanto constroem novos pilares, costumam visitar festivais e feiras. Assim a sua música de alto nível vai cruzar o Atlântico.

Em maio último, ainda no *Estacionamento do Ferro Rock*, na memorável noite em que Johnny Winter (†) pisou na Ceilândia, ouvi “Hoje é tarde”, um rock vibrante, com aquela pegada de O Terço e Os Mutantes, e corri para o palco.

Consegui pegar o finalzinho da apresentação de “Pictures of home”, um cover da Deep Purple, a música que fecha o álbum *Machine Head*. Habilmente o contrabaixista Dado Nunes estraçalhava e cantava a música, enquanto Janari Coelho cronometrava as engrenagens dos pratos e das peles. Por sua vez, o tecladista Pedro Moris tocava com a audácia de Keith Emerson, e o guitarrista Rodrigo não se perdia nas notas do solo. Os quatro músicos flanavam na energia polifônica do rock dos 70s. Nesta noite a Parafernália se reencontrava com o público brasileiro.

13 novembro • ‘Ferrock’ homenageia o rock brasileiro

Neste ano, em que completa 25 anos de atividade, o *Ferrock* (Festival de Rock que acontece na cidade-satélite de Ceilândia) resolveu organizar um revival com as melhores bandas que fizeram a cena dos 80s e 90s.

A Marciano Sodomita, verdadeira dinossauro do rock brasileiro, tentou levantar voo com uma nova formação. Saiu o vocalista Rogério Maldonado e entrou um novo guitarrista. Já a Sem Destino teve o seu show elogiado pelo pessoal da Nata Violeta.

A Nata Violeta há algum tempo é um quarteto, com Júnior Tana cantando e tocando violão em algumas músicas. E quando eles querem detonam um rockão. Eles se impõem profissionalmente e exploram a qualidade de som do palco. Tocaram “Bullet the blue sky”, composição mais política do U2, e fecharam com “Todas as flores”, do primeiro *CD*. Um show rápido e avassalador.

Os Cachorros das Cachorras estavam soltos em casa e fizeram uma apresentação plasticamente explosiva e chamuscante: o vocalista e sex appeal KaphaGérson vestia um modelito de bailarina, com acessórios provocativos. Como parte do traje, na altura da saia, um pneu, e entre passos de dança a plateia enxergava o que queria.

Na Cachorros, outra participação chamuscante foi Mike, *O Homem do Fogo*, que além de suporte musical fez o número de passar uma tocha ardente pelo corpo.

O rock panfletário da Kaos Klitoriano, um trio feminino, e sua atitude política incomodaram alguns marmanjos, por falarem de preconceitos, reforma agrária e legalização do aborto.

A Mel da Terra conseguia comungar a sua musicalidade com a plateia. Ótimos instrumentistas, souberam dosar os instrumentos e partiram para uma peça de abertura corajosa, uma longa suíte sinfônica, que lembrava o áureo rock progressivo nacional, mas em seus próprios arranjos. Na sequência, tocaram dois dos seus grandes hits: “Pequena mágoa” e “Estrela cadente”. E o impossível aconteceu: uma parte hardcore do público que não estava empolgada sumiu, deu lugar a um coral, que repetia as melodias como se estivessem numa sessão de Santo Daime.

Casa das Máquinas estava em casa

Netinho e Marinho nas baterias, Mário Testoni Jr. no órgão e teclado, formavam o trio de alicerces da Casa, juntamente com as novas faces de João Luiz, vocal, Leonardo Testoni, guitarra, e um novo contrabaixista estreou neste show. Eles se sentiram em casa!

O festival, que se mostrava um apanhado underground, com valorosos shows e um clima progressivo e bizarro, confirmou tais influências.

A Casa das Máquinas despejou uma mistura de rock dos 70s, da qual só eles sabem a receita. Fizeram solos de teclados que lembravam Rainbow e Deep Purple, e linhas de guitarra próximas às originais, além de um contrabaixo tocado com muita segurança. Um show particular deram as duas baterias, tocadas ao mesmo tempo. Só que me parecia que Netinho era canhoto e o seu estilo era mais chamativo, para mim, enquanto Marinho era destro e batia mais.

Conquistaram o público de imediato, ostentando segurança e intimidade. O vocalista João Luiz mostrou que sabia que cantava para os seus fãs, que esperaram um bom tempo por este show, repleto de canções clássicas. “Londres”, “Natureza”, “Mania de ser”, “Stress”, “Epidemia de Rock” e “Casa do Rock”, ou “Jogue tudo pra cabeça”, todas devidamente interpretadas com segurança e acompanhadas pela pantomima estratégica.



14 nov. • **Made in Brazil, a escola voltada ao rock'n'roll de raiz. Há 43 anos**

Domingo. Óculos escuros, camiseta com estampa da Janis Joplin, calças de couro, tatuagens, baixo em formato de estrela, guitarras Gibson dos 70's e Fender Telecast, bateria em ritmo de locomotiva, teclados e minissaia.

A Made in Brazil começa o seu show com uma versão alucinante de "Uma Banda Made in Brazil", e em seguida "O Rock de São Paulo" imprime velocidade. E seguem desfilando clássicos. O público de várias idades dança, até os catadores de latinhas pulam igual pipoca, pra cima e pra baixo.

Mais coesa e ensaiada, foi a terceira e melhor apresentação da Made in Brazil no *Ferrock*. Eles são íntimos da casa e se referem à Ceilândia como velhos amigos.

Desconfio que é ali no *Ferrock* que rola realmente o rock de verdade na capital do Planalto.

Oswaldo é eloquente com a plateia. Cobra palmas e participação. Seu carisma contagia a massa, que esquece que amanhã é feriado, e que então todos poderemos levantar mais tarde.

Roberta vai se soltando... e aos poucos ela faz a plateia acreditar que a vida dela é mesmo rock'n'roll. A apresentação da Made in Brazil é centrada no público, pois eles fazem questão de ser uma banda popular.

Outros clássicos saem da goela de Oswaldo: "Anjo da guarda", "Gasolina", "Pauliceia Desvairada". São versões carregadas de adrenalina, longe do formato no estúdio. À parte, no lado direito do palco, Celso Vecchione e suas mãos e dedos mantêm o ritmo firme. Ele parece um personagem saído da Literatura beat. Já o Fábio Brum é um guitarrista que entende os caminhos do blues e do rock'n'roll.

O seu solo é longo e estridente, em perfeita sintonia com a festa, enquanto a bateria de Rick Vecchione toca em uníssono com os teclados rock'n'rollers de Tiago Mineiro.

Próximo ao fim do show, há uma troca de instrumentos entre os músicos. Oswaldo assume a guitarra e seu irmão Celso Vecchione vai para o baixo. E toca o baixo da mesma maneira que a guitarra, pois alcança todas as notas, conforme a sua leitura da música.

Homenagens

No meio do extenso show, Oswaldo Vecchione faz uma homenagem a Ezequiel Neves, o crítico de rock falecido este ano, e dedica a ele a clássica "Os bons tempos voltaram".

A banda dedica também um balanço a Freddie King, o grande cantor e guitarrista texano de blues, e toca uma longa versão para a pouca executada "Treta de Rua".

O final não poderia ser mais apoteótico: uma longa versão de “Jack, O Estripador”, e de “Minha vida é Rock’n’Roll”. O povo feliz, com certeza, na próxima vez voltará para assisti-los. A Made in Brazil faz questão de dizer, e prova com muito ritmo, que as pessoas que gostam de rock’n’roll são a razão de estarem ali no palco, tocando a sua verve há quase duas horas.

Oswaldo Vecchione, vocal, baixo, guitarra, gaita, maracas; Celso Vecchione, guitarra, baixo; Fábio Brum, guitarra solo; Rick Vecchione, filho do Oswaldo, bateria; Roberta, de Presidente Prudente, corista de rock; e direto das Gerais Tiago Mineiro, teclados.

19 nov. • Dino Black vai radicalizar o seu canto

Dino Black é um filão interminável de assuntos ligados à indústria cultural. É um rapper de lábia farta, que conversa sobre os primórdios de sua carreira e conta até em detalhes o seu conhecimento e experiências com outros artistas da periferia de Brasília. Para não perder a identidade, ele ganha a vida como vigilante.

Assim, estamos diante de um artista sempre em busca de renascimento, e que convive com aquela dúvida cruel: E o mundo de amanhã?

Mas Dino Black, que começou e subiu em sua carreira degrau por degrau, também participou diretamente na construção da carreira de outros luminares do rap. E a sua experiência-fênix demonstra que ele está sempre pronto a recomeçar do zero.

Dino Black já foi entrevistado e descrito pelos mais competentes editores de jornais, sem desnudar contudo o seu canto. A sua poesia urbana já foi comparada àquela de Adoniran Barbosa.

Desventuras na babel paulista

Em São Paulo, ele enfrentou várias adversidades. Na integração entre artista e gravadora, há aquele papel, o famigerado contrato, que o faz ficar preso do lado de fora, *i.e.*, contratado, mas esperando... e esperando... e... Como ciclo histórico, finalmente, o retorno para casa, para nas velhas fitas redescobrir o valor da sua origem, na trajetória tantas vezes interrompida.

Dino Black ressurgiu em *Mais fácil amar a rosa que seus espinhos...* Um *CD* que hoje soa meio datado, mas que aponta o potencial de Dino Black como porta-voz daqueles que procuram fugir de um mundo ou da sociedade desumana, em que tem sido realmente difícil encontrar algo de bom. Suas denúncias estão gravadas em voz forte, no discurso guerrilheiro, que mistura os ritmos, rimas e participações. Depois de mais de cinquenta minutos, a sensação é querer ouvir mais.

Dino Black precisa temperar melhor o discurso panfletário para fazer um *CD* mais cultural e dinâmico, mais universal, em minha modesta opinião. Só que a sociedade continuará a ser a matéria-prima do seu trabalho, naturalmente. Então a tendência do seu texto, com certeza, será mais e sempre nova radicalidade.

Dino Black já conseguiu um novo produtor para o próximo *CD*, e agora investe o tempo e estratégia na tentativa de gravar um clipe, e então exibi-lo nas esferas federais de cultura.

4 dezembro • Patrulha do Espaço – ‘12 horas de Rock’

E a nave pousou em terras gamenses

Révero Frank

Praça do Cine Itapuã. Lamentavelmente não pude acompanhar na íntegra as *12 horas de Rock* no Gama. Por ossos do ofício, acabei chegando depois das 20h, mas o que esses olhos viram deu pra ter uma noção do evento.



Após um grande hiato, em que a sociedade não prestigiava os acontecimentos musicais, deu pra sentir o amadurecimento de produção, bandas, organização. Esta série de quesitos não poderíamos deixar de comentar com a produção, especialmente com os motoclubes, Geovane e companhia.

Pelos comentários da galera, rolaram excelentes bandas cover. E em termos de covers, que vejo como homenagens, grupos como a Back Door Band (Doors), e também bandas com música própria, como a Mustarjá, foram legais de ver. Houve pérolas, que merecem destaques especiais:

Quinta Essência

É impressionante o legado que Janis Joplin e banda deixaram para os músicos

jovens, que até parece que ficaram congelados no tempo. Volta e meia, resolvem sair dos freezers e mostrar a idolatria que tributam à rainha e seus discípulos, os músicos das bandas que acompanharam, a Big Brother & The Holding Company, a Full Tilt Boogie Band e Kosmic Blues Band. Confesso que fiquei em transe, que parecia que assistia a um *DVD* da “Pearl”... A força da troca de energia entre a banda e o público só pôde ser entendida por quem esteve lá. Não há palavras para descrever o acontecimento.

Patrulha do Espaço

Rolando Castello Júnior, bateria; Percy Weiss (†), vocais; Danilo Zanite, guitarras; Marta Benévolo, vocais.

A headliner, parecia difícil acreditar, dizia que estariam aqui ao vivo no Gama. Estive na turnê de despedida deles em 2006, em Taguatinga, mas são um grupo de altos e baixos. Como uma nave que voa e pousa para consertos. Às vezes, é como se esses consertos os obrigassem a ficar um bom tempo parados, para só então pegarem voo novamente. Foi assim muito, mas muito gratificante presenciar que estavam ali, resistindo ao tempo e mostrando às três gerações presentes o que é uma verdadeira viagem de rock’n’roll. Muitos dos presentes não tinham noção da importância e contribuição deles ao

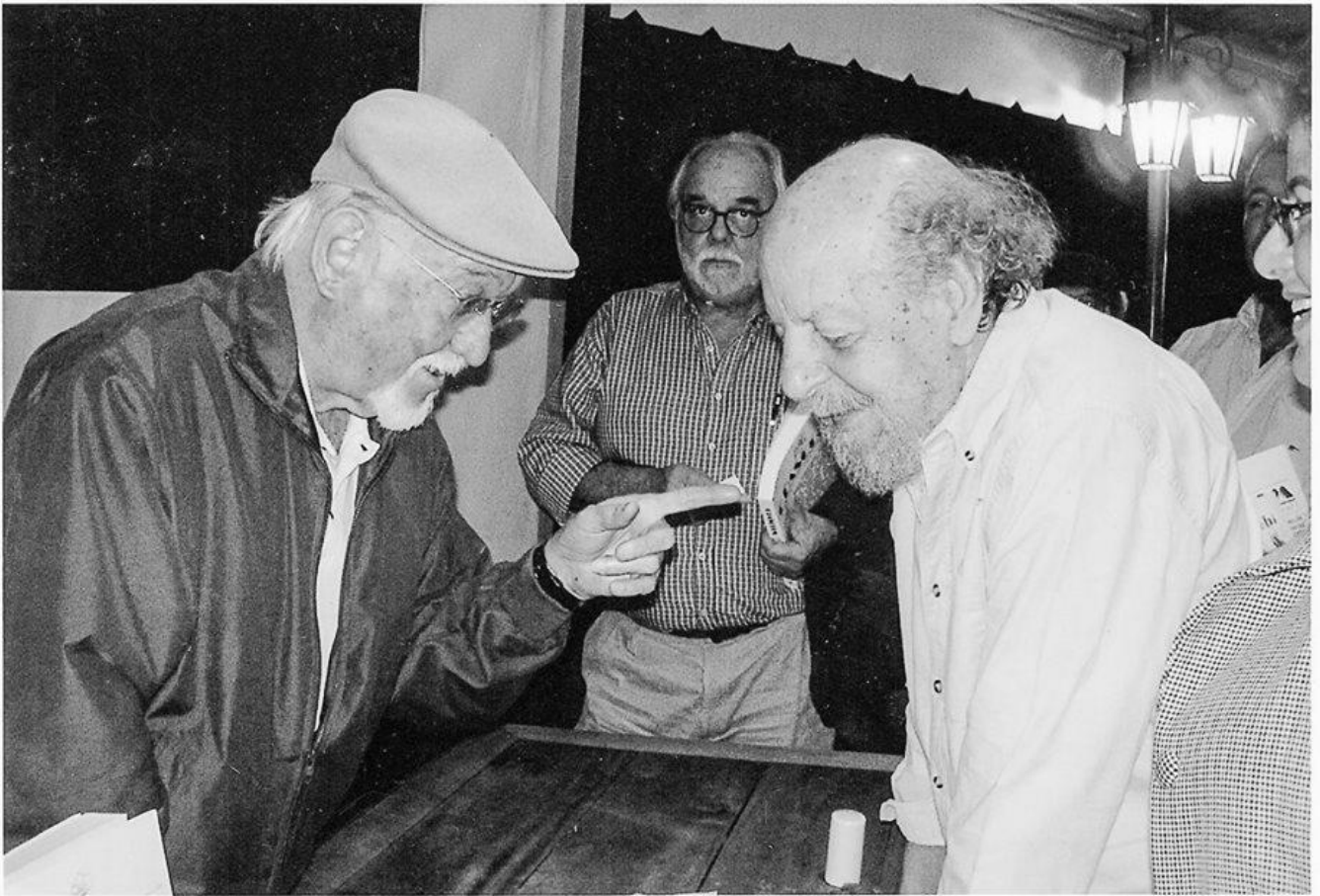
verdadeiro som que faz o nosso cérebro ficar pipocando internamente. Herdeiros como Dr. Sin... sabem do que estou falando.

Não vou comentar a apresentação completa, mas somente dar uma pincelada do que foi a magia na madrugada de 5 de dezembro. Os caras simplesmente soltaram praticamente na íntegra o *Patrulha 85*, uma das melhores coisas audíveis de que se notícia. São indescritíveis as levadas de bateria e de guitarra de “Olho Animal” e “Deus Devorador”. Esta última foi cantada na íntegra na estreia da nova cantora do grupo.

Não nos cabe julgamento, mas diria que ela foi um contraponto à banda, e ainda exala grande simpatia. É claro que as pedreiras como “Caminhando” ou “Columbia” não deixaram de arrepiar qualquer amante do verdadeiro rock’n’roll. O ponto negativo da Patrulha é o desconhecimento deles no meio musical, ao qual não deixam nada a dever, qualquer que seja a banda mundial de hard rock. Mas vi poucas pessoas os exaltarem. Como é típico deles, a qualquer momento aterrissarão e aterrorizarão em qualquer ponto do planeta. Nem que seja para uma simples manutenção de rotina. A edição do evento fechou com a Celebration Band – Led Reinterpretações, com Marcelo Ponce no vocal –, mas acabei indo embora em “No Quarter”. Bem, a banda estava bem coesa, mas o vocalista não estava num muito bom dia. Talvez pelo excesso de tocar contrabaixo, em algumas bandas, durante o dia.

No próximo *12 Horas*, espero fazer uma cobertura 100%.

2011
NÓS – E A POESIA...
PERDEMOS REYNALDO JARDIM



Jaguar e Reynaldo Jardim, editores criadores da linguagem cultural dos cadernos e suplementos culturais da década de 60 no Rio de Janeiro, 26 jul. / 2006 – Restaurante Monumental-DF

1º fevereiro • Morre, vítima de um aneurisma, o poeta e jornalista que revolucionou os cadernos de cultura do país

A Mulher do Elevador

A mulher esquia, / enguia escorregadia, / entra, depois de mim, / no elevador do edifício / inteligente de trinta e / dois pavimentos, na / Avenida Paulista.

Encostou-me na parede do / fundo e ela, a mulher – / enguia, hirta, se fixa / no centro da caixa / fria de aço escovado.

Volta-se para mim e de seu / olhar, não de seus / olhos, pingam duas lágrimas / violetas que se esborracham / no tapete emborrachado.

Duas lágrimas gordas de / mulher magoada, / profundamente magoada. O elevador / para no vigésimo andar, / e eu saio sem / olhar para trás.

Ela permanece ali, / o elevador sobe levando / aquele animal ferido

Reynaldo Jardim, *Jornal do Brasil*, 22 fev. / 2006



*Do Próprio Bol\$o & Módulo B apresentam – Sexta-feira às 21 h
Rock fedendo a gasolina e álcool destruiu a todos*

20 maio • ‘Tudo pronto para o Rock’

Superfolk • Curse of Flames
 (“Maldição das Chamas”)
 • Dínamo Z

Wendel Rocha • jam session I
 Miro Ferraz & Tiago Araújo
 jam session II

- A contrabaixista da *Curse of Flames* tocou alto: mostrou pique e segurança
- Ricardo ‘Retz’, fundador do Museu do Vinil, promete reabri-lo
- João Paulo, álcool à beça

Sexta super-rock enRolou... shows, dramas, ameaças e guitarrista demorando meia hora para afinação do instrumento. Caos total e rock alto até as três da manhã. Todos destruídos pela satisfação imediata dos desejos.

Desde garoto, o rock me servia de válvula de escape. Você caminhava muito para ouvir um som, e fazer som era uma coisa que poucos cogitavam, pois sempre tocávamos nossos disquinhos.

Passaram-se 29 anos desde que lancei o primeiro zine, no quartinho da sobreloja onde vivia com meus pais e a minha irmã. Sempre vi o rock como excesso de vaidade de atitude, portanto momento de revelação. Aquela revelação do primeiro porre, quando você passa o sábado seguinte na cama de ressaca, depois de vomitar boa parte dos seus órgãos vitais.

Ahhhh! Eu penso que faço Rock'n'Roll

Meu papel é a produção. O produtor é o chato que tenta acertar os pormenores mesmo de maneira cega, o cara que se faz de velhaco e pensa que conhece os esquemas sórdidos de músicos nunca trazerem os seus instrumentos, de chegarem por último e posarem de estrelas, de quererem ter acesso imediato ao palco.

Não tenho que dar satisfações se a água faltou, se a luz faltou, se choveu ou se o gás acabou, ou se a cozinha foi quase incendiada, ou ainda se o feijão colou no teto e os amplificadores não chegaram na hora. Você tem que lutar contra a ansiedade juvenil do heavy metal, insistentemente tocando as suas guitarras à espera da bateria.

Rolaram ameaças de porrada

Não dá para explicar o movimento apenas fazer parte. Nessa noite iluminada de grande Lua, um dos baluartes do rock candango, o Ricardo "Retz" apareceu, depois de percorrer várias quadras. O legal desse trajeto foi ele ter sido o último a ir embora, rumando errantemente em sua cadeira de rodas, impulsionada por João Paulo.

Inevitavelmente houve conflitos de gerações. Os mais novos não aceitam desregramento. Eles são os primeiros a levantar a voz, quando alguma coisa comportamental rompe o limite. João Paulo extrapolou os limites.

Explicando melhor

No pacote de atrações, veio um bêbado, que insistentemente subia ao palco para atrapalhar os artistas. No final da noite, ele se estranhou com os meninos da Curse of Flames, ao tentar ganhar um pen drive que alguém largou no chão.

Mas eu aprendi com o mestre Afonso "Cascão": Eles mesmos se resolvem.

Outra participação espontânea foi uma garota, que distribuiu beijos, e logo se transformou na musa da beleza interior.

Inesquecível foi a mastodôntica gula do grande Bibi (†), agora apelidado de "Fome Zero".

Eu pisei na bola

É inadmissível no palco um guitarrista ficar afinando o instrumento por longos 35 minutos. É inadmissível um intervalo de meia hora entre uma banda e outra.

Inevitavelmente alguém vai ser prejudicado, e o produtor de plantão vai ter que segurar a onda. É pressão dentro do palco e fora dele. Mas essa questão é resolvida. Ela quase chega ao extremo, e antes que tudo expluda uma voz mais equilibrada diz: "Vamos embora!"

Eu pisei feio na bola ao escalar o guitarrista Wendel Rocha, e boa parte da Superfolk, antes do mestre Zezinho Blues. Minha intenção era proporcionar oportunidade a todos, mas sem me dar conta da hora adiantada. Zezinho Blues não aguentou esperar mais uma hora e se picou, meio indignado. Ele havia chegado mais cedo.

A arte de perder amigos

Durante esses anos na longa estrada do rock'n'roll, amizades se desgastaram. Já perdi amigos de longa data. E agora mesmo, ao convidar por telefone um amigo para este último rock'n'roll, ele me tratou mal: "O rock morreu!"

É, o rock morreu, um bom motivo para sepultar as amizades. Mas existem amigos que não acreditam nisso, e destaco o Regis “Rock’n’Roll”, que foi um dos sustentáculos do evento, ao animar os presentes com a sua simpatia e dedicação para agradar ao máximo.

Jams

Tocaram juntos vários guitarristas na primeira jam session. Sem a presença de um contrabaixista, mas a bateria não sentia a lacuna, e se seguiram vários hits dos 80s. O público parecia não se importar.

Na guerra das estrelas, houve duas dissidências, e Miro Ferraz fechou o evento próximo às três horas da manhã. Espertamente, Miro tocou músicas alheias, que eu nem imaginava que faziam parte do seu repertório de duzentas músicas. Miro fez um rápido gran finale, apenas ele e a guitarra vermelha emprestada, e eis que do nada surge o jovem e competente baterista Tiago Araújo, que segurou a onda.

O que você encontra no seu jardim na manhã seguinte

Isqueiros, maquininha de massagem, pacotinho de seda, um chaveiro com pen drive e três chaves...

‘Módulo B’ & ‘Do Próprio Bol\$o’: quatro anos de parceria, seis eventos

O projeto *Do Próprio Bol\$o* de tocar o seu barco em meio ao som não é muito palatável, sempre há desconfiança sobre de onde virá o dinheiro. Na verdade, é uma inusitada junção de forças e interesses que faz as coisas acontecerem.

Foi Célio de Moraes que me falou desses meninos que faziam rock na Ceilândia, e desde então a generosa produtora Módulo B, que ele representa, tem feito a alegria dos amantes do rock.

Robson Gomes é a cabeça pensante e o agente mais atuante dela. Ele transporta, monta e monitora a aparelhagem. E ainda canta, toca guitarra e os órgãos Moog e Giannini na Barbarella e na Dínamo Z. Robson tem como escudeira e parceira musical Adriana, sua esposa.

O motorista da kombi branca, ele é capaz de ficar na mesa de som durante as apresentações das bandas, e assim assegura a qualidade vital do som.

É um amigo enigmático, às vezes me falta atenção pra entendê-lo melhor. O rock é capaz de formar parcerias duradouras, mas ainda não sei como ajudá-lo nos seus sonhos de remontar a Barbarella, e de enfim terminar o primeiro *CD*.

23 julho • ‘Sétimo Céu’: Se você vai de xaxado, eu vou de Rock’n’Roll

“Então você prefere esperar. Amanhã e amanhã e amanhã – esperar até morrer.

Sabe o que eu acho? Acho que todo esse complexo Phillip é como o céu cristão, uma ilusão nascida de uma necessidade, flutuando em algum nada platônico, místico e nebuloso, sempre a um passo de acontecer, como a prosperidade, mas nunca aqui e agora.”

(*E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques* – William S. Burroughs e Jack Kerouac)

“Acredito que *Sétimo Céu* será melhor do que o *Porão do Rock*.” (Mário Pazcheco)

– Dois caras pintaram no meu camarim dizendo que eram cristãos e pedindo pra rezar comigo. Que é que eu podia fazer? Então nos ajoelhamos e rezamos. Parecia haver uma luz ofuscante, e eu disse: “Que é que está havendo?” “Estou me sentindo melhor!” Então falei: “Vou mostrar pra vocês um pôster do Jimi Hendrix que eu tenho.” Quando eu tirei, dentro havia uma imagem de Cristo, que eu não tinha

comprado, nem havia visto antes. Nós três caímos pra trás. Daí em diante eu me tornei cristão devoto... (Eric Clapton)

Grafites	Risadas e imagens	Bandas	Coco da Paraíba
Daibes Ottoni	Edson Salazar	Valdez	KaphaGérson & Ronaldo
Aniversário	Câmeras	• Besouro do Rabo Branco	"Gafanhoto" Lima
Sueli Saraiva	Marcelo M. Fonteles,	• Zezinho Blues e a Cozinha	
Produção visual e discotecagem	<i>Revista da Capital</i>	• Superfolk	
Léo Saraiva	Sérgio Neves do Nascimento	• River Phoenix	
Impressão das pin-ups	Fotos		
Hugo Rocha	©Sandro Alves		
	©Nanrery Mendonça		
	Sérgio		

Este é o meu relatório Rock'n'Roll – Não o leve muito a sério –, ainda em andamento

A abertura cintilante do *Sétimo Céu* foi na sexta-feira, quando Daibes Ottoni espalhou dois murais pelas paredes brancas, que refletiam a identidade do evento: *Seja Black, Seja Celestial* – um manifesto black and blue.

Não poderia deixar de mencionar o extraordinário trabalho executado no meio de semana pelo trio irmãos Léo e Sueli Saraiva mais Edson Salazar, que resultaram nas aplaudidas pranchas das pin-ups. A reprodução das suas impressões digitais foi feita por Hugo Rocha. – Sentimos sua falta!

Um pouco azul e menos deslumbrante, a instalação interior evocava um céu reinado por Cristos, anjos e a Virgem Maria!

Seção varal

A exibição dos zines de Léo Saraiva foi destaque. No outro varal, Cida Carvalho (*Sarau Psicodélico*) montou os seus panos quentes.

Um lado superpositivo: talvez o maior número por metro quadrado de produtores culturais e músicos fora do eixo-capital. Reunidos para ouvir as grandes bandas de rock'n'roll como a Valdez, Besouro do Rabo Branco, Zezinho Blues e a Cozinha (Celião, contrabaixo, e Tiago Rabelo, bateria), Superfolk (iluminando a cidade...), e o mais sônico e aterrador de todos, River Phoenix, que atacou com dois bateristas. Faziam os alicerces da casa tremer... Não podemos esquecer KaphaGérson, letras e triângulo, e Ronaldo "Gafanhoto", zabumba, resgatando o xote, o coco, a embolada, o xaxado e as chanchadas.

Opiniões – Saldo do 'Sétimo Céu'

- "O último show no sábado foi bem legal. Rolou numa festa na casa do amigo Mário Pazcheco, com alguns convidados presentes. Aproveitamos a ocasião para experimentar o que vamos mandar no *Porão do Rock*, nessa próxima sexta. Ficamos satisfeitos com a sequência das músicas, e foi legal ver pessoas desconhecidas curtindo o show e conversando com a gente no final. Agora vamos ver o que rola no *Porão do Rock*!" (Diego Mendes)

- "Showzinho no Guará foi bem legal: Revemos amigos, tomamos algumas cervas, testamos o que vamos tocar no *Porão do Rock*, e ainda dançamos uns funks do Rei Robertão!"

- "E que casa era aquelaaaaaa????? Amei aquele lugar!"

(Nanrery Mendonça Sérgio)

- “Pazcheco, nobre é valorizar a arte e a cultura. Parabéns a você por essa iniciativa de sucesso. Conte conosco para divulgar os bons eventos culturais. Grande abraço e muita arte!” (Marcelo Fonteles)
- “Dinheiro de vódica é muito bom. Será o sétimo céu mesmo.” (Sandro Alves)
- “Mestre Sandro, é isso aí, satisfação garantida ou seu dinheiro de vódica. Em meu nome e em nome da Revista da Capital, agradeço pela sugestão de evento tão criativo. Grande abraço e muita arte sempre!” (Marcelo Fonteles)
- “*Sétimo céu*. Não, não é só nome de revista de fofocas dos 70s. É também um evento magnífico, que ocorreu no último sábado, na chácara do inestimável e talentosíssimo Mário Pazcheco, dono do dopropriobolso.com.br, onde pudemos saborear o verdadeiro rock, emoldurado por pin-ups e retocado pelos grafites de Daibes Ottoni. Não faltaram talentos, não faltou alegria e nem calor humano. Valeu!” (Jihan Arar)
- “Festão, com xaxado e tudo.” (KaphaGérson)

Raul, vinde a nós

O trio Zezinho Blues, voz e violão, Célio de Moraes, contrabaixo, Tiago Rabelo, bateria nos fez recordar que várias canções do *Maluco Beleza* são hinos. Com a velha garra, Thomé de Souza também cantou um desses hinos. Uma apresentação improvisadamente vigorosa, digna do legado.



O voo da Besouro do Rabo Branco em casa

Foi seguido de perto: arranjos “quadrados”, cheios de sutileza, num rock teatral.



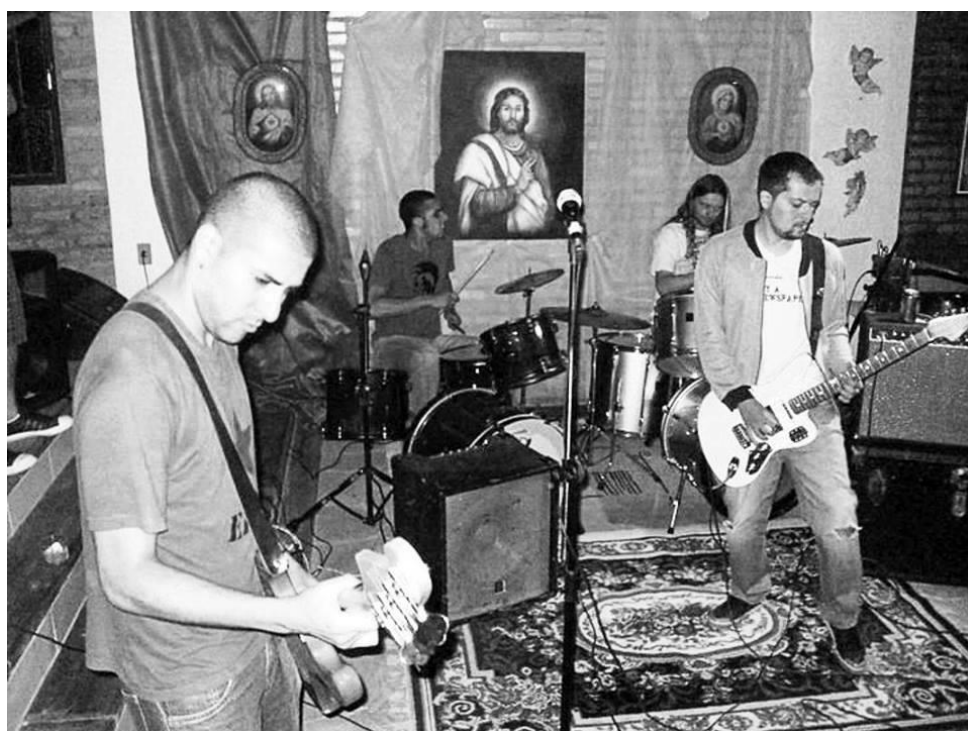
Superfolk, uma banda de pegada e fãs de expressão. Entre eles, Tomaz André, o aguerrido editor do Zine Oficial

Esse trio de cowboys largou por último para chegar na frente. Eles homenagearam Amy Winehouse, dedicando a ela a canção “Uma nova mulher”. Ainda mostraram a sua veia beatlemaníaca tocando “Got my mind set on you”, e reproduziram a contagiante batida, que fez todos dançarem.

Som abafado

No último show da noite: barulho.

Portas e janelas fechadas para abafar o som. Mas de nada adiantou, pois a noite experimentaria a sua agonia mais tonitruante.



Os ameaçadores quatro homens maus do River Phoenix: decibéis à flor da pele e tímpanos rompidos - Foto: ©Nanrery Mendonça Sérgio



Valdez – Foto: ©Nanrery Mendonça Sérgio

- “Human Beinz – ‘Nobody but me’ foi uma das muitas músicas da trilha sonora da *Festa Sétimo Céu – arte e graffiti*, que Mário Pazcheco realizou no sábado passado. A festa, as pessoas, as bandas, zines, grafites, o espaço e uma garrafa de vinho do porto Twenty, mais uma de Jack Daniel’s, vódicas, cervejas e energéticos me ajudaram a curtir ainda mais. Agora tô com a cabeça doendo, o corpo doendo e a alma purgando. Mas estarei na próxima. Isso se Santa Amy Winehouse não resolver me levar antes, pra fazer o meu habitual papel de Sancho Pança, Sexta-feira, Tonto ou outros personagens secundários das histórias de heróis e mártires que a humanidade tanto aprecia.” (Tiago Rabelo)

Frete

- Celião foi embora às 21h, para ajudar na produção do disco ao vivo dos meninos da banda 9 mm a ser gravado num bar da Ceilândia. Só que quando ele chegou lá o bar já estava fechado...
- KaphaGérson, homem movido a polêmicas, se despediu de mim com um beijo.
- Cida Carvalho e João foram embora na kombi com Robson. Tomaz e Paula voltaram de táxi.
- Veio gente de Samambaia, Sobradinho e outras satélites.

24 agosto • 30 anos de escaramuças (1982/2012)

– A festa foi boa?

Fantasia: uma festa do rock que durasse 30 anos!

Três décadas. Pode ser muito tempo, toda uma vida, mas a nossa rotina tem 30 anos de Idade.

Os principais alicerces coincidem na mesma data: a compra da chácara; o palco, agora fixo, construído há 30 anos; e o fanzine d’Os Beatles, lançado em 1982. São histórias entrelaçadas.

Em sintonia com a utopia do Reggae

Não digo lutar contra a ditadura, pois não tínhamos armas, porém combatíamos como podíamos a falta de opções culturais e a opressão armada das revistas policiais.

A Revista do Fã foi recebida com reservas

Como explicar que fanzines, revistas dos fãs, eram fotocopiados sem serem diagramados em colunas, e sem patrocinadores! Naquela época, os porcos capitalistas já cobravam pedágio para que a coisa rolasse.

O fanzine nunca foi impresso numa gráfica. Só muito tempo depois conseguiu colaborações datilografadas em máquinas elétricas. Localmente ignorado, o jeito foi exportar a ideia por intermédio de cartas e “impressos”.

Zine eletrônico

Ao atingir o maior número possível de pessoas, tornar-se abrangentemente subversivo.

Resistência & mistério & detetive de sonhos

Criei uma aura de mistério e resistência, e em função disso consegui espaços generosos na televisão e no jornal impresso. Sempre lutei para conseguir um tijolinho, ou uma citação, e o espaço surgiu nos catálogos que registravam esse tipo de mídia e na revista especializada Somtrês. Até hoje, dois caras ainda correm trechos comigo, Rogério “Águas” e Révero Frank. Outro cara, Rolldão, velho parceiro, fica sempre feliz com qualquer menção. Das amizades a reatar, estão por vir Ricardo Lima e Edvar Ribeiro.

Mídia digital ‘Do Próprio Bol\$ó’

Lya Lilith (Máquina do Tempo), Luiz Carlos “Barata” Cichetto e Antônio Celso Barbieri, webdesigners, formataram o mundo digital *Do Próprio Bol\$ó*.

Sonho artístico: um mural

Sétimo Céu 2011: do adobe aos tijolos maciços e às paredes grafitadas por Daibes Ottoni.

Planos?

O futuro é solitário. A escapatória é sobreviver e manter a marca *Do Próprio Bol\$ó*.

Onde tenho que matar um leão por dia, criar a notícia e arranjar defesa para a tese de ser louco. Pode?

Ou soberanamente louco, afundando num mar de ilusões... que custaram a vida de muita gente boa... ou que significaram absoluta razão do fazer que coincida com os projetos de autorrealização.

18 setembro • Patrulha do Espaço no ‘Cult 22’

Músicas

1. “Deus devorador” / 2. “Olho animal” / 3. “OVNIS” / 4. “Festa do Rock” / 5. “Arrepiado” / 6. “Vou rolar” / 7. “Bomba” / 8. “Cão vadio” / 9. “São Paulo City” / 10. “Depois das onze” / 11. “Rolando rock” / 12. “Vamos a buscar la luz” / 13. “Não tenha medo” (não foi executada) / 14. “Meus 26 anos” / 15. “Columbia”

No mais, de novo são executadas “Robot” e a culminante “Vamos a buscar la luz”, que encerra a excelente noite. Sob o céu de Brasília!

- *Lago Norte, sexta-feira, a partir da meia-noite e meia até o amanhecer*
- Abertura: o quinteto pós-punk Mary Stuart-DF lança o *CD Television Please*

Patrulha do Espaço, rock sem limites – de parabéns a casa *Cult 22* pela hospitalidade e liberdade. O show nos transmitiu uma intensa sensação de loucura e adrenalina. Saí na noite de ontem e cheguei hoje. Gostaria de agradecer às fãs da banda Lya Lilith, Cristiane Pinheiro e Ana Lucena, a Tiago Rabelo pelo suporte técnico ao baterista, a Regis Rock'n'Roll, pelo leme do carro, a Sandro Alves pela cooperação nos nossos projetos, e a todos que curtiram mais de uma hora de puro rock and roll. Uma noite memorável, numa apresentação que não deveu nada ao passado da banda. Sem esquecer o tecladista Marçal Leones, que apareceu pra dar um abraço no capitão Júnior – e os furões que vão à *PQP!*

Documentar a Patrulha do Espaço, minha obsessão?

Me retirei de uma aposentadoria autoimposta e me colocaram à mão câmeras digitais com recursos que não existiam nas analógicas. Por fim, conseguimos torres de iluminação, fitas e baterias novas, que duravam horas. Por meio de um senso único de organização, consegui envolver ajudantes, fotógrafos, jornalistas, divulgadores e fãs, a parte emocional mais forte dos eventos relacionados à música.

E num domingo fomos a Taguatinga. Estávamos no meio de amigos, esperando a entrada apocalíptica da Patrulha do Espaço. Então acendemos as nossas luzes, que se juntaram às coloridas da casa, e foi formada uma grande teia iluminada. Estávamos com saudade da banda, e não perderíamos a oportunidade de somar o audiovisual com o seu som – dentro do possível, desenvolvi o meu personagem de cameraman sedento por imagens, e me senti livre e seguro para rodopiar com a câmera numa viagem particular.

Filmamos dois shows, em Taguatinga e no Lago Norte. No *Cult 22*, o palco era menor, e incomodamos os músicos. Ligamos desta feita apenas uma luz. E foi um trabalho estático e compenetrado, sem extravagâncias. Musicalmente a performance da banda foi muito superior à de Taguatinga e os vocais estavam mais claros. A Patrulha se mostrou segura, e eu, inseguro. Mas foi uma noite relaxante, porque bebemos, conversamos e filmamos com os olhos iluminados.

Estávamos captando imagens para um documentário, não da Patrulha do Espaço, e sim de Rolando Castello Júnior. E o resultado era divertido, apesar de o estresse ter acompanhado as etapas anteriores.

Não tire o olho da câmera. O olho livremente faz o roteiro e o zoom nos aproxima, sem tocar ou ter contato com a banda. Ela oferece um domínio extraordinário da situação e possibilidades criativas bem pessoais. É claro que o resultado pode ser genial, ou tremido.

Será um rock documentário ao vivo, entrecortado por fotos, palavras e imagens de arquivo. Nada inédito ou essencial, mas um testemunho do convívio dos fãs com os ídolos. Viajei?!

Aos fãs

A atual formação da Patrulha do Espaço grava um novo *CD*, cujo primeiro novo pensado foi *Quimera*, e conta com Marta Benévolo, voz; Paulo Carvalho, contrabaixo; Rolando Castello Júnior, bateria; e Danilo Zanite, guitarra Les Paul e voz.

Se no último dia 17 de setembro a banda completou 34 anos da estreia nos palcos, o seu atual guitarrista, Danilo Zanite, há dois anos como titular, tem 33 anos.

Um ano a menos do que a história oficial do grupo.

Nas duas semanas do mês de agosto que Rolando Castello Júnior passou na Argentina, somente dois dias foram de descanso. Nos outros doze, ele tocava.

A atual turnê da Patrulha, *Tour Base Rock 2011*, chegou ao fim com o show no *Cult 22*. Foram 17 shows ao todo, passando por São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Distrito Federal.

Rolou no 'Facebook'

"Show inesquecível ontem da Patrulha do Espaço. Estava com Lya Lilith e Cristiane Pinheiro. A banda foi fundada pelo Arnaldo Baptista, quando Os Mutantes acabaram. O mais legal foi depois sentar com os integrantes, reencontrar a Marta, vocal, e conversar sobre coisas que amo, como o documentário *Lóki?*, sobre a vida do Arnaldo, os álbuns d'Os Mutantes, e também da Casa das Máquinas. Cantamos todo mundo junto 'o meu cabelo é verde e amarelo, violeta e transparente, a minha caspa é de purpurina...'. Pirei. Simplesmente um dos shows mais lindos que eu já vi na minha vida. Que noite!!" (Ana Lucena)

"Noite memorável! Com a presença de um público especial e uma atuação inesquecível da Patrulha do Espaço. Atuação soberba do Paulão, da Marta Benévolo, Danilo Corrêa Zanite, e Rolando Castello Júnior dando mais uma de suas aulas de bateria, além de no comando da nave. Adorei a presença mais do que especial do Mário Pazcheco, do Regis Rock'n'Roll, e de todos os outros cúmplices de uma festa de rock de verdade. Beijos e mais beijos... e mais beijos... e mais muito mais... pra minha Tranquillini Miriam, que esteve ao meu lado, me dando alegria e o prazer de dividir tão bons momentos no *Cult 22*." (Tiago Rabelo)

Enquanto isso, na cena musical de Brasília, amadorismo, nó cego e antiprofissionalismo

Os produtores musicais têm que agir como dirigentes e exigir vídeos das atuações desses artistas.

Em plena Brasília, capital do rock, séc. 21, onde será inaugurada a calçada da fama do rock, e ainda polo de turismo itinerante do rock, tenho ido às grandes casas e teatros, onde acontecem espetáculos de rock'n'roll, e o que vejo e escuto?

Um rock exuberante, porém defeituoso. Como? Quando o instrumentista não está desafinado, ele atrasa ou entra nas horas erradas. Bandas de blues desconhecem um amálgama de coisas simples, como as pausas, variações e diálogo. No último show a que fui, no *CCBB*, o cantor simplesmente não conhecia o repertório do homenageado Raul Seixas. Pode uma coisa dessa, Jorge Mautner?

Perfeccionismo, e virtuosismo e sono profundo

No *Teatro Nacional*, outro show solo, mas a guitarra plugada ao computador não comunicava uma boa sensação ao vivo. Não transmitia sentimento, apenas a seleção intercalada das músicas escolhidas, sem a participação da plateia bem comportada. Substituir a banda por um *PC*? Pode, Dillo D'Araújo?

8 outubro • (29 anos e seis meses de...) 'Pão, Circo & Rock'

Módulo B & Do Próprio Bol\$ó produziram e apresentaram

Profecias

O Léo vai tocá, a Sueli vai entorná o caldo, o Mário vai pirá, a Zanza vai aloprá, a Jihan vai rebolá, o Edson vai sei lá, o Gaffa vai apurrinhá, a Ana Luíza vai durmí, o Geraldo vai sumí, a Andrea não vem, a Isa também, a Meg vai atrasá, a Mana vai extravasá, o Daibes vai madrugá, a Meg vai cochilá, a Marilange vai gargalhá, a Ana vai entorná, o Gringo vai queimá os pentelho, Barbarella vão arrasá, o KaphaGérson vai atrapaiá, a molecada vai pentelhá, a galera vai delirá... E tá armado o circo!

Apreciamos o pacote cultural que foi servido, com o cachorro-quente e refrigerante e a cerveja que os convidados trouxeram. No bar, outros líquidos: Keep Cooler Black, Ypióca Lemon, Natu Nobilis e batidas açucaradas coloridas.



Chácara Pazcheco – Guará 2, próxima aos trilhos do trem

Foto: ©Sueli Saraiva

Ficha Técnica

Barbarella • Curse of Flames

Dínamo som e mesa

Tiago Rabelo

Câmera mágica

Magu Cartabranca & Rogério “Águas”

Decoração

Lara & Laura Arar

Light show

Léo Saraiva

Cachorro-quente

Rita Maria

Aniversariante

Ana Luíza

Produção

Zanza Meneses

Presenças marcantes

Rolando Castello Júnior e Marta Benévolo

Debaixo de chuva

Ao tentar controlar a situação, você acaba tolhendo a espontaneidade. Não há como escapar do incontrolável. Ao vivo, a arte é risco. Se preparar é importante e fundamental.

Barbarella: um dilúvio de ondas tropicais

Barbarella anda bem das pernas, só precisa perder umas gordurinhas.

O agora trio Barbarella retornou aos palcos, com o seu afro-psicodelismo, procurando recuperar o futuro promissor. Uma música própria e autoral, às vezes (ir)reconhecível, flutuando numa colagem

de cordas e ritmos. Às vezes, a voz berrada, ao fundo, variava de canção em canção. “A Rainha das garotas esquema”, “Mário Eugênio sabia demais” e “Umidade relativa do ar” foram sapecadas com raiva. Se a maioria das canções emana da guitarra, há o buraco do contrabaixo, que só poderá ser medido quando um postulante empunhar o instrumento.

Até lá, Robson e Sérgio, com suas guitarras devidamente equipadas, reproduzem sons de sintetizadores e de outros instrumentos, sob a marcação da bateria de Alessandro Barros.

Curse of Flames: Quando a fúria adolescente salva a noite

O público do metal prestigia a apresentação da Curse of Flames

Potência. O quinteto heavy metal Curse of Flames mostra que a música para eles não é apenas um passatempo. Em apenas quatro apresentações, Curse of Flames vem ganhando nome, sustentando um trabalho autoral e conciliando as suas atividades com a agenda estudantil de cada integrante. Sem pressa, o som da Curse of Flames é uma gema a ser lapidada. Um prazer sônico para os adeptos do som pesado.

Dupla resgata a história de uma certa cidade cultural chamada Guará

Magu Cartabranca, jornalista fotográfico e escritor, amigo desde o alvorecer dos 80s, durante os concertos da Sepultura no Cruzeiro, e Rogério “Águas” Lamacentas, o guitarrista, produtor e sócio fundador *Do Próprio Bol\$ó*, são responsáveis pela gravação e edição do Programa *O Libertário* – a arte e a diversão não param no ar! Circula pela Brasília viva o programa independente de TV, que se recicla a cada passo.

Não perca *Pão, Circo & Rock* na TV daqui a quinze dias, filmado pela equipe de *O Libertário*, o programa cult da TV a cabo.

Assista na TV Net, Canal 8, *TV Cidade Livre*, às segundas 23h e aos sábados 19h30.

Canjas: Alê – Alexandre; Rápido Forró: Beirão Sem Os Filhos de Dona Nereide; Zezinho Blues & Tiago Rabelo; Zezinho Blues & Rubão; Beirão Neves & Tiago Rabelo.

• *Canjinha de Túlio na bateria, o futuro do rock, e o imprescindível Zezinho Blues, caminhando e cantando desde o princípio*

“Pão, Circo & Rock foi uma delícia.” (Sueli Saraiva)

“O que eu disse na entrevista? – Não é possível reunir todos os colaboradores *Do Próprio Bol\$ó* ao mesmo tempo, sempre haverá uma lacuna (...)” (Mário Pazcheco)

13 out. • O Produtor Ricardo ‘Retz’: discoteca na base do vinil

Ricardo “Retz”, o capitão faz-tudo do *Museu da Música*, discoteca na base do vinil: Rolling Stones, Ten Years After e Chuck Berry.

Para os cultores, um prato cheio de blues, rock’n’roll e som na guitarra. Além de várias pérolas praticamente desconhecidas.

Léo Saraiva, Célio de Moraes, Mário e Virgílio Stefanin curtiram o coquetel do *Festival República Blues*. Ontem Célio saiu para o show do trio Creamy, no *Velvet Pub*. Na *102 Norte*.

14 out. • Hoje é o décimo-oitavo aniversário do Virgílio Stefanin, que é o meu filho do meio, um dos guitarristas da Curse of Flames.

Como a maioria dos garotos da sua faixa etária, nesta manhã ele se apresentou ao serviço militar obrigatório, pela segunda vez.

Rotineiramente Curse of Flames ensaia às sextas-feiras.

10 dezembro • Os Mutantes e nós em Pirenópolis

Uma semana atrás. Faz cinco anos que me recuso a escrever sobre Os Mutantes. Motivo: podem encarar o texto como autopromoção minha, ou pode isso ser uma espécie de “fogo amigo”, por isso deixo o espaço para outros, até melhor qualificados.

Como eu nunca tinha visto Os Mutantes ao vivo, a minha expectativa era de que eu estivesse diante de um show d’Os Beatles ou da Rolling Stones.

Depois da apresentação, a classifiquei como “histórica”, e na minha estimativa um público de dez mil pessoas curtiu o show desde o início, e todas essas pessoas ficaram até o final. Mais tarde, essas impressões se mostraram realistas.

A mística da banda atrai público de diversas partes do Brasil e do mundo.

A primeira visão de impacto foi o ajudante empurrando a *guitarra de ouro* para o canto esquerdo do palco. Até então tinha aparecido apenas uma guitarra Fender azul escura, do segundo guitarrista, o Vítor Trida.

No palco, a bateria ao fundo, no lado esquerdo o tecladista Henrique Peters, e a vocalista Bia Mendes. No centro, Sérgio Dias, e a sua direita o guitarrista e flautista Vítor Trida. E na bateria, Dinho. – Sinto que Dinho resolveu fazer o seu solo de bateria “na hora errada”, e Sérgio teve que segui-lo. Esse ato aumentou a minha estima e admiração pelo baterista.

O início do show é uma viagem cósmica e psicodélica ao repertório dos dois primeiros discos d’Os Mutantes. Clássicos e clássicos: “Caminhante Noturno”, “Dom Quixote”, “Panis et Circenses”, “Tecnicolor”, “El Justiciero”, “Baby”, “Top Top” se destacam, composições escritas e cantadas por Sérgio Dias no início d’Os Mutantes. “Virgínia” teve a interpretação que mais me tocou, no entanto eu aguardava ouvir especialmente era “Banho de Lua”, que não rolou. Quem sabe no próximo show!

Sérgio Dias apanha do instrumento, e comenta: “É que troquei as cordas hoje.”

Numa outra música, ele começa a cantar fora do tempo, e quer recomeçá-la, mas a banda continua... Quando a vocalista Bia Mendes acrescenta uma gargalhada, Sérgio a encara com a expressão de “não me lembrava disso”...



Foto: ©Max Ravel

“Estávamos bem próximos e não nos encontramos, mas esta é pra você, Mário Pazcheco.” (Marcão “Isca de Polícia”)

Às vezes, durante um longo tempo, a sua guitarra em volume mais alto silencia os outros instrumentos. Os demais músicos parecem apreciar a sua exibição, especialmente quando aproxima a guitarra bem perto do chão.

O tecladista Henrique Peters e o baixista Vinícius Junqueira ficam estáticos em suas plataformas. Quando é a sua vez, o tecladista ataca violentamente o seu moog, e gera uma saraivada de sons. O contrabaixista é muito competente, e realiza os arranjos muito próximo dos originais. O desempenho em “Cabeludo patriota” é espetacular.

Paranoicamente, chego a suspeitar de que propositalmente eles limparam alguns arranjos das músicas...

O ápice da parte inicial do show foi “A minha menina”, que agrada muito, e espetacular também foi o final do bis, com “Bat macumba”. O público de agora compreende o acento rítmico das canções e curte adoidado. O tempo transformou Os Mutantes em roqueiros nacionalistas. Cadê as transgressões?

E finalmente a vocalista abandona o lado esquerdo do palco e canta no centro dele, ao lado do Sérgio Dias. “Balada do Louco e “Ando meio desligado” são os pontos altos do show, em que a *guitarra de ouro* brilha, e o público canta junto!!

“Querida, querida”, parceria com Tom Zé, foi uma música nova que eles apresentaram. O som de palco estava distorcido, por isso não dava pra entender muita coisa. Mas mesmo assim foi sensacional!

Muitos me perguntam pelo nome da Bia Mendes, porque ela agradou muito. E ninguém sente falta da percussionista Simone Soul, talvez pela avalanche sonora que apresentaram, mas talvez também pela falta de atenção mesmo. No último instante, em um momento em que Sérgio fica de costas para o público, vejo marcas na *guitarra de ouro*. Elas seriam d’”a maldição”, gravada nas costas do instrumento? Seria aquela mesmo a original *guitarra de ouro* do Sérgio? Deve ser ela mesmo, claro!

Maldosamente, não considero que eles sejam o melhor cover d’Os Mutantes, e acredito que a banda deveria se chamar Sérgio Dias toca Mutantes.

Na estrada

Antes de chegarmos a Pirenópolis, deixamos a Paraty 1983 num acostamento, e contamos com a solidariedade das pessoas da estrada para chegar à cidade.

Em Pirenópolis, encontrei as meninas do Velvet Voltage correndo atrás de uma foto com Sérgio Dias.

Na noite anterior ao show, tomamos todas no *Baru – Café & Lounge*, que é o bar transadaço e estratégico do Marcinho e do Sérgio.

Fora da cidade, ficamos no *Morro do Frota*, nas casas das irmãs Vanesca e Valéria Campanella.

“Ótimo show. Gostei principalmente da performance do Sérgio Dias, que se mostrou supergeneroso e carinhoso com a vocalista.” (Guz Rodriguez)

12 dez. • Rogério Duarte: conversa ao pé da letra

De repente, uma mocinha descuidada leva a caneta de Rogério Duarte. Ele não hesita em reclamar pelo seu “bem”.

Nós fazíamos um jogo de palavras: ela afanou... ela surrupiou... ela aliviou... ela levou... Ela se deu mal ao roubar a caneta.

Por isso, os risos.

Pelas Barbas do profeta: um banquete literário de baianos e bárbaros

Outra das mil e uma noites do 3º milênio

Nesta segunda-feira, no *Carpe Diem* – Brasília –, a intelligentsia baiana radicada na cidade compareceu para celebrar o compatriota Rogério Duarte.

Os amigos de Duarte o convidaram a voltar a morar aqui.

Outras impressões

“Ele estava chateado com algumas coisas relativas à produção do livro. Levou bolo de algum órgão de fomento do governo. Creio que foi o Minc. Fiquei sem graça, por isso de presenteá-lo com o meu livrinho feito com dinheiro do Minc. Fiquei com vergonha e raiva do desrespeito do governo brasileiro com uma figura basilar da nossa cultura.” (Sandro Alves Silveira)

Futuro: O último apanhado de Rogério Duarte

No momento, poucos sabem que Rogério Duarte está compilando a totalidade de seus trabalhos. O seu livro se chamará *Rogério Duarte*. E ele criou especialmente um letreiro concretista para o título. Nas suas palavras: “Só vendo para entender.”

Na próxima edição do livro *A cantiga do negro amor*, virá encartado um CD com músicas e a participação de Adriana Calcanhoto.

Reencontros artísticos

Nos 70s, Paulo Iolovitch e Abenoen foram artistas residentes do célebre Atelier na Cidade de Sobradinho, e os criadores da *Feira de Artesanato da Torre de TV de Brasília*.

Eles não se encontravam desde aqueles tempos. E agora tinham muito a conversar.

Abenoen nos apresentou a sua companheira, Silvânia, e nos convidou para jantarmos com eles.

16 dez. • ‘Salão de Arte’ mostra Paulo Iolovitch

Parceria cultural

estudiovaldetaro.com.br

Produção

Zanza Meneses

Cenário

Regis “Rock’n’Roll”

Som e iluminação

Léo Saraiva

Fotógrafo

Marcus Valdetaro

Especulação

Mário Pazcheco

- *Filosofice de Iolovitch: Não se pode adivinhar o futuro. O que eu faço é importante.*
- *Não insista, desista*
- *Cento e vinte e quatro trabalhos dispostos em quatro painéis de 230 x 230 cm, com 25 quadros cada*
- *Mais 24 obras diversas das décadas de 80 e 90, além de séries e trabalhos inéditos e encomendas recusadas*
- *Cerimonialistas indispensáveis: Jihan, Lara & Laura Arar e Zanza Meneses. She’s a rainbow!*
- *Léo Saraiva: hercúlea dedicação à música*
- *Hugo Pereira: ativismo social*

Véspera – Plano Piloto, noites cênicas na sua Asa Sul.

Não por acaso, escolhi três bares para panfletar o *Salão de Arte*.

O jogo é rápido, os faróis dos automóveis cruzam as curvas.

Não há tempo para apresentações, afinal o lance é rápido!

Na *109 Sul*, no primeiro bar, meu cartão de banco não é aceito. Por cinismo e preconceito de classe, pois se trata de um cartão muito usado por servidores públicos. E pedem desculpas por não aceitá-lo...

Cartão da opressão

O gerente de marketing do Mercado Municipal sacou o seu cartão de apresentação, que representava – na cabeça dele – um acordo de servilismo da minha parte.

Instantaneamente uma sensação de falta de dignidade me atormentou.

O curto assunto não era sobre patrocínio, partiu dele a ideia de expor os painéis

A paga? Eu ficaria feliz em ser explorado por eles.

Atrás de patrocínio, os artistas bajulam essas mentes gananciosas?

O gerente pegou a caneta do Maitre e eu anotei o meu telefone no panfleto do *Salão de Arte*. Escadas abaixo, já na saída, o pouco preparado funcionário me indagou: “A caneta ficou com ele?”

Ao que respondi: “Se eu tivesse pegado a caneta na sua mão, lha teria devolvido.”

Na *506 Sul*, no último bar, a mesma sensação: o mar não está bom para quem tem que vender os seus peixes.

Nessa escapada das vias de fato, eu estava apto a abrir as cortinas. Ando meio sensível.

No início da semana, fui ao lançamento de um livro.

Para minha infelicidade, comentei que algum dia concluiria o documentário *Tropicaos*. – Você tem que se “associar”... Essa instrução me alijava do material filmado por mim e também da sua manutenção.



Como um faminto no templo do consumismo – Foto: ©Marcus Valdetaro

Recadinho do KaphaGérson “Sempre com os undergrounds, né ?Cara, gostaria muito de ir, adoro o Paulo, a pessoa e o trabalho, mas sexta comemoro o meu aniversário no *Bar do Kareka*, em Taguá. Se aí acabar cedo, desçam pra lá. A balada começará às 21h e irá até as 3h. Abrá...” (KaphaGérson)

Após pintar 1.000.000 de quadros, pensou em se aposentar

“(…) grudar pedaços de papel-jornal numa superfície é tão arte plástica, e tão importante, quanto grudar pigmentos de tinta numa tela, ou reunir, para formar uma ideia, elementos estruturais”. (in RASM – *Revista Anual do Salão de Maio*, 1939)

O pintor e desenhista Paulo Iolovitch nasceu em São Paulo, e, depois de passar alguns anos em Porto Alegre, reside há 48 em Brasília.

Iolovitch pintou um milhão de quadros, e comercializa as suas telas em varais/jornais espalhados pela 303 Sul, na *Praça Vermelha*, no *Conic*, e nas *Estações do Metrô*.

Não, não foi A Última Valsa... queriam escândalo para burguês e suruba!

O *Salão de Arte* surgiu em referência aos *Salões de Maio*, provocados pelos modernistas. O *Salão de Arte* poderia ser um acontecimento extraordinário, se por um momento fôssemos capazes de esquecer a nossa necessidade de ganhar dinheiro, afinal, o dinheiro justifica qualquer loucura?

Pretensamente, o *Salão de Arte* nada mais é do que uma tentativa de reproduzir um ambiente de cultura e intelectualidade, coisas que os modernistas experimentavam.

Lembre-se, geralmente a iniciativa individual sofre empecilhos que interferem na resposta da coletividade. O estrangulamento da cidade e seu trânsito caótico, a precariedade dos transportes coletivos, as chuvas de dezembro, que eram o caso, e também férias, compromissos pessoais, além do pouco interesse cultural de grande parte das pessoas atualmente, e ainda a pouca divulgação, nesse mundo com tanta televisão, anúncios e outdoors.

Deveríamos estacionar? Em festas nesse período, em lançamentos literários, mesmo em shows ou outros espetáculos, no centro da cidade, isso será que atrairia a gente?...

Quem ousa colhe obrigatoriamente insatisfação?

Colhido ainda pelo impacto, eu vivia alegria e satisfação: a proposta do salão pode virar a de um clube. A mostra pode ir para outros lugares, tudo pode virar consumismo de shopping. Até as nossas emoções.

O *Salão de Arte* é um círculo aberto, que precisa ser foco. Além de contar com a presença de Paulo Iolovitch, o maior gerador de ícones da *Galeria Brasília*, contamos com o registro oficial do fotógrafo Marcus Valdetaro, que com incrível profissionalismo conseguiu espaço na sua agenda para reforçar o time dos competentes artistas que se reuniram para homenagear o inigualável Paulo Iolovitch por meio de imagens, sons e palavras. Agradecemos a aventura do produzir cultura num horizonte cada vez mais árido, tanta ousadia, e a Marcus Valdetaro, pelo apoio irrestrito que confere às artes.

Miragens: reencontros e oníricas presenças

A música, a parte mais importante da descontração, ecoou pelo salão, transbordando os ouvidos de inspiração.

Silenciada a música, uma ébria e alegre conversa literária levou nomes de Roberto Piva (†), Gregory Corso (†), João Gilberto Noll (†), Rimbaud e Ezra Pound para perto do nascer do Sol. Sentados ou altos, Isabel Corgosinho, Enita Araújo, Carlinho\$ Guimarães e Mário Pazcheco.

Abriram o cerimonial Rodrigo Souves, Ulisses Carvalho e Beirão Neves, Ana Paula e seu filho Michael Iolovitch.

Fecharam as cortinas Hugo Pereira, Carlinho\$ Guimarães, Edson Salazar, o Imperador, Rute, Isabela e Andrea Brito.

2012
ESCAMBO E PERMUTA:
1 MILHÃO DE LEITORES

1º fevereiro • Início estranho de ano. O site recebe o inacreditável número de 4.025 visitantes on-line, quer dizer, ao mesmo tempo. Estabelece assim um recorde.

Como é que acontece essa afluência? Será que *Do Próprio Bol\$o* foi citado em alguma rádio, ou coisa parecida?

“Parabéns, Mário. Você merece colher os louros desse trabalho insano, que é produzir informação de qualidade, com charme e personalidade própria. Seu site é realmente fantástico!” (Deusa Barakat)

21 jan. • Quando os discos saem da garagem, o bom cabrito não berra

- *Zeca Ribeiro sorri, Saraiva belisca; esses são os cozinheiros após a missão cumprida*
- *Paulo Iolovitch, O Azul, pintou com Beatriz, Laura, Carlinhos, Menino Piu, Lara, Ana e Carolina*
- *Você é um cachorro profissional!* (Luiz Kaffa)

Divulgação

Jihan Arar

Realização

Zanza Meneses

Cozinha elétrica

Saraiva e Neide e Jihan Arar

Esboços e desenhos

Laura e Lara Arar

Simpatia

Família Saraiva e convidados

Fotografia

Zeca Ribeiro

Ato bíblico

Neste sábado ,às15 h, nosso querido amigo Mário Pazcheco, irmão e pastor das ovelhas desgarradas, estará abrindo as porteiras de sua chácara para reunir o seu rebanho, num ato de sacrifício de uma ovelha para afastar o “coisa ruim” da vida dos seus seguidores. Para tanto, convida a todos para degustar o fruto deste sacrifício, que tem como objetivo purificar essas pobres almas maculadas pelo desfrute da vida mundana. Para participar desta cerimônia de purificação, pede aos participantes a contribuição para o pagamento da pobre ovelha, que será sacrificada pelo bem de seus seguidores, além de um prato à sua escolha e as bebidas para lavar as almas. Nosso ritual será realizado na Chácara Pazcheco. Por favor, confirme sua presença, para abrilhantar ainda mais a nossa cerimônia, com a sua alma grandiosa, e traga a família para receber as alegrias do nosso pastor Mário Pazcheco. Que Deus abençoe a todos... Amém! (Jihan Arar)

Guará – Meses sem ouvir um único *LP*, virou coisa do passado... No sábado, resolvi tocar umas “bolachas”, enquanto Saraiva preparava o prato do dia: carneiro na brasa e no forno. Nestes tempos de mp3 e iPod, o som analógico e estereofônico do vinil vai contra a ditadura do modismo e da “novidade”. E isso para qualquer discófilo é frustrante. Regulamos a agulha do Gradiente e tocamos cerca de cinquenta *LPs* (muitas vezes só um lado, ou algumas músicas), rock music para o dia e para a noite. Os mais aplaudidos foram *Demons and Wizards* e *A Revista Pop apresenta o punk rock*. À noite, o som era Cold wave.

Nossos 21 dias de férias foram de trabalho intenso, e sou ligado numa ideia fixa: começar a pintar um longo muro branco, numa galeria a céu aberto. A ideia foi aceita e os pincéis e as tintas foram à luta.

Paulo Iolovitch deu o conceito e Keith Haring (†) virou Jonas, e o céu de Brasília virou a baleia.

Sou da opinião de que se a estratégia anterior não foi muito bem-sucedida, devemos mudar. E assim foi feito: nada de banners, chamadas, convites ou nota no site. A coisa foi espontânea e obteve êxito. Tivemos uma cobertura fotográfica maravilhosa e talentosa. Os anos de infância e adolescência passavam em frente aos nossos olhos. Os melhores dias e amigos.

Terminamos este happening roqueiro, culinário, fotográfico e gráfico com “Xiboquinha, gelo e limão”, e um sorriso de lado a lado nas nossas caras!

28 jan. • Rita Lee “Feriadeu-se”

(Pedro Brandt – Correio Braziliense, Caderno Diversão & Arte – Foto: ©Daniel Ferreira/CB)

Autor de uma biografia de Arnaldo Baptista (*Balada do Louco*, de 1991), o servidor público Mário Pazcheco observa que, no palco, a cantora se expressa melhor do que no *Twitter*. “Ali em cima, ela não tem medo de escorregar ou de se expor ao ridículo. Quando canta ‘Tudo Vira Bosta’, sempre presto atenção na reação das pessoas, e a situação é típica dela: uns apoiam e outros criticam. Rita Lee nunca deixou de ser uma grande polemista”, atesta Pazcheco.



Fãs lamentam a aposentadoria da cantora paulistana. Hoje à noite ela faz a derradeira apresentação pública, em Aracaju, mas garante que ainda tem músicas para cinco discos

23 março • Águas lamacentas para Celso Blues Boy

É redundante apontar que são os guitarristas de blues que sabem do riscado e do bordado, e de quanto tempo se leva para se tornar um mestre. Certo que Celso Blues Boy foi um talento precoce da

guitarra. Mas as águas ébrias e lamacentas nunca o abandonaram. Celso Blues Boy, náufrago na noite guaraense, segura a sua latinha de Antarctica e a Fender vascaína!

Próximo do Guará, ainda no final de 1986 – no *Circus Show*, no *Park Shopping* –, foi que Celso Blues Boy subiu ao palco para deleite do público. Denis (†) – da Tellah – operava a mesa de som, e Celso Blues Boy tirava um rio de notas bluesy, que amenizaram a seca de blues que atravessava o Planalto Central.

Desde então Celso Blues Boy mantém a sua entrada no palco como uma marca registrada. A sua apresentação é realmente arrebatadora, por sua entrega total, e pelo compartilhamento de um repertório marcado por situações que o público entende.

Às vezes Celso Blues Boy bronqueia, quando é tímida a recepção da plateia!

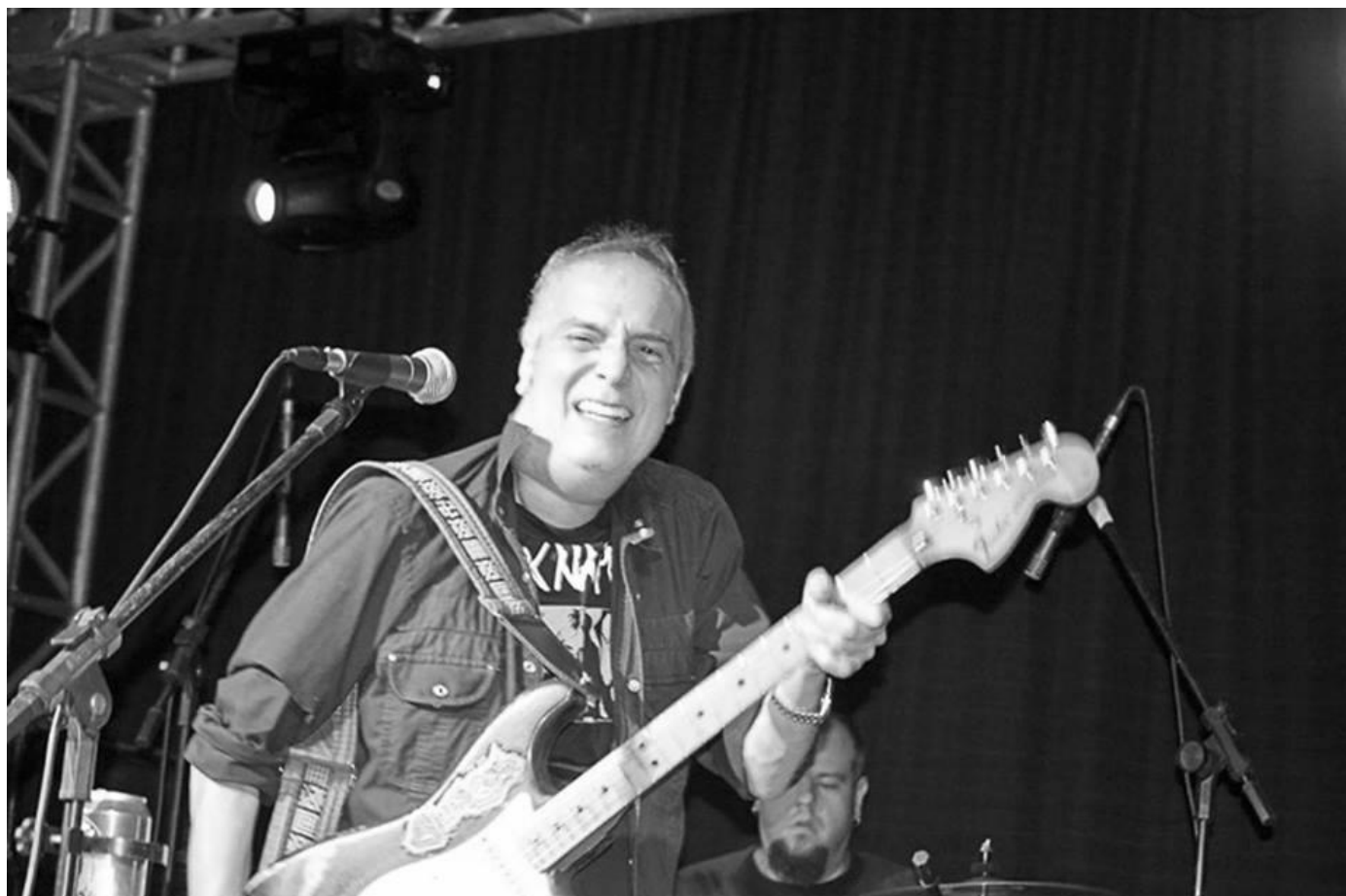


Foto: ©Ana Luíza – Teatro da Administração do Guará 2

A plateia

É a parte mais importante do show. Lá estão os velhos anjos do asfalto e as suas motocicletas, e também os guitarristas da cidade, os tatuadores, que nunca perdem as suas apresentações, além de algumas mulheres de pés descalços, que se balançam ao som do blues: êxtase!

As novas gerações, por desinformação, descartam uma ótima oportunidade de presenciar uma aula inesquecível de ritmo, feeling e palhetadas, que trazem à tona a imagem de outros heróis da guitarra do blues e do rock nacional e internacional.

Na guitarra Fender de Celso Blues Boy passam as cores e timbres que conhecemos desde B. B. King, até o toque elegante de Robert Cray, no repertório de hits do guitarrista: “Marginal”, “Damas da noite”, “Tempos difíceis”, “Fumando na escuridão”, “Sempre brilhará”, e a recente “Por um monte de cervejas”.

A perícia guitarrística de Celso Blues Boy é impagável. Basta ficar atento a sua guitarra, e aprender de que regiões dela ele extrai o som, e quais e como os dedos são usados.

E também os macetes para revigorar a composição e dar um ritmo novo na música.

A sua apresentação é jovial, e ele atua nos dois lados do palco. Assim espalha energia e dinamismo em todo o show.

Careta é a parte da plateia que fala alto durante o show e bebe cerveja sem parar, mas eles vão finalmente se cansando, enquanto a guitarra aumenta a intensidade mais e mais!

A banda que acompanhou Celso Blues Boy

Um quarteto jovem: um rápido guitarrista faz a base lírica na Gibson e apoia nos vocais. Um vigoroso baterista jovem canta muito, e ainda demonstra que a bateria não é necessariamente um segundo plano. Um gaitista, que durante alguns números duelou com Celso Blues Boy, que ficou sentado no banquinho, nas partes mais bluesy. Um contrabaixista, em quem Celso Blues Boy encontrou grande segurança. Assim o grande guitarrista pôde se entender fraternalmente com eles, o guitarrista-base e o gaitista, na cozinha rítmica à vontade. A banda demonstra grande união, bastante feliz. É claro que terminaram sua apresentação com “Aumenta que isso aí é Rock’n’Roll”!

Celso Blues Boy é quase um cidadão guaraense honorário. Há anos, desde os tempos da Brazilian Blues Band, que Celso Blues Boy singra pelos rumos do *Consei*, no *Quiosque do Sinval*, que de vez em quando manda inclusive umas latinhas para as suas apresentações.

O guitarrista atualmente enfrenta problemas com uma glândula inflamada, na altura do pescoço. Mas o seu tratamento não dispensa a cerveja, o cigarro e o rock’n’roll.

‘Do Próprio Bol\$ó’: para não passar para a história como babaca

Sandro Alves

Enquanto a contracultura estertorava, Do Próprio Bol\$ó nascia para o mundo da arte. Enquanto as gravadoras navegavam tranquilas em seu mar de infâmias e iniquidade, enquanto o analfabetismo diminuía, a formação de sentidos do povo brasileiro se dava menos pelas escolas e mais pela criminosa e precoce erotização das crianças, promovida pelos programas “infantis” da Xuxa (só para exemplificar), enquanto surgiam tentativas de produções independentes no rock – e na música em geral – brasileira – e a maioria dos envolvidos via, adiante, cifrões no lugar de claves de Sol, enquanto a ditadura terminava e iniciava a longa caminhada rumo à formação de um eleitorado menos drasticamente desorientado, enquanto a grande emissora da TV brasileira encontrava as suas primeiras concorrentes, que produziam um lixo da mesma qualidade em suas programações, enquanto arte, música e, dentro e fora da música, o rock era coisa difícil de emplacar financeiramente, surgia a Realizadora Do Próprio Bol\$ó. E continuamos...

Detalhes finais da ‘Mostra de Artes Do Próprio Bol\$ó’

- *Mandala de Marisa, a estrela da tarde, que veio na segunda-feira continuar a sua instalação. Sol sob o Sol. Trabalho ainda em construção da Marisa. Surpreendente*
- *A poucos instantes da Mostra Final Do Próprio Bol\$ó, sob chuva: Hugo Pereira e Mário Pazcheco apossados produzem arte Do Próprio Bol\$ó*
- *Roteiro: improvisado total e a pressão de produzir em pouco espaço de tempo*
- *Áudio: Black Sabbath Paranoid. Curto evento filmado e fotografado. Um dos poucos amigos que acudiram o meu pedido para “fantasiar” o 21 de abril*



A camarilha do exército nacional do Rock: João, Capitão Santana, Capitão Virgulino, Zanza, Vanesca Capanella e Capitão 'Selvagem'

O Barato d'O Último Show

Guitarras. Rápidas & ríspidas, e cabelos grisalhos e fumarada – nada fake, tudo cru, ao vivo – magia poderosa feita pelo Sol.

Quero ouvir The Mamas and the Papas, Jefferson Airplane, Bad Company, King Crimson, Humble Pie, Free, Taste, Mountain, Deep Purple, Heaven and Hell, Slade, Jimi Hendrix, Syd Barrett, Rolling Stones, Led Zeppelin, Beatles.

The Who, Beach Boys, Mutantes, Patrulha do Espaço, Mopho, *Lar de Maravilhas*, *Jack Estripador*, *Criaturas da Noite*, “Hey Amigo”! LPs inteiros... The Doors, Janis Joplin, Steppenwolf, Itamar Assumpção, Raul Seixas, Santana, Saxon, Picture, Judas, Van Halen, Som Nosso, Uriah Heep, Grand Funk, Jerry Garcia, Status Quo...

Nesta idade, acho que sei identificar problemas. Estou muito velho para aprender a ser político e nunca nesta vida fiz o que queria.

Fico chateado com a discriminação sonora, que não quer deixar Zezinho Blues tocar o seu violão, porque não gostam de roda de violão. Pode Peter Murphy reproduzido ser mais importante, melhor?! Querem impedir que escutemos rock nacional dos 70s. E nos empurram Einstürzende Neubauten.

Estes sons são o mal de Brasília.

O impiedoso Zéantônio dispara: “Que porra de contracultura é essa, Mário Pazcheco?”

N'O Último Rock, ouviremos “Pro dia nascer feliz”?

Prometo. Nem balas vão parar o Capitão Virgulino, na sua última caçada ao acorde final. Acabou de parar de chover!

Produtores associados

Capitão Virgulino, da nossa Frente de Rock: fé cega,

faca amolada

Final Erosion

Madbutcher Produções

Sandro Alves

Sueli Saraiva

Deusa Barakat

Zanza Meneses

Regis "Rock'n'Roll"

Convidado especial

Rolando Castello Júnior

Exposição

I'm only in It for the money

Carlinho\$ Guimarães

Cobertura fotográfica

©Ana Luíza Meneses

Agradecimentos especiais

Ao Capitão *Selvagem*, direto da Zona da Mata,

pelo ótimo rango – de sempre –, e pela

paciência e dedicação na confecção das

tochas. E ainda pelos últimos retoques no

piso do palco

João e Capitão Santana, músicos da banda

urbana Diferencial Zero, restauraram a

iluminação da Mostra de Artes

Mais do que especiais

As meninas, pela candura e dedicação à causa

Mostra fotográfica

Léo Saraiva & Hugo Pereira

Banner fotográfico

Sueli Saraiva, Deusa Barakat,

Diego

21 abr. • O Último Festival de Artes 'Do Próprio Bol\$o'

Sábado: 52 anos de Brasília, 16 às 24h, e põe outro

Último ato – Mostra fotográfica – Num último instante de descontração, a *Mostra Fotográfica* caminha para a efêmera eternidade.

Final Erosion • Diferencial Zero

• Dög Savanna

Dino Black • Stoner Babe

Oito horas de um excelente show de rock, com as melhores bandas que a arte pode oferecer: Final Erosion, Diferencial Zero, Dög Savanna, Dino Black + Tiago Rabelo, Stoner Babe (Sessão maldita).

"Tolstoi em todas as suas obras afirmou que o objetivo superior da arte é unir as pessoas em torno dos ideais do bem e verdade. Muito amargo, ele escreveu que na sociedade dividida em classes antagônicas é difícil realizar essa tarefa. Tolstoi escreveu em seu diário: 'Pensei ainda no artigo sobre a ciência e arte... Comecei a lembrar, buscar, e a resposta é a seguinte: é preciso que toda a sabedoria sirva para o bem – a união dos homens. Para a união dos homens serve a verdade além do amor. Chegando a verdade única para todos, os homens se unem.'"

(Natalia I. Tchernichova)

"Só os loucos são capazes de mudar o mundo. Só os loucos têm coragem de arrancar as próprias tripas e expor ao mundo o seu interior!" (calangodoido@gmail.com)

Agradeço aos loucos, por fazerem o mundo menos chato e mais emocionante.

– Tô dentro!

Após uma rápida busca pelas quadras de Candangolândia, Dino Black foi encontrado. Provou e gostou da instalação *I'm only in it for the money*, de Carlinho\$ Guimarães.

Jogo Aberto

Depois de 30 anos como patrocinador, estarei aposentando as produções *Do Próprio Bol\$* com um último show, e gostaria muito que vocês participassem.

Michelangelo Buonarroti disse algo como “se o escultor não souber a hora de parar, terminará com um grão de areia na mão”.



A música autoral neste dia nos fez uivar ao luar

Anderson, bateria; Fabiano Stekelberg, voz e guitarra solo; André Nunziato, de óculos escuros, guitarra base; Alex Zá, contrabaixo

Dia de Rock, dia de luta (muita labuta)

Final Erosion e o mistério da terceira caixa de Conan

Breve revelarei o mistério

O heavy metal clássico do quarteto Final Erosion abre rapidamente a tarde do *Último Evento Do Próprio Bol\$*. Além do talento musical, eles desenvolvem uma profunda harmonia, como pessoas extraordinárias que são.

Cuspem um barulho afinado, e encerraram a tarde com “Black Shadows”. Eram 18h10, e ficamos com um gosto de *quero mais nos ouvidos*.

Sem saberem, a Final Erosion foi “culpada” pela realização do *The Last Concert*, pois eles não abandonaram o barco, nunca falaram em cachê, e ainda pagaram ao *Do Próprio Bol\$* a cozinha, ou seja, o aluguel do cubo do contrabaixo e da bateria.

Assisti uma curta apresentação deles em duo, André no violão e Alex na gaita. Por isso sabia do seu potencial musical, e de sua cascata de dedilhados e solos economicamente líricos.

Nesta tarde de sábado, *21 de abril*, o quarteto surpreendeu os presentes. As nossas tentativas anteriores com shows de bandas heavy se reduziam a duas, mas desta vez o Sol e a tarde ajudaram. E o Tiago Rabelo na mesa de som fez a diferença.

Precisamente às 17h40, o vocal agudo de Fabiano, sua imponente postura sólida e a brilhante guitarra solo começaram uma corrida contra o tempo, combustível tinham muito, e suas reservas seriam queimadas inteiras em meia hora.

Final Erosion na primeira música conquistaram o público com o seu trabalho profissional, experiente e ensaiado.

O rápido show teve as performances cênicas especiais do baixista Alex, ao teatralizar algumas passagens do repertório.

Três décadas – de alguma coisa, que ainda não sei o que é... –, e ainda consegui o dinheiro do aluguel do cubo do contrabaixo e da bateria, além de 50% do banner comemorativo, que registrou as fotos dos participantes.

As fotos revelaram a evolução engraçada, e devolveram como se traduziu a nossa perspectiva. Sempre a dúvida: “Caminharíamos?” Como bom camicase, não temo a morte – só que não aceito mais a ideia de bancar qualquer coisa. 30 anos bancando um *movimento invisível*, vítima do sistema de perpetuação da mesmice, e ainda não sabem por que estou estressado e sem perspectivas? Sou apenas um jardineiro agora, um dono de casa – falta aprender a fazer o pão e dinheiro, mas não estou a fim de ficar reproduzindo essas relações doentes de manipulação, de política de prata da casa. Isso é velho demais, parece festival sem prêmio.

Diferencial Zero: o rock à procura das multidões

Alexandre Santana, o guitarrista, tira um som melífluo, que me lembrou Minho K; o vocalista “Speedy” chegou numa Harley-Davidson, e João segurou o contrabaixo. Sou ruim de memória para nomes.

A organização Diferencial Zero impressiona. Eles têm um colete individual para as apresentações e usam botons de identificação.



A van que transporta a sua aparelhagem começou a viagem desde o Sul do Alabama, e chega finalmente a Celso Blues Boy.

Eles são capazes de tocar “Um lugar do c...” ou “Era um garoto...”. Além de composições próprias e da música urbana de Brasília. A estrada será infinita para a Diferencial Zero. Ao longe, soaram como rock de arena.



Guardem este nome: Dög Savanna

A ninhada Dög Savanna começa a ser prestigiada pelos festivais de rock.

Dög Savanna já surpreende por trazer uma menina, Seven, na guitarra. Ela é minha conhecida dos tempos das festas dos The Doors, ainda nos 90s. O seu trabalho de guitarra é indie, meio Ramones, e preenche os espaços da música com uma precisão elegante.

O vocalista, livre das convenções, cantou com o microfone direto na mão, e assim soltou os seus agudos. A foto da cozinha mostra o quão divertida é a banda, coisa rara.

Dino Black vira o jogo com uma ajudinha dos amigos

Foram dois tempos de uma partida de futebol. No primeiro, Dino Black se aquecia, quase irreconhecível para um artista do seu talento e popularidade.

O jogo se alongou, e parte do público foi beber cerveja.

Ás na manga e estratégia para a vitória de Dino Black.

No segundo tempo, surgiu um novo ídolo, empolgado e contagiante. Dino Black não estava mais jogando para si mesmo, e havia uma equipe invisível, com exceção do baterista Tiago Rabelo.



Dino Black mudou a postura, e ficou gritando até tarde. Metamorfose existe, é só dar uma chance ao artista.

O público de Dino Black foi maravilhoso. O das bandas desta noite se dividia em fatias, mas o de Black reluzia a inocência maravilhosa.

Parte do público presente não entendeu quando tirei o CD *Se o rádio não toca*, do Raul Seixas, e ataquei as caixas de som com o novo e potente Patrulha do Espaço, *Dormindo em cama de pregos*. Que eu havia acabado de ganhar!

Faço esta coluna ao vivo

Ainda estou muito doido para construir um texto que registre, fielmente, o que foi o *Último Rock Do Próprio Bol\$ó*. Não é por ter sido o último que seria fácil.

Ah... se veio todo mundo? Mas é claro que sim. Nossa tática é virar o jogo nos instantes finais.

Sessão maldita é para poucos, só os persistentes a vivem

Sessão maldita é um evento que a maioria do fãs das artes perde, ou porque não tem como voltar para casa ou porque desiste e vai embora mesmo.

Uma Sessão maldita '30 anos Do Próprio Bol\$ó'

Stoner Babe fecha a tampa do baú e mostra quantos paus são necessários para se fazer rock'n'roll – quem viu, gozou!

Metade do público vazou, mas os que ficaram participaram de uma “orgia romana”.

Situações inusitadas

No posto de gasolina na *QE 40*, o carro que trazia a banda Stoner Babe teve a mangueira do radiador partida.

Assim começa um inesquecível e longo final de noite, que seria resolvido numa explosiva apresentação de meia hora. Um coito.

Os jovens para sempre da Stoner Babe carregam o vigor e a entrega, que nos fazem pensar que às vezes as coisas valem a pena.

Na minha concepção de fã de rock, a apresentação da Stoner Babe foi a mais antológica no *Espaço Do Próprio Bol\$o*. Eles fizeram aquilo que o rock'n'roll nunca deveria ter deixado de fazer: foram divertidos e sacanas.

Foi uma guitarra de abertura suja, emulando “Wild thing”, na versão dos The Troggs. Ou os caras estavam esparramados no chão, a liberdade no rosto... e tocavam “Born to be wild”.

A parte final do show teve a participação de Tiago Rabelo na bateria, com todo mundo dançando ao som de “Fox on the Run” da Sweet, e de outros clássicos do rock internacional e nacional, Rita Lee etc.

Sonho de um Stoner Babe?

Meninas e meninas, e tocar em São Paulo. Mas antes mais ensaios, e um trabalho especial de coreografia!



Os homens da Stoner Babe em 14 jul. / 2012 – Fah Bio, contrabaixo; Félix Amorim, voz e guitarras; Tiago Rabelo, bateria; “Maguim”, voz
Foto: ©Zeca Ribeiro

Dossiês

- Curtindo nas sombras – O baterista

Rolando Castello Júnior e a vocalista Marta Benévolo ouviam *Dormindo em cama de pregos*. Naquele momento, era impossível avançar sobre detalhes do CD.

- Tiago Rabelo brilha na produção e nos palcos de rock'n'roll, na sua bateria Yamaha.
- Quer ser meu amigo para sempre? Me dê algum item d'Os Beatles!
- Velho companheiro de peladas, Dudu Pinto, na *Feira de Livros*, ao ver o *Dossiê Beatles*, não vacilou: “Este é para a coleção do Mário!”
- Existe algo mais verdadeiro do que o desprendimento?

13 junho • 'Clube do Disco de vinil', armazém de cultura a varejo

Léo Saraiva

- *Ainda pouco conhecido, espaço cultural abre suas portas para projetos e realizações em clima de café-roqueiro*
- *Um encontro descontraído que reuniu à mesa o redator Do Próprio Bol\$, Hélio 'Gazu', baixista da CabeloDuro, Janete das Graças, a doce anfitriã, e o poeta Zenílton Miranda*

Aficionados, bibliotecários, poetas, roqueiros, cabelos-duros, fotógrafos, leitores de quadrinhos, cinéfilos, uni-vos. Reza a lenda que de boas ideias o inferno está cheio. Portanto, novos e velhos loucos endiabrados, tragam fogo, calor e ideias, pois o frio da inércia é inquietantemente paralisador. It's only rock'n' roll, but I like it! Pedras que não rolam criam limo.

O Clube do Disco de vinil abre as suas portas para a invasão de propostas que resgatem a nós moradores do Guará do limbo cultural em que a cidade vagueia, vesga e trôpega, desde que perdeu os elos com um espaço local integralmente dedicado à música, literatura, fotografia, à cultura em todas as suas formas e manifestação. "Lampiões" e "Gabrielas" – ainda mais agora – já não são suficientes para as nossas almas e carnes secas.

Generosidade traduzida em largos gestos. Cafezinho passado no coador de pano, duas ou três cervejas geladas, queijo temperado e picante para petiscar, acompanhados de um sorriso permanente e sincero, um irradiante prazer em receber as pessoas. É com essas credenciais que Janete das Graças – sobrenome emblemático e perfeitamente apropriado –, bibliotecária, goiana, proprietária da loja e locadora CD Shop, e idealizadora do Clube do Disco de vinil, recebe os visitantes, que se lançam pelas ruelas labirínticas do Polo de Modas do Guará 2 na intenção de achar e conhecer o apaixonante projeto de resgate e compartilhamento da memória musical.

A loja e locadora de CDs e vinis e o Clube do Disco de vinil convivem no mesmo espaço. De uma concepção aparentemente caótica, em que se misturam bolachas sonoras, toca-discos e televisores antigos, quadros, gramofones, máquinas registradoras, relógios, sinos de vento e outros balangandãs, o local é na verdade um aconchegante café-bar-sebo-biblioteca com clima e decoração de armazém. Para trocar ideias, apreciando um bom rock'n' roll, ou samba, e vasculhar preciosidades, um 78 rotações de Carmem Miranda, pela RCA Victor, de 1945, ou a coleção de mais de duzentos vinis de trilhas-sonoras de novelas, que Janete pretende expor nos próximos dias, é o lugar ideal.

Desde a 108 Norte, onde funcionou por longos 20 anos, Janete busca dar prosseguimento a sua intensa paixão pela música e por toda a memorabilia ligada ao assunto.

E não é só isso. A Bibliotecária-musical quer expandir os limites da atuação do lugar.

O espaço existe há cerca de seis meses, mas por conta talvez da pouca veiculação na mídia, e de estar num lugar meio escondido, embora deliciosamente estratégico, é ainda pouco frequentado. É justamente por ter como objetivo uma integração da comunidade, que se traduzirá numa célula cultural borbulhante e ativa, que Janete busca, sobretudo com os músicos ativistas, apreciadores da boa canção, criadores, artistas, fomentadores e empreendedores culturais do Guará, e das demais localidades, dinamizar esse tesouro maravilhoso.

Os primeiros grãos foram semeados. As ideias propostas, para execução já nas próximas semanas, incluem shows-relâmpago, exposições fotográficas, mostra de quadrinhos e fanzines, exibição de filmes temáticos – sobretudo musicais, e também saraus, ou encontros simples de apaixonados e sonhadores.

Outras tantas ideias podem ser encaminhadas ou levadas pessoalmente às mãos e mesas generosas de Janete, que também aceita doações de vinis e CDs, faz permutas ou oportuniza o esquema de consignações. Ela acolhe tais movimentos plena de graças e mimos para ofertar.

CD Shop / (61) 9 9986-9393 – cdshopmusic.com.br – cdshopmusic@cdshopmusic.com.br

23 julho • Uma nova ‘Aventura Sem Dublê’ em Alto Paraíso

Nada ao acaso, forte energia e magia feminina

XII Encontro de Culturas-tradicionais da Chapada dos Veadeiros

Vila de São Jorge - Alto Paraíso-GO – de 20 a 28 de julho de 2012

- *Sob o pôr do Sol a oeste de São Jorge, minha visão do Vale da Lua e suas rochas de dois milhões de anos*
- *Conexão São Paulo/Chapada dos Veadeiros: a paulista, índia inca Caterine Perez (Vila Madalena), a piauiense Zanza Meneses, e de Campinas-SP a geógrafa Mariana Arruda – damas em ação*
- *“Livre-se das amarras e horários e convenções. Jogue fora o seu relógio antes de pegar a estrada”*



Sustentáculo era o desejo por Zanza Meneses

Em 1995, Zanza me flagrou intercalando as páginas do meu livro *Aventura Sem Dublê*, um relato nada nobre sobre uma maciça e cavalgar dose de sexo, drogas e rock’n’roll.

Dezessete anos depois, propus-lhe uma nova “aventura sem dublê”, em Alto Paraíso...

Assustado como um gato, nervoso como uma bomba relógio, e cego de ciúmes.

Vinte e quatro semanas de aplicação de injeções de interferon debaixo da pele me custaram cabelos, quilos e a perda do humor. Por conta, cortei *interferências*.

E mantive meu direito de ser uma pessoa.

“O excesso de coragem é a temeridade, a impulsividade. A falta de coragem é a covardia”. Com esta máxima *aristotélica*, encarei o trecho: “Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não se tornar também um monstro.” “Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha de volta.”

“Estamos indo pra lá na sexta, curtir o Mestre Moraes e o Mestre Cobra Mansa, relevantes personagens da história da capoeira. Ancestralidade como a geologia do lugar.” (Bruno de Alves Borges)

Encarar a estrada e ir a Alto Paraíso-GO era brincar de flutuar acima das águas e realizar um sonho. Agora eu tinha as condições materiais perfeitas, reunia a coragem, mas o sustentáculo era o desejo por Zanza Meneses. Livro-me das amarras e horários e convenções. Jogo fora meu relógio antes de pegar a estrada.

Três dias no Hostel Catavento, no Morro Azul, em Alto Paraíso

Proponho um esquema “almas gêmeas”, que dá certo. Convidei minha companheira Zanza para um rolê e prometi noites e dias de intenso psicodelismo – no som: Arnaldo & Patrulha do Espaço ! Raul Seixas ! Leno ! Beach Boys ! Jimi Hendrix ! Tropicália ! Grã-Ordem Kavernista ! (...) e seguimos literalmente pescando pessoas.

Psicodelismo é uma “manifestação do espírito”, termo derivado da aglutinação do grego *psique* (alma) e *delvo* (relevo), unidos ao sufixo *ismo*, que refere sistema linguístico, filosófico etc. O psicodelismo é o expensor enigmático e indecifrável da métrica e dos três acordes do pubescente rock’n’roll, desligando-se dos casos de amor nos bancos de trás de automóveis, em plena velocidade. Tomado pelo alucinógeno, o rock’n’roll foi possuído – até aquele momento, ele possuía.

A música revive uma experiência ancestral, desde as culturas primitivas. O psicodelismo, nova experiência da percepção, da história musical ainda do séc. 20, não dispensa a ortodoxia ritualística e o fulgor das cores. A ele se relaciona tudo que possa revelar o próprio eu, e a própria personalidade, às vezes mascarada pelas convenções sociais. Sem as máscaras, cabe à interpretação individual relacionar o termo psicodélico à realidade vivida, que às vezes não difere do suposto inferno. O termo foi inicialmente aplicado no âmbito científico, no campo da psiquiatria, em 1937. Humphry Osmond, cientista canadense, foi o criador do termo *psychodelic*. Depois, corrigido para *psichedelic*, a fim de se desvencilhar da conotação de hospício, relacionada com *psicho*. Décadas depois, a palavra escapou do restrito jargão científico para se popularizar nos movimentos comunitários do Acid rock e da arte lisérgica.

No auge do delírio, eu a pedi em casamento na igreja, enquanto a banda tocou as faixas do *Lóki*!?

Observações particulares de um guru de ressaca

Why don't we do it in the road?

Você chega à Vila de São Jorge-Chapada dos Veadeiros, Goiás, e pensa – Vai rolar por que não fazemos na estrada d’Os Beatles? E o que você vê e ouve?

Uma nuvem cigana de malucos cantando “Um lugar do c...”, naquele corinho: “Sejam loucas e superchapadas.” Júpiter Maçã deve odiar esta música.

No altar do santuário *Raizama*, sob as efígies petrificadas de Janis, Jimi, Raul e Lennon, fechei o show da Stoner Babe.

“A magia acontece quando um duende louco dá o seu Toque de Midas.” (Félix Amorim)

“Onde há índio, há mata preservada”, afirma Fulni-ô

Muitos lugares mágicos para tocar, e nenhuma banda de rock’n’roll.

Nossa rápida visita à Aldeia Multiétnica foi vibrante.

Estávamos aqui há poucas horas, e tudo era mágico e sonoro na Chapada dos Veadeiros, inclusive o canto da floresta e o trabalho dos índios na oca. É claro que trouxemos umas maracas, e que pedi ao índio da etnia Fulni-ô que estava conosco que tirasse um som. E eles me chamaram para uma cachimbada.

Moacir, pintor naif de murais de vaginas e pênis

Anote este endereço, sua fachada é inesquecível: *Avenida A, Qd. 15, Lt. 1, São Jorge.*



Moacir, o grande artista naif de São Jorge, com um só tema na cabeça. E Pazcheco na contabilidade



Por que você não leva pra Brasília um estandarte de São Jorge?

Essa indagação de Cíntia Mariele, a autora dos instigantes e caprichosos estandartes de São Jorge, espalhados pelo Ateliê Iluminarte, (62) 9 8121 2371, me convenceu a levá-lo.

Blues de Domingo

Don't look back! Assim Mário Pazcheco desmente os rumores de que estaria louco, e segue na estrada. Em respeito à estrada, um lembrete: Várias famílias foram feridas e perderam membros nesta volta hoje a Brasília, como testemunhamos em dois acidentes. – Obrigado, Senhor, por estarmos felizes e inteiros!

5 agosto • Muito Prazer

Para o pesquisador e militante cultural Mário Pazcheco, a capital sempre será do rock. Conhecido nos meios underground de Brasília desde os 70s, esse fã de Arnaldo Baptista e Renato Russo prepara um livro sobre a sua ligação com o rock candango. Criador do site *Do Próprio Bolso*, ele também rende homenagens a Torquato Neto, “um Super-8 infinito”, e a Glauber Rocha, “o oráculo”. Nessa conversa com o Correio, Mário fala da ligação com os artistas e bandas locais, como com as brasileiras Sepultura, Mel da Terra e Tellah.

“As guitarras em Brasília nunca desligaram”

José Carlos Vieira – Correio Braziliense, domingo

Como começou a sua paixão pelo som d’Os Mutantes, e em particular pelo Arnaldo Baptista?

Mário Pazcheco – Nossa formação foi baseada na *Coleção Nova História Musical da MPB*, naqueles disquinhos de 10 polegadas da Abril, que tinha todos os personagens da Tropicália, inclusive Os Mutantes. Mas eu sempre preferi Arnaldo Baptista a’Os Mutantes. Muitos anos depois, em 1987, foi lançado o álbum ao vivo Arnaldo & Patrulha do Espaço, intitulado *Faremos uma noite excelente...* Esse disco me salvou de uma crise existencial e me deu forças para que eu gostasse mais de mim mesmo. Mudou a minha vida. Havia um papo de que Arnaldo Baptista não concedia entrevistas e nem recebia seu irmão. Inclusive fãs tentaram chegar próximo e ficaram frustrados. Falei com ele que estava escrevendo a sua biografia, e que não abria mão de entrevistá-lo.

Já havia um contato anterior?

– Na verdade, nos correspondíamos há seis meses. Nosso papo durante a entrevista começou na piscina, e foi gravado na cozinha. Ensaiado e gravado. Naqueles idos, 1989, Arnaldo Baptista não gostava muito de falar da Tropicália. Ele vivia num mundo à parte. Em nossa correspondência, nunca houve espaço para perguntas capciosas. Arnaldo, em seu pensamento ficcional, me perguntava de marcas de amplificadores, pianos, autores de ficção e estrelas de cinema dos 60s.

Você sempre foi ligado ao rock e à contracultura? Fale um pouco dos 80s, tempo de Brasília “Capital do Rock”!

– As coisas eram tolas, simples, porém fortes, e não eram como hoje, como nossos filhos tomam aviões e vão aos festivais e a outros países. A humanidade caminhava a passo de tartaruga. As cidades-satélites não se coligavam com o Plano Piloto.

No meio da década de 70, eu lia revistas como a *Pop*. Nasci em Maio de 64. Nasci beatlemaníaco. Vim de Osasco-SP para Taguatinga Sul, Vila Dimas, Matias e Sapolândia na Shis Sul. Morei também na QNJ 5 e próximo à *Praça do DI*. Estudei na *Escola Classe 23* e no *CTN*. Quando menino, ouvia todos os domingos o jornaleiro berrando “Correio! Correio!”. Era do Correio Braziliense que tirava a escalação para os meus times de futebol de botão. Em seguida, passei a colecionar recortes sobre os músicos do mundo do rock.

Das bandas daquela época, quais você destacaria?

– Quando fui morar no Guará 2, eu gostava dos grupos Rocha do Planalto e Psicose Crônica. Nunca fui músico, mas acompanhava as andanças musicais da *UVA*, um grupo ligado à cultura, da *QE 34*. Nos caminhos da *UVA*, tudo: bicicletas, Super-8, skate, basquete, e acampamentos, motos, rock, girls, noites, pôsteres, camisetas, mocassins, macacões jeans, guitarras, bandas de rock e viagens ao nordeste. Com eles, comecei a conhecer o Plano Piloto e a ir a todos os festivais. A grande chance do Rocha do Planalto foi tocar na *ARUC*, em 1980. O resultado não foi muito legal.

Voltamos pra casa meio abatidos. Descobrimos que estávamos fazendo tudo errado. O grande destaque foi a apresentação da banda brasileira Sepultura. Mel da Terra e Pôr do Sol também eram muito boas bandas. O grande grupo, meio Terço/14 Bis, era o Tellah, com um trabalho instrumental de grande respeito e repercussão. Demorou dois anos para surgir a trinca de ouro do rock hard-heavy de Brasília, que foram as bandas Fusão, Extremo e Nirvana. E nós enfim pudemos voltar ao templo da *ARUC*... para dignamente representar o rock do Guará.

Uma das primeiras entrevistas de Renato Russo foi feita por você. Quando e como você conheceu o líder da Legião Urbana?

– Renato Russo era poeta conhecido e já tinha seguidores. Quando ele tocou, em outubro de 1982, no Guará, a produção local me levou aos bastidores e me apresentou à Legião Urbana, e falou: “Mário veio fazer uma entrevista para um fanzine.” Renato Russo sacou na hora a minha incipiência jornalística, e perguntou: “Cadê o bloco de anotações?” Peguei um saquinho de pão, e ele tascou o seu primitivo, definitivo e revelador release da banda.

Você teve outro encontro com Renato Russo?

– Em fevereiro de 1983, no *Centro de Convenções*, durante o governo Figueiredo, Maharishi Mahesh Yogi, o guru d’Os Beatles, apareceu para uma palestra sobre meditação. Existiam vários banners em inglês, com gráficos sobre o processo químico da meditação transcendental. Pedimos a Renato Russo que traduzisse os painéis, o que ele fez prontamente, ainda que arredio. Em março de 1985, no *Verão Cultural*, show que a Legião Urbana fez com Cida Moreyra, ele me dedicou: “Baader-Meinhof Blues”. “Essa que o carinha pediu!” Por um bom tempo, fiquei conhecido como “Renato Russo”, e desde então participei como convidado em shows, tributos e na entrega de título post-mortem a Renato Russo.

Em comparação com o auge da cena do rock em Brasília, a cidade hoje está decadente?

– O rock Brasília pode estar longe dos holofotes e gravadoras, mas a guitarra nunca desligou. Tenho a oportunidade de acompanhar o rock feito no Entorno Do DF, e bandas como Lis Negra e Antimácula não fazem feio. São novos talentos. Destaco o trabalho autoral da River Phoenix e o circo dos veteranos da Stoner Babe.

Como está a cena underground da cidade?

– O crack dominou tudo, os espaços culturais estão feios. Mas tem muita gente trabalhando contra esse flagelo social.

Você tem um espaço cultural no Guará, que é frequentado por várias gerações de roqueiros e artistas do Distrito Federal. É o seu “Recanto do Guerreiro”?

– Nos anos 1990, herdei o laboratório de teatro volante do *Elefante Branco*, e desde então venho cedendo o espaço com palco, sala de vídeo, biblioteca, e muito verde. Sou aberto, mas muito exigente, não gosto de porralouquice. Lá estamos criando um *movimento invisível* (risos!!).

O seu site ‘Do Próprio Bol\$o’ é uma viagem da música e da cultura underground mundial. Como foi produzi-lo?

– Meu trabalho sempre foi mambembe, mas hoje o site criou fama, e eu deitei na cama... (Risos.) O site vive por ele mesmo, com várias colaborações, como um organismo. Só que agora não tenho o tempo e

nem a disposição plena como nos últimos nove anos. Estou totalmente imerso no meu livro *10.000 dias de rock – ou um pedaço da contracultura candanga*.

Torquato Neto e Glauber Rocha estão entre os destaques do site. Os dois têm a ver com rock?

– Cara, Torquato Neto é o Super-8 infinito, é o rompimento com o Cinema Novo, é o desafeto dos tropicalistas, é amigo de Rogério Duarte e Hélio Oiticica. Temos ligações que remontam ao velho Piauí. De onde vem minha companheira, Zanza Meneses. Seu lema *o desejo do mito é ser esquecido* sempre me acalma. Glauber Rocha o oráculo, a metralhadora giratória e os melhores filmes feitos no Brasil. Glauber para mim desbancou Fassbinder. É atávico o seu cinema novo. É claro que na sua ilha de edição andavam o destino da humanidade e os melhores expoentes do cinema brasileiro. No meu *10.000 dias de rock* há um depoimento impressionante de Rogério Duarte sobre os anos verdes de Glauber Rocha, quando ele rodava *A Cruz na Praça* e *Barravento*.



Foto: ©Zeca Ribeiro – 14 jul. / 2012

22 setembro • 'Slamdancer Festival 2' – Homenagem a Raul Seixas

Carajás • Antimácula • Lis Negra

• Terror Revolucionário

Palco

Fellipe CDC

Rodrigo Silva

Bateria e mesa de som

Tiago Rabelo

Divulgação

André Antimácula – Marcelo Oliveira

A.R.D. • Stoner Babe

• Durangos da América

Trem das Cores

Cenário

Marcelo Oliveira • Hamilton "Zen" • Ana Luíza

• Sueli Saraiva • Tiago Rabelo

Som

RS' MUSICAL 3965 3013 /

9 - 8509 3838

Fotos

Léo Saraiva – Priscila – Ana Luíza Meneses



Carajás – Foto: ©Léo Saraiva

No shows de abertura do quarteto Carajás e do quinteto Antimácula, guitarras tinindo ao pôr do Sol

- *Terror Revolucionário trouxe os fanzineiros mirins de seu fã-clube*
- *Stoner Babe, filmada e fotografada para a posteridade. Apresentaram "Novinha", canção imoral, da melhor safra de Roberto & Erasmo ou Marciano Sodomita, arrebetando...*

No Cruzeiro, após o *Festival Slamdancer*, Félix Amorim ainda encontrou energia para fazer um dueto com Serguei.



• *Lis Negra esqueceu a sua blusa de frio*



Guitarras em ação: Durangos da América

Nuvens de cabeças e de fumaça: fim de festa

Durangos da América, a banda de rock com maior tempo de atividade do Guará, recebe os adolescentes marchadores da Estrutural, que irão formar Os Brandões.

– A fogueirinha de papel era no carrinho de mão!



• A.R.D. formato quarteto, porque perdeu o contrabaixista, em cima da hora, apostou nos poemas e na Sociedade Alternativa.

27 outubro • 'Heavy Circus Festival'

Churrasco comemorativo do ingresso do Virgílio na UnB

Byron • Deathwatch

Churrasqueira

João Alves

Conceito

Zanza Meneses & Pazcheco

Dark Insanity • Land of Lies

Poesia na lente e no varal

Lincon Lacerda

Som

Estúdio Formiguero



Byron brilha e quase derrete



Ace of Spades', clássico da Motörhead, abriu a apresentação da Deathwatch

O Mote

Fortalecer os elos e equalizar a sustentabilidade.

Sábado, 18h30 – Início das atividades, prontos para o heavy metal. A tarde e o anoitecer dos quintetos. Uma das características do *movimento invisível* são as pequenas manifestações. Como uma roda, tudo depende do todo.



Quinteto Dark Insanity – a inesquecível porrada sonora da noite –, ótimo show!



Land of Lies no ritmo das vibrações

**8 dezembro • ‘Deem uma chance à paz’
(Pacifismo e consciência negra)**

Dög Savanna
• Lincon Lacerda

Balaio de Pérolas
• A Banda Mais Lama da Cidade

- *Salão de Arte* apresenta os recentes trabalhos de Carlinho\$ Guimarães
- *Nini Santos, pinturas da alma ao vivo*



Balaio de Pérolas – Foto: ©Ruído Urbano

Balaio de Pérolas

Ao cair da tarde, chorinhos com Balaio de Pérolas: Sérgio Vianna, voz e percussão; Léo Lyra, violão; e Nivaldo Ramos, pandeiro. Convidado especial, William “Visual”, flauta. O show abre uma série de apresentações na cidade, a próxima será na *Livraria Café com Letras*.

Andarilhos, malabaristas, literatos, teatrólogos, músicos. Uma tropa de infantes – tiraram até faísca do chão – fez três shows no mesmo dia, e então o *Motoqueiro Fantasma* chegou. Mas não deixamos que ele entrasse, com aquela moto assombrada, como pretendia, pela porta da cozinha adentro. (O cara tinha pirado!?)

Passado algum tempo, no dia seguinte, ele apareceu... Ficou tudo por isso mesmo. O nome dele?

No lar dos loucos e dos cachorros loucos

A Dög Savanna – parceiros-produtores da noite, juntamente com a *Ruído Urbano* – fez uma rápida introdução volumíssima, com um show apoteótico de luzes.

Mais tarde voltaram ao palco, que encerraram, já bem tarde mesmo da noite, com muita energia, em total entrega. – Aumenta que isso é rock’n’roll!

Lincon Lacerda, ao violão, fez uma vinheta da sua miniópera. Houve tempo para muitos dos seus temas instrumentais, e para os aplausos entusiásticos dos amigos músicos, muitos das antigas.



A Bandinha Mais Lama da Cidade. Ajuntamento psicodélico, quem chega toca

Os homens-lama, em seu tributo a Muddy Waters, não tocaram nenhuma música do bluesman, e confundiram o público tocando “Venus”, dos Shocking Blue. A galera pensava que tocavam era Creedence... Não escorregaram, fizeram a parte deles.

“A Banda Mais Lama da Cidade. Banda fodona, que só toca versões ou imitações baratas e caras de super-sucessos ou não, música para se tocar e tocar de novo até aprender e tocar sem precisar da cifra. Rodrigo Souves, Marcelo Ferreira e Dudu Pinto, respectivamente guitarra, contrabaixo, cajon e vocais, e ainda vocais de fundo, com a ajuda de músicos contratados, sempre pagos com cerveja. É muita ternura alcoólica. Sob orientação do nosso quase produtor, A Banda Mais Lama da Cidade passa a se apresentar A Bandinha Mais Lama da Cidade.” (Rodrigo Souves)

DAVI KAUS E OS IRMÃOS METRALHA CAEM NO 'COUNTRY ROCK'*Country Rock – QE 40, Rua 11 – Polo de Modas – Guará 2*

26 janeiro • “Nossa vida é rock’n’roll” atravessava na surdina o quadrilátero das casas de shows do Guará. Ostensivamente a polícia rondava. A casa de shows na esquina exageradamente aumentava os decibéis do sambão, até os píncaros da microfonia. E na outra ponta a *Country Rock*, um lugar superreformado, com tratamento acústico ideal para o talento da Davi Kaus e os Irmãos Metralha.

Na entrada ao *Country Rock*, fui alugado por um pretensioso metido a conhecedor musical, que deveria servir a cerveja, ao invés de discorrer sobre os seus ideais ditadores em relação à música.

Na mesa de som, meu camarada e ex-Santa Seiva, o pesado baixista Renato Barbosa.

Ao som de “Ando meio desligado” e “Speed king”, ele introduziu a banda no palco.

A entrada do show se faz apocalíptica, com “Break on Through”, colada em Jimi Hendrix. Kaus toca guitarra com a chama do B. B. King, e canta muito. Ele dedica “Hey Joe” a Celso Blues Boy. Excelente guitarrista e performer nos números de Hendrix, e convincente nas canções de Bowie e Strokes.

A cozinha é rápida, barulhenta e bandida. Em “In bloom”, da Nirvana, é a catarse quando o guitarrista habilmente gira no chão como os ponteiros do relógio, sem perder o tempo. “Helter Skelter” é um vaudeville de sons. Claro que há desencontros na interpretação do material da Led Zeppelin, mas o lance é ao vivo.

Ao final, uma seleção do rock brasileiro mais recente.

3 fevereiro • Patrulha do Espaço ‘Powerhouse’

É fato, é verdade. Eu cultivo a loucura. Cultivo a loucura para tornar a realidade suportável. Porque a realidade é inominável. A loucura ou o pesadelo é suportável. Acordamos e lembramos que não era a realidade. Da realidade, jamais despertamos. (Paulo de Tharso, fevereiro de 2013)

“Amigos e amigas, com muita alegria voltamos à estrada. Começamos com um som na festa de nosso amigo Mário Pazcheco, *10.000 dias de rock*, festa essa que comemora o seu próximo livro. Nos sentimos muito honrados com a presença de amigos de diversos bairros de Brasília. Sabemos da dificuldade de locomoção na capital da nação, então foi muito legal ver a galera da Ceilândia, Arniqueira, Taguatinga, e de outros picos, lá com a gente. Em especial ao Frank, que veio lá do Gama, com a sua linda família, prestigiar a gente. Muito obrigado ao Mário, Zanza e Luíza, por nos receberem em seu lar, e ao Tiago Rabelo e ao Thomé de Souza, que deram a maior força ,ajudando a Patrulha com o equipamento nessa gig.” (Rolando Castello Júnior)

Em 1983, não sonhávamos com uma apresentação da Patrulha do Espaço em casa. Desde então tivemos que trabalhar 10.000 dias para o rock rolar. Rolando Castello Júnior veio prestigiar a ideia do livro *10.000 dias de rock*, um flashback gigante, onde conto algumas experiências que tive com o rock Brasília, entre 1980/2012.

O show foi uma conjunção de astros, nesse início do mês do carnaval. A banda apresentou um espetáculo com duas horas de duração.

Somente o fã-clubismo realiza essas tarefas inquietantes – montar exposição fotográfica com cinquenta fotos da carreira da banda, 90% delas feitas pela Grace Lagôa, e pintar faixas, Hamilton “Zen”, e providenciar uma dupla de técnicos para assistir à banda, Thomé de Souza e Tiago Rabelo. E infiltramos dois membros da sinistra Stoner Babe para participarem do show.

Devemos reconhecer o profissionalismo da Patrulha do Espaço. Eles chegaram na hora marcada, 15h, e duas horas depois o som estava montado e passado, e às 18h30 o rock começou a rolar. Eles estavam tão à vontade que executaram “Berro” e “Mar metálico”, composições raramente executadas ao vivo. Na passagem de som, apresentaram a pérola lisérgica “Sunshine”, num comovente arranjo de guitarra para a voz de Marta Benévolo.

Lembro que a passagem de som da Patrulha do Espaço foi realmente espacial: Eles sobrevoaram o coro de “Hey Jude”, acertaram a mão em “Sunshine”, e ao vivo-valendo fizeram versões maravilhosas de “Berro” e “Mar metálico”. Meu amigo Júnior, que conheço pela TV desde 1982, me dedicou “Sunshine”, prêmio mais importante do que qualquer medalha cultural de Porco City.

Neste show tocaram quatro músicas “Rolando Rock”, “Riff matador”, “Máquina do tempo” e “Estrelas dirão” do novo CD *Dormindo em cama de pregos*.

Rolando Castello Júnior colava a técnica de John Bonham, finalizando ou iniciando partes de “Whole lotta love”, ou de “Heartbreaker”, demonstrando tanta satisfação que até repetiu uma dessas passagens. Os fãs tiveram o privilégio de solicitar músicas do repertório da banda. O hino “Meus 26 anos” foi inesquecível, com todo mundo cantando junto, em seguida emendaram com “Não tenha medo”, “Festa do Rock”, “Cão vadio”. Se não me engano, a banda abriu com “Vou rolar”, e rapidamente arrepiaram com “Olho animal”.



Danilo Zanite tocou guitarra em meio ao povo. Marta teatralmente vestiu as letras das músicas, e Paulo Carvalho, o contrabaixista, conduziu os arranjos para um nível próximo ao das gravações originais. O som ?Alto, redondo e claro, com os quatro microfones impecáveis.

”O Danilo, além dessa simpatia toda, incorpora toda a energia da Patrulha. Com uma guitarra pesada, limpa e criativa, ele dá um show à parte! Rock’n’Roll Rules!” (Félix Amorim)

“Cometer o desatino de pilotar a máquina do ídolo-herói-amigo é sempre um desafio esp(a)cial!” (Tiago Rabelo)

“Patrulha do Espaço, no talo, volume máximo e muita simpatia, nau!!! *Chácara Do Próprio Bol\$o!*” (Léo Saraiva)



"Talvez eu seja um deles... só Deus sabe..."

Last famous words

“Não posso deixar de agradecer ao alquimista Pazcheco, que com suas fórmulas mirabolantes conseguiu realizar essa incrível mágica! Fica também minha satisfação de ter participado desse momento histórico, que marcou o lançamento do livro *10.000 dias de rock*, de sua autoria. Parabéns, Mário. Let’s rock!” (Félix Amorim)

“Dizer obrigada hoje não é suficiente para agradecer ao Mário o melhor show da última temporada. Foi melhor do que muito bom. Há tempos não vivia tão boa diversão!” (Ana V.)

Agradecimentos

Danilo Corrêa Zanite, Sueli Saraiva, Thomé de Souza, Edilaine Helena Dias, Joubert Melo e seus amigos, Rolando Castello Júnior, Marta Benévolo, Paulão Paulonez, Wálter Vicente, Hugo Rabelo, Félix Amorim, Ana Luíza Meneses, Virgílio Stefanin,

Ana Varinha, Henrique, Christiano Gorsky e esposa, Tomaz André, do *Zine Oficial*, A Banda Mais Lama da Cidade: Dudu Pinto, Rodrigo Souves, Flávio, Marcelo Ferreira e Ulisses Carvalho, Dög Savanna e os dedicados amigos e testemunhas dos 10.000 dias de rock.

4 março • Morre aos 50 anos o violinista e cantor Carlinhos Piauí

Fábio Carvalho

O músico e poeta piauiense radicado em Brasília Carlos Augusto da Silva, mais conhecido como Carlinhos Piauí, morreu na madrugada desta segunda-feira (4), no Hospital de Apoio de Brasília.

Em nota, o Administrador Regional do Gama, Márcio Palhares, e sua equipe lamentam o falecimento do grande companheiro e amigo. O poeta e cantor Carlinhos Piauí atuou como Diretor social da Administração do Gama por dois anos.

Nascido em Teresina (PI), no ano de 1963, e radicado em Brasília desde 1974, começou a sua história com a arte em 1978, quando descobriu a sua aptidão para a música. Em 1980, fez parte do grupo Sertão, trabalho que o tornou conhecido na cidade. Com o grupo gravou um compacto duplo, que incluiu a canção vencedora no Festival de Canção da cidade do Gama. Oito anos depois, ingressou na Escola de Música de Brasília, para estudar percussão.

Influenciado por menestréis do Nordeste como Jackson do Pandeiro, Ivanildo Vila Nova, Luiz Gonzaga, Alceu Valença, e por outros defensores da cultura popular, Carlinhos Piauí trazia na bagagem a história do seu povo e seus costumes, lendas e folgedos. Assim cantou a alegria e o sofrimento da gente nordestina em geral.

*A sua linguagem artística era o folclore das diversas regiões do Brasil. A peleja se identificava no cordel e no palavreado sertanejo. Carlinhos Piauí realizou shows em Brasília e nas cidades vizinhas, onde fez brilhar as suas mensagens. Gravou o seu primeiro CD, *Conterrâneas*, em 1999, e em 2001, o segundo, *Estradas e Terreiros*. O último, *Sertão de cabo a babo*, em parceria com o contador de causos Ruitter Lima, também teve boa aceitação de público e crítica.*

22 abril • Red Pub Rock, Ceilândia

Stoner Babe • Rota 66 • Red Zones

Blues da estrada – fui à cidade de Ceilândia via leste – filme de Godard – domingo – camiseta do *LP Heaven and Hell* – bar aberto. Sentei e deixei a grana do cover na cadeira. Ela veio: “E você está com qual banda?” – “Stoner Babe!” Patrícia de Souza me convidou para ser jurado da seletiva do seu festival.



Lá ouvimos o futuro do rock, que se chama Red Zones. Começo de longa parceria

3 maio • Violeta de Outono no 'America Rock Club'

Participando da produção da Violeta de Outono, me convidei para entrar na banda. Fábio Golfetti, um dos roqueiros mais generosos do mundo: "Posso mandar a coleção de 40 CDs importados para você do selo *Voiceprint*." (Mexe com isso não... amigo!)

Violeta de Outono arrasa na passagem de som com "Arnold Layne".

Se o dia foi maravilhoso, imaginem a noite... Compareçam!

Historinhas do Rock'n'Roll. Quem cultua a música das esferas sabe que Fabio Golfetti é referência no instrumento. Na galeria de artistas, conhecidos retratos de Rogério Duarte, Zé do Caixão, Daminhão Experiência (†), Nei Lisboa, Marco Antônio Araújo e Arnaldo Baptista. Neste maio conheci pessoalmente o guitarrista Fábio Golfetti, afinado com o lado experimentalista e onírico do beatle Paul McCartney, de quem ainda tive a oportunidade de assistir ao show.

No carro, o telefone tocou para o pessoal da banda. Era o capitão Rolando Castello Júnior. Em rápido resumo: "Mister limusine driver nunca tem." Ainda no caminho para a rádio, foi a primeira vez em anos que os integrantes originais da Violeta de Outono, Ângelo e Cláudio, entraram em contato com o Fábio na mesma noite. Papeamos sobre o *Estúdio Scatenna* e o resgate das matrizes dos discos da banda. Seguimos para o show. Eu estava lá para participar daquele universo underground psicodélico. Tinha levado comigo as fronhas para os meus sonhos. E nunca desenvolvi uma linha. Tive uma das experiências sonoras mais gratificantes da minha vida. Sei que você na faixa de 50 anos ainda é fã daqueles seriados juvenis de ficção inglesa, em que personagens viajam por portais em que o

sobrenatural está, no que as pessoas sentem medo, pânico, êxtase, estupor ou amadurecimento. Eu embarquei num túnel desses, e me vi em Nothing Hill Gate. Na minha cabeça, acontecia o alvorecer da Pink Floyd. Na guitarra do Fabio Golfetti, eu investigava as minúcias do trabalho inventivo de guitarra de Syd Barrett. Aliás, eu já nem definia quem era quem, e qual era a guitarra com cristais, espelhos e diamantes. Apesar de imaginar estar num baile comemorativo, eu sabia que estava numa garagem com um som horrível de guitarra. Mas não deixava de ser mágico viver as nuances. As tempestades antes dos intervalos das músicas, enquanto o slide deslizava por lugares inauditos. Eles tocaram os seus clássicos, e me enganei, pois pensei que tocariam “Revolution” e “Jumpin’ Jack Flash”. Era uma piada interna da banda, no repertório sempre incluírem material do primeiro LP. O recente era mais experimentado tecnicamente, portanto melhor composto e executado.



Psicodelia paulista na área - Foto: ©Izaline Cavazzana

O passado deixava de ser leitura (papel vinil) para transformar-se em impressão vívida. Cores me deixaram alucinado, e diante dos flashes caminhei dias para casa. Noites depois, abri a câmera, e eu estava ao lado deles no aeroporto – não tinha sido sonho

6 mai. • Finalmente Paul McCartney ao vivo: o ápice na vida do Beatlemaníaco!

“Eight days a week” / “Junior’s farm” / “All my loving” / “Listen to what the man said” / “Let me roll it” / “Paperback writer” / “My Valentine” / “1985” / “The Long and Winding Road” / “Maybe I’m amazed” / “Hope of deliverance” / “We can work it out” / “Another day” / “And I love her” / “Blackbird” / “Here today” / “Your mother should know” / “Lady Madonna” / “All together now” / “Mrs. Vanderbilt” / “Eleanor Rigby” / “Mr. Kite” / “Something” / “Ob-la-di, Ob-la-da” / “Band on the run” / “Hi Hi Hi” / “Back in the U.S.S.R.” / “Let it Be” / “Live and let die” / “Hey Jude” / “Day Tripper” / “Lovely Rita” / “Get Back” / “Yesterday” / “Helter Skelter” / “Golden Slumbers”

Quero voltar para o punk rock

Fila interminável quase saindo de Goiânia. Motivo: show de bolso de Paul McCartney, a 3 mil reais. Um mastodonte e sua garota tomam a nossa frente: “Eu estava aqui!” “Moço, vou chamar a polícia.” Ouvi um dicionário de impropérios e ameaças, cujo mais divertido era “vai tomar no c...”... Zanza perdeu a cabeça e segurou no braço forte do Malhado, e eu intervim para evitar o pior. Pausadamente, repeti: “Vou chamar a polícia!” Na fila, todos estavam assustados. Assim é como espanto os demônios. Entrei com a câmera fotográfica portátil enrolada numa canga, dentro da bolsa – sem flashes. “Tem caneta?” Perguntaram. Essa foto, a apoteose de “Live and Let Die”.



11 mai. • O céu vai ter que esperar um pouco mais pelo ‘Anjo Maldito’

A *Rádio Federal* entrevista as estrelas do rock underground nacional, que se apresentam no *America Rock Club*. Comovente, Serguei, cativante, honesto, amoroso, um grande artista.

Após a maratona no *Parque Denner*, fomos assistir o show do Serguei. O caixa me reconheceu e aliviou para meia entrada.

Riqueza dos fatos

A história oficial estampa a vileza narrativa. Das melhores, elas podem contar a poesia dos fatos.

A riqueza do prosaico, os fatos, é contada pelo poético. Melhor construir a nossa história com um pequeno grupo inquieto, inspirado, em conflito, do que a tal divulgação oficial de massa, que sempre puxa a sardinha para a lata que controla o apetite.

Observadores (des)atentos. Não há uma história, há diversas narrativas.

Notícia pescada, o leitor morre pela boca? Uma minoria é leitor, boquete pescado e freguês?

20 mai. • Morre Ray Manzarek, tecladista e fundador dos Doors

Tinha 74 anos, e lutava contra um câncer no ducto biliar

Em quatro dias, a banda de hard blues rock Os Merah, junto ao tecladista Paulo Thirso, no rockão “Roundhouse Blues”, prestará tributo a um dos maiores tecladista do rock, Ray Manzarek, membro original dos Doors.

Uma formação da Doors, com Ray Manzarek, ao lado do guitarrista Robbie Krieger, chegou a tocar em Brasília, em 2008.

24 mai. • Cena cultural em peso celebra os ‘31 anos Do Próprio Bol\$ó’

Do Próprio Bol\$ó completa 31 anos, e de lambuja o aniversário de 49 anos do Pazcheco

Detalhe

Marcão “Isca de Polícia” tentou dois gravadores para ecoar a fita de Lord Sutch and his Heavies Friends, que recebeu de presente.

Stoner Babe • Beer Head
• Red Zones • Maverick '79

Produção

Zanza Meneses & Patrícia de Souza

Discotecagem

Ricardo “Retz”

Grafite do mural

Coletivo MOSCA

Rango especial

Rita Maria

Patrocinadores

Wesley Almeida

Convidados especiais

Prof. Zé Otávio, Elisa Lemos

Os Merah

• Os CabeloDuro

Fotos

©Henrique Ferrera

©Joelma Antunest

©Edson Salazar

©Juliana

Cobertura do evento

Casal *Ruído Urbano* da

Rádio Federal

(Ana, Júlio, e a filha Juju)

In memoriam

Marcelo Alexandre de Oliveira

(22 mar. / 1967 – 11 mai. / 2013)

O Santo guerreiro do rock

Diego Santos Dutra – *ao som de ‘Ten years gone’*

O Santo guerreiro *fez mais um rock sim, ao completar 49 anos, no dia 24 de maio – foi do c...! Uma bela produção. Não posso deixar de fazer uma pequena e despretensiosa resenha. Faz alguns dias e vou puxar pela memória. Apresentaram-se seis bandas: Stoner Babe, Beer Head, Red Zones, Maverick '79, Os Merah e Os CabeloDuro.*

A Stoner Babe começou uma poderosa apresentação destilada do bom e velho rock’n’roll. De saída, a galera já sentiu como seria a noite. Uma apresentação performática e cheia de interatividade da Stoner Babe, em que eles tocaram rocks com uma pegada final dos 60s e do início dos 70s, em temas que remetiam ao triunvirato sex, drugs and rock. O vocal se dividia com a guitarra, os nomes próprios da galera agora me fogem, na condução das canções. Isso era bacana e dava dinamismo, mesmo porque o

vocal era um espoleta. Ele jogava o pedestal, dançava com ele, levava o microfone pra galera, interagia com o contrabaixo, as bateras. Sim, “as bateras”, porque eram duas, uma Tama e uma Yamaha. Enfim, o bagulho foi louco.

Confesso que estava fazendo a minha manutenção etílica, e atualizava algumas conversas paralelas. Nada melhor do que ficar um pouco longe do burburinho, e fora das dependências, para apreciar a qualidade do som reverberando. Realmente, o Tiago Rabelo na mesa comandava bem. Pelas tantas, quando voltei, peguei “Born to be wild” dos lobos das estepes do começo ao fim, e foi apoteótico.



Beer Head mandou os clássicos da Ramones e alguns lados B. Seguiram o repertório à risca. Foi engraçado, pois, no meio do show, quando terminaram uma música, o vocal já queria emendar com outra. Mas o atento contrabaixista avisou qual seria a próxima. O camarada nem deu bola, disse que iam seguir o roteiro, e a porrada comeu: “I wanna be sedated” e “Pet Cemetery”, que não podiam faltar, e mais “She’s a Punk Rocker” e “Rock’n’Roll High School”. Eu pessoalmente me amarrei muito em “Rocket to Russia”. Essas foram as que firmaram a lista.

A Red Zones trouxe a visceralidade do Ingá pro Guará, e vingou mesmo. O tupá-tupá característico do punk rock, com um vocal gutural, deu os tons da Zone. Um probleminha técnico no contrabaixo fez com que a banda finalizasse sem o instrumentista. A galera mesmo tropeçando se desdobrou, e eles tocaram “Foda-se”.

Música que por conta disso tiveram que repetir. A guitarra tipo Giannini Les Paul segurou as pontas, e depois o guitarrista só teve que comemorar nos braços da galera. No início, ele se desequilibrou, e teve que tocar deitado...

A Maverick '79 trouxe na bagagem a carga setentista pesada e sofisticada à Led Zeppelin. Conseguiu aglutinar a galera em torno de sua apresentação. Sem dúvida, um dos pontos altos da noite. No repertório, Deep Purple. Parecia que o próprio Jon Lord tinha baixado no terreiro, coisa fina. Da Led

Zeppelin, “All my love” foi executada com primor, e “The Ocean” foi sincronia total. O vocal segurou uns agudos doidos, e a banda passava uma espécie de harmonia familiar. Uma ou duas notas foram engolidas nos solos, e eu pensei que fosse cabeamento ou coisa assim, mas não. Até hoje mantenho o sonho de tocar as músicas do Zeppelin que mais gosto. Foi muito bom.



• A 22 abr. 2013 – No Bar do Kareka, o primeiro contato com a Maverick'79



Sejam bem-vindos ao cover de membros originais da CabeloDuro, que não desapontaram os seus fãs. O galo já se preparava para cantar

A CabeloDuro encerrou a fatura com o seu hardcore de cada dia. A galera da banda já vinha de outra empreita, e manteve o ritmo. Depois d'Os Merah, eles trataram de segurar o fim da noite com o bom e velho HC. Fechando com Chave de Ouro, lógico, a biritá. Esses caras são do tempo do Sesc Garagem da 913 Sul. Onde todo fim de semana rolava um rock das aranhas. Na época, o melhor da cena.

O zelo e a produção de Pazcheco são mencionáveis. As baterias superbacanas, tanto a Tama quanto a Yamaha, conheci com o Tiago, num dos ensaios da banda Hindra Rock Magic, no *Estúdio CL Áudio*, na parte norte de Brasília, há alguns anos. Tiago operou a mesa, se responsabilizou para que o som de cada banda saísse digno dos elogios feitos pela galera que prestigiou o evento. O cubo Gallien-Krueger, aveludado, dava à cozinha o peso indispensável, pois encorpou o som das bandas. O amplificador é o laureado Marshall. Existiam velhos gabinete JCM, mas não vi a inscrição perto dos canais. Em ótimo estado de conservação, esse modelo de Marshall, que em alguns casos tem mais de 30 anos, parecia até um modelo híbrido valvulado/transistorizado, de captação ativa. Que aumenta e satura em parêntese. Os bluesmen abusavam dele.

Vale lembrar os bons papos que tivemos sobre cultura, educação e política. Com o Betto Tutu, Izabel, sua esposa, Lincon, Luís Eduardo, revisor dos textos do *10.000 dias...*, Hélio "Gazu", e a atriz de teatro Jirlene Pascoal.

Pazcheco, guerreiro veio, deixei escapar um monte de coisa e tantas outras, e ao contar o conto posso até ter aumentado um ponto, mas o sumo da laranja é esse.

Em meio a tudo, nem lhe dei os parabéns, e não agradei a hospitalidade de sua digníssima esposa, Zanza. Vida longa ao rock, parabéns!



Os Merah: álcool já!

A banda havia ensaiado na casa 48 horas antes e estava com sede para mostrar o seu potencial.

Eles maravilhosamente agradaram à plateia feminina, que ficou especialmente satisfeita. No fim, um improviso com Tiago Rabelo nos vocais, em “Mistreated”. E um combo híbrido da Os Merah com a Maverick’79 encerrou com “Rock and Roll”, a canção da Zeppelin, nas duas baterias.

Conheço o contrabaixista Célio de Moraes desde a exposição *I’m Only in it for the money*, de Carlinhos\$ Guimarães, na *W3 Sul*, no início da década de 90. A Terno Elétrico, sua banda, gravava participação no *CD Doomsday*.

Desde então, Célio, que é pai de Arnaldo, em homenagem ao mutante, sempre com a agenda apertada, segura um momento para nos visitar e distribuir o seu carisma. Amigo de ouro. Meninos, produtores, fãs, admirável respeito pelo honrado Celião!

Revival

Izabel, a esposa do Betto Tutu, comentou: “Isto é um revival!”

Outsiders e trapezistas do ‘Coletivo MOSCA’, velhos chapas do rock capital

Da janela lateral, o *Coletivo MOSCA* abriu as asas e pregou no mural aquele baita Sol grafitado, onde o menino Israel espalhou tinta. Diego, tu esqueceste... – ou não teve tempo – de citar a memorável apresentação da Os Merah, com os luxuosos teclados de Paulo Thirso Ferreira, em homenagem a Ray Manzarek... Ainda ouvimos o autor deste texto, ao final da noite, deixar o microfone cair, quando cantava a mais ébria versão da Janis Joplin.

Menino mau, Ricardo, da lendária *Retzcore Production*, levita a galera, quando mandou ver o volume, no talo, para o som da The Stooges, da Blue Cheer e da politizada MC5. A vizinhança chiou barbaridade, e “Retz” sorria. Ao amanhecer, ele gritava: “C...!” São vocês agora, Os CabeloDuro, mas o baterista no meio do show deixou o instrumento e fugiu mato a dentro... Ainda não apareceu. Ninguém soube o motivo. De todo modo, tivemos Hamilton “Pernão” navegando além-mar essa história, e outras mais ainda teria para contar, como a da nossa ida dia seguinte a Luziânia para ver o Serguei.

A produção deste 24 de maio foi precedida, doze dias antes, pelo *Coletivo MOSCA*, que sem recursos financeiros e elétricos tomou o *Parque Denner*, na *QE 40 do Guará 2*. Eles fizeram cultura com tintas, telas e grafites, instrumentos musicais, e a boa vontade da vizinhança. Infelizmente, deve ser o velho caso de falta de educação e senso, a coisa passa despercebida. Enquanto os olhos fitam a TV colosso, os covers das madrugadas, não ouvem o insistente *Toca Raul!* Acordem... ou permaneçam na ilusão de berço esplêndido... A educação não deveria transformá-los em monstros convencidos. E a ignorância não deveria ser monstruosa assim. – Educação? Lá no latim original da nossa cultura ocidental *educare* significava *extrair*, portanto algo de dentro da pessoa que era educada, instruída de fora e acordada de dentro. Mas a transformaram, no utilitarismo moderno, em instrução somente, formação externa apenas portanto. Talvez para conter os ânimos, desumanizar, porque nós seres humanos livre-arbitrários como poderíamos ser controlados? Mas educação se transforma assim em robotizar, claro que para sermos lógico melhor controlados. Ou se sabe lá. Orwell em *1984* tratava disso, lembra? Mas poderemos voltar ao tema noutra oportunidade.

Desisti de juntar grana para sair do país. Desisti de carro novo. Só não abro mão dos sonhos de sempre, de preservar o espírito gregário de San Francisco em nossas festas. Não importa a pequenez e nem o interesse político. Por isso, colamos em vocês, nessa prestigiosa cena, que reúne esforçados produtores, bandas do momento e as turmas dos *Skrotinhos*, do *MOSCA*, d’A Banda Mais Lama da Cidade, da Dög Savanna – fotógrafos chiques e garotas belas. E fiéis amigos do Underground, vindos

de Luziânia, Jardim Ingá, Ocidental, Taguatinga, e claro do Guará, esta cidade que desconhece o próprio umbigo diletante, igual ao Zeca Camargo e apaniguados.

Véspera: agentes infiltrados

Não vou escrever sobre o roteiro que não li. Somente transparecer o que sinto: a realização do grande sonho de Félix Amorim, *O Guerreiro da guitarra de prata*, e de seus companheiros da Stoner Babe. Mais uma vez, em Luziânia, dessa feita acompanhando o novo voo do *Anjo Maldito do rock nacional*. Estarei lá como motorista da equipe de filmagem. Carregarei refletores, filmarei papos transversais, e eventuais guimbas que achar no estacionamento, claro.

Velocímetro colado, rostos conhecidos e marcas da estrada no destino de uma banda de rock que vai ao encontro do seu mestre e inspirador.

No dia seguinte, 25 de maio, domingo, a festa continuou. No show do Serguei, em Luziânia. Foram realizadas assim as primeiras cenas do filme on the road da banda-sensação Stoner Babe.

7 junho • Projeto 'Prata da Casa' homenageia a mãe de Renato Russo

O projeto Prata da Casa homenageia os grandes compositores da música brasileira na pessoa de Dona Carminha, a mãe de Renato Russo

“No caráter, na conduta, no estilo, em todas as coisas, a simplicidade é a suprema virtude.” (Henry Wadsworth)

De volta à escola – Centro de Ensino Médio 1 do Núcleo Bandeirante – 50 anos – 1963/2013

Show: Cálida Essência

Presenças: Júnior Camacho (“Minduim”) – Do casal *Ruído Urbano*, Júlio Mota e Ana Paula Teixeira



“Parabéns para toda a equipe da *Direção do Centro de Ensino Médio 1*, em especial para o Prof. Célio, que viabilizou a nossa participação nesta iniciativa genial.” (Sérgio Fonseca)

Não basta só ensinar, tem que educar para a vida toda

Dona Carminha demonstrou uma constante disposição e educação compreensiva em todas as perguntas a respeito do seu amado filho, formuladas pelos alunos do *CEM 1*.

Gratificante foi ver a atividade cultural e política do *Grêmio Estudantil* restabelecida.

Sem disfarçar a emoção, uma dupla de alunos interpretou dois dos grandes sucessos da Legião Urbana. Contagiou desse modo a tarde mágica da sexta-feira daquele início de junho.

A nossa interlocutora foi sensacional. O ponto alto foi a entrega de presentinhos especiais da obra de Renato Russo. Ela nos lembrou das primeiras formações da Legião Urbana, e de Renato Rocha, o “Billy”. E deu o seu parecer a respeito dos filmes na grande tela, e dos livros sobre o seu filho, o grande poeta do rock Brasília. “O psicografado não é o Júnior.” E elogiou *O Filho da Revolução*, do jornalista Carlos Marcelo.

Ela nos falou da infância de Renato Russo. E depois comentou ter ficado sabendo da futura produção de dois outros filmes baseados nas canções de Renato: *Dezesseis*, cujo personagem Johnny perdeu a vida nas curvas de Sobradinho, e *Eduardo e Mônica*, a ser realizado por Denise Bandeira.

Literariamente, o desejo dela é que o diário de seu filho, escrito em inglês, seja publicado somente após a sua morte, que segundo ela ainda vai demorar bastante.

Também falou do projeto holográfico do show *Renato Russo Sinfônico*, do qual o seu neto Giuliano Manfredini está à frente, acompanhando dos Estados Unidos.

Ele atesta a qualidade do evento.

Dona Carminha abordou o doloroso tema do suicídio de Clarisse, a moça linda da família Manfredini, aos 18 anos. Foi uma coisa que o Júnior bem novinho guardou.

As perguntas de Júlio Mota, da produtora *Ruído Urbano*, pegaram pelo lado emocional, nas reminiscências do fatídico show de 1988, em Brasília, que era aguardado com ansiedade por Renato Russo, mas que se transformou numa batalha campal. A entrevista virou uma conversa amigável, que foi o tom do evento.

Renato Russo nunca abandonou Brasília. “Recebíamos ele à noite no aeroporto na sexta-feira. Entrava pela garagem. Pela mesma saía com os amigos. E domingo à noite retornava para o Rio de Janeiro.”

Dona Carminha revelou que Renato Russo quase jogou tudo para o alto, quando a gravadora quis mexer nas suas músicas.

“O Renato andava por *Copacabana* de havaianas. Ele não era estrela. Seus jeans eram sempre limpinhos.”

A verdadeira desorganização do desespero, texto teatral escrito por Renato Manfredini Júnior, há mais de 30 anos, reapareceu agora. Faltavam duas páginas – como foram encontradas?

Em resposta simplificada, Dona Carminha disse que o texto e as páginas que estavam faltando devem ter reaparecido quando sua filha Carmem organizou o apartamento do cantor, no Rio de Janeiro, para a mostra no *CCBB* em Brasília.

Dona Carminha afirmou que só descobriu a causa da morte do filho ao ler as manchetes dos jornais.

“Talvez meu marido soubesse, mas me preservaram.”

Discorreu que seu filho experimentou todas as drogas, e se viciou: “Morreu limpo. O cigarro não foi tirado porque o médico disse que era a sua muleta.”

“Renato era contra o uso de drogas por seu filho, apesar do seu exemplo.”

“Meu filho disse que o filho dele só colocaria drogas na boca uma única vez, ele não permitiria.”

“Usei todas as drogas para experimentar e fazer minhas canções.”

Gostaria de agradecer aos alunos, e em especial a Ludmila Jardim e seu irmão, pelo convite para compor a mesa conduzida pelo Prof. Valdir. E também a Júnior Camacho (“Minduim”) pelo carinho, atenção e fotos. Teve TV, talvez na tela da *Record*. No estacionamento, estava a viatura da *Globo*. Perfeição!

A pedrada do Rock’n’Roll

Júnior Camacho (“Minduim”) é o vocalista da Neuras Planetoides, que terei o prazer inenarrável de apresentar ao vivo breve. Ele é o cantor do hit “Toda babaquice que você é capaz quando o assunto é dinheiro”. Musiquinha que eu sopro no ouvido desses assessores parlamentares, quando se aproximam de nós pensando que podem nos enganar.

Em 2007, no ainda glorioso *Conic*, Jr. Camacho lançou o seu CD na mesa composta por mim, Renato Matos e outros grandes independentes, que encheram a cara numa noite fenomenal, gravada clandestinamente em algum aparelho eletrônico.

Vida longa, Neuras, aqui vocês gritam alto, e como diria Cécé: “Pega o beco!”

13 julho • Dia Mundial do Rock

The Barbiras

• Dínamo Z

Protofonia

• Davi Kaus e os Irmãos Metralha

- *A estreia em palco da Yasmin Oliveira, antes de completar os oito anos!*
- *Sem esquecer o quão alto foi o voo psicodélico do MOSCA*
- *Dínamo Z. A banda mais harmônica da cidade no momento*



© henrique ferrera

Protofonia foi o nosso ‘Games for May’: Eu não estava tão doido, só caía pelas tabelas

Pressão (muita), loucura, insegurança na incerteza será belo? Histórico, importante, bem-produzido, documentado? Performances acima da média. Os melhores expoentes dos segmentos? Juntos nós

somos melhores, alegres somos capazes de enfrentar muitos hematomas, vivendo doidões, caindo alegres, satisfeitos – tenho meu grupo maravilhoso de amigos, e uma ótima filha, que cuida de nós e desliga as luzes. Essas imagens são fundamentais para eu começar a compor o novo encontro multicultural. Mas quero mais fotos. Sejam generosos – obrigado, Henrique Ferrera, por ter regulado a máquina da minha filha, e por disponibilizar retratos que nos orgulharemos de exibir! Não esqueci a sua camiseta.



Da tarde para a noite, Julimar dos Santos concluiu 'Hendrix, Domador de raios'. Na foto de Joelma Antunes, Davi Kaus e os Irmãos Metralha

26 jul. • Face do Caos encerra o 'FICA'

O clima de anarquia marcou o encerramento do *FICA*, um festival independente de música de rua, que se nega a morrer ou a entregar os pontos. Claro que os papagaios de pirata lá estavam, com as suas lentes voltadas para os nossos olhos.

Valeu, *MOSCA*. Valeu, nobres Julimar, Diego, "Microfone", Nader Arar e "Retz", e todos os "vagabundos sagrados" da noite. Valeu, Paulo Ataíde, Marlene, Arnaldo, eu também, minha mulher, minha filha, que foi aprovada na *UnB*, a bomba que eu engoli. Juarez, que empurrou a sua carrocinha, e nenhuma ausência foi sentida. Valeu, Hamilton "Zen", Lincon Lacerda, Nini Santos, CabeloDuro, Edson Salazar, Fátima Sueli, Carol, e todos os vagalumes. Face do Caos encerrou o caos nosso de cada dia.

4 agosto • Mutantes, 30 anos depois, em Brasília

Sérgio Dias, Henrique Peters, Vinicius Junqueira, Esméria Bulgari, Cláudio Tchernev e Vítor Trida
Dia de rock, dia de Mutantes. Sérgio Dias, um guitarrista fantástico e cheio de ritmo, apresentou o repertório d'Os Mutantes mais livre e longo, repleto de improvisos. Cinco canções novas em inglês revelaram a qualidade da atual formação, em que entrou o baterista Cláudio Tchernev. Quente, o público resistiu a esta madrugada gelada de domingo. Acabou agora às 4h.

11 ago. • 'Sarau Psicodélico' – show da Stoner Babe

Ainda na mesma noite, Edson Salazar dançou no aniversário de Sueli Saraiva

Cruzeiro – “Maguim” anda meio estressado. Anda tocando bateria e quer se apresentar na minha casa. Pela minha vez, eu disse: “Vamos pôr o Rabelo na bateria, a gente pega o Davi Kaus e o Célio de Moraes e põe você no microfone, e vamos tocar Esse Tal de Roque Enrow”.

O “Maguim” pulou do palco e veio abraçar a minha esposa, é fã da minha filha.

Ontem com a Stoner Babe, ele foi muito bem tratado. Talvez estivesse “irritado”, porque errou a letra em “Born to be wild”. E foi uma triste constatação, a de que o “Maguim” na Stoner Babe já era. É realmente hora de ele tocar bateria. E um beijo da família Pazcheco a Marcelo “Maguim”, esse cara de grande coração!



6 setembro • Os Hinos do '7 de Setembro'

PlusUltra

- Encontro Racional, Tributo a Tim Maia
- Diferencial Zero

Cromus

- Neuras Planetoides
- Red Zones • The Barbiras



The Barbiras



A dupla de guitarras da Cromus fecha a maratona do 6 de Setembro

- *Celso Alcântara & Mário Pazcheco: dois escritores estelares do Velho Conic de guerras travadas*
- *Rogério Santos & Mário Pazcheco, Rock'n'Roll – nossa ideologia, foto feita por aquele menino que anda sempre com a banda Red Zones. Afinal, uma banda de rock sem fã é nada*
- *Louca, essa? Olha o túnel: Dudu Pinto (A Banda Mais Lama da Cidade); Henrique Ferrera, o fotógrafo, chegando para compor a foto; e ao meu lado outro fotógrafo, Carlos Working*
- *A prova do crime: a exposição fotográfica de Joelma Antunes. Conclamei os amigos para rapidamente colocá-la na ordem dos fatos: fomos nós que ajudamos a organizá-la, e não devemos nada a ninguém*

Amigos, o negócio é o seguinte, em meia hora será aberto o *Festival Independente de Rock do Guará 2*, custeado pela *Do Próprio Bol\$o Realizações*. Operam os toca-discos Léo Saraiva, Ricardo “Retz”, Nader Arar e Hamilton “Zen”. Exposição de fanzines, cordel e exposição fotográfica. Joelma Antunes de Sousa a fotógrafa ainda está na gráfica, e de lá buscará os salgadinhos. Apresentações acústicas de Priscila Frazão e Davi Kaus. O evento terminará às 24 h, pois o Condomínio está de olho em mim. Juntem-se a nós, e não esqueçam as suas garrafas, e nem os seus instrumentos. Vê nessa, que o povo tá chegando.

Profecias

Nove meses de espera, e eles subiram ao palco. O nome da banda é PlusUltra. Na correria estafante do rock nosso de cada dia, eles acabaram o seu show de casa cheia no *Whiskrytório*. Viraram a noite e chegaram molhados de vinho e suor. O guitarrista Anderson Lúcio Vilanova detonou com o pé esquerdo no pedal wah-wah.

O vocalista Anderson Souza veio a caráter, para uma noite de gala do rock'n'roll.



Neuras Planetoides integram a Família Rock'n'Roll

Pancada-dupla, pancadaria para todos os lados: Imagine só Neuras Planetoides e Red Zones juntos. Já provocam um arrasa-quarteirão.

Neuras Planetoides, a banda mais politizada a passar pelo palco, dá um tiro no pé e vai atacar o santo dinheiro. Aí eles descontentam a classe política.

A Neuras Planetoides fez um show curto e afinado. Metralhadoras em punho, vamos degolando todos os inimigos do Estado, até chegar nos políticos. Filme banguê-banguê é coisa do passado. Um riff de contrabaixo e já vamos colocando muitos no chão.

Bandas icônicas

Me desiludi com o rock'n'roll. Tava lá na *CEI*, no *Red Pub*, e ouvi a banda mais esporrenta do momento. Red Zones é tipo Stooges, comentei de mim para mim mesmo.

Um mês depois, eles fizeram o primeiro de dois shows podres. Um em que beberam todo o arsenal de álcool, e ainda não estavam muito ensaiados, penso eu. No segundo, o baixista teve que correr para segurar compromissos familiares. A Red Zones foi trio nesta noite. Nos ventos a favor, e com novo baterista, vamos tentar o terceiro show, com rock alto e ensurdecador, tipo Stooges, MC5 e Beatles. Há um toque beatle escondido naquela barulheira sônica picotada de notas.

Amanhã: máquina Canon, com fotografos desconhecidos, ou as últimas imagens do maior evento da Terra que chegou aos nossos ouvidos.

Testemunhas oculares de quase tudo que rolou nos últimos 20 anos

Jaílson, Pazcheco e Menino Pio: saltimbancos, pintores de paredes e janelas, motoristas, lavadores de carros, jardineiros e eletricitas. Escaladores do Éden, seguranças de plantão: “Vendo se o Pazcheco precisa de algo.”

Não sou nada, mas tenho amigos leais. Pode ser que tenha esquecido alguém, mas ele/ela estará/estarão nas fotos. Grandes artistas das cordas, das lentes, dos pincéis, das produções. Grande rango para a fome cultural. Tenho um projeto de vídeo com Dög Savanna na terça-feira. Vou dar uma força ao Nader na próxima *Caravana* – só que tenho que ir à *Feira do Vinil* prestigiar. Vou ajudar a Joelma na próxima exposição. Projeto *Do Próprio Bolso*, só ano que vem, em maio, *Os 50 anos de Beatlemania*, e meu aniversário. Ensaíem canções deles!! Acho que já escrevi muito hoje... Amo vocês, e obrigado, Senhor, por mais um festival do bom rock, completamente independente. Músicos políticos, me esqueçam.

9 set. • Antimácula: o chão treme

Metralhadoras apontadas para as cabeças em forma de guitarras

Sandroka, contrabaixo e voz; David Borges, bateria; André Sardinha, guitarra; Ronaldo Montalvão, guitarra.

Pressão e peso: dimensões quase insuportáveis na luta contra o sistema, na visão de uma banda de rock.

Em quarteto, a crossover Antimácula, da cidade de Luziânia, lança o seu baluarte de estreia: um *CD* com quatro faixas: 1. “Heroína” / 2. “Lamento” / 3. “Oh Dia” / 4. “Cidade morta”

Quatro canções cruéis e mórbidas. Guitarras penetrantes como lâminas soltas na noite. Sua carta? A Morte.

Notícias de hoje: suicídio do baixista Champignon. Causa mortis: luta contra o establishment.

De início, reconheci a introdução da primeira faixa: “Heroína”. Não vou me aprofundar sobre a letra, e nem sobre o efeito da droga abaixo da pele.

Blues desencantado e perdido de Magalhães falando da primeira vez, e de como ele tentou uma segunda dose.

Antimácula me faz soar como menino do coro de domingo. Eu prefiro a heroína mascarada dos quadrinhos. Essa canção merece uma segunda estrofe. No entanto, é sobre a letra nada espiritual que o trabalho das guitarras duplas, em nuvem, talvez de tempestade, e a bateria escorando as paredes, acelera o vocal, e nos permitem desse modo escutar o amadurecimento e o potencial da banda.

Tudo colado. Na sequência, “Lamento” carrega uma introdução poderosa de bateria e as várias vertentes das bases arrastadas do doom metal. A luz do pico da equalização das guitarras no talo, pausa. Depois dos curtos graves, um sublime solo de guitarra apaixonante. Uma mulher nua de sentimentos e talvez carente de atenção é a causa adolescente dessa música.



22 set. / 2012 – Antimácula no Slamdancer II - Foto: ©Sandro Alves

Nos mais nocivos dos dias perfeitos do cotidiano. As guitarras da Antimácula fazem a diferença. Seus vocais em português entram pela alma. Colidir e correr na cidade. Vamos de carona ao massacre, expectadores privilegiados das coisas da idade, mas eles são quatro homens a caminho da idade séria. Nesse momento, embarco na viagem deles. Martelando a guitarra com as pontas dos dedos e me desviando dos obstáculos. Rock’n’Roll a noite toda na estrada, sem mudar a estação.

O som da guitarra solo é privilegiado por uma excelente mixagem. Posso estar pirando, pois sempre me encantei com esses solos. Lembram meu herói, Jeff Beck.

Posso estar pirando. Virei fã da Antimácula, quando eles tocavam em praças e palcos espremidos. Ainda continuam nesse circuito. É reconfortante, depois de anos, eles lançarem material novo tão reluzente. A quarta faixa, “Cidade Morta”, que pode estar próxima a você... encerra o CD, como um álbum conceitual. Estão de parabéns!

Últimas. Estão compondo novas músicas.

Esses sons vocês podem conferir no MySpace deles.

20 outubro • Os Relex(achados) – temos a sua foto, Camarada

Fotógrafo desconhecido, modelo desaparecido

Performances & happenings todos os dias

Ou nós nos filiamos ao *Partido dos Panteras Negras* ou somos os sub-heróis da contracultura gritando Shazam. Ou os últimos hippies desembestados de Arembepe chegando na capital. O bagulho é muito quente, a cerveja gelida. A tinta, a forma, e Julimar, grande parceiro. Dando cores ao sonho. Vamos pintar até o céu – doa a quem doer! Pintaremos tudo, enquanto existir tinta e a fagulha da criatividade. Me sinto criança, feliz, satírico e indomável, como Jimi Hendrix.

Vamos penetrar na Tropicália, usar capas, e olha que essa de vampiro tá meio batida. Vamos de Hélio Oiticica, de Allen Ginsberg, vamos contra essa sua estabilidade emocional esquelética. Sei lá, acho que nós somos mesmo é de outras esferas.

Tente compreender, mas não precisa curtir. A não ser que queira.

O papo era fita cassete, que acredito ultrapassada, ou *Face dances*.

Julimar, estou pintando o fundo creme como sorvete no concreto branco – um tom suave de Sol nipônico. Nada de radioatividade, só o poente do Sol da liberdade, ou uma pintura louca e excêntrica. Estava ouvindo “Carnival of light” d’Os Beatles – um pássaro cantava! – sintonia de rádio – entrevistas e camadas de ruídos, como dos álbuns do quarteto liverpuliano, como eles usaram o barulho... – radioworld e eu pintando sóis; o cachorro latia direto no vizinho. Ou aquilo era da fita?

“Não renascemos, mas barrocamos” (Julimar dos Santos)

No futuro, gostaria que assim você pintasse *Mama Gaia* na janela da sacada do quarto da Ana Luíza Meneses, com o Sol abaixo. A combinar, mestre!

À noite, à mesa no *Beirute* (109 Sul), estavam Paulo Iolovitch, “Azul/Auroro”, o cartunista Joanfi, e Julimar, com suas respectivas canetas se retratando. Embriaguei-os e roubei os seus trabalhos: Iolovitch por Julimar dos Santos e vice-versa.

16 novembro • Sem rendição e inconformismo

Say Land Dance

Barbarella

• É a retomada da parceria entre a produtora *Módulo B* e a *Do Próprio Bol\$o*, que começou em 2007
16h – *Bazar Alternativo* – Traga um objeto para trocar. Pode ser vinil, livro, roupa etc. Traga também um petisco para a mesa, e a sua bebida. Esse evento especialmente, apenas esse, não pretendemos com a presença de menores de 18 anos, ou seja, pretendemos este evento sem crianças. Porque não teremos babás, nem como nós os adultos acompanha-las.

Depois do som redondo das guitarras da Barbarella, o trio Say Land Dance (Elias Azeredo, contrabaixo; “Blavis”, guitarra; e Tiago Rabelo, bateria) surpreendeu o público com o seu rock aceso. Lógico que tocaram Beatles para mim e para o senhor Wálter Oliveira!
Jamais imaginei que o *Bazar* virasse uma festa para Lou Reed:

I’m waiting for my man

Twenty-six dollars in my hand

Up to Lexington, 125

Feel sick and dirty, more dead than alive

I’m waiting for my man

O coração da firma agradece a Zanza, Robson, Julimar e Tiago.

Protofonia lança CD de estreia

Protofonia é um trio de música instrumental, um laboratório, um lugar seguro onde os rótulos se despem em tela branca, a três pincéis, em infinitas cores.

A Protofonia participou de diversos shows e festivais locais, atuou na concepção da trilha sonora do musical *Macufagia*, releitura de *Macunaíma*, obra-prima do escritor Mário de Andrade, dirigido pelo uruguaio-brasiliense Hugo Rodas. A experiência abriu o caminho para a incursão do trio na composição de trilhas e sonoplastias, em parceria com grupos de artes cênicas e visuais.

Este primeiro *CD* reúne composições que começaram a ser gravadas ainda em 2008, quando o grupo se firmou como trio, após uma sequência de várias formações. Chegou até a ser um quinteto, com duas baterias, duas guitarras e baixo.

As faixas

“Antropofagia moderna”, “Cavalgando a máquina flexível”, “Doce carne” e “Jardim de Maytrea” foram registradas no *Estúdio Octógono*. No ano seguinte, 2009, no *Estúdio CL Áudio*, as faixas “Eugênia”, “Não conte nada para sua irmã”, “Triturador de dejetos” e “No palco atrás dos olhos”.

O grupo então se desfaz. Seus integrantes seguem projetos individuais, e só voltam a se reunir em 2012. Novas composições surgiram, mas ainda havia aquele projeto engavetado, com as faixas a soarem cruas, de inacabadas. A alta qualidade da captação motivou a continuação do processo.

Levado para o *Estúdio Zimmer-Collen*, Ceilândia-DF, em dois meses são feitos posteriormente solos, inserções de efeitos eletroacústicos, ruídos, flautas, teremim, percussões, mixagem e masterização, sob a produção de Oldair Vieira. O álbum *Protofonia* finalmente é finalizado em abril, e lançado agora, sete meses depois, no festival *Tarja Preta Volume Um*, no *Sesc Sílvio Barbato*, e distribuído pelos selos *Editio Princeps* e *Masque Records*.

30 nov. • ‘Caravana da Música’ – explode o Teatro (no bom sentido)

Teatro de Arena do Cave, Guará 2: revitalizado. O lindo sábado colaborou

Corte Seco • Concreto Brasilis
• Delinquentes • Neuras Planetoides

Produtores

Ricardo “Retz” & Nader Arar

Arte

Julimar dos Santos

Sonorização

Estúdio Formiguero

Bartô Blues • Mad Dog • Torvax •
Herdeiros na Graça

Cobertura

Parceiros do DFTV

Apoio cultural

Cinedsong

Dentro das possibilidades, e sob comando, tudo caminha. Tudo rolando à vontade para todos os gostos, para quem tivesse o sábado livre.

Elétrico, carismático, louco. Assim foi o sábado da *Caravana da Música*.

Pingue-pongue, cama elástica, bambolê e música de boa qualidade.

E os amigos e suas crianças presentes.

Petiscos, maquiagens, cervejas, e até conversa sobre *LPs*.

Ah... Se o público não arredou o pé de casa, deixem-no pra lá.

Foi esforço gigantesco montar essa enorme opção cultural com poucos recursos.

Haja suor.

O *Teatro de Arena* está impecável e receptivo para que novos festivais de música aconteçam.

Faltam camarins, luzes nos banheiros, mas o básico está lá, pintado de amarelo no verde natural da grama. Uma linda casa nos chama.

Abertura da Corte Seco

A rapaziada acima, além de simpática, acompanhou a maratona musical até o final. Atestaram assim o excelente nível musical do evento.

Goelas pra fora e urros potentes na voz veloz contra o sistema e a dominação.

Legal foi tocarem “Space Cake” da Oz. Zombaria o tempo todo.

Concreto Brasilis

Outra dose de contestação e hits de Cazuza e da Sociedade Alternativa.

“Tocamos um repertório de seis músicas próprias e fizemos a nossa releitura de ‘Aluga-se’. Apesar de o público ser formado basicamente pelas bandas, a cena de música autoral continua forte. As pessoas sempre buscam o desconhecido, e reafirmam a nossa vontade de insistir nas nossas próprias canções.”
(Afrânio Negreiros, contrabaixista)

A Concreto Brasilis, um trio de força punk, no momento prepara material de divulgação, um pacote para o início de 2014, repleto de vídeos, fotos e afinidades da banda. Agora é colocar o bloco nas quadras e palcos, o rock ficará mais concreto.

Os Delinquentes

Direto de Belém do Pará para o Guará. Ainda na mesma noite, esticaram as suas canelas para o Entorno.

No Jardim Ingá, fizeram outra apresentação. União underground nacional.

Delinquentes • Maltrapilhos

Death Slam: fórmula segura de diversão

Neuras Planetoides

Acachapante. A Neuras mandou a velha sequência conhecida de seus onze hits.

Começam a melhorar em “Homens, Cyborgs, Mutantes”. Com “Umbabarauma”, correm em direção ao gol. Já no finalzinho, eles vão relacionando os desmandos do governo e explicam por que o “Pai do Morro” está no poder. Uma apresentação com duas guitarras, mas que precisam dialogar mais. De ótimo, a apresentação do vocalista, quase perfeito, e a cozinha, segura. Mais shows...

Mad Dog quase perde a cabeça

Guitarras, garras à mostra e vocais vorazes na Mad Dog, eles começaram de maneira quente, com a conhecida “Burn”. Depois optaram por temas de hard rock mais recentes, onde o vocalista pôde mostrar a extensão da sua voz. Ainda estão montando repertório. Faltou “Little Wing”. Mas na próxima teremos vez, e voz.

Bartô Blues: uma longa estrada

O guitarrista Bartô Canavarro nasceu no Recife, há 35 anos. Rodou pelo eixo Rio-São Paulo, Belo Horizonte e Ubatuba. Vem tocando em Brasília há cinco anos, com uma nova versão do seu trio de blues, que no momento grava o seu quarto *CD*. Nas apresentações, standards como “Stormy Monday Blues”, “Onze horas”, “Canceriano sem lar”, e muitas composições próprias. Rude, urbano, apaixonado, um blues seguro e atraente, vindo direto das lágrimas de Chicago, pelo Atlântico.

Ótima apresentação, inclusive a terceira no Guará em um mês.

Torvax

Em casa, Torvax previamente grava o instrumental da sua ópera-gótica. O vocalista arranca as máscaras ritualísticas e canta sobre a própria trilha.

Herdeiros na Graça

Harmonia e tranquilidade invadem as cabeças rastafáris. Som para curtir a vida no melhor momento das nossas vidas. Lindas garotas, integração e identidade no ritmo do reggae, na forma de mantras, no repensamento dos desmandos suicidas da nossa humanidade alucinada contra a natureza.

Foi o que vi/ouvi.

6 dezembro • ‘Rock do Pé’: ‘32 anos Do Próprio Bol\$ó’, e não quebrou

Obrigado pelo apoio irrestrito, e um pequeno lembrete. Aqui em casa as coisas costumam acontecer na hora – 16h! Participações especiais de A Banda Mais Lama da Cidade e de Luís Eduardo, e de quem mais chegou. Grafitagem astral com o *Coletivo MOSCA*.

- *Folheto cortesia de Dudu Pinto*

- *Instalação de vídeo, Marcã o “Isca de Polícia”*

- *Fotografias de? (estamos sem fotógrafos...)*

- A Banda Mais Lama da Cidade... tem ensaiadas mais de 50 músicas para serem *assassinadas*, desde o lado brega do Raul Seixas até o do Erasmo Carlos, e um catálogo de rocks Brasília ao rock grande do Sul. E ainda se dão ao luxo de sacrificar Stones e Black Sabbath. Os caras bebem e ensaiam – estão ensaiando há mais de seis meses, todas as semanas. Baseado neles, eu posso voar e ser experimental – agregar à ação experiências auditivas, como a de usar galões de plástico e de metal. Promover performances cênicas e cínicas de outros artistas.

Colocar um copo de metal no microfone e vibrar microfônias como uma segunda guitarra desafinada. Mudar os integrantes de seus instrumentos. E quando nos juntamos ao baterista Tiago Rabelo a ideia era celebrar o *CD Doomsday*, lançado em 1995, com as bandas Espíritos Zombeteiros e Futum. Estes hoje compõem A Banda Mais Lama da Cidade. Que outros artistas videastas se juntem a nós. Pelo menos, o vocalista da Mais Lama se preocupa com o inglês. Outras convenções deixamos de lado, pois não somos uma banda séria, somos o que acontece. Sem essa de convitinho na sua caixa postal – acorde e venha! E sem essa de esquentar a noite, abrir a série sem se importar com o grande show da noite que virá. O que acontece é que esqueceram o espírito zombeteiro do rock’n’roll, e querem nos mapear. Pra quê? Se nem pra liquidação servimos!... O rock’n’roll está vivo, contra a sua postura burguesa de descolorir o cabelo.

14 dez. • Marcão mostra Os guarda-chuvas de Toninho de Souza

Conic – chuva de fotos, ou somos feitos de arte.

Eu gosto é de Gene Vincent and his Blue Caps. Não sou evangélico, mas gosto de vitórias. Ao campo, companheiro, e verás que um filho teu não foge à luta. Meio estressado, sem ter que explicar o motivo. De álcool não gosto, senão não beberia tanto. Entre você e eu, sempre serei mais eu, mesmo que eu mesmo me esconda, pois gosto muito de mim mesmo. Eu tenho um problema seríssimo: Sou livre, sou livre. Arte pra mim é igual merda, todo dia faço arte. Me mate, mas não me iluda.

16 dez. • Das artes sacras de ressaca

Integro o triunvirato de Paulo Ataíde e Julimar dos Santos. Hoje no *DFTV*, na poderosa *Globo*, na hora do almoço, estaremos de passagem representando a cultura do Guará. Mordam os seus lábios de ciúmes!

Na Biblioteca, Julimar grafitou Lorde Syd Barrett. Ainda fez a Batgirl e retocou as paredes e pontes do imaginário.

A polêmica foto do *Parque Denner* ainda traz a sua carga de provocação. Essa será a próxima pauta. Os detentores das franquias de comunicação sempre preferem os seus contatos políticos. A nós, os artistas de agora, cabem puxões de orelha e suas listas de nomes de lembretes. Interessante hábito do jornalismo chapa branca.

Se estou estressado, louco, explodindo? Curta a minha página no *Facebook*.

Sei lá, os projetos não tomam forma física, por isso fiquei ligado no site. Você quer muito e não consegue. Não tem registro. Outros sonhos mais delirantes do que os meus.

Sei lá, me afirmo muito com as pessoas.

50 anos ou 40 anos de mergulho na obra da grande banda The Beatles

Meio Século ou 40 anos do mergulho infundável na obra d'*Os Beatles*

Odeio retrospectivas, por achar que são matérias de gaveta. Ou talvez porque não tenha prestado atenção em nada do que aconteceu durante o ano. E o arrastar dos anos se transforma em elos de correntes dos mais lidos, vistos, odiados, ou das coisas que deveriam vir à tona e ter nos chamado a atenção. Qualquer retrospectiva sempre carrega os mesmos nomes e as novidades inauditas e descartáveis tipo “revelação do ano”.

Começaremos 2014 com um texto índice dedicado ao ano de 1964. E gradativamente o alimentaremos com fotos, elos e informações.

Coincidentemente, eu completarei 50 anos!

Tipo faz quatro décadas do meu mergulho infundável na obra d'*Os Beatles*. Agradeço a Deus por minha vontade e modelo de vida terem prevalecido. Não posso reclamar, não tem sentido, tudo é presente.

Nunca me aproximei do ato da profissionalização por completa incompetência. Então, estamos combinados assim: a esperança de finalmente lançar um novo livro *10.000 dias de rock...* me atormenta

Minha tendência para o ano será próxima da contemplação e da meditação. Sem envolvimento direto na política ou com grupos culturais.

Em maio, vamos tentar um show, com interpretações das canções d'*Os Beatles*.

Numa festa *Anos 60*.

Você deve estranhar: “O Mário está mais errante, indeciso, hesitante, deixando as coisas pra lá?”

– É. Estou. Estou sem saco em prosseguir na tentativa constante de uma produção, onde esbarro na pouca cumplicidade dos prováveis participantes e em propostas que não são tão delirantes, e que às vezes são rapidamente descartadas por seus próprios proponentes.

Feliz Natal • Os \$alvadores, a nova banda de rock da cidade, pinta e solta fumaça

A loucura, irmãos, seja digna e bem-vinda. Que ela nos ilumine todos os dias!

Rolando do *Beira* para a *CNF*, com o carro atolado até o pescoço. Pintaram três anjos salvadores, e cheguei em casa *dimanhã*. Quer saber o que rola? Me liga, me ligue sempre. Sempre terei um apertado.

Conte nossas lendas como desculpas esfarrapadas para viver. Se ligue, Julimar e “Retz” são valiosos. Todos os amigos são maravilhosos, eternamente “loucos até os ossos”. Um rock que a gente tocava.

A gente? Ontem eu toquei bateria e violão *ruinqdói*, velho. Melhor arrumar uma parede ou um trequinho de canto de olho.

2014
PRIMEIRO 'SARAU PSICODÉLICO' DO ANO



Sarau sem fins lucrativos: traga a bebida que for consumir
Agenda: 25 janeiro • Sábado, às 16 h

Barbarella – Antimácula
Poesia
Cida Carvalho e convidados
Grafites e malabares
Coletivo MOSCA
Aniversário
Ludmila Jardim
Som
Estúdio Formiguero

O Verde – Banda Rock Brasília
Fotografia documental
O fotógrafo Henrique Ferrera fará registros para divulgação do livro *10.000 dias de rock*, de Mário Pazcheco
Gravação de imagens
Programa *O Libertário*
Gravação de áudio
Alexandre Magno

Barbarella

Esse quarteto vem evoluindo em suas apresentações, reflexo do que acontece no palco. Duas guitarras, contrabaixo, bateria, e a alternância do guitarrista, que também toca teclado. Boa parte do show é de músicas próprias. Na dose certa, a execução de covers da década de 60 e números das grandes bandas brasileiras dos 70s.

Antimácula

Outro quarteto experiente, especialmente vindo de Luziânia-GO, para detonar o seu heavy metal clássico. Destaque para as suas guitarras pesadas e flamejantes. Músicas próprias, carregadas de letras contundentes.

Banda Rock Brasília

Na pauta dessa banda está a preocupação com a sobrevivência do rock Brasília. Sempre agitam em suas apresentações, que registram para documentar n’*O Libertário*, já preparando um seu primeiro vídeo, iniciado com a gravação na *Feira dos Importados*, no SIA. Estranhos doutores do rock Brasília, aplicam a dose certa de contestação na medicina da sua sobrevivência.

O Verde

Outra grande atração surpresa para a comunidade dos roqueiros do Guará. Prometem marcar os presentes com o seu rock vigoroso.

‘Sarau Psicodélico’

É uma galeria itinerante de painéis, versos e guitarras. São 10 anos de lutas mensais. Detém a maior marca de eventos culturais realizados em Brasília.

Fruto dos esforços do casal Cida Carvalho/Torvax. Máscaras e performances guturais de Torvax com a poesia guerrilheira na língua afiada de Cida Carvalho.

Grafite

Julimar dos Santos traz *Os Skrotinhos* das tirinhas do Laerte para o freezer.

Odrus – surdo ao contrário – veio de Planaltina de “camelo” para deixar o seu grafite.

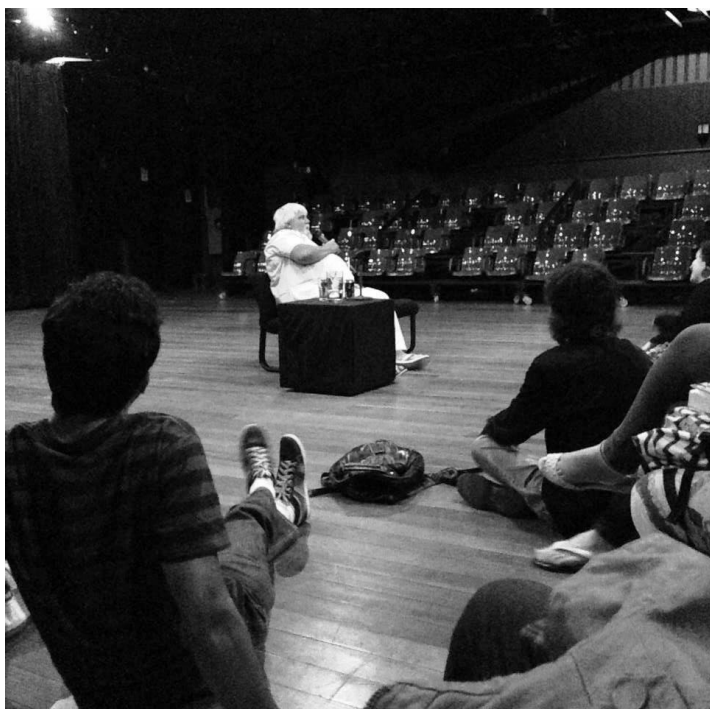


8 março • Autógrafos, alegria, rock, chuva, e até telecatch nos '10.000 dias de rock'

Rebel Shot Party • Kábula

Rock Brasília • Barbarella

Gordo Miranda – Foto: *Marcelo Turko*



Até no carnaval, as histórias surreais do rock'n'roll. Gordo Miranda (†) chegou e abafou, disse tudo. Conquistou a todos, dosadamente irreverente, e sério contou a história do rock'n'roll debaixo dos seus olhos e ouvidos. Muito educado. Hoje tá tirando um som aí com uma banda. Ao segurar o *10.000 dias de rock*, riu muito da dedicatória, e ao ver a contracapa exclamou: “Fejão! Fejão! – C...” quatro vezes.

Perguntou por que eu não tinha aparecido, e minha filha disse: “Ele está como os roqueiros d’agora, só na base d’água!”

Um caminhão-baú azul deixou a aparelhagem profissional. Que montada ficou, esperando as bandas.

“A história da contracultura da cultura *tatoxada* em palavras, a grossos traços, em páginas de papel offset em tons de cinza sendo mastigada, vomitada, e arremessada à pedrada, lançada aos quatros cantos. *10.000 dias de rock*, calendário marginal, do paulista, acorrentado ao quadrado, *Do Próprio Bol\$o*.” (Gabriella Riot)

“Comecei a ler os *10.000 dias de rock* e não consegui mais parar. O livro me levou a uma viagem no tempo. Quando cheguei ao Guará, em 31 dez. / 1987, escoltada pelo inoxidável Hernane Pinto, pelo Arquimedes (Médi) e pelo Vítor, me deparei com um ambiente onde a música comandava o jogo. Joy Division, Hojerizah, The Doors, Titãs, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, e ouvia pessoas falando de uma tal de Cássia Eller, que *arrebenta*, rasgando a voz num blues fenomenal, cantando músicas de Billie Holiday, e um tal de Beto Sebba, aspirante a Coltrane. Tive a honra de vê-los de pertinho, e senti exatamente o que as pessoas descreviam. (...)

Na *QI 4*, quadra do Guará onde conheci os meus melhores amigos, me encantei com o bom gosto do Elivanelson, nosso lindo Eli, e suas divas maravilhosas, entre elas Maria Callas, Billie Holiday e Marilyn Monroe. Fui levada pela Rose, Alessandra e Rudineia para conhecer as quebradas de Taguá, e lá me apaixonei pelo Botequim Blues, pelos pôsteres, pelas fotos, pela energia e pelas performances dos artistas e habitués. Tinha um saxofonista lindo tocando uma música do Coltrane.

Nunca soube o nome dele, e nunca mais o vi. Mais tarde conheci a *Zoonna Z* e seus embalos de sexta à noite! (...)

Depois, num churrasco na casa da Marly, conheci uma turma muita louca, que tem me acompanhado até hoje, dentre os quais alguns ilustres e quase famosos, e outros amigos queridos, que foram se perdendo pelo caminho. (...)

Fui ao *Concerto Cabeças*, na *Concha Acústica*, e comi muita poeira dançando e pulando ao som de bandas célebres como a Liga Tripa, Plebe Rude e Eduardo Rangel. (...)

Depois, muitos anos depois, voltei lá pra ver Titãs e Galinha Preta. Hilário! Conheci o Jair da Liga Tripa... cara maluco, que me convidou pra pular de asa delta.

Nem morta. (...)

Em Brasília, aprendi o significado da palavra *vibração*. Unindo-me aos meus amigos *Skrotinhos*, entendi o que é viajar na música, sentir o coração quase explodir quando a banda sobe ao palco, deixar a música entrar nas veias e correr pela corrente sanguínea, como uma droga potente, poderosa. Pular até gastar o último pinga de energia, cantar junto, gritar e soltar todos os bichos. É uma das energias mais poderosas, que só fui conhecer aqui em Brasília. Ela se potencializa ainda mais por conta da energia das pessoas que vão lá vibrar contigo. É lindo! (...)

10.000 dias de rock é contagiante. Cada página é uma viagem, e cada parágrafo me leva a um acontecimento, uma festa, um show, um encontro no *Los Putas*, um fim de tarde na praça, com os discos debaixo do braço, ou simplesmente uma ida à *Feira do Guará* pra matar a ressaca com um caldo de cana e uma fatia de melancia. Estou esperando, ansiosamente, o próximo. Espero que você nos brinde com mais memórias da musicalidade desta cidade linda, onde no Ano Novo eu comecei a trabalhar!” (Jihan Arar)

Blogue

É um espaço impróprio para a revelação de relatórios. Então eu penso: Qual a sua serventia?

Esta é a súplica: estressado, nervoso e brigando com todo mundo. De dezembro até o dia 8 de março, foram 70 dias de expectativa e tensão. Agindo irracionalmente e com o coração. Sem estratégia ou marketing de lançamento.

Solitariamente, consegui divulgar o livro na mídia impressa Correio Braziliense e no *Portal R7 (Rede Record)*, e o *Facebook* também fez o seu barulho.

O *Zine Oficial*, desde o princípio, veiculou notas e a cobertura em suas páginas.

Balanço – Foi histórico. Saiu no nível da produção *Do Próprio Bol\$o*.

Lição

Não levar certas pessoas a sério e rir com outras pessoas. Se divertir mais. E não assumir compromissos com pessoas não tão compromissadas quanto você.

Gosto de falar que eu tenho fãs, o mais incrível é que *todos* apareceram para me prestigiar.

Foi um sonho molhado?

Das superproduções que acabaram debaixo d'água, com risco de eletrocussão.

Rapidamente, Rebel Shot Party, com o seu profissionalismo de sempre, casa seu som rápido e cru ao festival de cores. A fogueira chegou a ser acesa. Uma chuva brusca molhou tudo. Até a pedaleira da guitarra. “Corre Bianca, e guarda o contrabaixo!”

Dentro de casa, com uma aparelhagem menor e na bateria Yamaha, depois com o bumbo da Pearl, continuamos o ritual dos *10.000 mil dias de rock*. A Rebel Shot Party sabia que era uma apresentação especial, para um público jovem.

Banda Rock Brasília: Doctor Gilvan e a vontade de curar

Trouxe um novo contrabaixista na sua cruzada para resgatar a energia do auge do próprio rock Brasília dos 80s. Encenações hospitalares com dublês de médico, que deveriam ser encenadas num manicômio. Uma prévia do show que eles vão exhibir nesta quarta-feira no *Centro de Brasília*. Solidários e solícitos, fizeram a base de “Back in Black” para Dino Black. Além das apresentações constantes, mantêm na TV *O Libertário*, um programa luxuoso de apoio à cena cultural da cidade.



Na base do sacrifício

Com dores, o guitarrista Osiris segurou nas costas a guitarra e o espetáculo. Ricardo “Kábula” no vocal exibiu forte presença cênica. Deixou a sua marca registrada de domínio do palco.

Barbarella se apresenta em todos os lugares possíveis

O quarteto Barbarella compareceu para a sua terceira apresentação em nossa casa no espaço de três meses. Sempre gentis, não se incomodaram de a Banda Rock Brasília se apresentar antes deles. O seu show foi no mesmo modelo dos anteriores, só que agora em menor duração. E apresentaram uma música nova.



17 mar. • Os Skrotinhos ocuparam o 'Cafofo do Léo', na 'QE 30', Guará 2

18 mar. • A *Rádio Agência Abraço* traz às segundas-feiras, a partir das 20h, ao vivo, o *Maionese Alternativa* – *viajando o mundo com a música*. O programa é apresentado pelo jornalista e músico Bruno Caetano e pela webmaster Gabriella Riot. Além de reprisado nos horários alternativos da rádio web da *Agência Abraço* (Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária), o *Maionese* pode também ser veiculado pelas rádios comunitárias de todo o Brasil, por meio do sinal da internet ligado à mesa de som.

Programa *Maionese Alternativa*. A tortura nunca cessa, ou Mário Pazcheco encontra Gabriella Riot de Seattle. Infinita *pazciência* para ela me produzir ao vivo na rádio por um par de horas. Palmas pra ela! Ela merece, superaudaciosa na tarefa.

- Gabriella Riot é responsável pela divulgação da galera da cidade, e a musicista Mariana Camelo, aniversariante e terceiro lugar na Seletiva, é um dos novos talentos, que começou aos nossos olhos.

27 mar. • A Legião Urbana gravou o seu primeiro LP na máquina de som d'Os Beatles

Se estivesse vivo, hoje o cantor Renato Russo completaria 54 anos. Marcando a data, será lançado o site renatorusso.com.br. A página irá reunir imagens, vídeos e áudios inéditos do cantor, em conteúdo exclusivo

Até hoje, os beatlemaníacos brasileiros acreditavam que todos os equipamentos usados pelos Beatles estavam em Londres, exceção para os poucos que foram leiloados.

Rio de Janeiro. 1984, a Legião Urbana está gravando a música “Geração Coca-cola” no estúdio dois da Mena Barreto. Menor que o número um, mas com uma mesa de gravação igual àquela que Os Beatles haviam usado nos *Abbey Road Studios*.

Quando o beatlemaníaco Renato Russo descobriu a história, apaixonou-se pela mesa/console de mixagem. Assim o disco de estreia do grupo foi concluído.

“Coisas da então *EMI-Odeon*. *Abbey Road Studios* são parte dos bens da *EMI*, e eles tinham feito uma reforma recente, no final dos 70s / começo dos 80s, e exportaram parte do equipamento *velho* para as suas subsidiárias. O console veio parar no estúdio do Rio, onde a Legião gravou *Legião Urbana*, o seu álbum de estreia. Eles tinham adoração pelo console.” (Ana Maria Bahiana)

Agora é muito difícil não acreditar que os pares de mãos habilidosas d'Os Beatles e seus técnicos não deslizaram por aqueles botões mágicos.

Segundo o produtor do primeiro disco da Legião Urbana, José Emílio Rondeau, trabalhar no estúdio com Renato Russo era tão excitante como trabalhar com Arnaldo Baptista, o mentor d'Os Mutantes. Assim foi gravado um dos mais geniais discos do rock Brasil, não só dos 80s, mas de todas as eras.

No livro *Renato Russo*, escrito por Arthur Dapieve em 2000, consta esta história num parágrafo. Um animado Rodrigo Leitão, também jornalista, roqueiro e ex-vocalista da banda Pânico, de Brasília, foi que resgatou esta história-polêmica.

Rodrigo Leitão possui um baú de histórias sobre o líder da Legião, incluindo a carta de desafeição de Russo deixada a Jorge Davidson, o todo poderoso da *EMI-Odeon*. E as duas gravações inéditas de Renato Russo sozinho ao piano em “Ainda é cedo”, e uma outra com a banda, gravadas na *EMI-Odeon*, que poucos ouviram.

O disco de estreia *Legião Urbana*, menos alucinado, menos punk, menos sujo em relação às fitas demo, e mesmo na mesa d'Os Beatles, ainda soou como rock de garagem. As novas camadas já apontavam para a mitologia e a intuição.

“Obrigada. Tão bom rever as carinhas deles, como eu me lembro...” (Ana Maria Bahiana)

A ideia é nada deixar em pé

Refazer o óbvio. Refazer o resgate. Resistir e não atender ao celular. E deixar a casa aberta. Escancarada.

A proposta do site *Do Próprio Bol\$o* é orgânica. Mesmo que você não note, há modificações diárias: no placar, a pontuação visualizando os usuários que espreitam a própria face. Na coluna da direita dá para cruzar os números e ver a evolução dos temas mais lidos “quem cai, quem sobe ou quem é campeão”. Dá para saber quais temas estão se sobressaindo nas pesquisas sempre via *Google*. Fazemos atualizações na grade que servem para a semana. Às vezes, fazemos também edições temáticas. Atualizações quando necessárias, instantaneamente. Os comentários também direcionam a composição da pauta. Todos os números de acessos às matérias estão dispostos. É a transparência! Tudo está dividido em blocos de informações e subgrupos, num sistema similar ao de árvore genealógica. Ainda há a caixa de busca. Sempre refazemos os textos, as fotos e os links, por necessidade de expansão ou por causa de ataques de piratas cibernéticos. É gigantesco.

Estamos on-line há 11 anos. Essa história impressa, discutida, linkada ou compartilhada resulta de 32 anos de divulgação da contracultura, da Beatlemania, do rock Brasília, e de nós mesmos. Eu não tenho essa de achar o ídolo maior do que o meu amigo. Somos nós que fazemos história. Temos material infinito e de qualidade, e de extensão, que a qualquer hora poderemos disponibilizar. Mas nós aqui curtimos um dia após o outro.

A dica

É pesquisar no *Google* a respeito do site digitando “dopropriobolso Brasília”, ou qualquer outra expressão, e ter tudo à mão. Tempo falta, falta incentivo, colaboração etc. Mas o exercício de forma livre da arte até dos mandamentos é praticado. Leitores temos.

5 abril • Korzus reuniu a galera underground

Country Rock, QE 40. A cerveja era gelada e eu tinha físico de jogador de porrinha. Só tenho feito duas coisas na vida, e uma delas é beber com Dalto, Denizar, Gledson, Julimar e Júnior Camacho, “Minduim”, que zerou a conta alta da Distribuidora de bebidas, e “Retz”, que comprou três ingressos para o show da Korzus.

Na gambira, entrou um exemplar dos *10.000 dias de rock*.

6 abr. • ‘Ferrock’ edição especial

- The Funk Brothers
- Grupo A Semente Caco de Cuia

- Fluído Acústico, Pink Floyd Revisitado
- Lançamento do livro *10.000 mil dias de rock*

Rua de Arte e Lazer em comemoração ao *Monumento da Praça Ferrock*, na QNP 13, Área Especial – P Norte, Ceilândia, DF.

Tarde de glória: recebi a comenda cultural do *Ferrock*!

Foi no P Norte – terra de Dom Pezão, o poeta (in memoriam) – que fui agraciado.

No Guará, entregarei a comenda cultural a Julimar.

Nem que tenha que fundi-la com o ouro dos dentes da minha boca.

Guardem seus skates, a DRI furou.



Das mãos de Julimar, recebi o bolo confeitado pela Adriana Izabelita

**24 maio • 32 anos de reafirmação,
insubordinação e resistência
(Afinal, 50 anos é só uma vez na vida)**



Paralello Sônico: Lucas Sousa, distorções; Wildon Odaime, bateria; Narla Verohanne, vocais; Sanderson Átomo, graves e vocais

Paralello Sônico

Foi outra grata surpresa, apresentada pelo fotógrafo Henrique Ferrera. Uma apresentação rápida, explosiva, carregada com a garra dos jovens. Seus sons são “8 horas”, “Apenas pessoas”, “Caminhos opostos”, “Tudo longe”, “Distante” e “Fuga”. Se possível, não percam uma apresentação deles. Detonam.

Dínamo Z • Antimácula
• Brazilian Blues Band

Paralello Sônico • Red Zones
• Lincon Lacerda

Houve a tradicional prévia: churrasco gaúcho com Nader Arar. Desculpem-me a porralouquice, a paranoia, a grosseria, a estupidez e o extremo cuidado que tomo com as minhas coisas – pétalas de rosas ciumentas e arames farpados na face enferrujada.

Festa temática, vestuário 60s. “Mina, seus cabelo é da hora. Seu corpão violão.

Meu docinho de coco”

That’s rock. Só sei fazer rock da única maneira possível. O dia em que optar pelo outro sistema, ponho a fé em nossa humanidade de lado e me torno capitali\$ta – o rock vai rolar (to day I die). Faltam o amplificador da guitarra e o cubo do contrabaixo, mas até lá conseguiremos. Rango em cima! Bandas idem!

Usam o Rock para projetos egoístas, interesse próprio, mas tudo é uma maravilha agora: rock pra todo lado. Só aparece gente para defender que essa atitude é vital, que só assim será. Gente que nunca fez nada, a não ser guardar muito bem o seu dinheirinho. Então vou na contramão, vou de contracultura. Não sou contra vocês, aliás, contra ninguém. Só quero fazer do jeito que der, sem ter que me atrelar a

moinhos de vento, e muito menos a mercenários, oportunistas ou franco-atiradores. – “Você é que dá força para esses coronéis da cultura, o que não falta aqui!”

Quais? Bateria, amplificador, som de palco, horário? As coisas só acontecem na minha cabeça. Esse negócio de remake pode parecer continuação, que tal tentar mais um episódio, sem nunca conhecer o final? Experientemente nos afastando de exigências, pontos cegos, galos cegos e conversa fiada, que não produzem muita coisa. Segunda-feira agora, a definição.

Lema da Antimácula

“Deixe-nos trabalhar pelo rock.” A Antimácula em chamas nos brindou com o roquenrou mais quente da noite!



Brazilian Blues Band

A longa trajetória desta genuína banda de blues completa duas décadas de ação.

E os felizardos fomos nós, por termos tido a oportunidade de recebê-los. E numa das datas mais especiais da minha vida. Quase não acreditei na presença de Marçal Leones nos teclados e o time completo, com Leonardo Vilela na guitarra e Rafael Paez na bateria. Somos amigos há mais de 20 anos, e sempre que possível nos esbarramos. O contrabaixista Célio de Moraes, um dos mais diletos e queridos músicos da cena, com a constante agenda apertada, num passe de mágica sempre aparece, para oferecer rock com as suas outras bandas, a Terno Elétrico e a Os Merah. O vocalista Luiz Kaffa, pela proximidade geográfica, é o membro com quem mais trocamos figurinhas. Ele não hesita em jogar na minha mão o mais recente *CD* da Brazilian Blues Band, *500g Blues*. Como mestre de cerimônia nesta noite, ele foi perfeito. Puxou um parabéns em ritmo de blues, e fez uma das melhores

apresentações em nosso palco. Altamente profissional, conseguiu atrair a atenção de quase todos os presentes. Um dos feitos mais raros que presenciei nesta longa jornada de shows ao luar.

Associações partidárias

Que populismo é esse, Mário Pazcheco!? Perguntaria Julimar

Red Zones e eu, rock'n'roll sem ciúmes. Uma mistura louca de Beatles com Dead Kennedys. Moçada, faremos o disco manifesto a qualquer hora.

Trabalhamos duro e pesadamente, aliás, Julimar dos Santos pega no batente pesado comigo. Minha mulher suporta a atitude suspeita de dois artistas inconsequentes. O ano todo montamos parcerias. Rapo da conta bancária o último troco e organizamos um movimento *hiperfoda realístico*, com no mínimo cinquenta pessoas. Na foto, estamos rodeados pelos mais atuantes e indispensáveis portanto elementos à cultura do Guará, numa noite de blues. Se fui bom ator? Pela primeira vez, dividi o palco sem tremer.

Dilema do varal

“Eu não vou pegar a toalha não, não vou pegar uma pneumonia. Acabei de sair da cama e estou sem camisa.” Eu e Zanza Meneses nos enfrentamos muitas vezes, então as palavras voam pra explodir no ouvido do outro. Que reclama, amua, mas somos só nós dois, então a gente acaba se reencontrando, a casa é pequena. E eu no esforço interminável por aparecer invisivelmente, e ela sem jamais esquentar em aparecer, faz um trabalho humano e lindo, porque é uma grande alma. Ela é tudo e eu sou nada. Mas pelo menos ela não reclamará desta vez, que nos últimos 19 anos todos os dias foram iguais. Alguma vez ela reclamou sim da monocórdia, da inércia, da temperatura parada do nosso encontro, do nosso relacionamento, ao qual faltaria, teria faltado, sei lá, tantas vezes, sal, ou pimenta, não sei bem, talvez quem sabe cheiro verde ou salsa. E agora estou sem poder beber, a ouvir mais os nossos filhos, com 20 anos. A mãe dos casais é quem cria, gesta e cria...

Anti-Establishment Parties

Com Dög Savanna, Nini Santos e Júlio César Batista da Silva.

Jorge Dupan dança e faz performances há muito. Um cara generoso, de simpatia contagiante. Outras e melhores fotos de óculos foram feitas pelo Henrique Ferrera, e eu não me lembrava delas.

4 a 6 junho • ‘Primeira Semana d'A Banda Mais Lama da Cidade’

Ziggy and Major Tom in rock space. Sibéria atende, ou Oxalá nos acuda! Alive before the rain comes.

7 jun. • In The Presence of Greg Wilson, rimos um bocado

Greg Wilson, um dos precursores do blues no Brasil, com a Blues Etílicos, foi a única estrela do blues rock com quem consegui me expressar claramente. O seu português é ótimo. Resumidamente, o tema do papo rápido foi *Time waits for no one*.

Fim da longa noite de blues no *Quintal*, na *QE 19*.

8 jun. • Motorock & Blues

Twist and Shout. Grito e inclinação, com Andrea Brito e Júlio César Batista da Silva. As pessoas são eventos maiores do que as bandas, ou quando os músicos e os produtores vão entender isso?

• Betto Tutu & Izabel Tutu se apresentaram na *Feijoada Cantante*, na casa da irmã dos Saraivas.

Em agosto, a formação completa d'*Os Skrotinhos* se reunirá no aniversário da Sueli Saraiva.

25 jun. • O Quinteto Sapiens abraça os sons e os amigos

Gilberto Domingos, guitarra;
Bruno Siqueira, contrabaixo;

Mônica Sobral, flauta transversal;
Hamilton “Zen”, bateria

A banda Sapiens, no melhor momento de sua carreira, nos encanta com um belo naipe de canções de esperança e criatividade.

Foi um prazer audiovisual. No nosso primeiro contato, eles me provocaram um olhar de estranhamento. Nossos caminhos foram se cruzando.

Com a vibração zen de Hamilton na bateria, a Sapiens começou a soar redondo.

Neste momento, o cineclubista Edson Salazar me convidou para assumirmos a ideia de som, imagem e documentário. Tínhamos montado o telão na *Abertura da Copa*, para espantar a zebra.

Com a esmagadora produção de Edson Salazar & participação espontânea de Mário Pazcheco, apresentamos o clipe *Sapiens em casa*, o pontapé inicial do documentário *Quase Sósias*, que vai promover o registro cultural das ações de alguns amigos no Guará. O segundo piloto, com o museólogo do rock Ricardo “Retz”, está na ilha de edição. Comentar e partilhar, ou torcer o nariz, fazem parte da rede social.

13 julho • Dentro do ‘Sarau Psicodélico’ – Dia Internacional do Rock

Sapiens • Têssera • Dualib
• Subinistante • Red Zones

Galeria de grafites

Julimar dos Santos

Versos

Jirlene Pascoal
Cida Carvalho

Sarau Psicodélico produzido por *Do Próprio*
Bol\$ó

Documentado por *Cinedsong*

Uma Realização *Bolachão Produções* – Museu da
Música e Estúdio Formiguero

• Mário Pazcheco, *cerveja Antarctica na mão direita; Rogério, de flanela listrada e voz de trovão; o novo batera, que está pegando as músicas; o baixista, de peso, e hábil nas quatro cordas. Sentada, Cida Carvalho, a artista das miríades de cores espalhadas pelo palco. E o não menos talentoso guitarrista Igor. Mais dois velhos e conhecidos produtores da cidade, e a Red Zones, sonoramente violenta banda de rock’n’roll de Jardim Ingá-GO*

Preciso de vocês, preciso de segurança e inspiração; preciso de caldos, pães, e tragam as suas cervejas no isopor... Uma manifestação de arte e música sem depender daqueles que acham que sabem o que você deve fazer da sua vida. Por isso eu faço rock!

Com uma ajudinha dos amigos, nós sempre conseguimos, né?

Dia Internacional do Rock, sem concessões em sua celebração, e sem acordo possível quanto a modificação da data. Torcendo SEMPRE pelo Brasil. Querendo nosso time na final, e às 17h o nosso miúdo festival. Jorge Dupan, preciso que você faça o caldo de abóbora, e também daquela performance: traga a alegria e a vibração que você faz!

Na pressão do Rock

Conseguimos cinco bandas autorais de rock em português. De dia, limpando o campo e montando a Expo. Tarde da noite, Julimar dos Santos pinta painéis e muros. Se o Brasil passar pela Alemanha, seremos campeões! Esperamos vocês no domingo: tragam pão, batata, o seu *PF*, e urgentemente

precisamos de alguém que tenha culhões e garanta o caldo. A fogueira estará acesa, e mais uma vez precisarei da ajuda dos amigos-rock.

‘Quase Sósias’ : totalmente underground

Quando resolvi pegar o touro pela unha, eu sabia que estava escudado pela competência audiovisual de Edson Salazar. Somos conhecidos há 25 anos, e ele sabe como sonho, como falo. Fomos para a estrada, pois lá se é livre para filmar. Temos quase uma hora editada de alguma coisa, que não ficou guardada na caixinha de lembranças, e nem será para a posteridade. Essa é a vibração: ser gente, ser nosso, e se dividir. Ego todos nós temos, mas em ação não há repartições, somente ocupações, e a imensa responsabilidade em captar momentos espontâneos sem maquiagem. Amamos a todos!!

Porque sou solto como feijão e grão de milho, e me deixo bicar nos olhos pelas galinhas furiosas, disputando migalhas. Eu disse MIGALHAS, não preciso do azul, do verde, do vermelho do administrador – do cara que cobra quinze por cento. Eu preciso de gente que vive para carregar os ventos nas costas, e inflar e inflar, e prender, e respirar de novo, e prensar, e voar como os balões mágicos.



Subinstante

Snyffynn Roots, contrabaixo; Dri Araújo, voz; Daniel Mamute, bateria; Luís Moura, guitarra e vocal.

“‘Smoke on the water’ foi no improviso. O pessoal se amarrou, todo mundo curtiu. Havíamos explicado que era apenas um improviso, tendo em vista que o público havia pedido para continuarmos mesmo depois de concluído o set. (...) A antiga vocalista possuía objetivos diferentes aos da banda, e não se sentia confortável com nosso repertório, resultando então em sua saída. (...) Gosto daquelas nove

músicas que apresentamos! Eu curto tocar ‘Quem eu sou’, ‘Se eu pudesse’, ‘Loucura e razão’ – por ser a primeira música da banda – e ‘Sonhos’. Estas músicas têm histórias por trás de sua criação. Por isso gosto de todas!” (Luís Moura)

Dualib

Marcão “Isca de Polícia”. Falar que o seu trabalho é magnífico é ser redundante.

Com zeros ao final da nota. Esta foto quebrou o meu maxilar num clique: nossos herdeiros mirins, nas cadeiras, na fogueira, que acabaram clandestinamente de acender, a quem você identificou como dois “pivetes”. Moçada, aqui é pra rir, e não para recriminar! *A bruxa da capa prateada* em ritual e *O guitarrista de um braço*. Ôrra, o melhor retrato da contracultura *Do Próprio Bol\$o*, e querem que eu recorra às verbas do BNDS, que vá tomar chá de cadeira no *Gabinete do Meirelles*.

Téssera

Demolição de guitarra e bateria.

Red Zones

Comprometimento total com o rock, parceiros do som alto.

Sua Majestade Elvis, O Rei

Julimar dos Santos começou a fazer desenhos bem-novinho. O auge foi quando ele desenhava o guitarrista da Nirvana, para chamar a atenção das garotas. Nesse dia, a sua arte chegou junto com o cabelo de milho.

Longos dreadlocks, manjadas camisetas apertadas, magrelo, de olhos claros. De pé, um malabarista, até o fim do dia. A arma do seu sustento? Uma sacola repleta de latas de spray.

Noite e dia, Sol e Lua, ininterruptamente amanhece, ou anoitece, e Julimar segue pintando muros e pontes, arcos-íris e pores do Sol de todos os pontos da capital do Brasil. Militante de bom humor, e também das (ir)responsáveis ações globais dos protestos. Da favela ao senado, dos tronos das catedrais às paradas de ônibus, ele aponta o bico do spray para amenizar o vazio e a distância das relações pessoais.

É só solicitar a encomenda, que a entrega é total e pronta. Como artista, Julimar vive um período conturbado e tomado pela falta de tempo para projetos pessoais. Na Asa Norte, pendurado num andaime no *T-Bone*, pinta ao vivo Jorge Ben Jor. No *Feitiço Mineiro*, estica na corda de varal as suas grandes telas, com as caras dos grandes artistas do nosso imaginário.

Dependendo da demanda, se com fineza e parceria, você pode extrair dele grandes trabalhos, que darão certamente visibilidade magnífica em fachadas, assim tornadas especialíssimas, além de minuciosos artesanatos no barro, linha, papel, em qualquer suporte. Julimar é uma provocação ambulante de risos e cenas inusitadas. Deus preserve o seu talento!

20 jul. • Rodando ‘Quase Sósias’ no ‘Conic’

Julimar dos Santos e Paulo Iolovitch são procurados por atentado artístico violento. Esqueçam, senhores, as vaidades, porque nós queremos arte, e a loucura, a divina loucura, nossa eterna dama de companhia.

Os manequins parecem uma constante na visão. Ah... e quem gosta de fazer amor? Perguntar o quê? Que o frio desce da Lua para a fogueira? Que tocamos violão com Betto e Izabel, e que mergulhamos na cerveja? *Quase Sósias* está próximo da conclusão.

O documentário *Quase Sósias* era pra ter sido um rascunho de a câmera na mão e a ideia na cabeça. Uns muito ocupados para aparecer, outros com frescura e sem oportunidade de ação. Não tínhamos tempo ou grana, ou gasolina. Era pra ser rápido, uma reportagem, e virou documentário, que foi crescendo, crescendo, e virou lenda. Ficou meio desvirtuado da ideia de cinema-verdade. Será que existe isso, Sandro? Em novembro, vamos ver. Já estou até ouvindo “Sucesso, aqui vou eu”!

• ‘Caravana da Música’ na ‘Praça da QE 20’

Barbarella • Cleíton “Roots”, violonista (Todas As Tribos). Essas bandas sempre nos deram muita alegria.

- Sandro Alves realizará o nosso sonho, ele assistirá Arnaldo Baptista em Belo Horizonte.
- Marcão Gomes, súdito angelical do “Isca de Polícia”, venha fazer entrevistas amanhã às 16h! Podemos contar com você? Na foto, o jorro incontinente garantido na lente.

1º agosto • Dia triste. Perdemos o querido baterista Rubão. Seu fiel, inseparável e inconsolável amigo Zezinho Blues o acompanhou até a hora final. Com Rubão, o Skaravelho tocou um genuíno rock’n’roll. Celso, Cleitinho, Bigorna e eu de olho neles! Foram inclusive dezenas de tributos a Raul Seixas pelos bares da cidade. O gaúcho Rubão ouvia Allman Brothers, Crosby, Stills, Nash & Young, e lógico gostava do Bixo da Seda e do Liverpool. Serviu de inspiração para os bateristas que o conheceram. Se tocava bem? Nem suava... Não perdia a cadência, gostava do bumbo. Tocava muito. Sempre prestigiou os nossos eventos-adventos. Na nossa última foto juntos, estou meio desligado, mas no dia seguinte eu perguntava: Cadê o Rubão?

13 ago. • Barbarella acústico no ‘Sarauê’ com muito auê

16 ago. • “Os Abusados sexualmente por Rita Cadillac”

Barbarella

Rota 66

- *Profeta do lê-iê-iê: dará tudo certo, basta relaxar o ego e seguir a música*
- *Eu e Julimar chegamos meio loucos. Encontramos o som montado pela Barbarella e o casal amigo, Betto Tutu & Izabel Tutu, que têm participado ativamente da festa*

Hoje é sábado. Quando estico um palavrão na linha, nada mais é do que uma figura de estilo... Quando uso *põe outro*, é uma senha para *vamo nessa*. Agora, no *Facebook*: 1. Prefiro que as pessoas da direita me bloqueiem; e 2. Não entendo como podem pais permitirem suas crianças transitarem em tal universo, que todo mundo sabe perigosíssimo, em todos os sentidos. Há como elas serem prevenidas? São especuladores de falsa salvação, reacionários saídos das mais absurdas provetas, admiradores do Arruda, cabos eleitorais mercenários, falsos amigos, falsos profetas, gente que acredita me conhecer via *Facebook*, além de outros equívocos e mentirosos, corruptores, corruptos, salafrários e bananas. Condeno gente que condena a maconha, e a lista vai crescendo de aderentes e aderidos às hipocrisias e às propagandas. Tudo terminará em merda mesmo.



Hoje lanço o livro *10.000 dias de rock*, e no palco só aceito quem está comigo há muito tempo, o caso da Barbarella & da Rota 66. Vamos tirar rock do sangue! São 32 anos que banco chacoalhar esta cena parada, este movimento retrocessivo, esta estagnação indesculpável. Estou feliz, porque um tijolinho saiu no Jornal do Guará. A mídia tem que ser espontânea, não vou ficar de porta em porta: “Quer ouvir a minha história?” Não sou Hendrix. Agora a produção reluzente de hoje estará por conta de Zanza Meneses e dos amigos Edson Salazar e Julimar dos Santos, que realizará uma instalação. Deus nos concederá paz & inspiração. São quarenta e cinco anos de *Woodstock*. Teremos duas bandas numa atitude rápida. E põe outro, finalmente você sabe, sabia, soube, saberia, saberá, as folhas do chá contam como eu nunca quis ser santo ou catequizado. Ou qualquer outra coisa fora de mim próprio. Rock é rock mesmo, e um adeus aos caras que não apareceram para ver o rock’n’roll. Em débito com Tony “Maluco”, daqui do Guará, e obrigado a Juliana, pela abençoada e suada grana do livro, e à família Rabelo também pela presença. Às produtoras Zanza e Sueli Lemos. Marcão, pelas fotos únicas, porque especiais.

Ao Edson, pela filmagem. Às duas bandas, pelo carinho. À *Rádio Comunitária do Guará*, que cobriu o evento. À arte maravilhosa e instantânea de Julimar, na estreia da Exposição *Heroínas & Vilãs*, a partir de manequins decapitados. Ao Felipe Grimello, cozinheiro headbanger. Aos vizinhos, que ficaram graciosamente na deles. A Deus, que nos permitiu mais uma dose de rock’n’roll!

– Quis contratar todos os artistas do *Fogueiral*. Ninguém aceitou. Me ofereci para conduzir as suas carreiras. Ninguém quis. Ninguém de novo me levou a sério. Ou então ficaram desconfiados de que a proposta poderia ser séria.



Li Lohan Yamada se apresentando com a banda Rota 66, ao lado da Barbarella, neste sábado, no lançamento do 10.000 dias de rock. Isso cá no Guará 2, na QE 19, no Café Quintal.

2 setembro • Noites quase gêmeas: instalação ‘Heroínas & Vilãs’, nos quinze meses de arte com Julimar

KaphaGérson “Cabelo de Boneca” apareceu do nada, e logo gritou:

- Marão do IAPI!
- Jogávamos bola e bolinha de gude juntos
- Colocávamos cachorros pra brigar
- Roubávamos cavalos, galinhas e mangas
- E nadávamos no córrego, de águas frias!...

KaphaGérson pediu para ajudar a corrigir as filipetas de seu show dia 29 de fevereiro. Trouxe consigo o DJ Belo. Também do nada apareceu Paulo Kauim, para pedir um depoimento da dupla a respeito do *Teatro Rolla Pedra ETC & Tal*.

Paulo Ataíde nos apresentou a uma birosca de esquina. Lá ficamos entre o crepúsculo e a alvorada! Ainda escuro, saí no carro com os faróis desligados. As bicicletas giravam. A luz acendia de dia e de noite apagava. Peguei uma bicicleta para ir ao serviço. As pessoas e as crianças me pararam no calçadão.

Lembro que deixei Os Cachorros das Cachorras e suas acompanhantes barulhentas numa parada do outro lado da pista. Ao achar o carro, duas crianças vasculhavam bolsas, mochilas e gavetas. Da janela, a dona da casa reclamou que o carro havia invadido o seu monte de pedras.

No emaranhado de ideias truncadas, depois da rápida noite rasa, fiquei com os bolsos repletos de filipetas, e uma impressão cinestésica, pois todos os sentidos apontavam que o show já havia acontecido.

Segundos antes do soar, abracei o relógio. No espelho, olhos vermelhos.

Atravessamos a noite toda revisando filipetas. À noite, “A Day in the Life”... De dia, “What a fool believes”.

Vesti a minha bata espacial do Dr. Smith, com as duas Luas de Júpiter e os seus planetas vermelhos. 7h10. No serviço, nunca cheguei atrasado. Ainda cedo para as oito horas: hoje é o dia 29. “Esquece e não pensa mais...” Sexta-feira da Juliana e da Roberta, *Segunda noite do Mulheral*.

“Podrão” trouxe as boas novas e escrevemos canções. Ele é uma personalidade de peso.

Com *pazciência* de elefante, relatou os 35 shows que assistiu no *Porão do Rock*.

Da sua boca, fiquei sabendo como foram as apresentações de nossos amigos Terror Revolucionário e Bruto.

“Podrão” devia ser *O Âncora do Porão do Rock*, pois manda muito na informação.

Fomos tomar “brejas” e passar a ferro ou a limpo o passado e o futuro. “Podrão” revelou coisas impressionantes do rock Brasília, sem revelar nada do conteúdo do seu livro.

Estávamos mais altos do que espírito de morto, nos divertindo. O cara é astral e bom papo. Nossas conversas jamais poderão ser gravadas ou publicadas, porém se você estiver no mesmo alto teor do nirvana poderá ouvir e participar.

Salve-se quem souber, ou... As crônicas embriagadas de Alex “Podrão”

“Em 1983, o então idealizador e fundador da banda heavy metal Nirvana fortuitamente encontrou-se com uma cartomante na *Rodoviária do Plano Piloto* em Brasília. (...)

A quiromante, ao ler as linhas da palma da mão do roqueiro, disse: ‘Filho, você será um homem de muito sucesso. O nome da sua banda será famoso no final do séc. 20.’

O roqueiro ficou encucado.

Ainda estarrecido, indagou: ‘Isso não é possível!’

Passaram-se 17 anos, e o nome Nirvana atingiu um explosivo sucesso. Só que a banda do guitarrista e vocalista Tadeu já havia acabado.

A Nirvana era sucesso de Kurt Cobain. Se Tadeu tivesse registrado o nome...

Na cidade seca do Brasil Central, as adivinhações continuaram naquela tarde de 1982. A cartomante repetia o início das frases: ‘Meu filho. Você será convidado para tocar na banda mais famosa do Brasil.’

Passaram-se alguns anos, e Renato Manfredini Júnior o convidou. Mas Tadeu não gostava de punk rock. Até fez chacota.

Vinte anos mais tarde, no primeiro lugar, estava a Legião Urbana. O pobre músico da extinta banda Nirvana viu o seu passaporte para o sucesso passar diante dos seus ouvidos...

Encerrando as previsões de 1982, a cartomante-quiromante ainda previu o encontro do jovem Tadeu com uma estrela da música no velho continente. E não é que Tadeu tocou certa noite com B. B. King?”

6 set. • ‘Proclamação do Rock’ – na Semana da Pátria, reforçamos o nosso patriotismo
Show-apoio ao *Conselho Regional de Cultura do Guará*

Não precisa dançar na minha tumba, mas tem que trazer os quitutes antes que a demência tome conta da “sualma”.

Pasta cremosa
Zanza
Vinho e cerveja geladíssima
Do Próprio Bol\$

Barbarella • Red Zones
Discotecagem
Edson Salazar

- *Nenhuma banda de rock sobrevive sem seus fãs*
- *O guitarrista Serginho pedalou no órgão em cima do banco branco de igreja...*
- *Vindo diretamente de Girassol-Luziânia, GO numa OABesta, Red Zones relembra a tradição do barulho no rock. Trouxeram suas lindas fãs, assim como Barbarella também trouxeram as dela*
- *Os globos devem girar e os bustos balançar enquanto o chão tremer*

Sete anos de destino: Ceilândia-Guará; Barbarella/*Do Próprio Bol\$*.

Estaremos comemorando às 20h. Jerimum, torresmo e pinga, porque estamos quebrados. Se algum fã quiser bancar a mesa, já aceitamos, e sem camarotes para pistas. Tragam os óculos espelhados. Homenagearemos o artista mais famoso da cidade, com um parabéns, se ele aparecer. Se Célio de Moraes & Tiago Rabelo puderem se juntar a nós, começaremos às 20h.

Agradecemos ao Papai do céu, porque não choveu, e às bandas, aos técnicos de som, aos penetras, a vocês, e a Juliana Krause. O movimento vive. Valeu!

Na conta dos sete pecados

Dentro da inconstância constante, vamos ao rock. Frente à incerteza do modelo, que abre a sua boca enorme e lhe mastiga e cospe fora como cereja, vamos à ribalta. Vamos resistir a nós mesmos, seremos nossos próprios insetos, fatos insignificantes. Vamos suar, carregar e nos fazer de operários da cultura.

Eu quero é rock. Barbarella vem aí para poucos, pois só tem folgado esperando batera e guitarra para tocar, mas sem pôr a mão no bol\$. Cadê o ativismo? E o relativismo? Mas você sabe mais do que eu, sabe que isso nunca dará certo. E talvez seja por isso que tento, tento matar a imensa vontade dentro de mim de ser boçal.

As sete rapidinhas da Barbarella pelo Guará

Duas apresentações em janeiro no palco *Do Próprio Bol\$*, terceira no lançamento do livro *10.000 dias de rock*. Maio, quarta e primeira apresentação como trio, no *Estacionamento do Cave*. Julho, estreia da nova formação na *Caravana da Música*.

Agosto, quinta e sexta apresentações, acústica no *Sarauê* e elétrica no *Café Quintal*.

Os meninos da Barbarella em nova formação reconquistaram a energia para se apresentar em qualquer palco. Nossa aparelhagem de sete anos de ação, o fundo e a Lua de papel brilhando. Mudanças – nas leis da Física – do local da bateria, que saiu do fundo do palco e agora é na lateral, na cara dos caras.

“Procuro colocar na Barbarella uma bateria com muita energia. Energia dos 90s, com pegada forte e peso. Mas aos poucos vou construindo um estilo próprio. Vamos conferir o que sairá.” (Renato Gonoli) Faço rock porque é a minha vaidade. Os caras vêm do Oeste de Girassol tocar uma guitarra grunge grudenta. Minha filha fala: “Pai, você tem que dar valor ao Robson, ele é um cara legal!” Faço do sábado o melhor, almoço fora. Compro lanternas de papel para a iluminação. Descolo uma lenha pesada, na base do machado. No cartão *Carrefour*, compro baguetes, vidros de maionese alternativa,

latas de atum e uma caixa de Antarctica Original. Ihhh... esqueci a Coca-cola. Dobro a Zanza para fazer o rango... e você acha que eu sou louco, porque jogo na cara que pra cara folgado não tenho saco. Julimar dos Santos, por que você não vem pintar o piso? Aqueles que não puderam vir já mandaram a presença.

19 set. • '10.000 dias de rock' na 'Galeria Olho de Águia'

Serviço – *Galeria Olho de Águia*

Endereço: *Ed. Praiamar – Setor F Norte CNF 1* – Taguatinga Norte, Brasília

Sexta-feira – Se você perguntar, me dou completamente por curado e sanado de qualquer doença mental. Meu amado primo, o único espécime da minha família que me visita, e nossos dois amigos em comum, apareceram no sábado, e eu me despedi: “Abraços e transtornos bipolares!” Eles riram. O bom da loucura sóbria é que você disfarça como pode, e nem pode fazer festa, senão vira “o muito louco”. Todo esse papismo fortuito para diferenciar criatividade de estupidez, e opção não é escolha. Revelo pra você, Joelma Antunes de Sousa, que quando desta foto pensei *nem para o ventilador estar ligado e rasgar os dedos...* Agora, entre a automutilação e a ideia, é um abismo que gera, o flash clássico. Eis a história desta foto.

Vamos fazer rock?

O canto do livro. Passei uma semana longe da cultura, e foi ótimo. Esfriei a cabeça, mas continuei vendo as mesmas coisas. Você pode falar que briguei com o Ataíde, o Julimar. Briguei no campo das ideias. Eu não tenho que formatar a minha expansão para um campo de visão que não é o meu. Trabalho pela minha carreira, sou o convertido do rock’n’roll, e luto todos os dias para não ser extinto. Tenho mil planos. Enfim, a vida é minha!

Como ninguém é de ferro, fui ao *Café Quintal*. Lá sou todo abraços e sorrisos.

Passei no aniversário do Antônio Lemos Passos Júnior e revoltei ao *Quintal*. Fazer arte e viver da arte é muito estafante. Concluindo, temos que aprender o que é bom e o que é ruim.

Se eu me farto a fim de falar de mim mesmo é, com certeza, para dar uma de doido e convencido.

Pois de otário eu não vou posar. O melhor de tudo: ninguém me conhece. Nesta sexta-feira, outra boa dose de rock’n’roll. Lanço na *Galeria Olho de Águia*, sob as asas do Ivaldo Cavalcante, o aclamado e desconhecido *10.000 dias de rock*. Aproveito para cobrar aqueles que me devem a grana do livro. Já deu tempo de lerem, e eu ainda não vi a cor da minha grana. Amo vocês – como posso. Detalhe: pastor Andy Warhol atrás da minha cabeça!

Plantão do Rock’n’Roll

Só tenho que agradecer à massa humana que invadiu a *Galeria Olho de Águia*, para dançar todos os ritmos. Ivaldo Cavalcante é realmente um hostess cinco estrelas. Agradeço muito a todos. À minha querida Joelma Antunes de Sousa, e a todos os amigos do Guará, que seguiram em caravana. Pense em gente bacana!

No meio disso tudo, eu discotecando – um terrir! *Aos Batalhadores do rock Brasília*, como o Luiz Coelho, baterista da Ligação Direta, que veio pegar o seu exemplar, mas a todos que estiveram no evento, muito obrigado. Agradeço a simpatia absurda do Eduardo Mariano e do pessoal do movimento cultural de Taguatinga, e muito também aos responsáveis divulgadores do evento *Rockriança*, Tomaz André e Bruno Caetano. E por que não agradecer a mim também? Obrigado! Fotos muitas, noite agitada, na presença de Paulinho Madrugada. Bola pra frente, apoio de Zanza Meneses, Maria Helena, Roberta Viana da Silva, Juliana Krause e Tony “Maluco” Do Guará 2, e de Régis e de muitos outros

amigos. Dentre eles, Júlio César Batista da Silva, voltando no tempo em que ele ia à *Zoonna Z* com Júlio Mota, e mais absurdos ainda. Amanhã, sábado, essa galera estará reunida no *Café Quintal* para o aniversário dos virginianos. E agradeço muito as presenças de Lucas e Fernanda Morgani. Rock'n'Roll total. Muita gente linda!! Recado de Ivaldo para o Julimar dos Santos: Quando vai rolar a sua exposição na *Galeria Olho de Águia*?

26 set. • Cheguei da praia do *Piratas Disco Club*. A festa continua em *casagora* 0h23. Legal a organização e segurança. E as figuras beats das rodas, as pizzas de Jorge, os inovadores clubbers e seus dançarinos de tapa-olhos. Tudo blindado, produzido. Lindas imagens de velhas fitas *VHS*!

6 outubro • 'Maionese Alternativa'

Meu autocontrole está na retaguarda. Quero expressar tudo e pedir um tempo. Talvez não só esta segunda-feira tenha sido tortuosa e longa, talvez todos os dias tenham sido longos. Talvez os próximos dias sejam longos demais. Talvez não haja escapatória do trabalho. Talvez os sentimentos estejam confusos e rápidos demais. Depois de um longo dia, tenho culpa por a laranja espremida não ter dado um copo de suco, tenho culpa de não estar sintonizado? Talvez este seja o meu espírito de alienação. Talvez eu tenha falado merda demais no ventilador, talvez eu tenha usado o microfone como uma arma. Talvez eu chame você para o pau, ou talvez passe por cima de tudo isso com o meu rock'n'roll. Talvez eu tenha sido doido, covarde demais, sátiro. Talvez tudo não tenha passado de uma piada ridícula. Mas era eu que estava no fronte. Eu era quem estava de saco cheio, jogando milho aos pombos. Talvez esse personagem de fala desajustada seja eu mesmo, e que você não esteja a fim de ver, de prestar atenção. Ah! Quero tirar o sapato. Você sabe quantas vezes tirei o sapato hoje? Talvez eu queira ficar adorando os onze bootlegs da Led Zeppelin, e os sete d'Os Beatles. Ainda gastei a última grana na *Caixa dos 70 anos de Lennon*. Corri e masquei um hambúrguer com pão, abasteci o carro e gastei a gasolina na quadra errada. Tive que levar a minha avaliação, e pedir para abonar a minha falta daquela quinta, que não consegui sair da cama. Talvez eu seja um herói cansado da The Who. Somos humanos, talvez eu faça você chorar. Para mim, na minha loucura, tanto faz. Não houve um só momento divertido? Para mim, houve sim, quando de manhã me senti duro.

11 out. • Segundo 'Rockriança': sucesso, fraternidade e união

Tragam as suas crianças para se divertirem, e também brinquedos para doação!

Quiosque Cultural Aftosa – QNG 3/13 – Taguatinga Norte

Pula-pula

Dínamo Z • Kábula

Máquina de fazer bolha de sabão • Os Gatunos

• Joelma Antunes, fabuloso trabalho de captação de imagens e total dedicação ao *Rockriança*

• Bigornas Voadoras

• Barbarella

Aniversário da Maria Helena: pedaços de bolo para todos

O rock Brasília não pretende aliviar a barra de ninguém, mas amenizar as mazelas é uma missão solidária, que muitos roqueiros cumprem. Participar de uma campanha de arrecadação é estimulante, necessário e desafiador.

Por quê? Pela indiferença e pouco caso que as pessoas manifestam, só que essas que agem assim não nos servem.

Em visitas ao bairro pobre do Pacaembu-Valparaíso de Goiás, o servidor público Gilberto Salviano e sua esposa Ednea começaram uma campanha solidária, em benefício das crianças daquele lugar. Para arrecadação a ser feita este ano, sempre no *Dia das crianças*, ele me solicitou a participação do cantor e radialista Bruno Caetano, que ao lado do fanzineiro e ativista Tomaz André embarcou, assim como aquele nesta realização, nesta arrecadação de simpatia, esperança e sorrisos.

Os Gatunos: satisfeitos com o nome

Inicialmente eles faziam versões de outras, músicas sem autorização. Agora são uma banda autoral. Com um som meio inocente e despretensioso. As suas influências são as bandas tipo Os Incríveis, ou Os Haxixins.

Barbarella em trio na tarde fumegante

O guitarrista e tecladista Serginho teve que viajar, porém o rock decolou um trabalho pesado, de pedal wah-wah, feito pelo Robson Gomes. E a petulante e engraçada cozinha com Thomé no contrabaixo e Renato Gonoli na esqualida bateria.

Você tem estilo!

Dínamo Z desfila o seu folhetim romântico para entreter as almas femininas com muita interação e energia. Uma tara, romantismo imediato. Bom jogo de pernas e guitarras melódicas. Mulheres malhadas e molhadas, e calcinhas... Escurinho, dor de cotovelo e amassos as minas piram.

Ricardo “Kábula” canjou nos vocais de “Ela me disse”. Uma fantasia muito cara para a primavera.

Kábula é hard rock – de primeira – na rua

Contagante e vibrante o set. Um encontro da guitarra quente com uma parede compacta de graves, na bateria rock’n’roll constante. A Kábula detonou no início da noite: dançamos e cantamos. Reencontros históricos.

Bigornas Voadoras

Rock sessentista em português e clássicos do rock indie inglês.

Bigornas Voadoras martela um duo de guitarras gêmeas em vão acústico. Bom rock Brasília, com pitadas próprias, mas argumentos tais outras bandas capitais.

O Freezer cultural rapidamente encheu de brinquedos, livros e gibis

A ideia é estabelecer uma biblioteca pública no Pacaembu. Recebemos muitos livros infantis e gibis.

Os netos da Lázia Blues Isaac Ramalho e Isabella Heloise abriram mão de seus brinquedos para doá-los. “Isaac disse à vó: Nem quero presente, quero levar para o *Rockriança*. Achei lindo!” (Lázia Blues)

No próximo *Rockriança*, serão distribuídos brinquedos para as crianças presentes!

Quiosque Cultural Aftosa na presença de amigos, fãs e divulgadores da cena rock independente. E seus pacotes. Agradecemos às crianças, famílias, músicos, ao espaço, pela oportunidade.

20 out. • Clube dos Artistas: quando eu for famoso, distribuirei autógrafos...

A última dose de loucura beat num domingo de horário de verão

“Nobody Knows”, ou só Arnaldo Baptista sabe, ou sabem aqueles que têm alguma perspectiva corajosa de salvar, se não o mundo, a cidade das chamadas do ridículo, e da vaidade, que andam numa única mão : “Ser capaz de não estar na linha, ter a coragem de fazer aquilo que sai dos esquemas da época.” Ou

quando se fala no “imponderável” muita gente pensa que se trata de uma utopia, ou de uma atitude “formalista”, mas como se o *formalismo* fosse obrigatoriamente reacionário.

Clube dos Artistas

Almoço com as estrelas, uma coisa clássica, tipo Ayrton e Lolita Rodrigues. Gosto dessas oportunidades de secar a lata.

26 out. • Dilma Rousseff é reeleita Presidenta do Brasil

O Guará agradece ao pão de queijo de Minas Gerais, ao baião de dois nordestino, e a todos os votos que Dilma recebeu em nosso País.

8 nov. • Deep Purple em Brasília, papel com o nome das músicas do show doado por Ricardo “Retz”.

CDs

Terror Revolucionário, quantas vezes for necessário

Novamente a camarilha da Terror ataca os tímpanos do sistema

Jeffer Reumatismo, bateria;

Fellipe CDC, uivus caninus;

Barbosa Osvaldo, guitarra;

Drikaos, contrabaixo

Faixas – 1. “Mr. Crack” / 2. “Momentos de dor” / 3. “Combustível da nova Era” / 4. “As mãos do poder” / 5. “Cidades em fogo” / 6. “Silêncio mortal” / 7. “Ser humano, ser ambíguo” / 8. “Imagens da morte” / “Máscaras” / 9. “Lama” / 10. “Saia e descubra” / 11. “Trio Viçosa” / 12. “Geração shopping center” / 13. “Assassinos sociais” / 14. “Máquina do suicídio” / 15. “Valores morais” / 16. “Veneno puro” / 17. “The world around us” (Scum Noise) / 18. “Felicidade fulgás”

A vantagem é que o som do quarteto Terror Revolucionário está acima dos decibéis dos amplificadores. Eles não se perdem em meio às mazelas do discurso ideológico. Além da árdua missão de unir o underground, eles querem tirar a venda, as máscaras e os disfarces da ignorância e da alienação.

“Comprar a morte nunca foi tão fácil”, avisam em “Mr. Crack”, a faixa sem hipocrisia, que dá título ao CD e aborda a epidemia do vício. A banda tem dignidade para operar em tema tão enraizado, “combatido” sem resultados, e mantido como “preconceito”. – Não existe coisa tão imbecil quanto o preconceito.

A Terror Revolucionário pratica o seu hardcore livre de rótulos em faixas como “Momentos de dor” e “Combustível da Nova Era”. O som bate-estacas, ou de rolo compressor espremendo os miolos. O jogo praticado pela Terror Revolucionário é a roleta russa: a massa agoniza. “Um tumulto, um incentivo, uma nova briga, e ninguém separa!?”

A massa sonora está coesa, o som do contrabaixo é metálico e intenso, a guitarra no patamar das gravações da Motörhead. “As mãos do poder”, “Cidades em fogo”, “Ser Humano, Ser Ambíguo”, suas letras são disparates, provocações desprovidas de indulgência. Se eles estão preocupados conosco? Consulte o seu bolso. O alvo é o *Congresso Nacional*. Do ponto lírico, as letras dão estocadas na consciência coletiva.

Melhor produzido, melhor gravado e próximo da aclamação perante os fãs, assim é o novo *CD Mr. Crack*, do quarteto Terror Revolucionário. Quem conhece e acompanha a trajetória da banda curtiu a barulheira diferenciada que espalham.

A depressiva e quebrada faixa de abertura “Mr. Crack” arrasta o ouvinte do mosh até o inferno social. “Mr. Crack” trabalha a alternância de ritmos quebrados, suposições com intervenções, vocais de fundo, até romper o ouvido: “Eu não entendi o que ele falou.” É o que sai da boca desdentada, mas deixa dúvidas: Será que não entendeu mesmo?

Imediatamente o desenho da capa, criado por Murilo Pommer, exhibe a gênese criativa do trabalho. As dezoito faixas representam a identidade da banda com os fãs, a tradição e o legado revolucionário: “Tropa suicida enlouquecida, roubando e matando para saciar o vício... felicidade vulgar.” A última faixa nos deixa um gosto sintético na boca.

Até Os Filhos de Mãe Joana têm de ir à luta

O guitarrista Pedro Carpinetti saiu da banda e voltou para São Paulo. Guga, o contrabaixista da primeira formação, também zarpou. Permaneceram na casa de Mãe Joana o baterista Marcelo Machado e o vocalista e compositor Marcelo Turko.

Faixas – 1. “ET brasileiro” / 2. “Um dia de cada vez” / 3. “Blues de Brasília” / 4.

“Saída” .5 / “Carta ao Sr. Ministro” / 6. “Burocrata da vida” / 7. “Voltando pra casa”

Produzido por Filhos de Mãe Joana no *Maverick Studio*

– filhosdamae.com.br

Vamos de mais uma dose de rock Brasília, ou seja, política com bom humor e contestação existencial. Geralmente *CDs* com sete músicas são resumos de óperas cotidianas dos sete pecados capitais.

Você até pode pensar que Os Filhos de Mãe Joana têm que ralar, mas sempre com uma única exigência: sem pressão. E assim foi gravado, mas a pressão para materializar o *CD* não pôde ser evitada. O trabalho foi custeado pelo próprio bolso deles.

Assim o vocalista Marcelo Turko, guitarras, vozes e composições, mais os três demais integrantes gravaram este *CD* de estreia, com sete temas coletados nas gavetas e demos do Turko.

A ironia é um fino ingrediente. O universo do Filme B está na faixa de abertura, “ET brasileiro”. Ela nos mostra que os alienígenas querem regressar para o seu planeta ou integrar uma banda de rock no Planalto. Xaxado, baião e guitarra, nesta crônica mineira de “causo” espacial, do *ET de Varginha*.

A faixa seguinte, “Um dia de cada vez”, é como dirigir despreocupadamente pela orla na manhã de uma sexta-feira que promete: “Como é bom viver / Se preocupar com a sorte e com você / Como é fácil rir / sorrir pra alguém também / Ir ao cinema para variar e (...) namorar.” Somos todos ouvintes atenciosos, neste dia iluminado de glória, porém atrasados para o trabalho. “Um dia de cada vez” é o som mais legal, e ele me fez correr para casa e curtir *Walls and Bridges*.

Ao invés de raivoso, o discurso no “Blues de Brasília” é bonachão:

“O dólar na cueca / o euro na meia e a coca com aveia.” A boa gaita de boca poderia render uma harmonia especial com o coro das vozes.

Uma superbalada autoral como uma onda radiofônica invade o ouvido, num prefixo de guitarra dedilhada, ou de notas pelas pontas dos dedos, que reflete: “Viver é melhor do que sonhar / (...) Só sei que nada me faz bem / Só sei que tudo é tão pouco pra mim / Me faz rir / Me faz fugir daqui.” Esses são alguns versos de “Saída”, outro bom momento do *CD*.

Depois das teclas, “Carta ao Sr. Ministro” começa com uma variação forte do ritmo de Ravel. A guitarra, num cromatismo embriagado, escorrega pela garganta, esvazia a garrafa. Balanços entre o descaso e a hipocrisia. Um riff pegajoso mostra preocupação com o Brasil e suas idas insistentes à beira do precipício. Mas esse povo um dia acorda. Ou a corda...

A agitada “Burocracia da vida” é o legado e o réquiem de quem escolheu fazer o que quisera ou der na teia: “Crescer sozinho é ingenuidade.”

O CD d’Os Filhos de Mãe Joana magistralmente encerra com “Voltando pra casa”.

O verso “Às vezes a minha fome é capaz de matar” especialmente, mas os demais também e bastante me fazem olhar no espelho. E agradeço ao Marcelo Turko por não me sentir derrotado nesta sexta-feira.



Réquiem & revanche para o rock Brasília

Banda Rock Brasília

Rogério “Águas”, direção musical, guitarras e voz;

Magu Cartabranca, voz;

Thiago Laboriel, contrabaixo;

Lucas Carmo, bateria

Faixas – 1. “O rock Brasília ainda não morreu” / 2. “Comfortably numb” / 3. “Vivifica” / 4. “Foi na testa ou foi no braço? 666” / 5. “Valerá” / 6. “Fantoches”

Em tempos de agrura e crise, os CDs involuntariamente assumiram um formato de miniópera, devido ao pequeno número de faixas apresentadas. Geralmente são selecionadas as melhores músicas, e se ganha tempo, ao invés dos longuíssimos e dispensáveis setenta minutos normais do CD.

Tive a oportunidade de ter acompanhado algumas apresentações da Banda Rock Brasília, para ficar familiarizado e satisfeito com o resultado deste CD de apresentação.

A direção musical é crua, mínima e urgente. O perfeccionismo parrco das gravações deixou a bateria em primeiro plano, e um plano abandonado pelas gravações requintadas e requentadas. Delícia ouvir o trabalho cru da bateria. O repertório é um apanhado de clichês dos 80s, desde Joan Jett a Van Halen. A faixa de abertura “O rock Brasília ainda não morreu” corta dos dois lados. É a narrativa da ascensão e queda do ritmo da capital. Que decaiu com a morte de Renato Russo, “quem irá contar essa história”... E como tudo que é deturpado, a faixa ainda mostra o cinismo das homenagens e a revanche dos bastidores. Neste *CD*, são normais as reminiscências, como as homenagens à sonoridade de Loro Jones na Capital Inicial.

A versão pesada de “Comfortably numb”, jamais gravada pela Pink Floyd, serve como fantasia e agonia para o rock Brasília. O embrião para formar a Rock Brasília é alicerçado na mitologia de capelas, jazigos, funerais, clínicas, doentes terminais, que deram origem ao nome Sepultura. – Prezado leitor, há 37 anos houve uma banda de rock pesado chamada Sepultura, que aterrorizou os coretos da cidade do Cruzeiro, no Distrito Federal. Sepultura era nome pesado e evitado, tal como acontecia também com Aborto Elétrico e Camisa de Vênus.

Mal sabíamos do porvir, em que tal nome seria reutilizado em causa própria.

O nome da terceira faixa ainda não consegui desvendar. Já a faixa seguinte é um hino, “Foi na testa ou foi no braço? 666”, incrivelmente parecida com uma melodia da Sem Destino, mas aqui apresentada com o humor dos Filmes B. Um rock altamente vibrante, carregado de adrenalina. Em todo o *CD* a guitarra aparece afinada, sem abusos ou quaisquer ostentações.

Espertamente, nas outras faixas são incorporadas as batidas urbanas e o moderno palavreado, e frases do rap na apropriada “Fantoches”, em que o politicismo é abordado: política e cinismo. Diante da pasmeira, o rock Brasília ainda sangra os ouvidos.

Será Magu Cartabranca precursor do rock pesado nacional?

O vocalista Magu Cartabranca, jamais “cantor”, é apresentador d’*O Libertário*. Orgulhosamente ele segue a dinastia dos colunáveis Gilberto Amaral e Bernardete Alves, comparação elogiosa.

São 10 anos cravados, como a estaca no coração do vampiro, que o generoso Magu Cartabranca tenta alavancar a audiência *Do Próprio Bol\$o*.

Somos conhecidos dos palcos desde o final dos 70s, quando o quinteto Sepultura urrava o seu rock sobrenatural pelas caixas de som valvulado. Magu Cartabranca é o que se pode chamar de *performático*, capaz de *se enforcar* no palco, enquanto dedilha o teclado. Rouba assim a cena, e provoca os ciúmes dos membros das várias formações das bandas de que participou: “Vocês não fazem ideia de como é difícil.”

Já varamos madrugadas lendo poemas na *109 Sul*, além dos incontáveis encontros pelos palcos da cidade. Ele com o microfone, sempre procura uma voz para conspirar, em seu tema preferido. O seu tema preferido é a liberdade de comunicação. O seu programa *O Libertário* é a sua própria imagem. Magu Cartabranca, dono de uma prodigiosa memória, ainda não se tocou da importância que tem na cena do rock Brasília. Mas os produtores o amam, pois é um cara bastante cordato, sensato, entrevistador centrado, enquanto artista no mesmo grau irreverente.

O ministro Dias Toffoli mandou arquivar o processo que a original Sepultura, do Cruzeiro, de Brasília, movia contra a Sepultura dos irmãos Cavaleira, banda mineira que veio a se tornar muito famosa. No processo, a farta documentação da banda de Brasília foi extraviada. Eram fotos da banda com Cássia Eller e registros de todas as formações da Sepultura de Brasília, banda de trajetória realmente assustadora, como a daquelas grandes do rock pesado, recheada de overdoses e histórias mórbidas, até suicídio.

“A Sepultura mineira abafou o nosso crescimento”, queixa-se Cartabranca. “O registro deles foi feito só em 1989, quando nós já tínhamos mais de 10 anos de estrada”, lembra.

Seria trágico e cômico, mas nesta ópera surreal Magu Cartabranca acabou sem nenhum vintém, mesmo tendo citado os irmãos Cavaleira em seu domicílio, em Curitiba. Espertamente eles não compareceram, e evitaram assim que o caso da homonímia se espalhasse na mídia. – Nomes homônimos na cena do rock são comuns, por exemplo, nos 60s, já existia uma Iron Maiden, que desapareceu.

– Este é o Magu Cartabranca, o vocalista da Sepultura.

O metaleiro Felipe Grimello dispara: “Da Sepultura Cover?”

– Não, da Sepultura de Brasília. A longa história será outra vez recontada.

15 novembro • ‘Rock vermelho’ e seus valorosos participantes

Eu pensava que era somente plugar os instrumentos. Decidi que o rock’n’roll iria rolar. Se tenho medo? Vários. Quero agora voltar a ser pequeno, ser menor ainda, e menos falso.

Não se preocupe não. O público tá garantido, o rango prometido, parte do som alugado, e já em casa. Esperamos o amplificador de guitarra, e vai ter luzes piscando, laser. Único detalhe: o som deve acabar às 22h. Vai ter surpresas também. Será a despedida da Jihan Arar, irmã do Nader, que vai discotecar ao lado do Ricardo “Retz”. Estão confirmadas cinco bandas, es quente a cabeça não. Vai ter foto, decoração. E, finalmente, esse rock é pra você – que agitou o ano todo!

Banda Ser • Barbarella

• Terno Elétrico

Produtores associados

Nader Arar & Ricardo “Retz”

Salão de Arte

Mostra Paulo Iolovitch (painéis)

Intervenção artística na véspera sob fundo musical

da Say Land Dance (Marcelo Lafaro)

Pintura (abstrata) ao vivo

Cícero Matos

• Bosco (Detrito Federal)

• Guariroba Blues

Rango esperto

Zanza Meneses, Jihan Arar, Sueli Saraiva, Jenira

Cruz, Magda Miranda, Izabel Tutu

Fotografias

©Zeca Ribeiro, ©Edson Salazar, ©Henrique

Ferrera, ©Marcão “Isca de Polícia”

Mídia

O Libertário / Jornal do Guará

Banda Ser

Diretamente de Luziânia, veio debaixo de um temporal na BR para descarregar um rock arrebatador, de músicas próprias e versões de clássicos, como da Sem Destino e do Raul Seixas. Um início rebelde, violento e romântico. Presença de palco, atitude profissional e humildade. Guitarrista de atitude punk, com solos pensados, encaixados e muito bem executados. Bateria e contrabaixista seguram a onda, que o tempo todo bate e volta. Entrosados, muito bem entrosados, assim é a Banda Ser. E pra não dizer que não falei das flores, o final foi apoteótico, com “Sociedade Alternativa”, do Raulzito. Influências vão de Nazareth a Kiss, além dos clássicos do heavy rock dos 80s. Beberam com certeza em muitos discos dessa turma, a sua pegada mostra.

Barbarella

De volta às alturas do *Sétimo Céu*, uma apresentação vibrante!

Sérgio Passos, guitarra; Thomé (escondido),
contrabaixo; Marta Benévolo, vocais; Rolando Rock,
bateria;

Robson Gomes, guitarra; e Célio de Moraes e Tiago
Rabelo, vozes



Foto: ©Zeca Ribeiro

Terno Elétrico trouxe pintor e fãs: Ritinha Joplin dançou o tempo todo

Cícero Matos pintou ao som da Terno Elétrico

Fotos: *Henrique Ferrera*

“A travessia musical da Terno Elétrico perpassa as reinvenções criativas da *Pop art*, florescendo um encontro de uma arte que incorpora personagens vivos no palco brasileiro. Trata-se de uma linha tênue, que agrega uma estética dos ícones que consagraram movimentos que revolucionaram a musicalidade, nos últimos 30 anos. Esse é o rock que Brasília vive e cria, entre os seus insólitos inventores. Persistem numa estrada com autonomia e originalidade únicas. Parabéns!” (José Nildo Souza)

Além de clássicos do seu repertório, também apresentaram músicas novas.

Bosco

A bateria rápida, de pronta
entrega pelo Nader Arar, e o acessório de luxo.

A guitarra azul, cortesia do
Serginho. Queremos mais!

Fotos: ©Zeca Ribeiro

E seus cabelos dourados, e os inseparáveis óculos escuros. Constatação: ele ainda usa coturnos e canta e toca o material do Detrito Federal. Trouxe a família e um barril de fãs.

Eles foram totalmente do it yourself – Bosco venceu pela pegada e hits. Seu curto show foi o mais concorrido, dando ganho e gás final para impulsionar o público e os improvisos, jam sessions vindouras não de seguir o seu exemplo.



“Fazendo um duo com Bosco, Detrito Federal, tipo aquele momento na sua vida que você deixa eterno. Valeu muito, galera, fiquei feliz!” (Nader Arar)

“Curti demais ontem, como sempre. Guardarei esse dia em minha memória poética. Foi demais! Fiquei pulando feito pipoca. Essas músicas marcaram a minha adolescência no Guará.” (Izabel Tutu)

“De novo, mais ainda”

Tiago Rabelo, bateria; Célio de Moraes, contrabaixo; Wendel Rocha, guitarra; Sérgio Passos, guitarra e teclados; Thomé de Sousa, vocais.

Músicas

Podem conspirar, que eles estavam inspiradíssimos em “Gasolina” (Made in Brazil), “Abre-te Sésamo”, “Smoke on the water”, “Born to be wild” (esta eu pedi...)

17 nov. • Primeiro dia da ‘Semana Paul McCartney’

Mensagem da Oi TV: *erro episódico* ou *erro imperdoável* de script. Ou os microfones da *CIA* & da *KGBesta* estão gravando: delírio meio raulseixista e lennonista – o assunto é New cafona, New romantics –, uma avassaladora cuspida ou salivada, dessas que sucedem os charutos cubanos. Pausa. Saímos em dupla desvairada de jornalistas. “Podrão” falou da biografia de David Bowie por Marc Spitz, e também citou a biografia *Anger is an energy*, de John Lydon. Eu fiquei na reduzida, afinal, “Tudo vira bosta”. Vários pontos de constatação, discurso harmônico e troca de identidades. Chegamos num ponto comum: o DVD *A vida até parece uma festa* é do c... Eu nunca vi, ele viu, quem me falou foi Ronaldo “Gafanhoto”. Que tal o *Café Quintal* amanhã exibir este?

Neste instante, o garoto de 18 anos Mateus cruza a quadra. Ele segura sua guitarra: Ozzy & Metallica. Sua banda se chama Crossroads, e precisa de contrabaixista e baterista. Daqui a seis meses, quero ver o show de estreia. Chove no Guará, no *Café Quintal* desce uma linguiça apetitosa. Fomos embora, para a QE 28. Um churrasquinho e uma 600ml. Encontramos Marcelo, que excluí do *Facebook*. Porque ele não abria a boca. Lamento.

20 nov. • A foto que faltava: Mud Morganfield no Guará!

Produção ‘Clube do Blues’

Chapelaria, QE 28, Guará 2. Ainda sou um caçador voraz de autógrafos. Ao centro, o bluesman Mud Morganfield, filho de Muddy Waters, o *Rei do Blues de Mississippi*. Na direita, Daniel Simplicio, fã de blues. Ele veio do Rio de Janeiro para assistir ao show de Mud Morganfield. Daniel ficou meio chocado com o LP *Electric Mud*, no qual Muddy Waters aparece com o cabelo armado por uma renda.

Daniel disse a Morganfield: “Só um grande artista se permite ser fotografar assim.” Na hora, Morganfield bateu no peito e disse: “Este é o meu pai.” Disse-lhe: “Bem-vindo ao Guará!” Os cariocas estavam encantados com a *Casa Cartolaria* – em homenagem a Cartola, que usava uma. Vieram até amigos do Paraná atrás do blues. Na banda de apoio a Mud Morganfield, que só cantou, estava o guitarrista paulista Danilo, que mandou ver na Gibson. O gaitista tinha um naipe de gaitas, e o tecladista, na mesma energia, também mandou ver. Na cozinha, Celião e Daniel Paez. Mud Morganfield abriu espaço para os músicos atuarem à vontade. Teve um momento muito especial do contrabaixo do Célio, que só faltou sangrar. Com carinho e amizade, agradeço a noite a Claudete Lucas, pela valiosa foto. A Jussara Almeida Menezes, por oferecer o maravilhoso espetáculo. Ao querido Célio de Moraes, que inicialmente me trouxe o LP autografado.

Outros dois seriam ainda também autografados. E aos amigos que dividiram a mesa comigo, e às cervejas, que me deixaram um pouquinho mais redondo.

Danilo, guitarrista matador. Célio de Moraes, destruidor no baixo. Marçal, tecladista classudo. A voz dilacerante das profundas e lamacentas águas do Mississippi, Mr. Mud Morganfield. Guará 2, ontem. Inesquecível!



Foto: ©Claudete Lucas

23 nov. • Capas de plástico e canções de Primavera com Paul McCartney

O mais puro e fiel fanatismo: realizado o sonho de ver Paul McCartney ao vivo. Pela segunda vez!!

Numa quarta-feira, 10h da manhã, disputei o meu lugar ao Sol com fãs que percorreram o mundo atrás de Paul McCartney. Alguns algumas vezes atravessaram a noite deitados no chão. A fila interna na bilheteria era maior do que a fila externa do anel do estádio, e informações desencontradas quanto ao número de meias-entradas que um CPF individual poderia comprar.

Músicas

"Magical Mystery Tour" / "Save us" / "All my loving" / "Listen to what the man said" / "Let me roll it" / "Paperback writer" / "My Valentine" / "1985" / "The Long and Winding Road" / "Maybe I'm amazed" / "I've just seen face" / "We can work it out" / "Another day" / "And I love her" / "Blackbird" / "Here today" / "New" / "Queenie Eye" / "Lady Madonna" / "All together now" / "Lovely Rita" / "Everybody out there" / "Eleanor Rigby" / "Mr. Kite" / "Something" / "Ob-la-di, Ob-la-da" / "Band on the run" / "Back in the U.S.S.R." / "Let it Be" / "Live and let die" / "Hey Jude"

Primeiro bis - "Day Tripper" / "Get Back" / "I saw her standing there"

Segundo bis - "Yesterday" / "Helter Skelter" / "Golden Slumbers/Carry that weight/The End"

Alguns cartazes durante o show: "Paul quero apertar a sua mão" e "É incrível você estar aqui".

O DJ Chris Holmes surpreendeu ao esquentar o público com "Chame um táxi" - versão de "Taxman", gravada pela cantora Meire Pavão (†) em 1966.

O show de McCartney é épico, porém, com atrasos monumentais. Assisti no ano passado em Goiânia, e agora em Brasília. São quase três horas, a viagem começa com "Magical Mystery Tour". Esta apresentação foi mais acústica, com muitos violões, e Paul McCartney está sempre inspirado ao piano. Ouvir "Back in the U.S.S.R." em Brasília, com imagens de cenas do regime soviético, produzidas em computação gráfica, foi voltar aos tempos de Jânio, Jango e CIA. No novo CD *New*, do Paul, considere as guitarras como vanguarda. Como elas poderiam soar assim? Eles tocaram três faixas. "Everybody out there" (de onde saiu o nome da turnê), "Save us", e a própria "New". O desempenho foi

espetacular. O guitarrista Rusty Anderson, além da excelente presença no palco, detonou na guitarra, em que fazia altos paredões, dos quais ejetava com altíssima agilidade grandes explosões de notas. Ele tirava sons espetaculares supercriativamente com as mãos, assim como faz também o gênio Jeff Beck. O guitarrista realmente roubou um pedaço do show. Já Brian Ray, o outro guitarrista, desempenhou muito bem também, mas mais no contrabaixo. Bom, sabemos que o contrabaixo é o instrumento de McCartney, então o baixista fica sob supervisão constante. A banda estava justamente unida, astral elevado e brincalhona. Tive portanto um grande sonho realizado. Assisti-os interpretar “I saw her standing there”, e fiquei imaginando como precocemente Paul McCartney compôs um dos rocks mais incendiários de todos os tempos. Momento único foi atingido com as interpretações de “Eleanor Rigby”, a primeira à capela e a segunda ao violão. Ali os corações suspiraram.

“Yesterday” foi uma das músicas apresentadas nos três bis. O público também gostou muito de “All my loving”. Os dois shows de Goiânia e Brasília se fundem e constroem uma das experiências sonoras mais gratificantes.

27 nov. • A orgulhosa porém humilde produção do documentário *Quase Sósias*, parceria mágica com Edson Salazar, agradece o apoio de Zanza Meneses, bem como a produção luxuosa da Juliana Krause, que teve até pipocas para os espectadores! Certamente atendemos às expectativas da matéria veiculada no Jornal do Guará, pois os que assistiram atestam a qualidade da valentia exibida.

Para Ricardo “Retz” – O saudoso líder negro Fela Kuti com certeza se orgulharia *Do Próprio Bol\$* ter recebido o seu valioso álbum quádruplo. Afinal, o nosso texto on-line *A História dos Panteras Negras* é um dos verbetes mais consultados no site, com 33 mil acessos.

Das mídias • Nas edições de 709 a 711 do Jornal do Guará, entre 22 de novembro a 12 de dezembro, a cultura no Guará recebeu as seguintes matérias: *Dia Mundial de Filosofia na Nova Acrópole*; *Cineasta lançará documentário com artistas da cidade*; *Os CabeloDuro na estreia de Geração Baré-Cola*; *Alunos do CE 4 realizam Festival de Teatro*; *Império do Guará e Clube do Blues herdaram antiga Casa da Cultura*; *Mud Morganfield no Guará* – a página Social publicou fotos daqueles que curtiram o show –; *Sapiens vence o Brasília Independente*; e *MPB na praça*.

29 nov. • Sábado agitado. A convite do produtor Nader Arar, o duo acústico Betto Tutu & Izabel Tutu e eu, com a produção de Joel Alves Rodrigues e Elzah Nascimento, ocupamos a programação do *Guará Vivo*, na *Rádio Guará FM 98,1* agora pela manhã. Betto Tutu & Izabel Tutu estavam inspiradíssimos, tecendo o fundo musical de acordo com o nosso bate-papo ecológico, que foi enriquecido por Gílson Pacheco – sem parentesco com este autor. Quem ouviu as minhas intervenções no momento já sabe que me lembrei de quem tem nos apoiado. Do *Clube do Blues* ao “Homem da Marreta”, de Ricardo “Retz” a Juliana Krause (do *Café Quintal*). Desde o nosso doc. *Quase Sósias* até a programação de hoje na Rádio, divulgamos a apresentação da Brazilian Blues Band no *Clube do Choro* e da Protofonia no *Teatro Dulcina de Moraes*. Durante o programa, além de tocarmos a música da Sapiens, divulgamos a campanha de votação no portal g1.globo.com para a melhor banda do Distrito Federal.

Conclusões de dezembro

Com 32 mil votos, a Banda Sapiens venceu o *Brasília Independente* da TV Globo.

Na primeira semana de dezembro, depois de quatro meses de votação, saiu o resultado da 5ª edição do projeto *Brasília Independente*.

A Sapiens se sagrou vencedora, com 40% dos 80 mil votos apurados. Além da tradicional entrevista com a banda vencedora, a emissora cinquentona produzirá um videoclipe da música “Sociedade capitalista”. Futuramente uma nova entrevista mostrará como o prêmio ajudou na divulgação da banda.



Rápido Showmício

A histórica vitória foi comemorada no dia 8, um domingo, com apresentações de Betto Tutu & Izabel Tutu, Chagall Lemos e Alexandre Renato, Cleiton “Roots” e Micherlândio Lopes, além da animada banda vencedora Sapiens.

O palco da apresentação foi preservado para a entrevista na segunda-feira de manhã, com a responsável pelo projeto, a jornalista Márcia Witczak.

Márcia Witczak elogiou o cenário e nos falou a respeito do processo de edição das suas entrevistas. Ela digita o texto das falas e produz a edição final das imagens.

A música “Sociedade capitalista” foi recorde de votos.

8 dezembro • Obituário – Dona Maria Lúcia era uma simpática pintora da terceira idade, do Guará. Solitária, ela passava os dias em sua casa, de cerca baixinha e grama rente, onde dava aulas de pintura. Ela mesma não pintava muito, mas se sentia muito bem ensinando a arte da pintura às suas alunas. De vez em quando, falava que sentia falta do marido. Ainda não entendi por que não tenho um quadro dela. Amicíssima da família Meneses, ali na *QE 28*, ensinou a muita gente.

De Iolovitch, perguntava: “Ele ainda pinta os pesinhos?” Ah... Dona Maria Lúcia conhecia o Paulo de quando ele ainda expunha na *Torre de TV*, em 1976. Última memória, eu sentia que Dona Maria Lúcia tinha ciúmes de mim e de Zanza. Elas continuaram amigas, e de vez em quando eu ia no seu social. Dona Maria Lúcia era bastante lúcida e independente, sabia viver bem. Deixamos Dona Maria Lúcia mais perto de Deus hoje.



Um pássaro mergulha na água do rio, na mesma velocidade com que entrou sai logo à frente, e canta agora para o Sol!

19 dez. • Direto da *Toy's Land* – Quando os professores entraram de recesso, a Sapiens, com nova formação, pelo retorno do baterista Nader Arar, na companhia da Mais Lama e do duo Betto Tutu & Izabel Tutu, nos brindaram com mais uma apresentação prata da casa.

O mais nocivo subproduto do Rock

Nesta tarde, ocorreu a mais subversiva apresentação d'A Banda Mais Lama.

Grande parte dos camaradas deste livro operavam a mesa de som, filmavam, tocavam ou e se divertiam como “espíritos zombeteiros”.

Na jam session, além dos tambores de santeria, a produção da *Retzcore* pegou pesado, na escolha dos números punk rock. Muitos do rock Brasília.

Parcerias e produções interligadas. Sob auspícios de Betto Tutu, o talentoso Daniel Toys, publicitário e grafiteiro, diretamente da arca da *Toy's Land*, nos deu um mural magnífico, da dimensão da sua exuberante criatividade.

2015

'ANTI-ESTABLISHMENT' PARTIES 2

1º janeiro • Alessandra Jugnet, uma das musas inspiradoras da “Miss Lexotan”, veio nos visitar com o desenhista Daniel Búrigo, parceiro dos finais dos 80s na *Casa do Incesto*, conhecido pelo suplemento *Correio da Galera*. Conexão rock Brasília-Curitiba, cortesia de Jorge Dupan.



Uma inesperada plêiade de músicos resistentes, alinhada à constelação de Touro, se reuniu para testar a estrutura, a parte elétrica e a decoração, que foi uma tela de sombreamento

16 jan. • 'Primeiro Pré-Rock da Resistência'

A Banda Mais Lama da Cidade
• Say Land Dance

Dínamo Z • Red Zones

2015, precoce e amplamente, aponta para a cautela. Mostra já a necessidade de uma mínima direção, pelo menos. Para a máquina não se espatifar definitivamente. Por isso, perguntado em relação às perspectivas futurísticas, como se pudesse ser um oráculo, murmurei silenciosamente, de dentro de uma das minhas profundíssimas cavernas mentais: Vejo um grande buraco negro! Porque não acreditava em livros, discos ou shows, esperava que as pessoas que há anos lutam bravamente para registrar os seus talentos fatalmente emergissem, e desse modo mantivessem a roda girando. Mas também não tenho como esquecer aquela visão. Será que caminhamos para lá dentro insondável?

Sexta-feira: primeiro pré-rock. Na cultura do mais um dia, mais um dólar, reuniões se tornaram dispendiosas. O público deveria drasticamente diminuir. Assim arregaçamos as mangas, e nos reunimos – num programa-piloto – para o projeto de resistência.

A música resultante foi doce, rápida, alegremente executada com consciência e o esmero de quem realiza o ofício por amor. O grupo de músicos se conhecia há anos, e a rudeza do entrosamento foi apaixonante. Como na primeira vez, nem parecia que estavam separados, ou se tocavam pela primeira vez. Depois dessa infinita jam, a Red Zones se apresentou, mas foi penalizada pela caixa de voz pequena. Também foi ressentida uma ausência de público, porque só estavam presentes uns gatos pingados.

Agradeço imensamente a Edson Salazar pelo cenário e fotos. Um abraço à determinação de Tiago Rabelo, à amizade de Rafael Pedrosa e à participação da ala mais podre d'A Banda Mais Lama da Cidade, parceiros diletos de quase uma década de rock'n'roll. A Robson, da Barbarella, e a Bruno Caetano, da Dínamo Z, que superparticiparam num improviso afiadoço, que fez o lado roceiro da história, numa batida parecida com a da americana REM. E por aí seguiu, veio o guitarrista "Blavis", e em seguida a perturbadora, estridente e seminal apresentação dos garotos da Red Zones, de Girassol. O camarada Henrique Ferrera sempre marca pontos, e o grafiteiro-pintor Julimar dos Santos poderia terminar o jardim na parede – se eu tivesse mais algum azul. E ao grupo heavy metal de amigos do Virgílio, da pizza e das fritas. Quem tem amigos como vocês, vibra de felicidade!

28 janeiro • Os últimos antimalditos apresentam – Esforço clássico, trabalho magnânimo, mestre da lata, Julimar dos Santos: um superposter de John Lennon, grafitado no armário dos discos, foi feito em plena pindaíba blues.

9 fevereiro • Mariana Brandão, produtora do programa *Iluminuras* – TV Justiça –, me convidou para um perfil literário. Trinta anos depois, reencontrei "O Eremita", o documentarista e diretor de cena Zé Renato, que presenciou o nascimento do rock Brasília na Colina, na *UnB*. Trocamos reminiscências interessantes do que aconteceu nos primórdios do rock Brasília. O programa foi ao ar em março.

22 fev. • Morre Renato Rocha, da Legião Urbana

Corpo do ex-baixista da Legião Urbana foi encontrado sem vida num quarto de hotel

"Se eu achava que ele teria esse fim, quando saiu da banda? Achava quando ele entrou, na verdade."
(Dado Villa-Lobos)

O corpo de Renato Rocha foi encontrado na manhã deste domingo em um quarto de hotel no Guarujá, litoral de São Paulo. O músico fez parte da banda entre 1984 e 1989, e gravou o primeiro álbum *Legião Urbana* – 1985, e os seguintes *Dois* – 1986 e *Que país é este* – 1987. De acordo com a Polícia Militar, o corpo foi encontrado por volta das 8h30. A causa da morte foi um ataque cardíaco.

Em março de 2012, Renato Rocha foi flagrado como morador de rua no Rio de Janeiro. Ele então foi tema de uma matéria de quase 20 minutos no programa *Domingo Espetacular*, da *Rede Record*. Depois disso, se recuperou e, em 2013, chegou a participar do *Concerto Renato Russo Sinfônico*, realizado em Brasília.

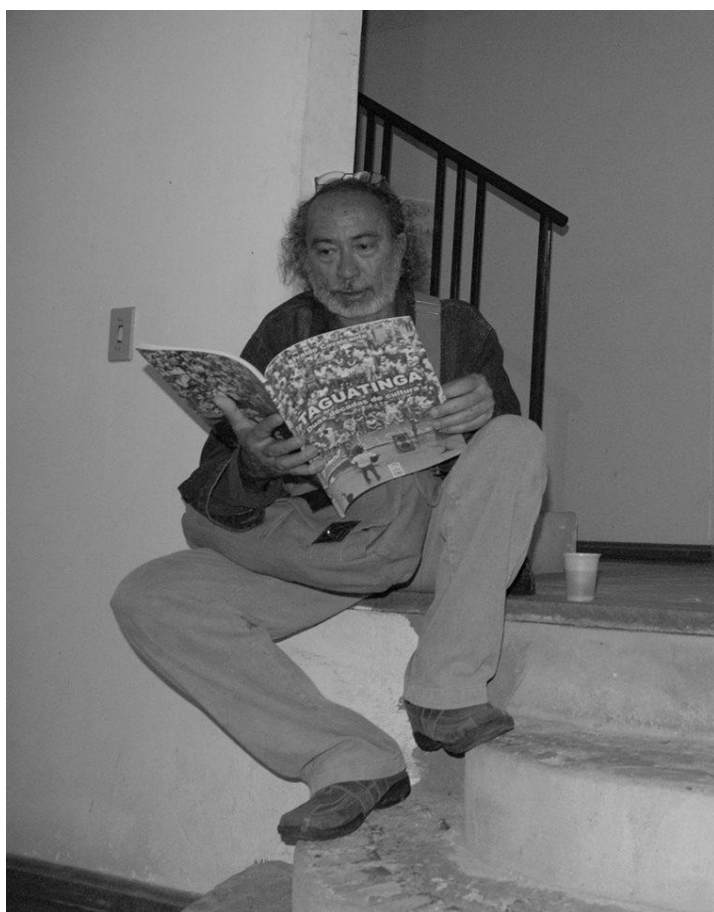
Nesse evento, além de tocar contrabaixo, ele cantou em "Que país é este", e "Será".

Rocha ajudou a compor "A dança", "Daniel na cova dos leões" e "Mais do mesmo".

Renato Rocha tinha 53 anos.

“Eu nunca entendi direito por que aquele rapaz tão grande e forte andava numa bicicleta pequeninha. Éramos satélites de uma mesma turma, até que numa dessas translações ele migrou ao núcleo. Nunca deixou, porém, de ser o garoto com quem eu passava algumas noites sob as estrelas nos bancos das superquadras de Brasília, ouvindo ao fundo a música que vinha do bar. Louco, famoso, rico, pobre, fazendeiro, mendigo, intolerável, talentoso. Feliz? Não sei. Extremamente gentil e cuidadoso. Humano. E mortal. Descanse em paz. Ela é merecida.” (Tatiana Oliveira)

Renato Rocha, o “Billy”, desde o início era amigo ou conhecido de nome das turmas do Guará. Como muitos músicos, também teve problemas: no álbum *As Quatro Estações*, chegou a gravar o baixo de algumas faixas, porém deixou o grupo antes da conclusão das gravações, devido a desentendimentos com os outros membros. As linhas de baixo originalmente gravadas por Rocha foram regravadas por Dado e Renato. No filme *Somos tão Jovens*, na cena final ao vivo, a sua ausência foi notada.



25 fev. • Zeferino Alves Neto, uma enciclopédia do futebol, bom com a bola nos pés e craque no campo das palavras

Campo Maior-PI. Zeferino Alves Neto (1946 – 2015), acróstico ZAN, foi emérito colaborador *Do Próprio Bol\$o* por anos. Dono de talento ímpar, foi de fato o último medalhão desconhecido da contracultura nacional. Do Piauí a São Paulo, e de São Paulo a Brasília, aqui se dedicou especificamente no *Conic*. Autor de peças de teatro, livros, novelas, o escambau. Inteligente por opção, foi um leitor voraz, e especialmente admirador de Luís Carlos Maciel.

Dooou vários volumes raros e revistas a minha biblioteca. Sua última contribuição foi a biografia *Zé Ramalho – O poeta dos abismos*.

Um dos maiores cristãos benevolentes da Humanidade. Quando me conheceu, disse: “Marão, sempre procurei alguém que falasse como os meus personagens.”

Habitou os anos dourados da intelligentsia

coniquiana, onde era amigo de todos.

Um dos escritores mais atuantes e criativos que tive o prazer de conviver. Uma das autoridades máximas sobre futebol, sabia a história, e quando jogava distribuía canetas nos adversários. Velho amigo, abandonou tudo pelas letras. Agora, ZAN, teremos que tomar uma! Pezão o aguarda na sala celeste. Zeferino subiu para *Academia dos Mortais* lendo *On The Road*!

20 março • Sexta-feira, 11 horas. Afonso Ligório, do programa *Brasília na Rede*, da *Rádio Esplanada FM*, inicia uma conturbada entrevista, onde mais uma vez o equinócio da situação age a favor e nos permite uma conversinha antológica, ao pé do telefone. Assim como Magu Cartabranca, Bruno Caetano abre espaço radiofônico para minha proposta de documentação ininterrupta. Este sou eu, e nada é fake. Afonso jogou duro: “Você costuma bater pesado.” A minha resposta desproporcionalmente deve ter sido mais educada do que a pergunta, apesar da postura heavy. Salve

33 anos sem Randy Rhoads. Salve Os \$alvadores. Salve Cida Carvalho. Salve as produtoras despudoradas. Salve a conta de luz que está pelo olho da cara. Salve o poema sujo...

24 mar. • Morre Manoel Brigadeiro, Mestre do Samba de Brasília

Renato Alves – CB

Morreu na noite desta terça-feira o sambista Manoel Frederico Soares. Ele tinha 93 anos. Mais conhecido como Manoel Brigadeiro, era considerado o Embaixador do Samba de Brasília. Seu corpo deve ser sepultado nesta quinta-feira 26.

Cidadão Honorário de Brasília, compositor, servidor público aposentado pelo Ministério dos Transportes, morou na capital federal desde 1974. Manoel Brigadeiro é autor de mais de 100 composições, com sambas gravados por nomes como Ciro Monteiro, Alcides Gerardi, Isaurinha Garcia, Carmem Costa e Jair Rodrigues (†).

Manoel Frederico Soares nasceu no dia 25 de maio de 1922, em Natividade (RJ), e foi batizado com o sobrenome dos patrões de seus ancestrais, remanescentes dos tempos da escravidão.

De família pobre, mudou-se para o Rio de Janeiro aos oito anos de idade. Começou a trabalhar muito cedo, como empregado doméstico, na casa do militar Antônio Guedes Muniz, que chegou a Marechal do Ar. A cada promoção recebida pelo patrão, os amigos, carinhosamente, também o elevavam de posto. Daí o seu pseudônimo artístico: Manoel Brigadeiro.

Autodidata

Embora não tenha estudado Música, Manoel Brigadeiro se iniciou, ainda na adolescência, na arte da composição de música popular. Frequentava todas as escolas de samba cariocas, nas quais até a morte tinha trânsito livre. Escreveu sambas de enredo, mas logo desistiu do gênero, passando a se dedicar a sambas de meio de ano e às marchinhas.

O convívio no meio aeronáutico lhe rendeu a profissão de mecânico de aviões, e um cargo no então Ministério da Viação e Obras Públicas. Em 1974, foi transferido para Brasília, lotado no Ministério dos Transportes. Veio para a capital acompanhado de Gilda, sua mulher, e dos filhos.

28 mar. • ‘Segundo Pré-Ato’

A Banda Mais Lama da Cidade

Bacharéis do Rock

Setenta dias depois, o segundo estágio testou as possibilidades da sonorização, e qual seria o resultado. As canções alheias executadas pela Mais Lama atingem o cunho de interpretação pessoal, num curioso dilema, tão interessante, que aquelas canções poderiam ser deles. A dobradinha com Os Bacharéis do Rock resultava numa composição bizarra, pois os graduados não possuíam horas significativas de estrada, ensaios e apresentações privadas, mas apresentavam hits estelares, calcados no inglês, e com o maior instrumental. O teste de som foi positivo: a aparelhagem conseguiu se adaptar aos números. Mas novamente faltou o calor humano.

Só quero agradecer a vocês. Este é o espírito a ser cultivado: rock & camaradagem. Sem nada a provar, e sem se preocupar. A afirmação é verdadeira, foi rock com qualidade. Se no dia 11 conseguir repetir a parada de hoje, dormirei tranquilo. Acho um saco ter que ficar repetindo essas coisas com antecedência. Agora será na hora, na boca. Valeu a todos.



11 abril • Noite mágica: '33 anos Do Próprio Bol\$o'

Say Land Dance • A Banda Mais Lama da Cidade • Nenhuma Ilha • Kbça di Praia • KaphaGérson •
 Dino Black • Banda Ser
 • Guilherme Almeida (RJ) • Outubro HC

- *Dino Black, acompanhado da Banda Ser, pulou para cantar no meio do público. E como cortesia superespecial Outubro HC*
- *Os melhores shows aconteceram nesse dia memorável. – Uma pena que não dá pra repetir constantemente... Valeu, moçada!!*

A força de vontade coletiva conquistou um pedaço do céu. Assim posso definir o aniversário que celebramos.

Pés de buriti e amontoados de bananeira à sombra, caldo caseiro de abóbora, som, músicos, projeção de imagens deixam em transe a nossa geração.

Os que têm fome de justiça, a cega, foram saciados com mais de seis horas de som. O mundo parecia finalmente livre dos egoístas e dos mercenários.

A proposta sempre foi representar o underground. Tivemos Say Land Dance com muito balanço e soul, e na sequência o show quase correto da Mais Lama. Dino Black cantou os grandes hits do rap. Nenhuma Ilha fez um show feroz de rock puro. Kbça di Praia, surpreendentíssimo. Guilherme Almeida (RJ) apresentou um folk vigoroso. KaphaGérson apresentou imagens de sonhos e cantou com o triângulo.

- Say Land Dance: Tiago Rabelo, bateria; “Blavis”, guitarra; e Dudu Pinto, contrabaixo. Projeto em trio, que se acompanha com contrabaixistas convidados. Muita música negra no repertório. Guitarra hard, faminta e maníaca. Bateria avassaladora.
- A Banda Mais Lama da Cidade: sem se estenderem na métrica, acertaram na medida da apresentação.
- Dino Black é o rapper solto na arena e na rima. Ele usa botas, gesticula, sambadança. Um radical no levante do rock. O artista ao vivo é mais vivo ainda, mais tudo, mais panfletário. Improvisa e rima. – Dino, você chegou aqui e nos deu muita alegria. Você sabe que música não tem lado, tem cor e coração, e você, meu caro, é a vivência de cada frase que a sua garganta solta. São mais de quatro minutos de pancadaria, com o Tiago rimando nos pratos, e são quase mil visualizações do vídeo. Mário, Zanza e a galera das satélites temos que agradecer ao grande artista interlocutor que você é, camarada. Salve, Dino Black, que me foi apresentado pela Vanesca, e logo topou se apresentar em nossa casa.
- Guilherme Almeida (RJ) seria o garoto do rock autossuficiente, cantando canções em inglês e em dó na décima casa?
- Nenhuma Ilha: o primeiro quinteto desta noite apresentou um toque jovem e nervoso de guitarras no rock.
- Kbça di Praia: uma banda experientemente rebelde.
- KaphaGérson: o homem do triângulo e das projeções caleidoscópicas.
- Banda Ser: terá que participar de outros happenings vindouros, precisamos dessa energia!
- Outubro HC: conseguiu surpreender com novo repertório.

Era apenas um ensaio no *Estúdio Formiguero*, no sábado à noite, mas de repente uma ligação do Rogério, nosso conhecido *Codó*. Show de última hora, num lugar fodástico, no Guará 2. Nossa resposta imediata: Claro que topamos!”

“Nos 33 anos da criação *Do Próprio Bolço* rolou rap com Dino Black, que citou Gog, Câmbio Negro, Viela 17. A Banda Mais Lama da Cidade agitou com transversões dos Pixies, Mutantes, Mopho, Júpiter Maçã, Little Quail. A Ser foi metal brabo. Nenhuma Ilha foi rock. KaphaGérson pulou amarelinha e

tocou o seu triângulo, rimado nas exibições audiovisuais. Outubro HC, do Jardim Ingá, detonou um potente hardcore autoral. E as presenças marcantes de Bárbara, Betto Tutu, Izabel Tutu, Edson, Fernanda, Lucas, Rafael, Miguel, Jorge, Sylvia, André e esposa, Alexandre, Nader, Andrea, Red Zones, Júlio 'Junky', Tiago na bateria, Afrânio e esposa, Alexandre Renato, Sueli e Gê, Nana e esposo, Gledson, Chagall, Léo "Yelobem", Tati, Taty Brutaty, Cleiton "Roots", Dög Savanna, Fernanda Ferrugem, Michele Gomes Vasconcelos, Juliana Krause, Régis, e as pessoas que foram e esqueci nesse post, e os outros ainda que eu não conhecia, e que ao final dançavam em frente à fogueira, numa roda de energia cantando 'Sociedade Alternativa', de Raul Seixas: VIVA! Somos Nós!" (Ricardo "Retz")

Fotos pipocando, vídeos malucos surgindo da lente angular de algum celular.

Agradeço o reconhecimento pela luta intensa. Agora é acumular energias para outros combates/embates. Apesar da profunda ressaca moral, que naveguei nesta segunda-feira, jamais me arrependerei. Valeu e valeu muito pela experiência, a energia e o público interativo, ligado na proposta. Diferenças? Surto? Fazem parte. O que não pode acontecer é perder o contexto, o fio da meada, e se afastar.

Acredito muito no potencial das pessoas, quando a gente consegue aplicar aqueles 10%. Débito eterno a KaphaGérson, Tiago Rabelo, Rodrigo Souves, Zanza, Virgílio, Edson, às bandas. Pô, os caras de Planaltina, do Jardim Ingá, e por que não do Guará? Enfim, sinto a lacuna de uma publicação impressa que nos represente, que seja o máximo divulgada e distribuída. Hoje me toquei que a concorrência é vasta, e que há muitas revistas, e também bandas, desconhecidas para nós. Receber a atenção de vocês é o maior reconhecimento. Valeu, moçada!

28 abr. • Watchatcha, punk rock sulista no DF

Watchatcha em tradução aproximada seria 'vá à merda'...

Até Dona Dilma saiu de casa para curtir o Watchatcha

Teatro Garagem – Sesc 913 Sul

Umarraiz • Corte Seco

Watchatcha (RS) • Ras Kakaroto

Rock Brasília, que cada um carregue a sua cruz

Foi-se o tempo em que as tradicionais *Terças no Garagem* conseguiam unir público e agitação.

No clima calmo da noite desta última terça-feira, o que se viu lá foram bandas com fome de palco, e um público formado por velhos rockers, integrantes de outras bandas, que vieram prestigiar o esforço de ocupação dos reduzidos espaços para o rock na capital.

A iniciativa do *Festival Conexões*, organizado pela *Elo Produções*, é trazer bandas de fora para se apresentarem em Brasília. E o que tivemos foi a mistura tradicional de reggae com punk rock, e agora o rap.

O ensaiado octeto Umarraiz, juntos há seis anos, fez uma apresentação coesa,

em seu caldeirão de reggae temperado a ritmos brasileiros. E anotaram um hit, "Final do dia".

O despojamento rítmico cedeu lugar à rinha de galo contra o sistema: Corte Seco cortou fundo. Uma hemorragia de clássicos do punk rock, costurada por libelos, transformou o palco num ringue. Os tímpanos foram estourados...

Hora dos visitantes

O trio Watchatcha abusa da jovialidade, e percorre a trilha das bandas jovens de sangue nas veias. Eles vieram do Sul e trouxeram um repelente punk rock libidinoso, com cenas nem tão picantes do

cotidiano: Não espere frases e refrões de punk rock em livros de autoajuda. O negócio do Watchatcha é punk rock na veia, tipo os ingleses da Toy Dolls. Uma pegada de guitarra e vocal que se garante, uma bateria vibrante, com o contrabaixo colado, e assim fazem o velho e bom rock'n'roll. Os caras são abusados e convictos da sua atuação poderosa. O jogo de suas pernas é rápido, e tome alguns hits porcos, como “Casa do Mário”, “A Barata”, “Clube da luluzinha” e “Banheiro sujo”, além da profética “Fudido e mal pago”.

Eles poderão ser curtidos neste sábado no Guará.

Antes de as luzes apagarem, Ras Kakaroto foi esperto para estourar novamente os nossos tímpanos com o seu discurso rítmico.



Foto: ©Edson Salazar

Para Sérgio Pinheiro, *O Homem palco do Garagem*, o festival foi “de porte médio para bom”. Não faltou adrenalina: O suporte sonoro e audiovisual estava acima das expectativas, e os gaúchos de Porto Alegre ficaram felizes com a acolhida quente numa noite calma.

23 maio • Exposição, cineclube, música: ‘vislumbre e deslumbre o desbunde’

A Banda Mais Lama da Cidade

• Say Land Dance

Betto Tutu & Izabel Tutu

• Kbça di Praia • Laura Beatryz

De entrada, rolaram clipes internacionais de heavy metal e curtas metragens de Brasília.

A Banda Mais Lama da Cidade, sempre um show polêmico.

Neon nights para rever velhos amigos, ou Say Land Dance acompanha os convidados.

Os incentivadores do “tudo que há de bom” – Betto Tutu, violão e voz, e Izabel Tutu, voz – trouxeram *O som de Minas*.

Ao vivo, a Kbça di Praia realiza homenagens ao rock Brasília. O seu som está mais pesado e vigoroso, lembra Dead Kennedys.

Ao vivo, eles ultrapassam a emoção pura e detonam tudo. O solo de guitarra é longo e explosivo, inclusive até os atônitos membros da banda param para ouvir o guitarrista, ver no que dará! Sua performance, apesar de tímido, é visceral e tocante. A guitarra sopra ao longe os problemas. São poucos os capazes de resolver a vida ao vivo.

A menina Laura Beatryz mandou canções dos grandes. O que me deixou chocado foi Celly Campello. O rock tem futuro para nossa cantora superpop: Ela tem o dom!



© Henrique ferrera

“Legal foi o show *Rockin’ kids*, da gangue mirim, com três batatinhas cantando ‘Banho de Lua’, ‘Estúpido cupido’, e também Djavan e Chico Buarque. Com os pais corujas gravando o playground musical, do furioso ao angelical.” (Ricardo “Retz”)



Fotos sociais

Edson Salazar fotografou os integrantes dos *Skrotinhos* e os membros da *UVA* aqui em casa, e ainda deu uma força no domingo de manhã, e tudo ficou limpo. As fotos de Edson carregam uma percepção inusitada do momento. Desde o início do ano, ele vem documentando o que acontece ao redor da nossa cidade, o Guará.

Edson ainda embarca no *Cinedsong*, cineclube itinerante, que transporta os apetrechos e as fitas para que nós possamos assistir. No entanto, a sua especialidade, o olhar íntimo, é o que mais nos interessa.

4 julho • 'Nono Ato de Resistência'

Betto Tutu & Izabel Tutu

• A-Marte • Zoozoo

Sapiens • Barbarella

• Jam: Sapiens & Barbarella

São 33 anos de crises ininterruptas, sem compreender por que o dinheiro é tão essencial, tão vital. Basta apenas cola e papel, e uma guitarra. Dinheiro, dinheiro, a gente faz em outros setores.

Para recarregar as baterias, nada melhor do que a energia vital e a ansiedade adolescente dos meninos da banda A-Marte. Na outra ponta, uma banda nova, de algum modo incrivelmente experiente. Zoozoo é a retomada de uma parceria que começou há 20 anos. Já a Sapiens faz um rock orgânico e mutante, natural como o verde da mata virginal. A Barbarella desde 2007 me ajuda a produzir alguma coisa no cerrado magnífico de Brasília.



A-Marte manda ver nas viagens cósmicas

Rapaziada, obrigado por acrescentarem esse caldeirão de canções bizarras e instrumentalmente inesperadas, baseadas no amor. Os versos são engraçados, porém dilacerantes, e vocês são rock and roll dos old times, de primeira. Desculpem a minha amadora produção, perante o escambau de músicas legais de vocês, do country ao soul, e ainda o rockabilly.

Zoozoo desfila sua elegância sonora

O show autoral do quarteto Zoozoo é dançante, de excelente nível musical. Há muito nós o queríamos curtir. A minha produção foi hilária, e rezei muito pra tudo dar certo. Deu tudo certo. Gostamos do contrabaixo, da pegada, que lembrou New Order, e também Sting, e gostei muito mais ainda de a Zoozoo ter fãs infiltrados em nossa lona. O desejo é repetir a dose.



Zoozoo na passarela, clicado por Henrique Ferrera

Sapiens: em mais uma de suas mutações convincentes

Gilberto Domingos, guitarra; Thaíse Mandalla, voz; Mônica Sobral, flauta transversal; Paulo César, bateria; participação especial de Breno, contrabaixo.

Sempre será prazeroso trabalhar com a Sapiens. Espero tê-la ajudado em sua trilha de sucesso!

Betto Tutu & Izabel Tutu

Folk eletrificado, ou... cantar é mover o dom. O que vocês fizeram foi uma releitura da página do relâmpago elétrico!

Uma escola re rock chamada Barbarella

Os integrantes da Barbarella estão afiadíssimos e afinados. Uma forte apresentação, energética. O quarteto estava com fome de palco e de rock. E pelos caminhos rock, na mesma via, se encontraram Ceilândia e Sobradinho.

Suas canções violentamente sociais compõem o nobre currículo de uma escola do rock.

Barbarella & Sapiens: a piração foi recíproca

Juntas encerraram um capítulo importante. A presença sempre enigmática das Barbarella & Sapiens é garantia do maior delírio.

O longo blues da noite fria, o blues da jam, o melhor da Lua. Thomé de Souza não desgrudou das quatro cordas. Sérgio Passos, nos teclados, é um dos talentos da firma. Gilberto Domingos, a outra impressionante guitarra da firma. Thaíse Mandalla, na bateria e nos vocais, confirmou ter sido esta uma noite de estrelas e vagalumes do brilho mais lúcido.

Rock é bom, é do rei, e o grande roque é no tabuleiro. Fico rejubilado com a presente espraiação do *Nono Ato de Resistência*, com as maravilhosas pessoas que atenderam à convocação, e ainda com as perfeitas imagens de uma noite em chamas. Depois de 33 anos de ação, a produtora comprou a sua primeira bateria. Foi uma noite de gala. A luta continua, companheiros!

“A tarde e a noite terminaram assim: muito rock’n’roll de qualidade!” (Alexandre Renato)

Uma Protofonia nada rígida na ‘Consciência do Átomo’

O segundo trabalho discográfico do trio Protofonia, o *LP A Consciência do Átomo*, foi produzido por um dos grandes nomes do rock brasileiro, o contrabaixista Pedro Baldanza (Som Nosso de Cada Dia, Elis Regina, Sá e Guarabyra...). Ele foi gravado em 2014, mas só lançado neste mês.

“Conseguimos fazer um LP com uma qualidade inacreditável... gastamos uma graninha e fizemos a masterização analógica com os Avalon, Maler, no Dudu Maia e passamos para 96 hz. Dudu Maia é um bandolinista, que tocou guitarra na Chale Verde, nos 90s. Ele é o único em Brasília que tem aparelhagem e conhecimento para fazer uma masterização analógica. O disco tem 39 minutos: 20 de um lado e 19 do outro. A produção executiva foi do Victor Valentin, do selo brasiliense digital chamado *Miniastereo da Contracultura*. Esse LP é o primeiro físico deles.” (Janari Coelho – baterista)

5 setembro • ‘Conspiração underground’

Bruno Caetano • Dínamo Z • A Banda Mais Lama
da Cidade

Antimácula • Dino Black
• Sapiens • Kelton Banda

16 set. • Geraldo Lessa embarca na ‘Aventura Sem Dublê’

Ele me ensinou a atualizar um roteiro: Geraldo Lessa me esculachou com o seu jeito sério. “Isto está uma porcária.” O uso repetitivo do gerúndio, na ação contínua, provocou nele a reação próxima de um terremoto. Esse foi um dos riscos que corri, quando o convidei para ser “escritor fantasma” em *Aventura Sem Dublê*. Geraldo fez a consultoria da obra, que saiu em 1995. Em retribuição, criei no livro o personagem “Bêbado Gerald”, que nada mais era do que um par de Geraldos, o Lessa e o Hugney Geraldo, como se fossem Bukowski numa terrível ressaca matinal. O personagem não tinha nada a ver com o Geraldo, mas ele adorou: “Sou eu?” Nunca confessei.

Conheci a turma louca dos Skrotinhos numa festa na casa do Hamilton. Eles me acompanham desde lá. Dentre eles, os ilustres e famosos Léo Saraiva, Marlon Dourado, Mana Gi Lemos, Sueli Saraiva, o próprio Geraldo Lessa – fazíamos o Curso de História –, e Edson Salazar, Macaé, Magda Miranda, Andrea Brito, Isabela, Jihan Arar, Marcelo Vasques, Marcelo Vítor, Aderbal. Esses amigos queridos tomavam as suas cervejas no *Bar do Lincon*, na QE 24.

Dos amigos, sempre extraí até a última gota de *pazciência*. Geraldo Lessa frequentou a minha casa em certa época. E as relações continuaram interligadas, sob o enigma da esfinge da contestação. Afortunadamente conheci Zanza no bar *La Revolución*, numa noite em que ela estava com os amigos do Geraldo, do *Curso de História*. Uma foto foi a última gota que extraí do Geraldo. Ele não queria fazer fotos, e eu insisti, cheguei até a subir numa cadeira, em tentativa de comovê-lo.

Deu certo. Geraldo Lessa embarcou hoje rumo ao seu grande sonho: uma escavação arqueológica no Egito.

14 novembro • ‘Encontro Mágico das Guitarras’

Malagoli • Barbarian

Banda Ser • Marcianita

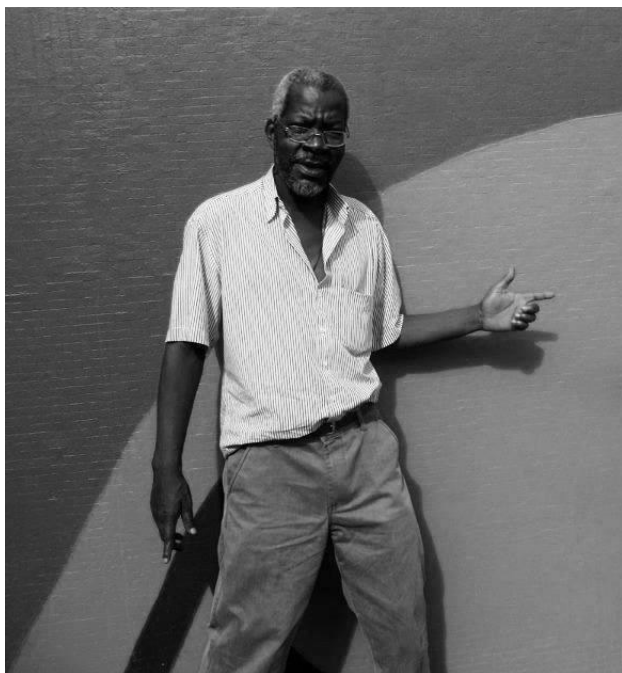


Ser: Guitarras mágicas, e Ivo Duarte, o cantor, deu o próprio sangue pelo rock'n' roll nesse dia. Logo depois desta cena ele levou um tombo e partiu o lóbulo da orelha, e teve que ir para o hospital em Luziânia para sutura. Ao concluírem os pontos, queria ainda voltar pra concluir o show!

23 dezembro • Carlos Roberto do Nascimento, militante revolucionário

Carlão está longe dos escândalos. Nem verá a subida do seu glorioso Fogão. Carlão nem estará conosco no *Pacotão*, ou acompanhará as manifestações políticas em Brasília. Nem tomaremos nosso café da manhã na Vila Planalto. A conversa ficará desfalcada. Eu passarei um bom tempo sem ir ao *Conic*. Pois lá ainda gosto de algumas lojas. Mas sem você, Carlão, o movimento dos bares e sinucas cairá.

De Carlão só me lembro de coisas engraçadas. Pois sempre rimos e chupamos limões. Ah! Ele jamais esquentou a cabeça, e por que esquentaremos agora? Numa coisa ele era melhor do que nós. Jamais ouvimos falar algum tipo de palavrão.



Isso eu invejava nele. São 25 anos de convivência em bares, botecos e contas, e de conversa sobre política, futebol e *MPB*. Ele gostava do Cartola, mas hoje debateríamos sobre Chico Buarque. Carlão acima de todas as medidas sempre foi um amigo de fino trato, e sempre desconfiei de ele ser dos Panteras Negras, como o Malcom X. Fui a poucos enterros. Eu não odeio os mortos, odeio a família dos mortos e o seu desespero. Pois é, Nascimento, como em outras vezes eu ouvirei você falando: “Marão! Você não foi”? Ou me chamando de *Maroviski*. Éramos russos, ou cubanos. Brasília fica mais burra sem a sua lábia providencial. Carlão, eu vou ficar amuado em casa, não estou a fim de rememorar ou molhar a garganta.

O baile seguirá, mas ainda posso ouvir a galera te chamando de “deputado”. Vá com o Anjo da Guarda, que ao invés do tradicional blues eu vou ouvir um Cartola agora.

2016
EFÊMERO ROCK DE GARAGEM
PIXIES COVER PLAYS JÚPITER APPLE

9 janeiro • O rock rolando alto, o acordo na mesa de Gilmar, e a volta da Antimácula ao Guará no final de janeiro. Quem viver perderá os tímpanos. E que Deus nos ajude a fazer um rock independente dos conchavos dos picaduras, os falsos picassos, as elites que só fazem satisfeitas o que é do interesse delas, quanto mais pra elas melhor. E nos mantenhamos distantes das disputas dos artistas mercenários, ainda que espoliados pelos motoclubes, e também fiquemos longe dos festivais da agonia. E que de alguma maneira descolemos uma aparelhagem melhor, sem que eu cá tenha que dever favores. – Finalmente, que venha um público a fim de prestigiar a cena autoral! E que este ano seja de muita luta vitoriosa, para que conquistemos os grandes prazeres. Mas cuidado, que prazer dado é logo esquecido...

Pixies Cover: Marco Antônio, guitarra; Ulisses de Paula, bateria; Marcelo Ferreira, baixo; Rodrigo Souves, guitarra e voz	Betto Tutu & Izabel Tutu & convidados: “Blavis”, Dudu Pinto, Wálter Muganga e Jorge Dupan • Cleiber Mota
---	--

Hoje, sábado, 15 horas. Devo estar doido e tomando cerveja quente. Está decretado *O Primeiro Rock de 2016*, e nem sei onde A Banda Mais Lama aportou. Se não aparecerem, ora, mudo o som. Fazer o quê mais? Iremos então de *MPB*!

A onda nos pegou de surpresa e improviso. Foi bacana

“Emanavam a positividade da natureza. Meus amigos custaram a acreditar que aquele lugar existia... A manifestação do bem-querer. Muita satisfação em conhecê-los.” (Cleiber Mota)

A Pixies Cover tocou os clássicos “Where is my mind?”, “Here comes your man”, “Debaser”, “Monkey gone to heaven”, “Gigantic”, “Wave of mutilation” e “U-Mass”.

Fora dos estúdios de ensaio, essa foi a rápida e a única apresentação do *Tributo aos Pixies e à Júpiter Maçã*. O projeto entraria em recesso.

Foi maravilhosa a apresentação de Betto Tutu & Izabel Tutu. O dueto gentil e alegremente recebeu convidados para tocarem e cantar juntos. Alguém trouxe maracas. – Vocês são preciosos! Uma atitude bacana dividir os instrumentos, e tirar um som expresso pelos trilhos... soltando fumaça e apitando *MPB*!!

Um show de guitarra é sempre bem-vindo, ainda mais de blues! Wálter Muganga realmente mostrou a soberania do blues. Cleiber Mota, por sua, o lado folk. Esses dois podem ser sempre saborosamente apreciados em shows.

Nessa tarde, finalmente, conhecemos a adorável e realmente adorável Penny Lane, muito simpática. Houve o reencontro com Paulo Peres e João Del Negro, e a surpresa do Jorge Dupan cantando!

6 fevereiro • “Acontece tudo na nossa vida, hoje também...”

Dínamo Z • Acústika 15 • Cleiber Mota & A Sociedade dos Primatas Modernos	Banda Ser & Zezinho Blues • Betto Tutu & Izabel Tutu
---	---



27 fev. • Herdeiros & agregados nos “Vícios do Rock”

Com a cara e a coragem conduzimos o clipe de “Vícios do Rock” do power-metal-trio Antimácula na base da adrenalina e da necessidade. Tivemos uma bateria com dois bumbos. Mais a talentosa performance de Fernanda Morgani e as câmeras de Ana Luiza, Lucas Rafael e Lucas Teixeira. Gabriel fez o “garçom”. No clipe, o cenário não aparece mas dava o clima de garagem. Roadies, iluminadores e figurantes também eram invisíveis.

Tínhamos uma banda ensaiada e uma atriz. “Vícios do Rock” é puro como o metal nobre. Para filmar, usamos todos os tipos de câmeras de que dispúnhamos. Estávamos ligados em Zé do Caixão, Filmes Da Hammer, Nosferatu, e claro aqueles trovões que abrem os clipes da Black Sabbath! A parceria dos universitários com a banda Antimácula e a produtora Nômade Vídeo Arte foi feita numa manhã – 15 dias depois, estava no YouTube – ficou escuro!

1º março • Jornal do SBT – *Rock de Brasília – Patrimônio Histórico* – Acabei de gravar matéria televisiva com o jornalista Andrew Simek. Falei da combatividade do rock e atirei para todos os acordes – vai rolar legal, mesmo que seja um tempo curto.

2 mar. • “Hoje à noite, tive uma conversa muito agradável com integrantes de alguns *Coletivos de Rock’n’Roll do Distrito Federal*. Nessa reunião, falamos sobre a sanção do nosso *Projeto de lei*, que reconheceu o Rock brasileiro como *Patrimônio Cultural Imaterial da Cidade*. Foi na última sexta-feira. O *PL* foi fruto da construção nossa com os movimentos culturais e representantes de vários *Coletivos de Rock de Brasília*. Agora vamos juntos em frente para garantir as medidas de proteção e valorização desse patrimônio, tão importante para a história do Distrito Federal e do Brasil.” (Deputado distrital Ricardo Valle-PT)



8 abril • Baile dos 34 anos 'Do Próprio Bol\$o'

Betto Tutu & Izabel Tutu

• César de Paula

Bartô Blues

• Canja: Rapadura



14 maio • No rock a busca é pelo acorde perdido, reconhecimento, a fagulha do deslumbre ou o martelo dos deuses. Podemos fazer fotos, criar cenários, ter ótimas bandas, mas sempre parece estar faltando Jesus. O Rodrigo é um garoto um pouco mais jovem que os meus filhos. Ele se sentou para montar a bateria, e lá do gramado eu pedi a ele: “Manda um samba!” Ele, na sua frase, deixou a constatação de uma coisa grande, realmente extraordinária, mas que eu tinha esquecido: “Que honra tocar no mesmo palco onde a Aborto Elétrico

tocou.”

(Rodrigo Campos, baterista da Marcianita). Merece uma placa.

16 De Julho

O ROCK VAI ROLAR

14:h



Cardápio com:

- ZU TOTËN
- MARCIANITA BANDA
- MARIANA CAMELO
- OLÍVIA E OS BRUTOS
- VISÃO GLOBAL
- BANDA ROCK BRASÍLIA

o palco e o sol, as vozes, o som

e nós na sede **do próprio bolso**

Do Próprio Bolso

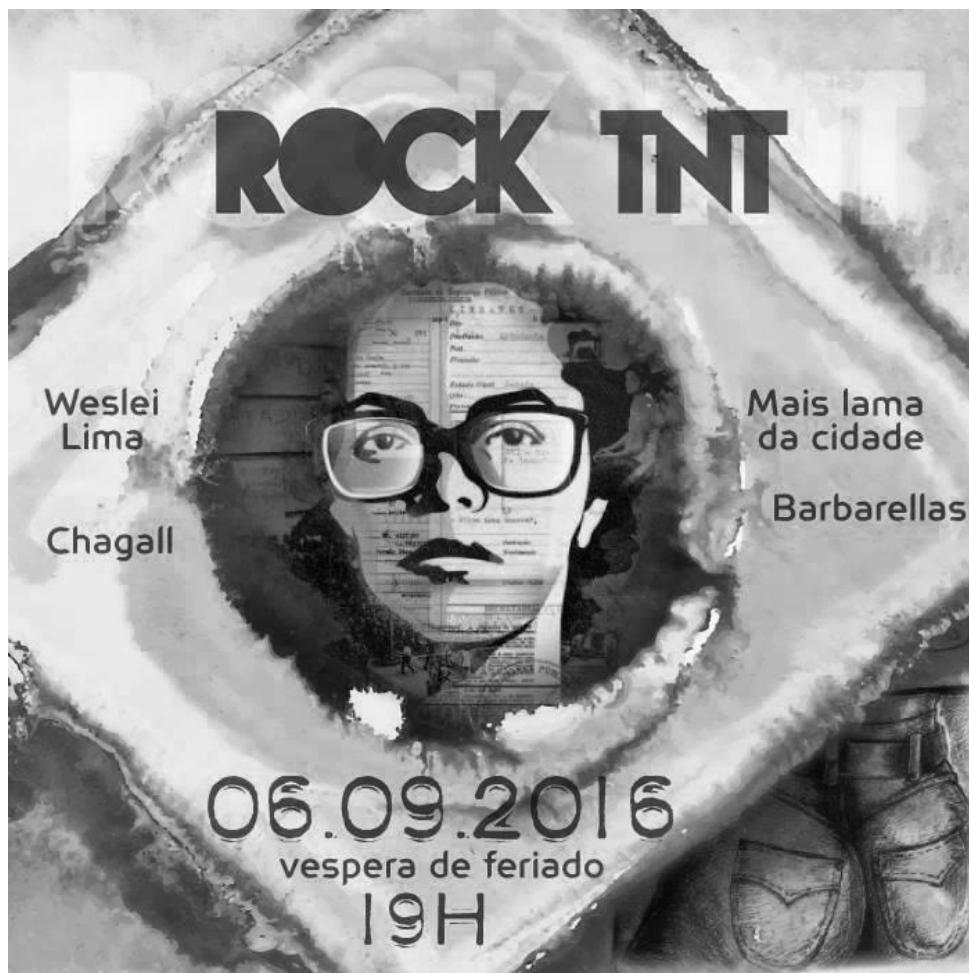
FBI apresenta:



Zu Totën
Suicídio Coletivo
Banda Mais Lama
REd Zones
Outubro HC

06 de agosto 2016
15h - Sede do ProprioBolso







Maria Sabina E A Peia
Ensaio De Música Nova

2 outubro / 2016

16 horas

Rock das Lontras

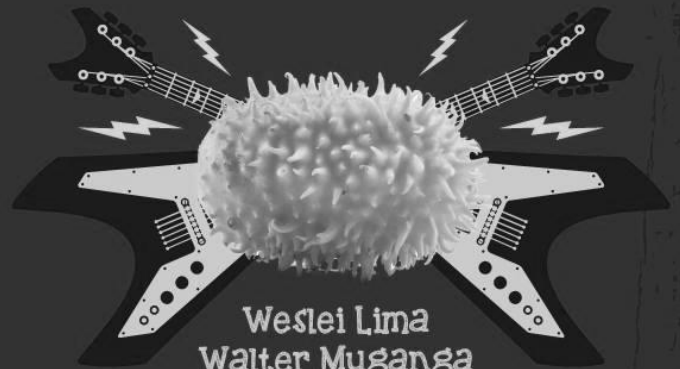
Eletro Acústico

Weslei Lima | Cleiber Mota | Banda Mais Lama



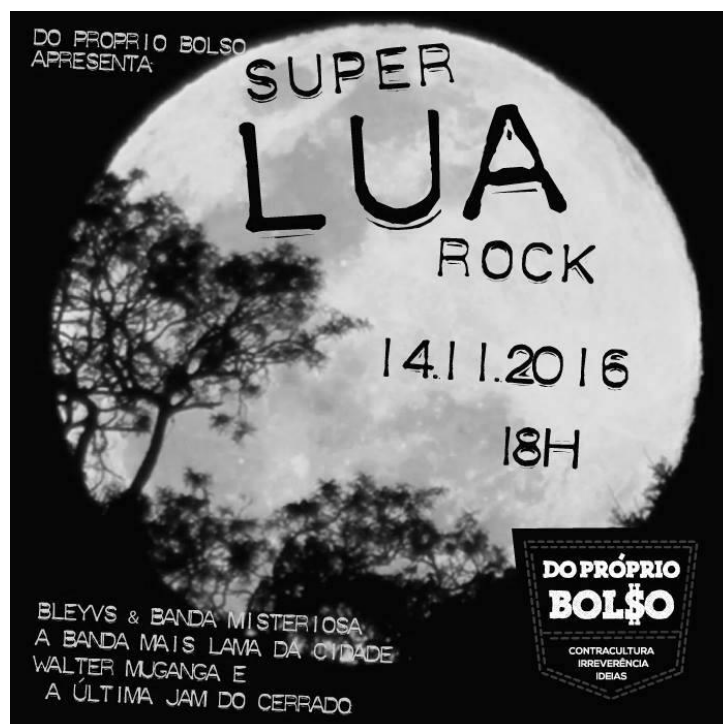
Amanhã Terça - 11.10.2016 - 19h - Sede do PróprioBolso

SALADA ELÉTRICA e MAXIXE DO MAXILAR



Weslei Lima
Walter Muganga
Banda Mais Lama

28.10.2016 | 19h - SEDE DO PRÓPRIO BOLSO





13 novembro • Domingo, próximo das 23 horas, uma inusitada jam abriu o 'Festival SuperLua' – Duodemo – Blavis – A Banda Mais Lama – Wálter Muganga

A Duodemo se apresentou no palco onde seria a fogueira, mas debaixo de uma verdadeira tempestade. Os quatro presentes, três no palco e eu na plateia, nunca iremos esquecer!

Teorias do Kaus – Duodemo especialmente abriu o *Festival SuperLua*. Davi Total Kaus propaga uma onda de indignação contra a barbárie dos governos de Michel Temer e Donald Trump – evoluindo para a mais gutural e paradoxal demonstração de protesto – Fora Temer! – das jams, que homenageavam em reverência Arnaldo Baptista. O roadie virou guitarrista, Davi foi ao microfone, em vários números do punk rock brasileiro.

“É uma satisfação ver aquelas letras escritas em um papel qualquer se transformarem em músicas, suas ideias e anseios expostos como feridas abertas, a sentirem a dor e o prazer de mostrar a sua verdade. Sem dó nem piedade. Assim analisarem o sentimento aprisionado, que corrói de dentro pra fora. (...) Parceiro de composições é algo difícil de acontecer. Essa luta já vem de alguns anos. O Sr. Davi Kaus acreditou no meu trabalho, como eu acredito no trabalho dele. Isso não estaria acontecendo sem essa parceria, tamo junto my demon!” (Victor Nogueira, baterista)

14 nov. • Hoje segunda-feira é dia de rock; Julimar vai pintar ao vivo, e tenho fé em que, se o Sol não surgir, a Lua virá – venha, traga a sua vibe. Deixe os ressentimentos em casa. E traga cerveja. Toda glória ao Senhor e aos vivos.

Ainda nesse dia 14, lá pelas 14 horas, “Blavis” apareceu para destrinchar a sua guitarra no mesmo palco. O baterista Conrado Marimon foi o primeiro a chegar, carregado de boas vibes, com incensos, plantando no reggae a batida jazz.

À tarde começou a grande tarefa de organizar a festa cujo lema é: ‘em time que está ganhando não se mexe’ e essa é a hora de fazer as coisas. Agradeço a todos que movidos pelos ideais e pelas amizades conseguem superar nossos furos e vem compor a parede.



30 nov. • São gravadas imagens de “Tempo arruaceiro”, o primeiro clipe do quinteto Maria Sabina e a Peia

O grupo não veio para mostrar a sua diversidade cultural nem a forte influência que dos ritmos nordestinos. Plasticamente foi belo, com um trabalho técnico de filmagem impecável, por parte do Léo. Assim firmamos mais uma parceria de sucesso. Espero que seja absoluto... e que o clipe de ‘Tempo arruaceiro’ habite em nós.

“Tá habitando, sim, até agora e durante muito tempo continuarei feliz por tudo que aconteceu ontem.” (Maria Sabina)

Tosqueiras e testosterona – Rock debaixo das nuvens e das folhas, grama rente, banco ocupado, um colorido todo especial para a voz de Maria Sabina: crianças e cães e gatos e fogueira. Trabalho árduo de gramado e de tinta do Jaílson Oliveira. Churrasco, lanches, pães, cervejas, som, palco. Léo nas duas câmeras. Baterias afinadas e carregadas. Amor-tempo-vento-melodia, cães-frutas-bacupari-jaca, mangas e pitangas. Bruno Caetano, do programa de rádio *BRockado*, veio entrevistar a estrela.

Durante a jam, Salazar apareceu do nada, sem ninguém perceber ele começou a tocar a bateria. No final, todos marcaram maracas debaixo da chuva. Hoje, cansado, nariz pingando, mas feliz,. Mais amor, mais compreensão, mais paciência. Também menos gritos e egos. Agradeço à banda, que veio nos mostrar mais uma experiência sensorial nos vapores místico-nordestinos, nos assovios mais afinados. Agradeço a Zanza sempre compreensiva da ideia. A Tiago, no melhor de si.

Agradeço a todos que participaram. O melhor público de rock. – Me desculpem, mas a minha visão que tenho do rock é espetacular, não é monetarista. Tiramos sons com os amplificadores de plástico, e foi lindo, numa quarta-feira de rock como não acontecia há tempos Wálter, Bruno, Maria Sabina, Weslei, Tiago nos deram um banho em todos, na divisão das melodias do Caos.



9 dezembro. • Simpatia é seu nome... Murilo Lima

Durangos da América

Banda Rock Brasília, com a participação especial de Murilo Lima no violão e vocais

Se Murilo Lima virá ao Guará, ele terá a festa que ele merece, pois aqui na aldeia só vem vocês, cês, cês...

Qual a próxima atividade? Com bastante desafio e cumplicidade. Sexta-agora estaremos receberemos Murilo Lima, ele cantou na Capital Inicial na metade dos 90s. Com ele, tivemos a oportunidade de realizar alguns trabalhos ao vivo e outros em estúdio.

Dele recebi o CD da Brotheria

Bruno Caetano radialista, vocalista e guitarrista na Dínamo Z

Conversei com ele, em um papo casual, que virou entrevista mesmo. Recebi de suas mãos o CD da sua atual banda, a Brotheria. Rolei no programa BRockado e falei sobre o encontro.

Essa sexta-feira de dezembro virou história. Pra quem acha isso um exagero, estude mais sobre o Rock-DF, ou continue tomando no Cover. Em mais uma noite de rock na Sede Do Próprio Bol\$, surpresa pra lavar a alma de poucos, os sedentos órfãos do bom rock nacional. O convidado especial era Murilo Lima, vocalista da Capital Inicial por quase 8 anos, de 1992 até o fim dessa década. Mas o fato não seria tão importante, se a sua passagem pela banda não fosse destacada por causa de seu apurado gosto musical, e o raro talento vocal. O artista chegou a gravar um disco, ao vivo, com os brasilienses, e registrou no álbum, uma que veio a ser bastante aclamada versão para Podres Poderes, de Caetano Veloso. Não sei se alguém se lembra, mas pelo menos a mim marcou. Não por ser a Capital, mas por Murilo ter aceitado o desafio, e ainda cantando bem melhor que o Dinho.

Vide quem viu e ouviu!

Naquela noite, Murilo fez um som com a banda Rock Brasilia, mas o histórico não foi o show, e sim, sua aparição. Ele é jovem para ser uma lenda, mas bom o bastante para ser lembrado como 'o cara' que não deixou a Capital morrer. Agora fez o seu próprio nome. E, melhor, continua foda!! Viva o Rock!

10 dez. • Pá! Deu tudo certo. Recebemos meu conterrâneo paulista Murilo Lima, e foi festa! Hoje no *Landscape* haverá outra dose. Com o maravilhoso apoio de quem produziu, e também daqueles que vieram nos ver, no maior esquema paz sempre.

Juntos Durangos da América e Murilo Lima fizeram “Aluga-se”. Após o show, em entrevista para a *Rádio ZoomMusic*, ele falou dos lugares e pessoas que encontrou aqui, mas também reconheceu a valente produção local. Um diplomata do rock!

Última constatação

Durangos da América é uma banda raçuda, com um vocal na linha da Matanza, de enérgica performance, o microfone na mão. Miro Ferraz é construtor de guitarras, a que usa ao vivo é pau para toda obra. Já o baixista Daniel seguiu a onda, e a da bateria é na pegada do surdo com bumbo de escola de samba – o repertório, calcado em Raul Seixas, e Dio! Espero que explodam a *Landscape* hoje, mas chegamos sem alarde.

Eu não vou passar o script de banda de rock, mas o que sei é que as bandas demoram um certo tempo para atingir o ponto de ebulição, e algumas talvez jamais consigam. Porém a Durangos da América vem apresentando um dos sets de rock’n’roll mais autênticos do planeta.

Foi em 1984 que eu conheci a Durangos da América – a gente andava pelo *Galpãozinho*, *Bar Caco de Cuia*, *Conic* e *Taguá*. Miro Ferraz, o carinha da guitarra, que inclusive pinta a logomarca *Do Próprio Bol\$*, a gente tem essa cumplicidade de atuar pelo bem do rock’n’roll. Se eu tenho *LPs*, Miro Ferraz coleciona guitarras que não se veem mais nos palcos. 32 guitarras, amplificadores vintage, piano. O mais assustador é que Miro é luthier, não tem medo de meter o formão, abrir cavas, e restaurar, além de pintar. Mas o melhor é vê-lo salpicar o tempo todo as músicas de notas. Além de fazer os

improvisos básicos, frases e riffs que o leitor para ser um realmente bom guitarrista tem que saber, que precisará tocar além de com os dedos com a alma.

Na maioria das vezes, a gente está loucão e cego mesmo de paixão, brigando com todo mundo, numa bruta ressaca ensaiada e repetida. Os magos, os feiticeiros, os cavalos de Troia, desceram das areias distantes em seus cavalos alados. Fizeram de “Born to be wild” uma demolição de guitarra manufaturada, ainda tocaram Pholhas, Peter Frampton. Injetaram suor nas cordas. Aqui o movimento é de cabeça pra baixo, e olha só não cai uma moeda. O *Festival dos 35* anos virá. A festa no entanto não é todo dia, é toda hora. A Durangos da América nos deu um dos mais emocionantes shows de nossas vidas. Os aliados, os associados, os fãs, os freaks, os figurinhas, a ambição do filme de terror bem feito vamos celebrar a nós mesmo todos os dias, pois é o que nos resta. A vida dos outros já é minissérie.

17 dez. • Foi legal, ainda não desci das nuvens, ou psychotic reaction

Distrito Cultural é um programa local de TV, exibido nas tardes de sábado na *Rede Globo* – dizem que é o peru que morre na véspera. Também acho que os homens morrem mais cedo, de expectativa. O Paulo Castelo, que é uma das Mães da Invenção do grupo cultural *Uma Outra Estação*, no qual eu colaboro, me indicou para ser entrevistado a respeito da Legião Urbana. Coube-me falar como eu vi Renato Russo frequentando o *Circuito de Cinema da Cultura Inglesa* em 1980/81, onde o DaMatta exibia filmes raros dos Beatles. Um ano depois, em 1982, nos reencontramos, naquele que foi o primeiro show da Legião Urbana em Brasília, que aconteceu no Guará. O programa *Distrito Cultural*, sob a direção do Sérgio Raposo, gravou também outras entrevistas sobre o tema, na atuação da entrevistadora Márcia Zarur. Outras duas pessoas legais de lá são a Carol, responsável pela claquete e a sequência nas entrevistas, e a Rosane Amaral, que é a relações públicas do programa. Estivemos no olho do furacão no centro do rock Brasília – Explode Capital. E um pouco de história de sucesso e rebeldia não faz mal: minha participação no *Distrito Cultural* será indelével, tenho certeza, ainda habitará o imaginário popular, através da tela da televisão, do aplicativo, do link, que têm a capacidade de transformar qualquer um em superestrela, lógico, e é assim que me sinto. Muitos me viram e comentaram comigo: ‘Vi você na televisão’, ‘Mandou bem’ etc. É uma reação maravilhosa essa

que a produção do programa me proporcionou.

Foto: ©Isabelle Prado

Não vou parar, não vou morrer, acompanha o excitado fã, com o punho fechado socando o tempo, bandeira do rock’n’roll desfraldada, durante a apresentação da



Red Zones

2017

É LEI TOMBAR AO CHÃO: 35 ANOS DE GESTAÇÃO DE IDEAL

Enlatado Blues • Antimácula • Red Zones • A.R.D.

• Sapiens

• A Banda Mais Lama da Cidade

• Weslei Lima (jam session)

Grafite extraterreste

Julimar dos Santos &

Jean Bov'arte

Cobertura fotográfica

Isabelle Prado



Foto: ©Jenira Cruz

“O Sol trincou ao som do rock!” (Jenira Cruz)

“Sonzeira doida! Sábado quente!!” (Katia Santos)

7 janeiro • Sábado, 35 anos depois que comecei a tirar xerox de fanzines, teremos a peça *Quatros estudos em Mi menor*, com o power trio Antimácula. No cardápio solidário, a estreia no Guará da confraria da Enlatado Blues. A Red Zones reassumirá o posto da banda mais barulhenta da casa – estou com um superamplificador valvulado! Na sequência, o longamente aguardado show-embarque da A.R.D., que no dia seguinte seguirá, com escolta para o *Aeroporto Internacional de Brasília*. A Sapiens apresentará o mesmo show do final de ano no *Museu Nacional*, com Hamilton “Zen” na bateria. A noite será fechada pelo rock psicodélico sulista d’A Banda Mais Lama da Cidade.



A luz do blues de Luziânia

A Enlatado Blues é um produto fino onde se embala o blues com poesia e Clapton.

Sara Botelho manda legal no contrabaixo; Ésio tem muita segurança, e desenrola a bula de blues do Barão; Silvio Duarte, exímio e vibrante nos solos do violão; e Karlel, na bateria aliada, muito tempo juntos na estrada. A Enlatado Blues trouxe a calma antes da tempestade.

Quatros estudos em Mi menor mais um compasso

Antimácula fez dois shows rápidos e curtos – e houve fogueira nas guitarradas para queimar todas as bad trips dos *35 anos Do Próprio Bol\$o*. O maior barato os nossos filhos, na casa dos 20 anos, em plena e harmoniosa interação, que começavam a entender mães e os papais doidões que nós somos.

Red Zones: espancadores profissionais de tímpanos

A galera ficou chocada e hipnotiza, com a audição repicando... depois da apresentação da Red Zones, o show mais barulhento de todos. Para o meu desespero, alguém disse que da entrada do portão do condomínio já dava pra ouvir! Respondi que “rock serve pra isso”...

A.R.D. voa alta na ‘Iced Calangos European Tour Winter 2017’

Pense numa mola mestra que arremessa uma bala. Essa bala atravessa várias superfícies.

O importante para uma banda são seus fãs, e esses apareceram em massa. Até o clã Batista veio prestigiar o filho Gilmar, que não abriu mão de um longo set: “Bala perdida”, “Death and delusion”, “Tsunami”, “Eixão da morte”, “Drogado”, “Ace of spades”, “Propaganda”, “Demófagos”, “Maggie”, “Por quê?”, “Morrer punk” e “Salmonella”.



“O dia tão esperado chegou! Hoje começa a nossa jornada no velho continente congelado. Que tudo possa fluir na mais perfeita ordem, segurança e proteção divina. Não sei ao certo qual o sentimento que domina meu corpo, mas sei que não foi fácil chegar aqui! Só tenho a agradecer aos meus pais, ao meu amor, aos amigos e aos A.R.D., que lutaram muito para que esse sonho se concretizasse. Que Deus nos guie e abençoe. E obrigado, amigos!” (Jean Flip, baterista)

Sapiens caiu na gandaia

“Os shows de ontem foram pauleiras.” (Mônica Sobral)

A Banda Mais Lama da Cidade é ovacionada

O doido é que virou uma mistura de brechó mexicano com *Buzina do Chacrinha*. Três doidos se contorciam enquanto dançavam, enquanto três fãs enlouquecidos filmavam e curtiam na mesma coreografia. Foi louco aquilo, parecia o cabaré da Broadway. – Pô Mário, não poderia ser mineiro? – Acho que a banda perdeu a oportunidade de pousar em Júpiter, tão longe foram na sua música. – O momento teatral do show é quando o cantor começa a música “Transmission”, pois ele lia a letra na tela do celular. Clássico o início da apresentação com “Killing an arabe”, que uma amiga palestina nos havia pedido pra banir das nossas festas, há mais de quinze anos. – É uma canção política? Tipo Dylan? – É isso aí, um retrô, recado, mas também constatação, ideia, parênteses.

A Banda Mais Lama também agitou bastante e saiu nos braços da galera. Meu primo que eu não via há 25 anos reapareceu nesse dia fenomenal!

Outro dia, um apresentador me convenceu que o cinema poderia ser mais forte do que a palavra. Agora eu digo que a palavra e o cinema não são mais fortes que o rock – pode trocar se quiser rock por música.

Classifico tudo isso como insano, pois o antes, o durante e o depois está sendo insanos, logo foi tudo realmente insano. Repito insano mesmo. No ápice da insanidade, ando na cidade e jogo nas pessoas: – Você não foi!!

A galera em uníssono disse que foi épico. Rápidos minutos vão passar na TV a cabo, n’*O Libertário*. Não faltou nada, aconteceu tudo, até a correntinha de prata do Toninho Paracatu com o Buda desapareceu. Não seria retórica afirmar que o underground compareceu em peso. Parecia uma filial, que chamei “*Conic mirim*”, e o Welber, “*Conic kids*”. Eram jovens velhos de barbas longas e grisalhas, todos com muitas histórias. Seu doutor, dançamos e balançamos psicodélicos, sob as luzes estroboscópicas mais rodopiantes.

E no Rock teve arte, e uma pequena admiradora: Maiara Santos

“Massa demais a Maiara Santos, ela me deu a maior força na filmagem. Me ajudou a carregar o tripé e ficou acompanhando as entrevistas.... Valeu, pequena.” (Magu Cartabranca)



21 jan. • Grandes artistas pegam carona na rabeira do atalho

Edu K na guitarra e KaphaGérson nos vocais e com as participações especiais de Dudu Pinto no contrabaixo e Tiago Rabelo na bateria
• A Banda Mais Lama da Cidade

Jam session: Betto Tutu & Izabel Tutu + Marcelo + Edson Salazar + Tiago + Dudu Pinto + Dean Pacheco

Cobertura radiofônica

Rádio ZoomMusic

Coisa de 10 anos passados, passei um exemplar do livro *Balada do Louco* para que KaphaGérson o entregasse a Edu K. Misteriosamente o livro desapareceu. Isso foi o início da nossa trajetória. Me fez lembrar que o encarte do *LP Screw you* que foi impresso numa gráfica para revistas masculinas.

Conheci um ou dois artistas do rock da nossa geração devido a KaphaGérson, ele sabe que idolatro andar de carro e ouvir uma banda nova, então desconhecida, como o Ministry. Adoro ouvir papo sobre gravadora, seus produtores, quem viveu a experiência, como alguns sons foram gravados.

Assim que vi KaphaGérson, falei: “Vamos lá em casa, a banda espera...” “Nem que você toque saxofone invisível.” Não cabe descrever a encenação do backstage, a negociação: Eu não tinha banda. Perguntei a Edu K: “Você vai cantar ou tocar bateria?” Ele: “Bateria”. Eu emendei: “Enganem o povo, façam um show de 15 minutos!” Ao que Edu K rispidamente respondeu: “Eu não faço mais isso.” Na churrasqueira, Edu K pegou a guitarra creme, que o dono a chama de “Jimmy, renda-se” e não mais a largou. Mesmo durante a entrevista para a *Rádio ZoomMusic*, ele respondia com solos. Edu K, guitarrista profissional de efeitos e acordes. O show parecia o circo mágico do Frank Zappa and Mothers Edu K antes de vocalista é guitarrista! Sua técnica me fascinou, ele a domina através de bends, com uma nota em corda diferente soava como duas notas os intervalos musicais, numa guitarra funkeada, ele mostrava o conhecimento do braço.

“Só faltou tocar ‘Instinto Sexual’, mas Eduardo Martins Dorneles é um lord e fez muito mais com nossa mistura de xaxado, hardcore, psychofunk-punk.” (Tiago Rabelo)

Coisas absurdas e misteriosas aconteceram ontem

De repente, nas caixas passamos a ouvir um solo de guitarra, como? Quem estaria na outra? KaphaGérson sem o protetor, com a cápsula do microfone presa aos dentes, solava inspiradíssimo uma guitarra, a modo de quem estava com a cabeça cheia de boas coisas. Não conhecíamos os excelentes sopros guitarrísticos de KaphaGérson.

Uma chave de casa tirou de campo o guitarrista Rodrigo Souves. Betto Tutu & Izabel Tutu reapareceram. *Museu da Música* presente, Ricardo “Retz” pegou autógrafo na foto de divulgação do DeFalla. Foi uma semana épica, de muito som.

Como Eu queria sair um mês de férias e me entocar por aí sem bater cartão. Isso mina a criatividade mas é a sobrevivência que fala alto.

Edu K faz o tipo Marcello Mastroianni

Muito simpático! A *Rádio ZoomMusic* entrevistou Edu K numa das mais divertidas e controversas entrevistas de todos os tempos sem palavras para expressá-la. Pouco antes de a Júpiter Maçã morrer, Edu K o encontrou no seu show. Com ciúmes da beleza de Edu K, Júpiter Maçã insistiu: Dá na minha cara, porra! Dá na cara Vamos, bate em mim! Edu K então desferiu um tapão na cara de Júpiter Maçã, e o par de óculos voou em câmara lenta. Aí ele ficou puto e quis vir pra cima. O povo do deixa disso entrou em cena.

Em Florianópolis, Edu K tocou com um maluco puxando a sua perna por um buraco no palco. Gravou em inglês “Vou me afundar na lingirie” com uma base hard rock baseada em Aerosmith. Uma entrevista rock, e o staff presente, foi coisa de louco.

- A Banda Mais Lama da Cidade foi bizarra, tocou até “Communication Breakdown”.

Rolezinho no Guará

3 fevereiro • O Guará vibra em sua própria consciência estética e sintoniza-se às artes produzidas no nosso entrecho urbano. Tem megahertz para todos os gostos. Na *Rádio Guará FM*, Joel Alves, no programa *Guará Vivo*, comanda a bancada-palco de entrevistas e bate-papos com artistas locais. Outra rádio on-line, é a *ZoomMusic*, que promove o *Piratas Disco Clube*, um baile movido ao som de LPs,

transmitindo ao vivo, a partir dos bares. Outros programas são *Álbum de Família* e *Cassete*, sempre com entrevistas que privilegiam a produção cultural da cidade. Não radicadas no Guará, mas que abrem espaço para os artistas, está o programa de TV *O Libertário*, que acaba de inaugurar sua *Escola de Rock*, na QE 40. Não podemos deixar de falar do programa, *BRockado* na *Rádio Esplanada FM*, que prestigia a arte e a cidadania da nossa região administrativa e adjacências.

A agenda de shows das satélites pode ser conferida no site zineoficial.com.br.

Um dos inícios

Palco importante para a transformação cultural foi o *Café Quintal*, na QE 19, que vicejou por apenas um ano, mas que deixou frutos: abriu espaço para os artistas tocarem e exporem e aglutinou movimentos como o *Mulheral* e o *Bazar das Meninas*.

Dicas quentes

Ricardo “Retz” é o mentor do *Museu da Música*. As dicas culturais para comer e curtir são o tradicional espetinho *Formigão*, na QI 22, mesma quadra o *Dog do Wilson*, além do espaço cultural *Ciriguela*. Imperdível para quem gosta de música urbana é a *Batalha de Rap* no metrô *Estação Guará*, que rola às sextas-feiras. O *Quiosque do Sinval*, o vídeobar, do Guará, na ativa até hoje. Lembrete: brevemente teremos um novo espaço, o *Quilombola*, na QE 42!

Grafite e Geladeira do Livro

O grafite é uma arte de rua e manifesta forte presença nas paredes do Guará. Destacamos entre os coletivos pioneiros de grafiteiros no DF, o *MOSCA* (Mobilização Social/Cultural e Ambiental), que surgiu há bastante tempo, em festivais de música pelas praças (*FICA*). Dessa união nasceu o projeto *Geladeira do Livro*, que acabou de visitar seis cidades-satélites, fixando as geladeiras em lugares públicos, para levar literatura às populações carentes.

O que acontece hoje?

Um dos marcos inspiradores na cultura do Guará foi o bar *La Revolución*, na QE 19. Com o mesmo espírito, o barzinho *Maloca* tornou-se atração para os jovens universitários, oferecendo as *Quintas Musicais*; além disso, há um novo projeto de criação de uma vídeo-exposição, para breve. A *Landscape*, misto de oficina de motos com pub e casa de shows, abriga música mecânica e também ao vivo. Em dezembro, a casa recebeu o show da Banda Rock Brasília, com a participação de Murilo Lima, o vocalista da banda Brotheria.

Dos quintais para o mundo

A exemplo do que acontece em outros estados, as residências guaraenses também passaram a produzir receitas e oficinas para o desenvolvimento dos processos de ampliação das liberdades pela educação das pessoas.

No Guará 1, destaca-se *Ciriguela*, a mais recente casa-espaço cultural, que conjuga home studio e palco de apresentações acústicas. A casa aposta num festival de clipes de bandas do Guará.

No Guará 2, na QE 13, a *Urbanos*, também surge como espaço cultural, e já chegou arrepiando: ofereceu workshops de gaita com Jefferson Gonçalves e de grafite, com Julimar e Welton na tutoria. A direção é de membros da banda Os CabeloDuro, que também acolhem representantes do underground nacional como, Edu K + KaphaGérson.

Zepelim sobrevoa a área de alimentação

Hambúrguer, cerveja e rock, essa é a trilogia da *Zepelim*. O crescimento populacional fortaleceu o comércio de alimentação. Assim a proximidade de casa, o preço e o ambiente familiar atraem grupos de jovens para curtir as apresentações de Bartô Blues, ou da Marssal...

Dez dias depois de este artigo publicado no Jornal do Guará, a cidade perdeu a *Cartolaria* e a *Capital Pub* (mudou de direção e de nome: *Landscape*).

Alongamentos

Sindicato do Reggae, CD Shop, Balaio do Cerrado, atelier do mestre Ataíde; Estúdio Formiguero, agora na QE 40; Clube do Blues, Rota 156, Espaço Ferrugem, Bar do Rock, Arco da Cultura, na Feira do Guará, Conselho Regional de Cultura, Estúdio Tocada Club, na QE 26, Estúdio Hórus, na QE 13, Mastering Estúdio, na QE 1, Caravana da Música, Churrasquinho do Cabelo, na QE 28, e Aldeia São Jorge, na Colônia Agrícola Bernardo Sayão; Tupanzine, Chaveiro Xinxá e o Ensaio Geral. Procê Bar e Restaurante, Estúdio Cordas de Aço...



Músicos & artistas & produtores & divulgadores

Bartô Blues, o músico mais atuante; Sapiens, prêmio Brasília Independente; Durangos da América, Corte Seco, Os CabeloDuro lançando seu novo CD apropriadamente intitulado *A gente só se fode!*; Helen Dieb, Cleíton “Roots”, Brazilian Blues Band, Olivia e os Brutos, Mariana Camelo, Profans, Daniel Toys, Jorge Dupan, Regicídio, Diego Sousa, Rafael Tavares, Hugo Casaries, Lincon Lacerda, Marcos Bassul, Lucy Sky, Betto Tutu & Izabel Tutu, Tiago Rabelo, Victor Vitrola & Richelmy Oliveira. O rapper Gog, Chagall, Alexandre Renato, Nova Raiz, Levitas e a volta da Jah Live. Célia Porto & Rênio Quintas, Dedé da Viola, Zezinho Blues, Dög Savanna, Macakongs 2099, Edson Salazar, Nader Arar.

“Tudo isso motivado pela grande quantidade de músicos e bandas ativas no Guará. Isso é latente.” (Hamilton “Zen” artista plástico e baterista)



joelma Antunes



joelma Antunes

Sérgio Fonseca & Ayla Serena
• Trio Mais Lama • Corte Seco
• Duodemo

Hellen Aquino & Álcool 70
• Cleiber Mota & Álcool 70
• Beer Head



23 abril • Em Brasília, num domingo Irmão Victor (guitarra) e Tiago Rabelo (bateria) se encontraram e, durante uma jam, levam uma versão instrumental de “Taxman” e a autoral, enigmática quase clássica “Onde é que foi parar o Pedro Alcides?”

27 maio • 8 Bandas na Resistência do rock

Blavis • Antimácula • Cromus • A Banda Mais
Lama da Cidade • Banda Ser • Corte Seco

Terno Elétrico • Barbarella (Tiago Rabelo e
Thomé são casos à parte)
Apoio: O ‘Libertário’

O sábado será superespecial e inesquecível, faremos um rock dos meus 53 anos com a mesma plegada e pegada de sempre, com os mesmos pedidos: traga cerveja e pão.

Será um rock sem estardalhaço, sem big produção e sem propaganda, só a gente procurando as notas na guitarra antes que apareça alguém querendo ensinar a sermos nós mesmos.

Hey Ho, Let's Go - muito cedo ainda antes da tormenta não abra mão de seus agasalhos e sobretudos para chuva. “Esses são os amigos que eu te falei” faz pensar na força descomunal que move o mundo. Robson que afirmou que as coisas *Do Próprio Bol\$ô* acontecem. Tiago também divide essa opinião. Eu estou excitado, de Taguatinga, virão Barbarella e sua guitarra grená e a afiada A Banda Mais Lama, banda com mais quilometragem de palco aqui em casa. De Luziânia, virão Antimácula que vai

descarregar decibéis, Cromus com a sua nova formação mágica será o show dos bruxos e os velhos amigos da Banda Ser com seu rock autoral com garra e técnica e em português cujo guitarrista Silvio fará a pose clássica com a guitarra encouchada pela barriga. Da Ceilândia, Terno Elétrico brilhará na sua fase mais madura e elétrica. Daqui do Guará, a Corte Seco, o sangue novo do novo parceiro de realizações culturais, Menguele, o cantor me dedicará “Hipocrisia consumismo”. Os receberemos com alegria e justas homenagens pela grandeza em ofertar um espetáculo clássico de ação e reação e relação e luta e amor coletivo - esperamos vocês de mente abertas.

Às 15 horas os gatos pardos começam a pingar o palco está montado: Menguele trouxe o par de caixas de voz e a potência A Banda Mais Lama e Cromus os amplificadores e microfones eu fico alto antes de todo mundo e falando continuamente. Chove na BR que trouxe o povo de Luziânia o burburinho e o monte de gente cresce André da Antimácula ataca a guitarra o rock começa de verdade, uma hora depois a fogueira esquenta e afasta os pernilongos. A festa fica empolgada com as presenças de Roberto Meneses, que aparece com um casal de amigos que me dão vinho, Serginho e família Pinheiro aparecem também. Vamos num culto divertido e elétrico, todo mundo dando duro e suando. Alguns não demoram a entender o envolvimento. Não é show business é psicodelia manifestação do espírito. A barra alivia e mais uma vez a gente curte com muita gente tirando fotos.

Não faço rock panela, não faço rock punheta, não faço rock misógino (rock é sexo) não faço banda de sucesso, não faço banda de menino, não faço cover, não faço nada não ganho dinheiro, gasto dinheiro é um maldito diletantismo: mantenha a luta armada!

Rock’n’roll é legal, o que estraga é o vício que me leva à sarjeta. Estou desorientado. Ângela com tantas ideias de gibis espalhadas pela cabeça. Não tenho mais olhos de terror nem ossos ágeis e nem vontade de devaneio. Rock’n’roll me fodeu. Fodeu também a alma no lugar certinho, com seu som no talo. E não adiantou fechar os ouvidos. E gozei, e gozei alto na fronha dos sonhos. Gemi e mesmo assim “I can’t get satisfaction”. É rock’n’roll. Vou deixar você de lado como um selfie mentiroso. Vou deixar você na estante de LPs. O mundo está cheio de rock’n’roll. Alguns produtores do quadrado estão nadando em libra, em euro, em marco, em coroas. Mas um dia a farra acaba sem festa. Rock’n’roll. Vou ali tirar um cochilo, espremer um cravo, ler a linha da sorte na minha mão macia que aperta a glândula. Sacanagem, pau duro e volúpia macia de enfiar. É isso aí bicho. Tenho minha poesia marota e vermelha. Sem rock’n’roll, sem doações, donativos, sem ofensas e sem bingo. Sinto muito. A patroa mandou suspender o baile. A última noite custou seis rolos de papel higiênico, e agora a gente canta à capela, pois o microfone sumiu de novo.

Arnaldo, mestre na hierarquia da loucura

2 junho • Arnaldo Baptista é o rocket man do rock nacional. Sua luta é inspiradora Vê-lo tocar coisas de seus quatro LPs-solos foi partilhar da sensação do artista contemplando a sua arte. Rever Arnaldo equivale ao êxtase da missa de domingo. Éramos os fiéis de uma igreja elétrica. O tom sombrio é narrado por um personagem alegre. Ouvi-lo cantando “Meu limão, meu limoeiro” foi inesperado.

Arnaldo Baptista andou pelos 60s em canções de Herman’s Hermits, pelos 70s de Elton John a Rolling Stones. As canções do show eram sobre o amor, mas na visão personalíssima de um Rimabaud. Agora sabemos do que trata o *Sarau o Benedito*? Um apanhado de coisas do tempo doce da infância e a mais dolorosa das verdades. Arnaldo Baptista sobreviveu e não virou bolor! Foi emocionante!

Minha cabeça ouvia comentários conjugados por Zé Brasil e Antônio Peticov.



Foto: ©Sandro Alves

DOPRÓPRIO BOLSO NO
rock nosso de cada dia...

TUDO NÃO
PASSA DE MAIS
UM GOLPE...

13.07.2017 - 16h
Quinta-Feira

A Banda Mais Lama da Cidade
Bleyvs e os Paladinos

Traga comida quente e cerveja gelada!



Luca Teixeira

• A Banda Mais Lama

Durangos da América

• Lud

5 agosto • ‘Do Próprio Bol\$o’, o último buraco da camisa de força

“Falo em nome de todas as gerações da família rockeira Teixeira: foi uma experiência muito boa mesmo! Acho até que ajudou a destravar as costas do Cris. Gratidão e admiração nossa, do velho bluesman enrustido até a pequena WonderWoman, que ficou super à vontade no ambiente. Sua ação cultural é fantástica. É do próprio bolso, mas ainda é intensamente mais arrancada das entranhas com uma verve vigorosa e difusora de energia. Beijo enorme em Zanza, que nos acolheu com atenção e carinho.” (Li La).

Memória da Loucura

Falta o verniz literário condizente para pautar a situação mas cuidado que o último fio de razão pode estar esticado ao limite ou enrolado no pescoço.

O ato suspeito não vai invadir a minha praia e não haverá mensagem na garrafa.

Nenhum aspirador irá sorver a poeira dos meus rastros.

Muitas vezes o risco é exposição ao ridículo. *Lollapalooza* viralizou e perdeu o contato com a própria realidade. O convidado imagina um mar de mãos e grandes atrações perante os seus olhos. Sua participação no máximo será: “Temos o telefone de fulano...” - Oras! Para que me interessa ter o telefone de uma estrela de médio porte se nesse negócio o que fala alto é o dinheiro? Então, vamos rodar e trocar o óleo a cada 7 mil quilômetros.

Dias de Luta

Consultei a caderneta azul e nela fui buscar o Luca Teixeira, filho do Cristovão. Seu pai é meu amigo dos conjuntos da quadra habitacional QE 32 no Guará 2-DF desde os idos de 1982, Cris foi o carinha que tentou me ensinar “Dias de Luta”, por isso jamais consegui entrar para qualquer banda.

Na passagem de som, Luca Teixeira saiu-se melhor. No decorrer da sua apresentação, sua voz, acompanhada da competência do toque no violão, desencantou, despertando atenção.

A segunda atração recaiu nos ombros d'A Banda Mais Lama. Essa apresentação foi marcada pelos contratempos do cotidiano. Eu pensei: "que apresentação tímida!" Mas, firmes, cumpriram a agenda com o seu rock vintage.

A terceira atração foi o quarteto Durangos da América que personaliza seus instrumentos, motos etc. Em ação desde 1986, é uma das mais longevas no rock. Em julho deste ano participou dos eventos *Brasília Capital Moto Week* e *Movimento Paralelo* eventos de motociclistas.

A Durangos da América segue a dura rotina das etapas de gravação e divulgação de suas músicas nas redes sociais, o que lhe garante fãs de todas as idades. A banda, que desenvolve sua própria estrutura, também começa a preparar e depois distribuir os seus próprios vídeos, como "O Monge".

A marca do festival

Festival é a reunião de pessoas e propostas. Tivemos o pique juvenil de Luca Teixeira inspirado na dinastia dos cantores com gaita de boca. O rock vintage mais experiente d'A Banda Mais Lama, que pode ser glitter, stoner ou ainda beatlemaníaco, com canções da fase solo de John & Paul. O rock festival, ou seja, o rock de arena da Durangos da América, são elaborados e precisos solos de heavy rock. O que faltava?

Lud

O trio é a cantora Lud Mim, com suas próprias canções apoiadas na sua guitarra alvirubra mais a cozinha rítmica dos experientes Badaró, no contrabaixo e Rubens, na bateria.

O fórmula do show é simples, Lud confia na própria extensão da voz - plasticamente lembra Nina Hagen e/ou as vozes de crianças feitas por Rita Lee, Lud tem um trabalho voltado para crianças. Se tivéssemos nos atentados para isso, o resultado seria melhor numa matinê, uma vez que tínhamos maior número de crianças.

Voltando ao rock do trio Lud, ele é fincado na fusão de ritmos das bandas oitentista. O contrabaixo e a bateria são a personalidade do trio, cuja voz da cantora, repito é sedutora, infantil, hipnótica e afinada.

Fazer rock uma fantasia como sexo suado

A ideia do Festival é somar os opostos, aproximar os antagonismos, (con)sagrar os nascedouros colocar lado a lado a experiência da *MPB* e a distorção do rock, em doses certas, e performar sem unilaterizar.

Sempre será um festival underground. Algumas noites sob o luar. Não acredito que *Do Próprio Bol\$* esteja decadente. Acredito que esteja firmemente ligado na sua vontade e legado - o que pode provocar estranheza para quem acha *Lollapalooza* o máximo.

Sem dilapidar o prazer da ação, acho que foi Mick Jagger que disse: "Você não pode fazer rock sem correr riscos". As dimensões dos Universos e, em análise própria, nada mais resta-me a não ser uma birra pessoal. Nessa briga, nessa disputa sobra às pessoas mais próximas aos quase amigos, a ambição, que grita: "sonhar com grandes as coisas me permitirá fazer ao menos aquelas mais próximas". Essa é a súmula que move as pessoas... as não-mesquinhas e as não medíocres, pra não cair na armadilha de Simon & Garfunkel em "Homeward Bound": "But all my words come back to me in shades of mediocrity".

Eu sou o rock e Zanza é o roll. Obrigado a todos que mais uma vez acreditaram em seus próprios sonhos: *ZoomMusic*, *Bar Zepelim*, *Bandalheiras*, Luca Teixeira, A Banda Mais Lama, Durangos da América e Lud.

25 agosto • Little Rock

Metrópole Locomotiva

Felipe Zucco & Blues Band



Um brinde ao profissionalismo e entrega da Metrópole Locomotiva e estaremos outras vezes juntos



“Que noite mano! Só com feras que eu toquei, viu. Até com o vocalista do Metrópole Locomotiva e Edson Salazar toquei. Que doido. Faltou somente o Eduardo Lourenço.” (Hamilton Zen)



6 setembro • Rock marginal floresce em setembro

Cascabulho Blues • Osmose

Indigentes & Indecisos



Proselitismo do rock - o rock vai rolar ribanceira abaixo porque ele é pedra. Peço desculpas a todos os envolvidos exatamente por envolvê-los nesse carnaval trágico cheio da minha euforia - agradeço, a todos, pelos esforços para participarem - esse rock será uma doação obstinada e teremos uma banda surpresa - tudo será surpresa; um rock mais poético, ligado ao blues, sem essa de rock campeão de audiência. Assim como aumentam a aparelhagem, aumenta o fosso entre o artista e o público. Aqui é diferente - é cuspe na cara!

Cascabulho e seus blues de São Sebastião

“Nossa banda Cascavelho Blues tem apenas um mês e meio de vida, mas já ‘vamo’ meter as cara!!! Uhuuulll!!!! \,,/ toca blueeeeeess! obrigada pelo espaço!!!” (Camila Honorato, baterista)

Os Indigentes foram crus

“Indigentes & Indecisos fizeram uma versão zoeira punk rap experimental de ‘I Wanna Be Your Dog’, eu quero ser o seu cão.” (Ricardo “Retz”)

6 outubro • Música Brasileira autoral e alheia

Fernando Juka
• Betto Tutu & Izabel Tutu

César de Paula • Cleíton “Roots”
• Tiago Rabelo

Fim de ano cultural para *Do Próprio Bol\$* e iremos empinar a linha evolutiva da música brasileira. Fernando Juka apresentou um filão próprio em irmandade gêmea, com Oswald e Mário de Andrade. Sua performance fez nos sentir-mos no *CLAM*, o clube de música modernista - sua elegância de punhar o bandolim transporta uma linguagem absurda, como se seis pudesse ser nove. Betto Tutu & Izabel Tutu encerram sua apresentação com “Maria, Maria” uma canção que nós aprendemos a cantar naqueles tempos.



“César de Paula é a bala perdida”. “Deixa de sacanagem Pacheco” Cesar de Paula falou que eu gosto de traduções e ele arreventou fazendo a voz de Van Morrison e tocou material da sua banda Pacheco Fernandes, abriu seu show com Gonzaguinha à capela!

Cleíton “Roots” abre o verbo e o reggae: “aqui é musical autoral” e o vizinho liga a cada 5 minutos para acabar o show!

A performance do baterista Tiago Rabelo foi demais além de também cantar tocou com todos numa boa.

É isso aí: Salve nação, salve nossa pátria da alienação! Foi uma festa de luzes e vocês brilharam; teve até sambinha de partida para o vizinho. Não sei quando rolará a próxima, mas até lá vamos curtir outras festas que virão.

6 novembro • Jam Session

LucyFê • Henrique Behr (Alemão) • Marcelo
Marcelino • Banda Ser
• Muskga • Sunburst

Lud Mim • Tributo a Raul Seixas • Jam session:
Tiago Rabelo e Rubens Carvalho na mesma
bateria

LucyFê (Lúcia e Fernanda): O som das garotas

É um lance folk com alma feminista e lirismo e raça política - lance perfeito para abrir com impacto o cerimonial do Festival.

Sabíamos que o show da dupla LucyFê seria diferente. O repertório é a própria vibe política que deixa a cara do povo de queixo caído. - Provocador e livre e sem sutiã. Eu queria incomodar o público e também queria provocar os próprios ouvidos, queria tecer um happening mais plástico ainda. Porém, porém a falta de tempo impede um palco mais tempestuoso.

A canja rápida de quem é esperto ou Henrique Behr “Alemão” homenageia Luiz Melodia à gaita.



Grande humanista, artista profissional e o primeiro a chegar

Marcelo Marcelino: O bardo da paz

O show do Marcelino foi rápido e quente e antes do Sol se pôr já tínhamos concluído nosso trabalho.

Banda Ser 'Rock da BR-040'

Do Entorno Sul do Distrito Federal, um dos melhores shows de rock da temporada ou por isso amamos a Banda Ser agora trio um hard rocker.

No imaginário da Banda Ser, a ordem é só descer o braço e a lenha nos instrumentos. Rock vigoroso carregado de estilo próprio de sobrevivência, que exala um cheiro de adrenalina no palco.

Muskga pra quem precisa de psychedelic rock jams



O Muskga é a penumbra elétrica e a nuvem de efeitos de guitarra antes da tempestade de sons psicodélicos, é o samba eletrocutado. Barrett sempre andou no meio deles.

Gustavo Ferreira, o cara com a camiseta do Tim-Tim é bom nas quatro cordas e alto astral

Sunburst também voou na nuvem etérea

A improvisada apresentação da Sunburst com repertório de Os Tartarugas Sujas.

Dos três elementos e acordes Palú, o guitarrista é quem restou da fotografia do emblemático trio Sunburst, uma guitar band da Brasília dos anos 90.

Palú, guitarra; Gustavo Ferreira Bechelany, contrabaixo e Rubens Cardoso na bateria fizeram “I Think I Do”, “Funk Fish” e ainda “A onda” e “Pintando de Preto a Asa Branca”. Todas do repertório de uma banda chamada Os Tartarugas Sujas, as inquietações e invenciones é a lâmpada deles.



A Lud ou a danelectro? – Ambas

Outro tributo a Raul Seixas e à sociedade alternativa com os alquimistas

– Silvio, vamos fazer um Raul?

– Só me falta a guitarra.

– Tiago, vamos fazer um Raul?

– Com quem?

– Com o Silvio

Quando vimos, a banda deles explodia nossos tímpanos com a música “Sociedade Alternativa”!

“Momento muito bacana tocar com esses caras!!!” (Silvio Duarte)

“Um momento para ficar para sempre na memória... Valeu demais.” (Cleiton “Roots”)

Sinos de chuva

O grand finale, o duo de batera em homenagem a Gene Krupa. Em pé, Rubens Cardoso e Tiago Rabelo; sentado atacam impiedosamente o instrumento.



30 dezembro • O Som da Lata

Miguel • Paulo Biko e Eduardo Leal • Renato + Lucky
+ Tiago • Mariana Camelo

Lya And The Red Strings
• Metrôpole Locomotiva
• Betto Tutu & Izabel Tutu
• Jam

Há dias em que os músicos estão inspirados e soprados pelo deus da loucura

Do Próprio Bol\$ó é antiestrela, antiestafa, anticoncepcional, antisistema, antissocial, anticolonial, anticorrupção e chega de autocampanha que *Do Próprio Bol\$ó* não é urna. Trinta e seis anos em ação e uma única certeza: virão outros aniversários.

“O Guará tem uma vida cultural, identidade, as pessoas nem precisam sair do Guará para se divertir. Há um círculo de músicos, cantoras e instrumentistas de alto nível, que tocam pra se divertir entre os amigos, shows que dariam para vender ingressos pela qualidade, mas só tocam para se divertir. É claro, como extravasam extra à rotina profissional como músicos, afinal muitos vivem da música, mas

aquilo revela uma potência e uma verdade sobre a música incríveis. Tocam na casa de amigos ou espaços culturais. Eu fui num dia de confraternização de músicos, ‘do próprio bolso’, como é a filosofia dos Pachecos, no condomínio 12 do Guará Park, e nunca vi tanta intensidade e verdade, pura verve, rock’n’roll e verdade, umas oito bandas tocando revezando instrumentistas, um batera de um na outra, um guitarrista trocados, fazendo músicas autorais e covers. No dia anterior na casa de outro músico, outras cinco bandas... assim, na verve. Rodas de samba inúmeras nos botecos e casas culturais.” (Rafael Cunha)



“Obrigado pelo carinho com que me recebeu e toda sua galera de músicos e amigos que me trataram tão bem. Foram momentos mágicos que me fizeram viajar no tempo, indo para uma época em que respirava Rock e dedicava toda minha musicalidade para composições que criávamos em grupo em nossa sala de ensaio, no Rio Comprido, RJ. O grande feito do Módulo 1000 foi conseguir gravar livremente, sem pressão de empresários ou produtores que só visavam lucro, aquilo que criávamos na época. Sim, fazemos parte da história do Rock Nacional. Que bom!” (Eduardo Leal)

2018
'DO PRÓPRIO BOL\$O' CHEGA AO 36º ANIVERSÁRIO!



Paulo 'Biko' • Serginho Pinheiro
• Eduardo Leal

Corte Seco • Banda Ser
• Jack Gôd • Lara Arar



Foto: ©Alexandre Lopes

A banda Jack Gôd é formada por pessoas simples e essa simplicidade contagiou os presentes e presidentes

- *Fazia frio e tinha rock, tinha gente, tinha fogueira e tinha zumba*
- *Diversificar e inovar a festa: a ágil e veloz Laura Arar comandou a zumba*
- *O traçado mágico e a baqueta: Julimar ainda não concluiu a tela negra*

9 janeiro • Reconciliação, reencontro, amizade, arte, sexo, dor, cerveja, suor, acordes e fotos, o rock é tudo isso - a arte de fazer é difícil - não se jogue de muros com menos de um metro de altura - participe, atue, faça, corra atrás. Eu, como geminiano, volto atrás: não vou deixar o rock morrer, mas você tem que entender que eu sou ocupado pra cacete com os meus sonhos - quero amar a minha família, amar os meus felinos e caninos e estar com os meus amigos fazendo ações sociais - num tempo violento receber esse público maravilhoso e essas bandas de qualidade foi um fato incrível e DIGNO, eu disse somos DIGNOS e não devemos nada - não deveremos nada jamais - beijo, abraço desse humano transtornado que ama vocês quando vocês me ajudam a sonhar.

Jack Göd: corrida do ouro

Apesar dos obstáculos, o crooner Jack Göd, assim como Kerouac, eliminou as distâncias entre o público e venceu os acidentes internos (a banda ficou sem baterista).

O aparentemente calmo e alegre Jack Göd é um artista decidido e empenhado em honrar o seu show - agora com duas guitarras, contrabaixo e a sua voz.

Ele é o catalisador da sua própria banda, que leva o seu nome. Jack Göd tratou dos mínimos detalhes dessa apresentação “curta” mas carregada pelo sentimento de entrega.

Foram onze canções. Seis de autoria e cinco alheias, que de alguma maneira são ligadas a ele. Com a recepção calorosa do público, a banda enveredou por uma versão instrumental de “Little Wing”, atestando que este show foi uma corrida do ouro.

Jack Göd era realmente algo a ser ouvido em um por do sol

Alexandre Lopes

Jack Göd é jovem, mais jovem que a maioria dos músicos presentes no show e ele estava vestido para a ocasião. Antes de começar, notei que a banda estava sem baterista, Jack ao fim do show contou que isso ocorreu devido a uma transição na qual o grupo se encontra.

Após uma segunda e dramática passagem de som, e uma música psicodélica de fundo para controlar os (des)ânimos do mais empolgados, o ambiente oscilava entre a descontração e a animosidade.

Finalmente, quando o show começou me esqueci completamente da bateria e ouvi um vocal inflamado e pouco usual. O cara tinha uma sonoridade única, fiquei compelido a ouvir “Quase sem querer” e “Ouro de tolo” de uma forma totalmente diferente das originais e, ao mesmo tempo, redondas de energia e mística. O repertório fora feito sob encomenda para aquele dia e ocasião. Um show mais do que bem vindo, que trouxe música de dentro e fora da caixa. Isso foi o show.

“Jack canta muito!” (Renato Menguele, vocal do Corte Seco)

Quem dança a Zumba é mais feliz!!!

Lara Arar

Zumba é uma modalidade de dança diferente das demais. Ela se baseia em ritmos latinos e músicas cheias de energia, para criar um ambiente de descontração que naturalmente, praticamente, faz um mortal se mexer contaminado por sua batida!

Através da salsa, do merengue, da cumbia e do reggaeton, a Zumba mantém, durante todo o tempo, a energia da aula nas alturas! Os passos são simples, mas cheios de vigor e movimento, trabalhando toda a sua musculatura e o sistema cardiovascular. Não tem limite de idade para participar, qualquer pessoa é capaz de acompanhar o ritmo, simplesmente observando os movimentos e a linguagem corporal do instrutor. A música animada contagia desde as crianças até as pessoas que já curtem a melhor idade!

Rock'n'Roll men

Na sua terceira apresentação nesse palco, o faminto punk rock hemorrágico do Corte Seco escorreu - foi agora distante no 27 de janeiro, na casa de mestre Ataíde, que combinamos a produção com o total apoio do *Estúdio Ciriguela*.

Banda Ser: rock autoral cantado em português

Eu gosto dos Beatles, Stones, Mutantes e da Banda Ser porque eles são jóias humanas.

No final, em sua própria jam, Banda Ser ferveu os caldeirões - buscaram no repertório do passado o hard rock demolidor - o contrabaixo estralava como chicote - o baterista e o guitarrista tiravam o melhor som que já saiu desse palco - todos os dias e todas as horas aprendemos a fazer mais e melhores shows.

Banda Ser & Magu Cartabranca: canja final

“Consegui ficar livre de minha fuga, conseguir olhar em meus olhos, me vi e cantei, sobre o altar, covas rasas e profundas...Falei e profetizei alguns passos na terra Cantei, acho que estou em silêncio...” (Magu Cartabranca).

“O gato foi pro mato dentro do cerrado; língua vai, língua vem, não sei que lá, o que que tem?” Grande Magu Cartabranca, improviso total e viral.” (Edson Salazar)





Os solitários: Toco e Kelton



Coda

A trajetória bifurcada por duas vias. A oscilação do sobe e desce. Estacionar?
 Recolher, burlar, assumir ou deixar para lá. Uma visão geral mais ácida sem o vislumbre ácido.
 Competidores natos, somente os melhores sobrevivem?
 Algozes vítimas da própria violência? A batalha contra o mal exige paciência.
 Várias histórias entrelaçadas num único volume.

O reflexo da culminância. A balbúrdia, seus melindres, a manipulação, o individualismo e o delírio: Quem servirá a verdadeira cultura embrenhada de sangue, suor e fumaça?

Devastado, o herói poderá sentir menos dor?

As silenciosas testemunhas acreditam numa continuação sem financiamento ou colaboração. Os discípulos espancados pelo saber, pela memória e pelo amor preservam a arte ameaçada.

Desce o pano com o letreiro FIM.

Constituir uma cena foi a tentativa de efetuar o seu resgate da encruzilhada. Reviver anseios e planos de constituir produtoras, e enveredar finalmente pela Sétima arte. O foco é mostrar a trajetória da cena e a sua viva resistência sem se perder em emendas e citações. *Coisa de Fã* foi concluído a 21 de abril, 36 anos *Do Próprio Bol\$o*.

Aos desorientados ou vendidos

Luís Eduardo

O mundo voa, as coisas acontecem na rapidez do vento frio que fortalece o nosso Planalto Central.

E nós, recolhidos em nossos cobertores, e cachecóis, quando saímos ao tempo, olhamos para o horizonte, não é mesmo? Esperamos se levantar o Sol da Primavera do novo dia, em nosso País, em nosso Mundo.

Sem plebiscito, pelo respeito à democracia. Ou com plebiscito, por concessão, em conta da confusão a que conseguimos chegar. Mas vamos lá, não é mesmo?